

FAYE

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

KELLERMAN

OLHOS VENDADOS

“UMA REDE BEM AMARRADA DE INTRIGA E ASSASSINATO.”
ENTERTAINMENT WEEKLY



 Harper
Collins

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OLHOS VENDADOS

FAYE KELLERMAN

OLHOS VENDADOS

Tradução
Carolina Caires Coelho

 HarperCollins *Brasil*

Rio de Janeiro, 2015

Título original: BLINDMAN'S BLUFF

Copyright © 2009 by Plot Line, Inc.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens e incidentes nele retratados são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, eventos ou locais é uma coincidência.

Contatos:

Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/831

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K38o

Kellerman, Faye

Olhos vendados / Faye Kellerman ; tradução Carolina Caires Coelho. - 2. ed. -
Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2015.

368 p. ; 23 cm.

Tradução de: Blindman's bluff

ISBN 9788569809388

1. Ficção americana. 2. Romance policial americano. I. Coelho, Carolina Caires.

II. Título.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[1](#) | [2](#) | [3](#) | [4](#) | [5](#) | [6](#) | [7](#) | [8](#) | [9](#) | [10](#)

[11](#) | [12](#) | [13](#) | [14](#) | [15](#) | [16](#) | [17](#) | [18](#) | [19](#) | [20](#)

[21](#) | [22](#) | [23](#) | [24](#) | [25](#) | [26](#) | [27](#) | [28](#) | [29](#) | [30](#)

[31](#) | [32](#) | [33](#) | [34](#) | [35](#) | [36](#) | [37](#) | [38](#) | [39](#) | [40](#)

*Para Jonathan:
Eternamente minha inspiração*

Ah, a fantasia: a essência da vida. Enquanto se vestia para ir trabalhar, ele se olhou no espelho. Viu um homem bonito de cerca de dois metros.

Bem, não tão alto assim.

Viu um homem de 1,90 m, diabolicamente lindo, de traços angulares com um topete de surfista, cabelos levemente aloirados pelo sol e olhos azuis incríveis, tão intensos que qualquer mulher que olhasse para eles acabaria desviando o olhar, de vergonha.

Bem, a parte dos olhos provavelmente era verdade.

Que tal de outro jeito?

No espelho, viu um rosto de traços angulares com um topete que parecia um ninho de cabelos cacheados e escuros e um sorriso tímido que arrebatava a mulherada — muito jovem e charmoso, mas masculino, ao mesmo tempo.

Ele percebeu que esboçava um sorriso, e passou os dedos pelos cachos, que não eram cheios — não eram escassos, mas não tinham muito volume. Ao finalizar o nó de sua gravata, ele o ajustou na dobra do colarinho e sentiu o tecido: chique, seda de qualidade pintada à mão com várias cores que combinavam com quase qualquer peça escolhida aleatoriamente em seu *closet*. Enquanto enfiava a barra da camisa dentro da calça, passou as mãos pelo seu abdome malhado esculpido à base de abdominais, musculação e uma alimentação muito rígida. Como a maioria dos fisiculturistas, seus músculos ansiavam por

proteína, o que não era problema desde que ele reduzisse a gordura. Por isso, quando ele se olhava no espelho, gostava do que via.

Ou do que imaginava ver.

Decker estava perplexo.

— Não sei como você passou pelo *voir dire*.

— Talvez o juiz tenha acreditado em mim quando eu disse que sabia ser objetiva — respondeu Rina.

Decker resmungou ao acrescentar adoçante ao café. Ele sempre levava a dieta a sério, mas nos últimos tempos, passou a gostar de doces, principalmente depois de comer carne. Não que o jantar tivesse sido pesado — bife e salada. Ele gostava de cozinhar coisas simples quando preparava a refeição dos dois.

— Ainda que o juiz o tivesse humilhado para que servisse, o defensor público teria livrado seu belo *derrière*.

— Talvez o defensor público tenha acreditado que eu sei ser objetiva.

— Nos últimos 18 anos, você me ouviu reclamar do estado lamentável do sistema judiciário. Como poderia ser objetiva?

Rina sorriu com a xícara de café à frente dos lábios.

— Você está supondo que acredito em tudo o que você me diz.

— Muito obrigado.

— Ser esposa de um detetive não limou toda a racionalidade de meu cérebro. Consigo pensar e ser racional como qualquer um.

— Me parece que você quer servir. — Decker bebericou seu café, forte e doce. — Mais poder para você, querida. É disso que nosso sistema judiciário precisa, pessoas inteligentes realizando seus deveres cívicos. — Ele sorriu para ela de modo lascivo. — Ou pode ser que o sr. Defensor Público goste de olhar para você.

— É defensora, e pode ser que goste.

Decker riu. Qualquer um gostaria de olhar para Rina. Nos últimos anos, ela ganhara algumas linhas de expressão ao redor dos lábios, mas ainda assim sua aparência era majestosa: a pele alva com um toque rosado nas faces, os cabelos pretos e sedosos, os olhos azuis.

— Não é que eu *não queira* me livrar — explicou ela. — É que depois de um determinado ponto, se você quiser ser dispensado, precisa começar a mentir. Dizer coisas como “Não, não sei ser objetivo” faz você parecer um idiota.

— Qual é o caso?

— Você sabe que não posso falar sobre isso.

— Ah, vamos! — Decker mordeu um biscoito doce feito pela filha de 16 anos. Migalhas ficaram grudadas em seu bigode. — A quem eu poderia contar?

— A uma sala cheia de oficiais, talvez? — respondeu Rina.

— Você tem alguma audiência em Los Angeles em breve?

— Não que eu saiba. Por quê?

— Pensei que pudéssemos almoçar juntos. Isso, vamos pirar e gastar aqueles quinze dólares que o tribunal paga a você diariamente.

— Mais a gasolina, mas só de ida. Realmente, fazer parte de um júri não é o caminho para o enriquecimento. Até mesmo fazer malabarismo no sinal dá mais dinheiro. Mas estou cumprindo minha obrigação como cidadã, e você, por trabalhar protegendo e servindo, deveria ficar agradecido.

Decker beijou a testa dela.

— Tenho muito orgulho de você. Está fazendo a coisa certa. E não vou perguntar mais sobre o caso. Mas, por favor, diga que não é um assassinato.

— Não posso dizer se é ou não, mas como você já viu o pior da humanidade e tem uma imaginação muito fértil, peço para que não se preocupe.

— Obrigado. — Decker olhou para o relógio. Já passava das nove da noite. — Hannah não disse que estaria de volta a essa hora?

— Disse, mas você conhece sua filha. O tempo é um conceito abstrato para ela. Quer que eu ligue para o celular dela?

— Ela vai atender?

— Provavelmente não, principalmente se estiver dirigindo... Espere. Ela está chegando.

Um instante depois, a jovem entrou pela porta da frente, carregando uma mochila de duas toneladas nas costas e duas sacolas de mercado cheias de compras. Decker pegou a mochila, e Rina pegou a comida.

— Para que tudo isto? — perguntou Rina.

— Convidei algumas amigas para o Shabat. Fora as coisas que cozinho, não temos mais nada de bom em casa. Querem que eu guarde as compras?

— Eu guardo — disse Rina. — Diga oi ao seu pai. Ele está preocupado com você.

Hannah olhou para o relógio.

— São 21h10.

— Sei que sou superprotetor, não estou nem aí. Não vou mudar. E não temos besteiras em casa, porque se tiver, eu como.

— Eu sei, Abba. E como você paga as contas, eu respeito o que pensa. Mas só tenho dezesseis anos e esta é provavelmente uma das poucas épocas da vida em que poderei comer um monte de besteiras sem engordar. Olho para vocês e para a Cindy e sei que nem sempre serei tão magra.

— O que tem de errado com a Cindy? Ela é perfeitamente normal.

— Ela é alta como eu, e cuida do peso como louca. Ainda não estou nesse ponto, mas é só questão de tempo até meu metabolismo me ferrar.

Decker tocou a barriga.

— Bom, o que há de errado comigo?

— Não há nada de *errado* com você, Abba. Você está ótimo para... — Hannah parou de falar. *Para a sua idade* foram as palavras não ditas. Ela deu um beijo no rosto dele. — Espero que meu marido seja tão lindo quanto você.

Decker sorriu, apesar de tudo.

— Obrigado, mas tenho certeza de que seu marido será muito mais bonito.

— Seria impossível. Ninguém é tão bonito quanto você e com exceção dos atletas profissionais, quase ninguém é tão alto quanto você. Isso desanima as meninas altas. Temos que usar sandálias rasteiras ou ser mais altas do que todo mundo na sala.

— Você não é tão alta.

— Porque, para você, todo mundo é baixo. Já sou mais alta do que a Cindy e ela mede 1,74 m.

— Se é mais alta, é pouca coisa. E há muitos garotos com mais de 1,74 m.

— Não garotos judeus.

— Sou um garoto judeu.

— Não garotos judeus que ainda estejam no ensino médio.

Decker gostou disso. Significava que ela teria que esperar entrar na faculdade para ter namorado. Hannah notou o sorriso sutil.

— Você não está sendo muito solidário.

— Sinto muito por ter dado a você o gene da altura.

— Tudo bem — disse Hannah. — Tem o lado bom, mas também tem o lado ruim. Quando se é alta, magra e se veste bem, as pessoas acham que você está tentando ser modelo e que não tem nada na cabeça.

— Tenho certeza de que suas amigas se solidarizam com você por isso.

— Não digo isso as minhas amigas, estou dizendo a você. — Ela olhou para a mesa de jantar. — Gostou dos biscoitos?

— Demais. É exatamente por isso que não quero besteiras em casa.

— Aproveite os biscoitos, Abba. A vida é curta, ainda que você não seja.

Em seu sonho, o som começou como um tilintar, até Rina perceber que era o telefone tocando. Marge Dunn estava do outro lado da linha e sua voz era monótona.

— Preciso conversar com o chefe.

Rina olhou para o marido. Ele não havia mudado de posição desde que adormecera quatro horas antes. O relógio do criado-mudo indicava que eram quase três da madrugada. Como Peter era tenente, não recebia muitos telefonemas àquela hora. No West Valley não ocorriam muitos crimes, e seu esquadrão de elite de investigadores de homicídios costumava lidar com os problemas que aconteciam à noite. Assassínatos eram raridade, mas quando aconteciam, costumavam ser pesados. Mas nem mesmo esses casos exigiam que o tenente fosse chamado durante a madrugada.

Uma história sensacionalista já era outra coisa.

Rina passou a mão pelo braço arrepiado, e então balançou o marido com delicadeza para que ele acordasse.

— É a Marge.

Decker se sentou de repente e pegou o telefone da mão de Rina. Sua voz ainda estava rouca.

— O que foi?

— Múltiplos homicídios.

— Meu Deus...

— Na última contagem, havia quatro assassinados e uma tentativa de homicídio. O sobrevivente, o filho do casal morto, está a caminho do St. Joe's; levou um tiro, mas provavelmente sobreviverá.

Decker se levantou e pegou a camisa, abotoando-a enquanto falava.

— Quem são as vítimas?

— Para começar, que tal Guy e Gilliam Kaffey, das Indústrias Kaffey?

Decker se assustou. Guy e seu irmão mais novo, Mace, eram responsáveis pela maioria dos shopping centers do sul da Califórnia.

— Onde?

— Rancho Coyote.

— Alguém invadiu o rancho? — Ele prendeu o telefone entre o queixo e o ombro enquanto vestia a calça. — Pensei que o lugar fosse

uma fortaleza.

— Não sei, mas é gigantesco... Vinte e oito hectares até as montanhas. Sem falar da mansão. É praticamente uma cidade.

Decker se lembrou de que lera em uma revista uma matéria sobre o rancho algum tempo atrás. Havia várias casas, apesar de a casa principal ser grande o bastante para ser o palco de uma convenção. Além de outras muitas construções do rancho, havia uma piscina, uma sauna e uma quadra de tênis. Havia também um canil, um haras grande o bastante para abrigar pistas de equitação olímpicas, um estábulo de dez baias para os cavalos de exposição da esposa, uma pista de pouso longa o suficiente para aviões de pequeno porte, e um heliporto. Cerca de um ano antes, Guy Kaffey havia feito um belo lance para comprar a L.A. Galaxy depois de a equipe ter conseguido David Beckham, mas o negócio acabou não dando certo.

Até onde Decker se lembrava, Guy tinha dois filhos e ele tentou imaginar qual tinha sido baleado.

— E os guarda-costas?

— Os dois na guarita da frente foram mortos — respondeu Marge.

— Ainda estamos pesquisando. Existem cerca de dez construções diferentes na propriedade. Então, pode ser que haja mais corpos. Em quanto tempo você chega?

— Talvez em dez minutos. Quem está aí agora?

— Meia dúzia de carros da frota. Oliver chamou a Strapp. É questão de tempo até a imprensa saber.

— Isole a propriedade. Não quero a imprensa na cena do crime.

— Pode deixar. Até já.

Decker desligou e pensou em tudo de que precisava: um caderno de anotações e canetas, luvas, sacos para evidências, máscaras faciais, lupas, detectores de metal, hidratante e Advil, e este não para uso forense, mas porque ele estava com uma dor de cabeça forte, por ter sido despertado de um sono profundo.

Rina perguntou:

— O que está acontecendo?

— Múltiplos homicídios no Rancho Coyote.

Ela se aprumou.

— Na propriedade dos Kaffey?

— Sim, senhora. Sem dúvida, um circo estará armado quando eu chegar.

— Que horror!

— Vai ser um pesadelo para a logística. O lugar tem cerca de 28 hectares... não há como isolar a área.

— Eu sei, é enorme. Cerca de um ano atrás, eles fizeram um show para uma instituição de caridade. Ouvi dizer que os jardins eram incríveis. Eu queria ir, mas uma coisa aconteceu.

— Parece que você não terá uma segunda chance.

Decker abriu o cofre de arma, pegou sua Beretta e a enfiou no coldre do ombro.

— É horrível dizer isso, mas não me desculpo. Lidar com a imprensa em casos de repercussão desperta o cretino que existe dentro de mim.

— Eles ligaram para a imprensa às 3h15 da madrugada?

— Não podemos evitar a morte e os impostos... e não se pode evitar as notícias. — Ele deu um beijo no topo da cabeça da esposa. — Amo você.

— Amo você também — Rina suspirou. — Isso tudo é muito triste. Esse dinheiro todo é chamariz para sanguessugas, mentirosos e pessoas más. — Ela balançou a cabeça.

A única coisa boa de atender a um chamado na madrugada era poder atravessar a cidade sem trânsito. Decker percorreu ruas vazias, escuras e com névoa, iluminadas apenas por alguns postes de luz. A estrada era escura, nebulosa e sem fim. Em 1994, a Southland tinha sido afetada pelo terremoto Northridge: foram noventa segundos assustadores de destruição que derrubaram prédios e destruíram as pontes de concreto das estradas. Se o tremor tivesse acontecido algumas horas depois,

durante a manhã, as vítimas teriam sido dezenas de milhares, e não menos de cem.

A saída da Coyote Road estava bloqueada por duas viaturas, uma de frente para a outra. Decker mostrou aos policiais a identificação que levava pendurada no pescoço, e demorou um pouco para que os carros fossem retirados e ele seguisse em frente. Um dos policiais o direcionou para o rancho. Foi um trajeto direto, sem desvios, e a estrada de terra batida pareceu se alongar por quase dois quilômetros até ele chegar à casa principal. Quando a viu, ela mais parecia um monstro aquático saindo das águas. As luzes de fora tinham sido acesas ao máximo e praticamente todos os cantos e todas as rachaduras pareciam iluminados, dando ao lugar uma aparência de parque temático.

O estilo da mansão lembrava uma vila espanhola, e a seu estranho modo, harmonizava com o ambiente ao redor. A construção tinha três andares de gesso colorido com varandas com gradil de madeira, vitrais e um telhado vermelho espanhol. A estrutura se apoiava em um aterro elevado. Além da mansão, havia hectares amplos e vazios, e as sombras dos montes.

Cerca de duzentos metros depois, Decker viu um estacionamento lotado com meia dúzia de viaturas, o carro do IML, meia dúzia de carros da imprensa, vários veículos forenses, e mais outros carros comuns, e *ainda* sobrava espaço. A imprensa erguera acampamento, com iluminação artificial suficiente para uma sala de cirurgia, pois cada emissora de TV aberta e a cabo tinha sua equipe de luz, câmera e som, seus produtores e o repórter atento pronto para noticiar. A multidão queria ficar mais perto do local, mas uma barreira de faixa de isolamento amarela, cones e policiais não uniformizados a mantinha afastada.

Depois de se identificar, Decker passou por baixo da faixa e atravessou a distância a pé, passando por um labirinto isolado de olmeiros que se estendiam pelos jardins. Na vegetação, havia

agrupamentos de flores da primavera, incluindo rosas, íris, narcisos, lírios, anêmonas, dalias, zínias, cosmos e dezenas de outros tipos que ele não soube identificar. Ali perto, havia gardênia e jasmim que se abriam à noite, dando à morte um perfume perturbadoramente doce. O caminho de pedras passava por fileiras de árvores de frutos cítricos. Limoeiros seriam a resposta, se Decker precisasse adivinhar.

Dois policiais estavam parados na frente da porta. Reconheceram Decker e acenaram para que passasse. As luzes de dentro também eram bem fortes. O corredor de entrada mais parecia um salão de um castelo espanhol. O chão era formado por placas pesadas de madeira velha e dura, irregular com a pátina que nenhum artesão poderia fabricar. O pé-direito era muito alto e o teto era pontuado por vigas enormes que tinham sido entalhadas e embelezadas com petróglifos, e as figuras mais pareciam algo que se via no sudoeste. As paredes eram cobertas com camadas de peças douradas e nelas estavam penduradas tapeçarias grandes como as vistas em museus. Decker provavelmente teria observado surpreso, encantado com o tamanho do local, mas se concentrou quando viu que alguém de uniforme gesticulava para ele.

Descendo alguns degraus, ele entrou na sala de estar com pé-direito alto e mais vigas pintadas. Havia peças de madeira no chão, mas a maioria delas estava coberta com dezenas de tapetes que pareciam Navajo. Mais painéis dourados, mais tapeçaria ao lado de quadros enormes de batalhas sangrentas. A sala estava decorada com sofás do tamanho de mamutes, cadeiras e mesas grandes. Decker era um homem grande — 1,90 m, mais de cem quilos — mas o ambiente ao seu redor fazia com que parecesse ser pequeno.

Alguém estava conversando com ele.

— Este lugar é maior do que a faculdade onde estudei.

Decker viu Scott Oliver, um dos detetives da Divisão de Homicídios. Tinha quase sessenta anos e não aparentava a idade, graças à pele boa e à tintura preta nos cabelos. Já eram quase quatro da madrugada, mas Oliver parecia estar vestido como um CEO numa

reunião de negócios: terno risca de giz preto, gravata vermelha e uma camisa branca e engomada.

— Era uma instituição pública, mas o *campus* era bem grande.

— Você sabe a medida em metros quadrados?

— Nove mil, mais ou menos.

— Caramba, é... — Decker parou de falar porque não encontrava palavras. Apesar de haver um policial uniformizado em cada porta, não havia marcas no chão nem na mobília.

Ninguém do Departamento de Investigação de Cenas de Crimes estava ali.

— Onde ocorreu o crime?

— Na biblioteca.

— Onde fica a biblioteca?

— Calma — disse Oliver a ele. — Vou pegar meu mapa.

Os corredores pareciam labirintos e provavelmente podem ter confundido a fuga de qualquer ladrão. Mesmo com orientações impressas, Oliver chegou a entrar em lugares errados.

Decker disse:

— Marge me disse que havia quatro corpos.

— Agora, temos cinco. Os Kaffey, uma empregada e dois guardas.

— Meu Deus! Sinais de roubo? Alguma coisa foi levada?

— Nada muito óbvio. — Eles continuaram a caminhar pelas salas sem fim. — Não foi uma única pessoa, com certeza. Quem fez isso tinha um plano e um grupo de pessoas para realizá-lo. *Deve* ter sido um trabalho de pessoas infiltradas.

— Quem fez a denúncia? O filho ferido?

— Não sei. Quando chegamos aqui, o filho estava sendo colocado inconsciente dentro da ambulância.

— Tem ideia de quando os tiros foram dados?

— Não há nada definido, mas o *rigor mortis* já pode ser notado.

— Então, entre quatro e vinte e quatro horas — disse Decker. — Talvez o conteúdo do estômago possa indicar o horário. Quem veio do necrotério?

— Dois investigadores e um legista assistente. Vire à direita. A biblioteca deve estar do outro lado daquelas portas duplas mais à frente.

Assim que entraram, Decker sentiu uma leve vertigem causada não apenas pelo tamanho enorme da sala, mas também pela falta de cantos.

A biblioteca era um cômodo circular com teto abobadado de aço e vidro. As paredes curvas eram cobertas por placas pretas de noqueira e estantes de livros, além de tapeçarias que iam do chão ao teto com criaturas mitológicas em florestas. Havia uma lareira dentro da qual dava para entrar, com espaço suficiente para abrigar um inferno. Tapetes antigos cobriam o piso de madeira extenso. Muita mobília: sofás e poltronas, mesas e cadeiras, dois pianos grandes e luminárias demais para contar.

A cena do crime era uma história dividida em duas partes. Havia sinais de ação perto da lareira e na frente de uma tapeçaria com a imagem de uma górgona devorando um jovem. Oliver apontou um ponto.

— Gilliam Kaffey estava sentada à frente da lareira, lendo um livro e bebendo uma taça de vinho; o pai e o filho estavam conversando em duas poltronas ali.

O dedo dele apontava para duas poltronas de couro marrom com tachas aparentes, onde Marge Dunn trabalhava na frente da imagem da górgona que devorava o homem. Ela conversava animadamente com um dos investigadores que vestia o uniforme usual do necrotério: uma jaqueta preta com as letras amarelas de identificação nas costas. Dunn viu Decker e Oliver e fez um gesto para chamar os dois com uma mão enluvada. Os cabelos de Marge tinham crescido um pouco nos últimos meses, provavelmente a pedido de seu mais novo namorado, Will Barnes. Ela usava calça bege, uma camisa branca e um suéter de lã marrom. Nos pés, sapatos de borracha. Decker e Oliver caminharam até a cena do crime.

Guy Kaffey estava deitado em uma poça de sangue com uma abertura enorme no peito. Tecidos e ossos tinham explodido no rosto e nos membros do homem, e o que não tinha se espalhado no chão estava em quase toda a tapeçaria, dando ao rapaz e a seu sofrimento uma veracidade evidente.

— Vou situar você. — Marge enfiou a mão no bolso, pegou um mapa e o abriu. — Esta é a casa e estamos bem... aqui.

Decker pegou seu caderno e olhou ao redor da sala sem janelas. Quando comentou sobre esse fato, Marge disse:

— A empregada que sobreviveu me disse que as obras de arte aqui são muito antigas e sensíveis à luz direta.

— Então, além do filho, outra pessoa também sobreviveu ao ataque? — perguntou Decker.

— Não, ela entrou e viu os corpos — disse Marge. — Seu nome é Ana Mendez. Ela está em um dos cômodos vigiada por um de nossos homens.

Oliver disse:

— Precisamos interrogar o caseiro e o tratador de animais. Eles também estão sendo vigiados pelos melhores agentes de Los Angeles.

— Todos eles em cômodos separados — disse Marge.

— O caseiro é Paco Albanez, deve ter uns 55 anos, e trabalha aqui há cerca de três. — Oliver conferiu suas anotações. — O tratador é Riley Karns. Tem cerca de trinta anos. Não sei há quanto tempo ele está aqui.

— Você sabe quem denunciou o crime? — perguntou Decker.

— Estamos investigando — disse Marge. — A empregada disse que alguém ligou para um guarda-costas que estava de folga e que ele pode ter avisado a polícia.

— Foi a empregada quem encontrou o filho sobrevivente deitado no chão — disse Oliver. — Ela pensou que ele estivesse morto.

— Quem é o segurança de folga a quem ela supostamente chamou? — perguntou Decker.

— Piet Kotsky — disse Marge. — Falei com ele ao telefone. Ele está vindo de Palm Springs. Funciona assim, acho: os guarda-costas ficam na propriedade só quando estão trabalhando. Trabalham em turnos de 24 horas, e se revezam entre oito pessoas. Sempre há dois guarda-costas na casa principal e dois homens cuidando da guarita localizada no portão de entrada da propriedade. Esses dois caras estão mortos

com tiros na cabeça e no peito. Todos os equipamentos de vigilância e as câmeras foram quebrados e destruídos.

— Nomes? — perguntou Decker.

— Kotsky não soube dizer quem estava trabalhando hoje, mas disse que quando os vir, poderá identificá-los.

— E os dois guardas na casa principal?

— Parece que eles estão desaparecidos — disse Marge.

— Então, são dois guardas desaparecidos e dois guardas mortos.

Marge e Oliver assentiram.

— Oliver disse algo sobre uma empregada assassinada?

— No quarto das empregadas no andar de baixo.

— E como Ana Mendez conseguiu escapar?

— Ela estava de folga hoje — disse Oliver. — Ela afirmou que voltou ao rancho à uma da madrugada.

— Como ela voltou? Não há transporte público próximo.

— Ela tem um carro.

— Ela não notou a ausência de guardas na guarita?

— Ela deu a volta pelo portão dos fundos na entrada de serviço. Não costuma haver guardas ali. Ana tem um cartão de acesso ao portão. Ela entra, estaciona o carro e vai para seu quarto. Vê o corpo e começa a gritar pedindo ajuda. Essa parte fica meio confusa. Parece que ela subiu e encontrou os outros corpos — explicou Marge.

— Ela subiu sem saber se ainda havia pessoas na casa? — perguntou Decker.

— Eu disse que a história é meio confusa. Assim que viu os corpos, ligou para Kotsky e ele denunciou o crime... acho.

— Vou falar com ela de novo. Ela fala espanhol?

— Sim, mas o inglês dela é muito bom.

— Sobre os guardas. Você sabe quem organiza suas escalas? — perguntou Decker.

— Kotsky organiza as tarefas, mas não organiza a escala. Esta é feita por um homem chamado Neptune Brady, chefe da equipe dos Kaffey.

Brady tem um bangalô na propriedade, mas nos últimos dias, ele esteve visitando o pai doente em Oakland — disse Oliver.

— Alguém entrou em contato com ele?

— Kotsky ligou e nos disse que Brady alugou um jatinho e deve chegar em breve. — Marge fez uma pausa. — Demos uma olhada rápida dentro do bangalô só para ver se não havia mais ninguém morto. Não vasculhei o cômodo. Precisaremos de um mandado de busca para isso.

— Vamos pensar na possibilidade de Brady não cooperar. — Decker olhou ao redor. — Vocês têm ideia de como isso pode ter ocorrido?

Oliver disse:

— Gilliam estava sentada na frente da lareira, bebendo vinho e lendo. Marge e eu achamos que ela foi atingida primeiro. Ainda está jogada no sofá, o livro está a poucos metros dela, coberto de sangue. Veja você mesmo.

Decker caminhou em direção à cena. Espalhados no sofá estavam os restos mortais de uma bela mulher. Os olhos azuis estavam abertos e inexpressivos, e os cabelos loiros estavam molhados de sangue. O torso da mulher tinha sido quase totalmente destruído na altura da cintura por vários tiros. Era horrível de ver, e Decker involuntariamente desviou o olhar. Havia certas coisas com as quais ele nunca se acostumaría.

— Isto é uma carnificina — disse ele. — Precisaremos de muitas fotos porque nossas memórias não serão capazes de processar toda essa informação.

— O barulho ocasionado pela entrada do assassino deve ter chamado a atenção do pai e do filho. Imaginamos que eles tenham sido mortos em seguida — disse Marge.

— Há dois filhos na família Kaffey. O que levou o tiro foi o mais velho, Gil — disse Oliver.

— Ele tem familiares próximos que precisem ser avisados? — perguntou Decker.

— Estamos cuidando disso — disse Oliver. — Ninguém ligou para qualquer delegacia para perguntar sobre ele.

— E o irmão mais novo? — perguntou Decker.

Marge disse:

— Piet Kotsky me disse que o nome do mais novo é Grant e que ele mora em Nova York. Assim como o irmão mais novo de Guy, Mace Kaffey.

— Que também cuida dos negócios — disse Oliver.

— Os dois foram avisados.

— Por quem? Kotsky? Brady?

Marge e Oliver deram de ombros, indicando que não sabiam.

— Voltando à cena do crime — disse Decker. — Alguma ideia do que Guy e Gil estavam fazendo?

— Podiam estar tratando de negócios, mas não encontramos documentos — disse Oliver.

— Guy Kaffey provavelmente se levantou e viu o que estava acontecendo com a esposa. Então, foi atingido e caiu para trás. O filho foi um pouco mais rápido e começou a fugir, mas as balas o acertaram. Ele caiu alguns metros à frente de uma das portas — disse Marge.

— E os atiradores não se deram ao trabalho de checar se ele estava morto?

Marge deu de ombros.

— Talvez algo tenha distraído os atiradores e eles fugiram.

Decker disse:

— Temos uma, duas, três... seis portas na sala. Então, podíamos ter um grupo de atiradores, cada um saindo de uma porta diferente e surpreendendo o casal. O que poderia ter afastado os assassinos daqui sem que matassem o filho?

Oliver deu de ombros.

— Talvez um alarme, apesar de ainda não termos decodificado o sistema. Talvez a entrada da empregada na casa. Mas ela não viu ninguém sair.

Decker pensou por um momento.

— Se todos estavam bebendo e relaxando, provavelmente não era tarde demais: depois do jantar, mas cedo o suficiente para uma bebida antes de dormir, às dez ou onze.

— Aproximadamente — disse Marge.

— E o caseiro e o tratador estavam na casa quando você chegou? — perguntou Decker.

— Sim.

— Você disse que eles moram aqui?

— Nos bangalôs da propriedade — disse Oliver.

— Então, como eles descobriram os assassinatos? Alguém os chamou ou eles foram despertados pelo barulho ou...

Os dois detetives deram de ombros.

— Vamos ficar aqui por um tempo.

Mais uma vez, Decker massageou a cabeça, que doía.

— Vamos deixar o Departamento de Investigação, os fotógrafos e os detetives forenses fazerem o trabalho deles na biblioteca. Ainda temos algumas outras cenas de crime e testemunhas a interrogar. Onde estão os outros corpos?

Marge mostrou a ele a área no mapa. Decker disse:

— Eu gostaria de ter um deste.

Oliver entregou o dele ao chefe.

— Pego outro para mim.

— Obrigado. Vocês dois assumem as outras cenas de crimes e eu vou conversar com as testemunhas, principalmente com os empregados que falam espanhol. Verei se podemos montar uma linha do tempo e uma sequência de acontecimentos.

— Bom plano — disse Marge. — Ana está no quarto dela. — Ela mostrou a ele a localização no mapa. — Albanez está aqui e Karns está aqui.

Decker marcou os cômodos no mapa. Então, escreveu cada nome no topo de uma página diferente em seu caderno de anotações. Havia

muitos elementos. Podia começar a interligá-los.

* * *

Encolhida em uma cadeira, Ana Mendez tinha praticamente desaparecido. Parecia ter quase quarenta anos e era muito pequena, menos de 1,50 m, com pele morena clara, testa ampla e maçãs do rosto pronunciadas. A boca era grande; os olhos, redondos e escuros. Os cabelos curtos emolduravam seu rosto de modo que ela parecia olhar por uma janela, as laterais eram as cortinas escuras e a franja, a sanefa.

A empregada estava dormindo, mas acordou quando Decker entrou no cômodo. Ela esfregou os olhos inchados de tanto chorar e ficaram semicerrados por causa da forte luz artificial. Ele notou que seu uniforme branco tinha manchas marrons e pensou que deveria entregar a roupa ao Departamento de Investigação.

Decker pediu que ela começasse do zero.

Esta foi sua história.

A folga de Ana começava na noite de segunda-feira e terminava na noite de terça-feira. Normalmente ela retorna cedo para o rancho, mas na noite anterior, houvera uma celebração especial na igreja que ela frequentava, que incluía uma reza breve à meia-noite. Ela saiu logo depois, aproximadamente à meia-noite e meia, e dirigiu de volta para rancho, onde chegou cerca de uma hora depois. A mansão era totalmente cercada por pesadas grades de ferro forjado com lanças no topo, então, a maioria dos portões não era vigiada por seguranças. Ana possuía um cartão de acesso ao portão mais próximo à cozinha. Quando entrou na propriedade, dirigiu até o estacionamento de funcionários e estacionou atrás da cozinha. Ela desceu um lance de escadas até a área de serviço e usou a chave do seu quarto para entrar na casa. Quando Decker perguntou se não havia alarme, ela disse a ele que as dependências dos empregados tinham alarme, mas não era ligado à casa principal. A mansão tinha um sistema de segurança

próprio. Assim, os empregados poderiam entrar e sair sem perturbar o sistema de segurança dos Kaffey. Os olhos dela se encheram de lágrimas quando descreveu o que viu dentro do quarto. Ela acendera a luz e havia sangue por todos os lados — nas paredes, no carpete e nas duas camas de solteiro. Mas a pior parte era Alicia: estava caída de costas e não se mexia. Seu rosto ficara desfigurado com o tiro. Foi horrível. Aterrorizante. Ela começou a gritar.

A parte seguinte da história foi contada com muito choro. Ela correu para o andar de cima, usando a escada interna que levava à cozinha da mansão. Normalmente, a porta da cozinha era trancada à meia-noite para evitar que as pessoas que usavam a entrada de serviço entrassem na casa principal. Mas não foi o que aconteceu naquela noite. Ana se lembrava especialmente de ter corrido para a cozinha gritando e chamando as mulheres.

Mas ninguém respondeu.

Quando Decker perguntou se o alarme da mansão tinha tocado quando ela entrou na cozinha, ela não conseguia se lembrar. Estava histérica e pediu desculpa pela memória falha.

Decker acreditava que ela estava se saindo muito bem.

Ana encontrou os Kaffey na biblioteca — primeiro os homens, depois as mulheres. Ninguém se mexia, então ela acreditou que todos estivessem mortos, até Gil. Já tinha visto televisão o suficiente para saber que não deveria tocar em nada.

Ainda gritando, ela correu para fora. Estava sozinha e o local estava escuro e assustador. Sabia onde ficava o bangalô de Paco Albanez porque era amiga do caseiro. Mas para chegar ao bangalô dele, ela tinha que passar pela piscina e atravessar as quadras de tênis e o pomar.

Riley Karns morava próximo da casa principal. Apesar de não o conhecer muito bem, ela o acordou. Ele pediu que ela ficasse no quarto dele enquanto olhava a casa. Cerca de 15 minutos depois, Riley voltou com Paco Albanez e os três tentaram decidir o que fazer. Sabiam que tinham que ligar para a polícia e, como Riley falava inglês, ele se

ofereceu para fazer isso. Ele pediu para que Paco e Ana esperassem em seu bangalô enquanto ele fazia os telefonemas. E então, partiu.

Cerca de trinta minutos depois, Riley voltou com dois policiais. Os homens levaram os três para dentro da casa e os separaram. O policial disse que falariam com ela. Primeiro, foi uma policial. Agora, ele.

A história foi uma narrativa direta. Ela não parecia pensar muito e suas palavras não pareciam ensaiadas. Quando terminou, olhou para Decker e perguntou se podia sair. Quando ele disse que ela precisava ficar mais um tempo, Ana começou a chorar.

Decker deu um tapinha na mão de Ana e saiu para interrogar Riley Karns.

O tratador de animais era um homem baixo com um forte aperto de mão e um sotaque inglês ainda mais forte. Seus traços eram mais destacados no rosto bronzeado e seu rosto trazia uma expressão de horror e também de falta de sono.

Ele havia trabalhado com cavalos durante anos, como jóquei, como treinador, apresentando-se em shows de salto ou adestrando os animais em competições. Seu trabalho, além de tratar dos cavalos e dos cães, era ensinar as habilidades equestres básicas a Gilliam Kaffey. Usava uma blusa escura que parecia estar manchada. Quando Decker perguntou se ele havia trocado de roupa naquela noite, ele disse que não. O relato de Karns casava com a história de Ana. Ele preencheu com informação os minutos que faltavam no relato de Ana: a meia hora, aproximadamente, em que ela ficou sozinha com Paco Albanez no bangalô de Karns.

Karns admitiu que deveria ter ligado para a polícia antes de qualquer coisa, mas não conseguiu pensar com muita clareza. Então, ligou para Neptune Brady — o chefe da equipe dos Kaffey. Karns sabia que Brady estava no norte, em Oakland, visitando o pai, mas ligou mesmo assim. Os dois conversaram e Neptune mandou Karns ligar imediatamente para a polícia, e depois para Piet Kotsky e pedir para que ele fosse ao rancho descobrir o que estava acontecendo. Brady

disse a ele que tentaria alugar um jato particular para chegar a Los Angeles. Ligaria para Kotsky assim que os planos de viagem fossem definidos. Brady também disse a Karns que ele avisaria a família.

Karns simplesmente obedeceu. Ligou para a polícia e depois ligou para Piet Kotsky, que disse que sairia naquele momento, mas que demoraria três horas para chegar ao rancho. Uma ambulância chegou cerca de cinco minutos depois, e então, a polícia entrou. Ele levou alguns policiais até seu bangalô, onde estavam Ana e Paco. A polícia os levou para dentro e os separou.

Paco Albanez tinha cinquenta e poucos anos, era um homem de pele morena e olhos cor de mel, cabelos grisalhos e um bigode branco e grosso. Era atarracado com peito forte e braços avantajados. Ele, assim como Ana, trabalhava para os Kaffey havia cerca de três anos. Ele não tinha muito o que acrescentar ao relato. Karns o acordou no susto, pediu para que ele se vestisse e contou que uma tragédia terrível havia acontecido com a família. Estava cheio de sono, mas assim que viu como Ana estava atordoada, acordou depressa. Ficou com Ana até a polícia chegar. Seu relato também parecia verdadeiro.

Decker saiu dos interrogatórios com muitas perguntas não respondidas. Entre elas:

1. Por que a porta da cozinha estava destrancada?
2. Os assassinos entraram pelas dependências dos empregados, mataram a empregada que dormia e acessaram a casa pela cozinha? Em caso afirmativo, quem os deixou entrar?
3. O alarme tocou quando Ana entrou na cozinha? Se não tocou, quem o desligou?
4. Quem possuía as chaves da casa além da família?
5. Quem sabe o código do alarme além da família?
6. Quem foi a primeira pessoa a perceber que Gil Kaffey não estava morto?

7. E, finalmente, por que os assassinos não conferiram se Kaffey havia morrido?

Havia zeladores, seguranças na guarita, guardas da mansão, um caseiro, um tratador, Piet Kotsky e Neptune Brady. E aquela era a só a equipe de Guy Kaffey. Decker só conseguia imaginar como seria complicado quando começasse a investigar os negócios de Kaffey — uma empresa que empregava milhares de pessoas. A mão de obra dedicada a um caso tão importante seria enorme. Ele imaginava pastas estourando, lotadas de papéis, vindos de muitas e muitas árvores derrubadas. Nos últimos meses, a delegacia havia começado a usar papel reciclado.

Tudo verde.

Melhor do que o vermelho, a cor predominante da noite.

As duas vozes eram graves e exigentes. Do fundo, Decker notou primeiro o rapaz careca, vestindo calça larga de sarja e jaqueta. Tinha pescoço grosso e ombros largos e parecia ter cerca de 110 quilos de puro músculo. Seu companheiro tinha cabelos fartos e pretos e usava calça cinza e um blazer azul. Era mais alto e mais esguio, mas também mais forte. Se os dois fossem jogadores de futebol americano, um deles seria atacante e o outro, *quarterback*.

Pelos trechos que ouviu da conversa, eles pareciam irados com a polícia. Primeiro, eles tinham sido parados como se fossem criminosos, abordados como se tivessem feito algo errado. E agora, Marge se recusava a deixar os dois verem a cena do crime. Apesar de sua sargento preferida não precisar de ajuda, Decker foi investigar.

Marge fez apresentações rápidas: Piet Kotsky e então, Neptune Brady. Kotsky estava corado, e o suor escorria de sua testa grande. Os olhos eram grandes e afundados nas órbitas, e a pele era muito esticada sobre as maçãs do rosto proeminentes. Ele tinha um tom de pele amarelado — o tom da pele de uma pessoa mumificada.

Brady era mais jovem, não mais do que 35 anos. Seu rosto magro havia passado muitas horas na cama de bronzeamento artificial. Tinha olhos azuis-claros, lábios carnudos e cabelos escuros e encaracolados. Os braços estavam cruzados sobre o peito, as mãos eram grandes e adornadas com vários anéis dourados. O queixo apontava para a frente quando ele falava.

— Você está no comando? — Sem esperar resposta, perguntou: — Que diabo aconteceu?

— Ainda estamos reunindo informações... — respondeu Decker.

— Você sabia que demorei cerca de vinte minutos só para convencer os idiotas da entrada que eu tinha motivo para estar no rancho? Vocês não se comunicam uns com os outros?

Decker deu um passo para trás, abrindo espaço aos dois.

— O que posso fazer pelo senhor, sr. Brady?

— Para começar, o que acha de me dar umas respostas?

— Assim que eu as tiver, lhe darei. Gostaria de fazer algumas perguntas. — Ele se virou para Marge. — Por que não leva o sr. Kotsky a um dos escritórios e o interroga ali, sargento?

— O que é isso? — As narinas de Brady se abriram mais. — Dividir para conquistar?

— Não somos o inimigo, sr. Brady. Só preciso de informações.

Decker começou a contar itens com os dedos.

— Precisamos de uma lista de todas as pessoas que trabalham na casa não importa se em período integral ou meio período. Quantas pessoas ficam em casa à noite, geralmente? Quem deveria estar trabalhando ontem à noite? Quem mora dentro da propriedade? Quem mora fora dela? Há quanto tempo cada funcionário tem trabalhado para os Kaffey? Quem tem chaves? Códigos dos alarmes? Quem contrata? Quem demite? Informações comuns.

Brady apoiou o peso do corpo na outra perna.

— Posso ajudar. Primeiro, gostaria de ver o que aconteceu.

— Sr. Kotsky, venha comigo, o tenente Decker e o sr. Brady cuidam das coisas — disse Marge.

Kotsky olhou para Brady, que assentiu.

— Certo. Vá ao escritório que fica a leste.

— Onde fica isso no mapa? — perguntou Marge.

— Piet vai mostrar.

Quando eles saíram, Brady disse:

— Preciso ver o que aconteceu.

— Ninguém vê as vítimas a menos que haja liberação dos investigadores legistas. Estamos cuidando da cena das mortes, mas eles estão cuidando dos corpos.

— Burocracia! — disse Brady. — Não é à toa que a polícia não conclui nada.

Decker olhou para ele.

— Concluímos as coisas, mas como queremos fazê-las direito, somos cuidadosos. Acha que o sr. Kaffey deixaria qualquer um entrar na sala da diretoria de sua empresa só porque pediram?

— A diferença é que pago impostos e pago seu salário — disse Brady.

Decker conseguiu manter o rosto inexpressivo.

— Sr. Brady, o senhor não vai a lugar algum porque precisa esperar a família. Então, em vez de tamborilar os dedos e se irritar, seria melhor cooperar. Pareceria bem menos suspeito a meus olhos se fizesse isso.

— Você suspeita de mim? — Decker não respondeu e Brady continuou: — Eu estava a centenas de quilômetros daqui. — Decker continuou calado e Brady se irritou. — Trabalho para os Kaffey há anos. Não preciso dessa merda!

— Senhor, qualquer pessoa que tenha alguma relação com os Kaffey é um suspeito neste momento. É assim que as coisas são. Se eu não fosse desconfiado, seria um detetive ruim.

Brady cerrou os punhos, e então, lentamente, relaxou os dedos.

— Ainda estou chocado.

— Imagino que esteja, mesmo.

— Você não faz ideia... — Ele passou a falar um pouco mais baixo. — Eu estava tentando lidar com o ataque cardíaco de meu pai. Agora, preciso lidar com os membros da família que sobraram. Imagina como foi assustador fazer aquele telefonema para Grant Kaffey? Dizer a eles que seus pais e seu irmão estão mortos?

Decker olhou para o homem.

- Gil Kaffey está no hospital, senhor. Não está morto.
- O quê? — Brady arregalou os olhos. — Riley Karns me disse que ele estava morto. — Depois de uma pausa desconfortável, ele murmurou: — Graças a Deus. — Deu uma risada cínica. — Agora, a família vai pensar que sou um idiota de merda.
- Deixe que eu cuide da família.
- A segurança da família era minha obrigação e eu ferrei com tudo.
- Seus olhos marejaram de repente. — Não tive nada a ver com isso, mas você está certo de suspeitar de todos. O que quer saber?
- Para começar, como sua segurança funciona?
- Não funciona, está na cara. — Brady mordeu o lábio com força.
- Isso vai demorar.
- Vamos procurar um cômodo para que você possa me explicar.
- Posso encontrar um cômodo — disse Brady. — Há vários e vários.

A colher não parava de rodar dentro da tigela de cereal. Hannah não estava interessada no café da manhã, nem em ir para escola. Mas, apesar de o café da manhã ser opcional, de certo modo, a educação era obrigatória.

— Quer que eu prepare um pão para você comer no carro? — perguntou Rina.

A adolescente afastou os cachos ruivos dos olhos azuis.

- Não estou com fome.
- Não precisa comer. Mas leve-o.
- Por quê?
- Colabore, está bem? — Rina pegou a tigela de cereal e colocou um pão de cebola na torradeira. — Pegue suas coisas. Precisamos ir.
- Por que tanta pressa?
- Tenho que ir ao tribunal. Vou precisar de pelo menos uma hora para chegar lá a tempo.

— Coitadinha... Além de sofrer com a instabilidade de sua filha carrancuda, está presa com outras 11 pessoas azaradas no centro abafado de Los Angeles.

O pão pulou na torradeira. Rina passou *cream cheese* e o envolveu em papel-alumínio.

— Não estou reclamando. Vamos.

Hannah pegou a mochila de duas toneladas.

— Em que caso você está trabalhando?

— Não posso falar sobre isso.

— Vamos. Para quem eu poderia contar? Aviva Braverman?

— Você não vai contar a ninguém porque não vou contar a você. — Ela olhou dentro da bolsa, uma bolsa comum, não uma bolsa da moda. Dentro dela, havia um livro sobre Abigail Adams e o *Los Angeles Times* daquele dia. Os assassinatos eram a manchete. Ela pegou as chaves, acertou o alarme e trancou a porta quando elas saíram.

— É um absurdo não terem te liberado — disse Hannah ao colocar o cinto. — Abba, além de policial, é tenente.

Rina deu partida no motor.

— Eu sei pensar sozinha.

— Ainda assim, ele influencia você. É seu marido.

Hannah desembrulhou o pão e começou a mordiscar.

— Hum... bom. — Ela ajustou o rádio até encontrar uma estação que estivesse tocando rock pesado.

— O que tem para o jantar?

Rina sorriu sozinha. Hannah já tinha mudado de assunto. Como ocorre com quase todos os adolescentes, sua capacidade de concentração era quase zero.

— Provavelmente, frango.

— Provavelmente?

— Frango ou massa.

— Por que não massa com frango?

— Posso fazer massa com frango. — Rina se virou para ela. — Você também pode fazer massa com frango.

— Você faz melhor.

— Isso é besteira. Você é uma excelente cozinheira. Você só está tirando o corpo fora.

— Sim, estou. Daqui a alguns anos, vou para a faculdade e você não vai mais ter que cozinhar para ninguém. Vai sentir saudade.

— Tenho seu pai.

— Ele nunca está em casa, e metade dos jantares que você prepara para ele acabam no forno. Por que você ainda se dá ao trabalho?

— Alguém parece ressentida.

— Não estou ressentida, só estou dizendo um fato. Amo o Abba, mas ele não fica muito em casa. — Ela mordeu a unha do polegar. — Ele vai conseguir ir à apresentação do coral hoje à noite?

— Sua apresentação é hoje? Pensei que fosse amanhã.

— Ah, a professora Kent mudou. Esqueci de avisar.

— Se sua apresentação é hoje, Hannah, você vai jantar em casa?

— Não, acho que não — disse Hannah. — O Abba vai à apresentação?

— Ele foi às duas últimas. Tenho certeza de que ele estará lá... — Ela pensou nas notícias da manhã. — A menos que algo grave aconteça.

— Algo grave, como um assassinato?

— Assassinato é muito grave.

— Não é, na verdade. Que diferença faz? A pessoa já morreu.

Ficou claro que Hannah estava em seu mundo narcisista. Não havia motivos para tentar usar a razão com ela. Então, Rina mudou de estação, passou para uma que tocava músicas antigas. Os Beatles estavam cantando sobre oito dias da semana.

— Adoro essa música! — Hannah aumentou o volume e se recostou satisfeita, comendo o pão, murmurando enquanto batia os pés no chão do carro.

Todo o ressentimento em relação ao pai parecia ter desaparecido.

Às vezes, ter pouca capacidade de concentração era algo bom.

Entrando no tribunal, ele ficou feliz por ter parado para ver se o nó da gravata estava certo e se o colarinho estava bem engomado. Com os ombros erguidos e um caminhar decidido, ele era dono do mundo.

Tinha um dom.

Como um compositor com voz perfeita, ele tinha o que chamava de som perfeito. Além de conseguir traduzir palavras e decifrar a fala, requisitos mínimos para seu trabalho, mas igualmente importantes, ele conseguia determinar nuances e sabia tudo sobre o passado da pessoa, normalmente depois de poucas frases. Ele conseguia dizer onde a pessoa viveu na infância, onde os pais da pessoa tinham passado a infância, e onde a pessoa morava atualmente.

Claro, ele conseguia discernir coisas simples como raça e etnia, mas quem entre os seres vivos conseguia acertar classe social e nível educacional em uma tacada só? Quantos seres humanos conseguiam detectar se a pessoa estava feliz ou triste — nada demais para ele —, mas também conseguiam saber se essa pessoa era irada, perturbada, ciumenta, irritada, sonhadora, sentimental, compreensiva, solidária, trabalhadora e preguiçosa? E não pelo que a pessoa dizia, mas pela maneira como dizia. Ele conseguia distinguir entre sotaques americanos regionais quase idênticos, e tinha um ouvido mágico para sotaques internacionais também.

No mundo dele, não havia necessidade de evidências visuais. O olho era algo que enganava muito. Ele havia recebido um dom extraordinário que não podia ser desperdiçado com coisas triviais como brincadeiras.

Diga qual é esse sotaque.

As pessoas eram tão idiotas.

Seu rádio tocou. Ele o tirou do bolso e apertou um botão desgastado. A máquina leu a mensagem de texto com uma voz eletrônica.

“Vejo você no almoço.” Ele desligou o equipamento portátil e o colocou de novo no bolso. Era meio-dia e meia, o local era um restaurante japonês em Little Tokyo, e o nome da moça era Dana.

O dia parecia estar ficando bom. Ele se sentou no banco, ajustou os óculos de marca, virou a cabeça na direção do banco dos jurados e abriu um sorriso reluzente de dentes claros e retos aos bons cidadãos de Los Angeles.

Hora do show!

Depois de receber orientações do juiz para não falar sobre o caso, os jurados saíram da sala do tribunal.

A mulher da frente se chamava Kate e era tudo o que Rina sabia sobre ela. Parecia ter trinta e poucos anos com traços marcantes, cabelos loiros curtos e argolas penduradas nos lóbulos da orelha. Virou-se para Rina e disse:

— Ally, Ryan e Joy vão ao shopping. Quer almoçar conosco?

— Trouxe um lanche de casa, mas adoraria me sentar com vocês. Qualquer coisa para sair deste prédio.

— Pois é. Quem está realmente preso, afinal? — Kate sorriu. — Vou ao banheiro das meninas, e Ryan e Ally precisam fazer uns telefonemas. Vamos nos encontrar do lado de fora em dez minutos.

— Legal.

Assim que Rina abriu uma das portas duplas de vidro da sala, uma rajada de ar quente tocou seu rosto, e o barulho do trânsito encheu seus ouvidos. O asfalto parecia estar derretendo com ondas de calor. A única parte sombreada da área era ocupada por prédios de vários andares — e de uma fileira de árvores que pareciam resistentes à poluição.

Ela ligou para o celular de Peter esperando deixar uma mensagem. Ficou muito surpresa quando ele atendeu.

— Como vai? — perguntou ela.

— Ainda estou vivo.

— Que bom. Onde está?

— Estou com a sargento Dunn e estamos indo para o hospital St. Joseph, para a unidade de terapia intensiva. Gil Kaffey saiu da cirurgia.

— Que boa notícia. Li a história hoje cedo, apesar de ter certeza de que já estou desatualizada. Vocês têm muito o que fazer.

— Como sempre.

— Amo você.

— Também te amo.

— Vamos nos ver em breve?

— Preciso dormir.

— Acha que consegue ir à apresentação do coral de Hannah?

Uma pausa.

— Quando vai ser? Amanhã às oito?

— Vai ser hoje às oito. A professora do coral mudou a data e Hannah se esqueceu de me contar.

— Ah, droga. — Mais uma pausa. — Sim, eu vou, mas não vou me preocupar com minha aparência nem com minha higiene.

Rina se sentiu aliviada.

— Tenho certeza de que a Hannah só quer a sua presença.

— Sim, eu vou. Mas me faça um favor. Pode me cutucar nas costelas se perceber que meus olhos estão começando a se fechar. Como estão as coisas no lindo centro de Los Angeles?

— O verão está vindo. — Ela secou a testa com as costas da mão. — Não deveria ter vestido meu *sheitel* hoje. Está quente demais para usar peruca.

— Tire. Não conto para ninguém.

Rina sorriu.

— Então, nós nos vemos na escola?

— Isso mesmo.

— Quer que eu leve alguma coisa para você comer?

— Seria bom. Preciso me apressar. Os corredores estéreis e os odores de antissépticos do hospital me chamam, mas não inveje o fato

de eu estar me divertindo. Tenho certeza de que você já planejou uma festa sob o teto abobadado da justiça.

— Na verdade, nos tornamos camaradas. Vamos comer num lugar na frente do tribunal.

— Poxa! Que sorte, a sua.

— Estamos fazendo nosso dever cívico por 15 dólares por dia. Até mesmo a Polícia de Los Angeles paga mais do que isso.

— Quer trocar de lugar comigo?

— Não, de jeito nenhum. Prefiro os vivos aos mortos.

Com o trânsito fluindo tranquilamente, Marge e Decker demoraram quase 45 minutos para chegar ao hospital. Se Gil Kaffey estivesse consciente no trajeto na ambulância, teria muito tempo para pensar. De que se lembraria? Às vezes, em acidentes traumáticos, a amnésia retrógrada surgia: uma proteção natural contra dores posteriores.

O complexo médico St. Joe era formado pelo hospital de tamanho mediano dividido em quatro alas e um número igual de prédios de salas comerciais. Foi preciso rodar um pouco para encontrar uma vaga no estacionamento, e, ainda assim, era muito estreita. Marge manobrou o carro com desenvoltura, e depois de alguns minutos, eles mostraram seus distintivos na área das enfermeiras que cuidavam da UTI com paredes de vidro.

Antes que pudessem entrar, precisavam que os médicos de Kaffey os liberassem. Demoraram cerca de vinte minutos para localizar um dos cirurgiões de Kaffey.

O médico responsável, chamado Brandon Rain, era um homem corpulento de trinta e poucos anos com ombros largos e braços fortes. Ele deu notícias:

— Kaffey está profundamente sedado. Seu corpo passou por momentos difíceis, então vocês só podem ficar alguns minutos.

— Foi muito grave? — Decker quis saber.

— A bala acertou algumas costelas e causou sangramento. Demorou um pouco para que ele chegasse aqui e a região atingida é muito vascularizada. Se tivesse sido um pouco mais para o meio, teria

acertado o baço. Ele teria morrido devido a uma hemorragia. — Ele olhou para a tela do celular. — Preciso correr. Não fiquem mais do que poucos minutos.

— Entendi — disse Decker.

— Vocês tiveram notícias da família? — perguntou Marge.

— Ainda não, mas com certeza terei — disse Rain. — Vocês chegaram a notar o prédio dos Kaffey quando entraram.

— Notei — disse Decker. — Imagino que a família seja influente.

— Digamos assim — disse Rain. — São pessoas caridosas e também têm dinheiro. Nesta economia, essa combinação é vencedora.

Gil Kaffey tinha tubos no nariz, nos braços e no estômago. Seu rosto estava inchado e com hematomas, os olhos estavam vermelhos, e os lábios estavam secos e rachados. Marge abriu o laptop e mostrou uma foto de Gil, mas o homem na frente deles não se parecia em nada com o rapaz bonito e autoconfiante da tela do computador. A frequência cardíaca de Kaffey estava estável, e uma faixa em seu braço inflava a cada dez minutos para aferir a pressão. Gil estava consciente, mas muito grogue. Decker não esperava um interrogatório muito longo. Ele só queria um nome. Foi a primeira pergunta que fez.

Você sabe quem atirou em você?

Ninguém se surpreendeu quando Kaffey balançou a cabeça para negar. A frequência cardíaca aumentou quando ele tentou falar.

— Estra...

A enfermeira da UTI lançou um olhar muito significativo aos detetives.

— Só alguns minutos.

— Entendi — disse Decker. — O senhor disse *estranhos*, sr. Kaffey?

— Gil assentiu e ele disse: — *Estranhos* o atacaram?

Kaffey balançou a cabeça, negando.

— Estran...

Eles esperaram. Kaffey não disse mais nada e fechou os olhos.

Decker disse:

— O senhor está falando a palavra *estranhos*?

Mais uma vez, ele negou.

— Estran... ero.

— Estrangeiro? — perguntou Decker. — Que fala outro idioma?

A frequência cardíaca de Kaffey aumentou e ele abriu os olhos devagar. Ele assentiu.

— As pessoas que o atacaram não falavam inglês.

Mais uma confirmação.

— O senhor sabe o idioma? — perguntou Marge.

— Não... escura...

— Escura? — perguntou Marge. — A sala estava escura?

Ele negou.

Marge tentou de novo.

— Os homens que o atacaram tinham pele escura?

Mais uma vez, os olhos se abriram. Mais um meneio de cabeça.

— Eram negros?

— Não... escuro....

— Escuros — disse Decker. — Pele escura, como hispânicos ou talvez do Oriente Médio ou do Mediterrâneo.

Confirmação.

— Mas o senhor não reconheceu o idioma que eles falavam?

Ele não respondeu.

Marge perguntou a ele:

— De quantos homens o senhor se lembra?

— Tal... vez... três... quatro... — Os olhos se fecharam. — Cansado.

A enfermeira os interrompeu.

— Ele precisa de analgésicos agora. Preciso chamar o médico. — Ela tocou um interfone. — Vocês devem ir agora.

— Você é quem manda. — Decker entregou vários cartões à enfermeira. — Quando ele estiver um pouco mais acordado, por favor, ligue para nós. Sei que a saúde dele é o mais importante, mas quanto

mais informações tivermos, maiores serão nossas chances de resolver o crime.

— Si... — disse Gil.

Marge e Decker se viraram na direção de Kaffey.

— Se o quê? — perguntou Marge.

Ele balançou a cabeça a cabeça.

— Si... sim.

Os detetives esperaram mais um pouco.

— Sim... si.

Decker alisou o bigode, sua versão de alisar a barba. Fazia isso quando estava pensando muito.

— Você está dizendo “*si*”? A palavra em espanhol para sim?

— Um deles. — Respiração ofegante. — Ouvi dizer “*si*”.

Rina pegou o sanduíche de rosbife de uma sacola plástica. Era um pão de cebola também recheado com alface, tomate e pickles.

Joy olhou para ela com inveja.

— Isso está com uma cara boa.

— Quer uma mordida? — Rina ofereceu.

— Não, tenho meu fast food. Como ficaria meu organismo sem todo o sódio?

No shopping havia uma série de restaurantes fast food para atender a grande quantidade de pessoas que viviam na cidade. Apesar de ser tomado pelo cheiro de óleo de fritura e carne, tinha ar-condicionado e em dias de calor extremo, oferecia temperaturas mais amenas.

Eles formavam um grupo diferente. Joy era secretária de uma empresa de reciclagem de metal. Tinha sessenta e poucos anos, era gorducha e tinha cabelos ruivos tingidos e as bochechas cobertas por blush. Ally havia acabado de se formar na faculdade de comunicação e estava animada com a festa de seus 21 anos. Todos do júri foram convidados. Os cabelos escuros de Ally tinham uma mecha loira que descia pelo meio, fazendo lembrar um gambá. Ryan tinha quase

quarenta anos, era casado e tinha três filhos. Era empreiteiro e ficou feliz por poder se ausentar do trabalho por alguns dias. Estava trabalhando numa casa grande e os clientes o estavam enlouquecendo. Kate era a única mulher numa casa de ex-oficiais da aeronáutica. Seus dois filhos tinham agora trinta e poucos anos e trabalhavam como pilotos da FedEx. O marido dedicara trinta anos à United Airlines.

— Tivemos muitas férias maravilhosas — disse Kate.

— Aposto que sim — disse Rina. — Fizemos um cruzeiro no Alasca ano passado. Foi maravilhoso.

— O Alasca é lindo — disse Ryan. — Tento pescar lá todos os verões.

— Pesca de salmão?

— Isso mesmo.

Joy disse:

— Não tem medo de ursos?

— É preciso pescar quando tem muitos peixes. Quando os ursos estão ocupados comendo peixes, eles não incomodam ninguém. — Você viu aquele documentário horroroso no qual o rapaz e sua namorada foram atacados e devorados por um urso? — perguntou Joy.

— Ai — disse Ally. — Quando foi isso?

— Há muitos anos — afirmou Rina.

— Eles são animais selvagens. É preciso respeitá-los — disse Ryan.

— Credo! — exclamou Ally.

— Provavelmente não tão nojento quanto as manchetes de hoje — disse Joy. — Vocês leram sobre o que aconteceu naquela mansão enorme no Valley?

— Rancho Coyote — disse Ryan. — Com os Kaffey. Eles são grandes empresários.

— Fiquei enjoada quando li... foi terrível!

— Três pessoas morreram!

Joy era fonte de notícias ruins. E ela as transmitia com muita animação. Rina não se deu ao trabalho de corrigir o número de mortos.

Ficar de boca fechada era sempre uma boa opção.

— Eles deveriam ter um bom sistema de alarme — continuou Joy. — Provavelmente foi armado por alguém que já tinha informações sobre eles.

— Eu não gostaria de fazer parte daquele júri — disse Kate. — Mandaria os desgraçados para a forca. — Ela se virou para Rina. — Onde seu marido trabalha?

— Em West Valley.

— Ah... Ok.

Joy arregalou os olhos.

— Então, é a região do seu marido?

— É.

— Ele está envolvido?

— Acho que todo mundo de West Valley está envolvido. As vítimas são pessoas conhecidas. Vai chamar muita atenção.

Joy se inclinou para a frente.

— O que você sabe sobre isso?

— A mesma coisa que você: o que li nos jornais de hoje.

Ally sorriu.

— Ela não vai dizer nada.

Rina sorriu e mordeu o sanduíche. Então, mudou de assunto.

— Alguém sabe quem é aquele cara no assento de espectadores?

— O cara de óculos e sorriso de Tom Cruise? — perguntou Kate. —

Quem é?

— Não sei, mas ele entrou e saiu do tribunal desde o *voir dire*.

— Talvez seja um jornalista — disse Ally.

— Não vi nenhum bloco de anotações — disse Kate.

— Muitos deles usam gravadores. Era o que eu fazia quando eu tinha que fazer entrevistas no jornalismo.

Kate deu de ombros.

— Talvez.

— É um pouco estranho — disse Joy. — Ele fica sentado sorrindo para nós. Está tentando nos intimidar ou qualquer coisa assim?

— Não sei — disse Rina. — Sempre que olho para ele, ou está ajeitando a gravata ou tirando fiapinhos do terno. Ele se veste bem. Está na cara que se preocupa com a aparência.

— Vou dizer uma coisa — comentou Ryan. — Ele não faz nenhum trabalho braçal. Tem as mãos lisas.

— Talvez ele seja um advogado particular — conjecturou Joy. — O cara que está sendo julgado precisaria de alguém melhor do que aquele desleixado que está com ele.

— Sim, bem desleixado, mesmo — concordou Ally.

— Provavelmente não deveríamos estar falando sobre o caso — disse Kate.

— Não estamos falando sobre o caso — disse Joy. — Só sobre o advogado desleixado.

— Ainda assim, Kate tem razão — disse Rina. — Então, quem vocês acham que o sr. Sorrisinho é?

Todos deram de ombros.

— Só espero que ele não seja um *stalker* — disse Ally, baixinho.

— Ele está muito à vista para ser um *stalker* — afirmou Rina.

— Certa vez, tive um *stalker*. Um cara do trabalho. Não me deixava em paz — disse Joy.

— O que você fez? — perguntou Ally.

— Eu disse a ele para cair fora, várias vezes. Ele não parou de me perseguir, então joguei café na cara dele. — O grupo arregalou os olhos para ela, e ela disse: — Estava morno. Mas deixei bem claro o que queria dizer. Ele nunca mais me perturbou.

— Você é durona — disse Ryan. — Mais durona do que meus clientes.

Joy deu um tapinha na mão dele com afeição maternal.

— Posso ser avó, mas isso não quer dizer que você pode mexer comigo.

Ally perguntou:

— Você comentou sobre esse *stalker* na entrevista de emprego quando eles perguntaram sobre sua experiência com o crime?

— Não, não disse nada. Não foi um crime, de fato. Só mau comportamento. Se eles eliminassem as pessoas com base em mau comportamento, o sistema não teria ninguém para fazer o trabalho de júri.

Como estavam em Los Angeles, a cena poderia ter sido a abertura de qualquer uma das muitas séries envolvendo hospitais que já apareceram ao longo dos anos. Homens gritavam ordens enquanto atravessavam corredores com enfermeiras ansiosas acompanhando. Mas nesse caso, os caras não estavam vestindo aventais, mas, sim, terno e gravata e havia vários outros homens ao redor. As enfermeiras gritavam com quem passava, mas estava claro que os homens não estavam ouvindo. Alguém falou sobre chamar a segurança.

O grupo passou por Marge e Decker enquanto os detetives trocaram um olhar.

— A família Kaffey? — perguntou Marge.

Decker respondeu:

— Talvez devêssemos interceder antes que alguém os tire daqui.

— Acho que não, já que estamos no prédio de Emergências dos Kaffey. — Marge observou o confronto na frente da UTI. — Devemos colocar um guarda na frente, Loo. Não sabemos se a família está envolvida. Talvez eles tenham voltado para terminar o serviço.

— Com certeza. — Decker respirou fundo e soltou o ar. — Vamos.

Os detetives caminharam até o grupo, e as pessoas falavam mais alto e de modo mais exigente. O tumulto era liderado por um jovem de vinte e poucos anos, apoiado por um homem mais velho, de quase sessenta. Decker se enfiou no meio da confusão.

— Posso ajudar?

O rapaz olhou para Decker com olhos furiosos. Tinha estatura mediana e cabelos loiros e fartos. Se Decker observasse com atenção, veria alguns dos traços parecidos com os de Gil.

— Quem é você, porra?

— Detetive tenente Peter Decker, Polícia de Los Angeles. Esta é a detetive sargento Marge Dunn. Ela é da Divisão de Homicídios. — Ele estendeu a mão. — Você é Grant Kaffey?

Os olhos se estreitaram.

— Quero ver sua identificação.

Decker abriu a carteira, e o homem mais jovem e o mais velho observaram os distintivos. Quando se deram por satisfeito, o mais velho disse:

— O que diabos está acontecendo?

— Que tal se nos apresentássemos primeiro? Gostaríamos de saber com quem estamos falando.

O homem mais velho respondeu:

— Mace Kaffey. Sou irmão de Guy. — Ele passou a mão pelo rosto tomado pelo pesar, pela fadiga e pela lamúria. — Este é Grant Kaffey. Queremos conversar com Gil.

— Gil está muito sedado no momento. Ele foi ferido...

— Qual foi a gravidade? — O mais jovem parecia horrorizado. — Ele levou um tiro?

— Ele foi baleado.

— Ai meu Deus! — exclamou Mace.

Decker disse:

— O que acham de encontrarmos um lugar tranquilo para tomarmos café? A sargento Dunn e eu tentaremos ser rápidos.

— Quando poderei ver meu irmão? — perguntou Grant.

— Não sou eu quem decide isso, sr. Kaffey, depende do médico. — Decker se virou para uma das enfermeiras. — Pode nos indicar uma sala vazia aqui?

A enfermeira-chefe — uma mulher atarracada com semblante sério chamada Jane Edderly — apareceu em meio ao tumulto.

— Há pessoas demais aqui. Estão bloqueando os corredores.

Grant disse:

— Harvey, traga café. Engles e Martin, vocês dois ficam aqui conosco. O restante pode esperar no andar de baixo. — Ao ouvirem as ordens, os empregados se espalharam. O Kaffey mais jovem ainda olhava para Decker. — Quero ver meu irmão agora!

Decker se virou para a enfermeira-chefe.

— Pode enviar uma mensagem ao dr. Rain, por favor?

— Ele está fazendo uma cirurgia — disse Jane.

— Sabe quando ele termina?

— Não faço ideia! Vocês ainda estão bloqueando os corredores.

Grant começou a falar, mas Decker ergueu uma mão.

— Enfermeira Edderly, estes são Grant Kaffey e Mace Kaffey. Eles acabaram de passar por um choque terrível: a perda do pai, da mãe e do irmão e da cunhada de Mace. Preciso falar com eles. Certamente há uma sala vazia no prédio dos Kaffey onde possamos conversar.

Jane arregalou os olhos. Finalmente, ela entendeu.

— Vou ver qual está disponível.

— Obrigado, agradeço pela cooperação.

Decker se virou para os homens.

— Sinto muitíssimo por suas perdas. Não há palavras para descrever uma tragédia como essa.

Mace Kaffey passou as mãos pelo rosto extenuado de olhos esgotados e rugas profundas. O homem era corpulento.

— O que aconteceu?

— Não temos todos os detalhes no momento. Assim que encontrarmos uma sala, contarei o que sei.

— Maldito rancho! — Grant começou a andar de um lado a outro.

— Pessoas demais entrando e saindo. Impossível manter controle sobre todas elas. Eu *disse* isso ao meu pai.

— Quantas pessoas trabalhavam para seu pai? — perguntou Marge.

— Hein? — Grant parou de andar. — No rancho?

— Sim, senhor.

— Como saber? Havia pessoas demais com chaves demais. Um absurdo!

— Fiquei sabendo que os funcionários eram controlados com muito cuidado. — disse Decker.

— Não sei! Quem é segurança particular, afinal? São fracassados que não conseguiram entrar para a polícia ou ex-policiais que foram chutados por atitudes corruptas. Ou, no caso do meu pai, eram delinquentes recuperados que tocavam seu coração mole.

Mais uma vez, Marge e Decker se entreolharam.

A enfermeira Jane Edderly voltou.

— Encontramos uma sala para vocês. Por favor, podem me acompanhar.

— Obrigado pela ajuda — disse Decker.

Grant disse:

— É, obrigado por me dar uma sala no prédio da minha família depois de um voo de emergência de seis horas para cuidar do assunto do assassinato de meus pais. Obrigado para caralho, enfermeira Edderly!

A enfermeira olhou para ele, mas manteve-se calada.

Mace apoiou uma mão no ombro de Grant, mas ele se esquivou. O espaço era pequeno, mas acomodava os quatro sentados enquanto os dois acompanhantes de Grant ficaram de pé. Dentro de poucos minutos, todo mundo estava bebendo café ruim. Mace parecia derrotado, mas Grant ainda estava disposto.

— Quando poderei ver meu irmão?

— Sr. Kaffey... — Decker fez uma pausa. — O senhor se importaria se eu chamasse um de vocês pelo primeiro nome, já que os dois são Kaffey?

— Pode me chamar de Mace — disse o homem mais velho.

— Sinceramente, não ligo para como você vai me chamar, porra. Mas diga o que está acontecendo. Eu preciso acabar com a raça de quem para ver meu irmão?

Marge disse:

— Vimos seu irmão há cerca de vinte minutos. Ele estava sentindo muita dor, então, o médico aumentou a sedação. Ele está dormindo. Sua entrada no quarto não é uma decisão nossa, mas, sim, dos médicos.

— Então, chame o médico aqui!

— Tentei enviar uma mensagem — disse Decker. — Ele está numa cirurgia.

— Grant, vamos ouvir o que a polícia tem a dizer — disse Mace.

Marge se virou para Grant.

— Você está certo em muitos aspectos a respeito da segurança do rancho. Houve falha, sim. Dois guardas foram vítimas de homicídio, mas há outros dois que estavam trabalhando e agora estão desaparecidos. Estamos trabalhando em cima de um homem chamado Neptune Brady. Vocês o conhecem?

Mace disse:

— Neptune tem trabalhado para Guy há um tempo... primeiro nos negócios e então, ele o contratou como seu chefe de segurança.

— Por quê? — perguntou Grant. — Vocês suspeitam dele?

— Estamos reunindo informações — Decker repetiu. — O que Brady fazia, especificamente?

— Não sei bem — disse Mace. — Moro na Costa Leste.

Grant disse:

— Ele é um detetive particular. Fazia trabalho freelance. Alguns números não estavam batendo na contabilidade... fraude. Meu pai colocou Neptune nos casos e ele fez um bom trabalho. Então, meu pai, como era de se esperar, ofereceu a ele um emprego em tempo integral no Rancho Coyote como chefe de segurança com um salário exorbitante.

— Ele era um homem generoso? — perguntou Marge.

— Generoso num minuto, sovina no outro. Não dava para saber quando ele abriria a mão. Meu pai pagava uma fortuna a Neptune, mas dizia que era assim que se fazia para manter os funcionários leais.

— Você se dá bem com o sr. Brady?

Grant disse:

— Normal. Não temos muito a ver um com o outro.

— E você? — perguntou Marge a Mace.

— Eu mal o conheço. Vocês acham que foi ele?

— Só estamos reunindo informações — disse Marge. — Você disse que seu pai contratava delinquentes?

— Do que está falando?

— Você disse que seu pai contratava seguranças que eram delinquentes recuperados.

— Sim, Gil mencionou algo sobre isso a mim. Alguém vai ver meu irmão?

Grant olhou para seus dois empregados.

— Joe, descubra o que está acontecendo com o sr. Kaffey.

Quando o assistente saiu, Decker perguntou:

— Pode me ajudar a entender detalhes da empresa? Para começar, quantas pessoas as indústrias Kaffey empregam?

— No ápice do *boom* dos imóveis, talvez mil — disse Grant. — Agora, temos oitocentos. Seiscentos e cinquenta na Costa Oeste, e Mace e eu temos cerca de cento e cinquenta trabalhando conosco.

— Vocês são empresários? — perguntou Marge.

— Principalmente — disse Grant.

— Shopping centers?

— Principalmente.

Decker disse:

— Vocês dois sempre trabalharam na Costa Leste?

— Meu pai decidiu expandir há cerca de dez anos. No começo, viajavamos de um lado a outro. Então, decidimos nos realocar.

— Minha esposa é de Nova York — disse Mace. — Ela agarrou na hora a oportunidade de se mudar para o leste. Guy ainda vinha todo mês. Ele não precisava fazer isso, mas meu irmão tem dificuldade para delegar. Grant pode confirmar isso.

— Meu pai é um *workaholic* — disse Grant. — Além de trabalhar muito, ele espera que todo mundo trabalhe muito.

— Isso é um problema? — perguntou Marge.

— Não conosco, porque estamos a cinco mil quilômetros de distância — disse Grant. — Meu irmão fica com a parte pesada. Meu pai diz que somos muito moles só porque temos uma vida boa. Mas meu pai é assim mesmo. — Lágrimas marejaram seus olhos. — Meu pai é de origem pobre.

— Nós dois somos — disse Mace, alterado. — Meu pai veio da Europa sem nada. Abriu uma pequena loja de conserto de eletrodomésticos quando as pessoas ainda consertavam as coisas. Ele era econômico, guardou dinheiro e conseguiu comprar dois prédios residenciais. Guy e eu transformamos os bens de nosso pai em um império.

Grant olhou para seu tio com intensidade e então, despejou sua irritação sobre Decker.

— O que isso tem a ver com o assassinato dele?

— Só estou tentando entender sua família, sr. Kaffey. É bom ter informações. Sinto muito se as perguntas são invasivas.

Marge interrompeu.

— Seu pai estava tendo problemas com algo específico? Talvez com a conta fraudada?

— Na verdade, o problema era com um executivo de contas — disse Mace. — Milfred Connors. Acredito que havia rumores de um processo, mas Guy o compensou.

— Filho da puta — disse Grant. — Ele rouba e então ameaça me processar.

Marge escreveu aquele nome.

— Então, por que pagar a ele?

— Porque é mais fácil do que enfrentar uma batalha judicial — disse Mace.

Grant disse:

— Já temos muitos processos em andamento. Nada fora do comum. Alguns são nossos, outros são contra nós.

Mace perguntou:

— E a Cyclone Inc., Grant? Eles ficaram muito bravos quando tiramos as licenças do Projeto Greenridge. — Ele se virou a Decker. — Estão tentando o projeto há anos. Finalmente conseguimos todas as permissões e aprovações, então, eles não têm com o que contar.

— Por que a Cyclone Inc. estaria contrariada com vocês? — perguntou Grant. — Eles são donos da Percivil Galleria e do Bennington Mall, e ambos existem há vinte ou trinta anos. Bennington foi derrubado pelo Woodbury Commons — um dos shoppings mais frequentados do país. Mas Percivil estava bem porque fica do lado oposto ao Hudson, onde não existe competição.

— Então, entramos em cena — disse Mace. — Kaffey está desenvolvendo um shopping de ponta que vai ofuscar o Galleria.

Grant disse:

— Além de ter quase todas as redes e lojas de marca, estamos desenvolvendo um hotel resort com dois campos de golfe planejados pela Tumi Addams.

— Um coberto, outro ao ar livre — disse Mace.

— Golfe durante todo o ano. Além disso, fechamos acordo com alguns dos melhores chefs do país para abrirmos restaurantes.

— Nossa — disse Marge. — Isso acabaria com qualquer shopping existente.

— Exatamente! — exclamou Mace.

— Onde está sendo feita a construção, exatamente? — perguntou Decker.

— Em Nova York, na região nobre de Clarence County, cercada por algumas das propriedades mais lindas que existem — disse Mace. — A região é repleta de reservas ecológicas, mas fizemos o trabalho direito. Reunimos todos os relatórios de impacto ambiental necessários. O projeto todo será ecologicamente correto.

— A Cyclone tem causado um alvoroço alegando suborno e corrupção — disse Grant. — Acusações totalmente infundadas. Idiotas! Eles já incitaram os auditores do condado a analisar nossas finanças. Não encontraram nada de errado. Não temos nada a esconder!

— Quem é o CEO da Cyclone? — perguntou Decker.

— Paul Pritchard. — Grant fez uma pausa. — Ele é um idiota, mas assassinato?

Mace disse:

— Nosso projeto vai matar o último shopping lucrativo que ele tem, Grant. Pritchard é um idiota, e eu não duvido de nada que ele possa fazer. — Ele se virou para Decker. — Investigue-o.

— Vamos investigá-lo — disse Marge. — Voltando ao assunto mais urgente, Gil mora perto de seu pai?

— Gil mora em Los Angeles. Meu pai mora no rancho e na Palos Verdes Península. A empresa tem sede em Irvine.

Decker ergueu uma sobrancelha.

— Não é muito longe de Palos Verdes, mas é longe do Rancho Coyote.

— Era este o propósito — disse Grant. — Quando meu pai queria se afastar, se afastava e pronto. No começo, comprou a propriedade para minha mãe e seus cavalos, mas passou a adorar o lugar. Na maior parte do tempo, eles recebiam convidados na casa de Palos Verdes, mas com frequência, faziam festas no rancho. — Ele desviou o olhar para longe. — Num inverno — e riu —, meu pai pegou umas máquinas de neve e pudemos esquiar em pistas artificiais. A festa durou o fim de semana inteiro. Foi incrível.

— A segurança do rancho era reforçada nos fins de semana? — perguntou Marge.

— Provavelmente. Era trabalho do Neptune Brady. Ele sabia quem entrava e quem saía do rancho mais do que meus pais. Idiota! Como isso foi acontecer, porra? Você deveria estar falando com ele, não comigo.

Decker disse:

— Ele está sendo observado. Até então, tem colaborado.

Grant ficou agitado.

— Que merda! Onde está o médico? Quero ver meu irmão!

— Vou ver isso — disse Marge.

— Boa ideia. — Decker se virou para os homens. — Obrigado por serem tão diretos neste momento tão difícil.

— Um puta pesadelo! — Grant tentou caminhar, mas não havia muito espaço para isso. Falar sobre os negócios o havia acalmado, aparentemente, dando a ele algo em que pensar. Assim que foi levado de volta para a tragédia, voltou a ficar prestes a explodir. Era compreensível.

Decker disse:

— Vocês acham que o Projeto Greenridge vai continuar depois dessa tragédia?

— Sem dúvida — disse Mace. — Uma coisa não tem nada a ver com outra.

— É que Guy era o CEO, e um projeto dessa magnitude é complicadíssimo. Parece ser o maior shopping que Kaffey desenvolveu.

Grant disse:

— Será difícil, mas podemos levar o Greenridge sem o papai desde que o Gil possa tomar conta do resto da Kaffey. — Ele balançou a cabeça. — Meu Deus, que fardo pesado!

Mace disse:

— Vai ser difícil cuidar das coisas sem Guy, mas vamos conseguir se trabalharmos juntos. Não somos só sócios, somos família.

Decker olhou para o irmão mais novo de Guy. Seu discurso motivacional parecia forçado, como se ele tentasse convencer a si mesmo de que estava pronto para o trabalho. Marge voltou para a sala.

— O dr. Rain acabou de sair da cirurgia. Encontrará vocês no escritório dele assim que terminar de se trocar. A enfermeira Edderly acompanhará vocês até a sala dele.

Grant bateu uma mão em punho na palma da outra.

— Não quero nem chegar perto daquela vaca!

— Posso levá-los — disse Marge.

— Obrigado — disse Mace. — Vão ficar conosco?

— Precisamos voltar ao rancho. — *Para a cena do crime*, Decker pensou. — Também quero investigar esses dois caras que você mencionou, Paul Pritchard e Milfred Connors.

— Connors foi um vigarista baixo — disse Grant. — É um nada.

— Às vezes, são os nadas que se irritam — disse Mace.

— Exatamente — Decker concordou. — Fiquem com alguns cartões de visita, rapazes. Liguem quando precisarem.

— E aqui está meu cartão — disse Grant. — É um número de trabalho. Podem ligar quando precisarem. Se for importante, podem deixar o número e receberei por mensagem.

— Obrigado — disse Decker. — Hum... só mais uma pergunta. Vocês falam espanhol?

— O quê? — perguntou Mace.

— Por que pergunta? — perguntou Grant.

— Muitas pessoas que trabalham no rancho são hispânicas. Na Califórnia, os hispânicos fazem muitos trabalhos de construção. Queria saber se você, seu pai e seu irmão conseguem se comunicar com eles diretamente.

— Visitamos os locais de trabalho, mas não conversamos diretamente com eles — disse Mace.

— Por que faríamos isso? — perguntou Grant. — É por isso que empregamos chefes.

Depois de entrar no carro, Marge se acomodou enquanto ajustava os espelhos e disse:

— Adoraria ver o relatório de finanças da empresa para o Greenridge, principalmente nesse clima atual. Parece que algo que nasceu na terra dos imóveis e atualmente está moribundo na terra dos preços exorbitantes.

— Talvez eles já tivessem o financiamento do projeto.

— Algo grande assim, incluindo um hotel? Trata-se de bilhões, não é?

— Eu me confundo com muitos zeros. — Decker abriu uma garrafa de água e bebeu metade. — Mesmo que eu tivesse esse relatório, não saberia nem por onde começar a interpretar algo tão complicado.

Marge deu a partida e saiu do estacionamento subterrâneo.

— Você acha que o projeto poderia estar relacionado com os assassinatos?

— Vale a pena conferir, mas não espero nada. — Decker rosqueou a tampa da garrafa. — Vamos nos concentrar no que sabemos.

— Temos guardas mortos e desaparecidos. Parece coisa de alguém de dentro.

— Duas coisas me vêm à mente — disse Decker. — Um roubo ali dentro que foi descoberto ou um trabalho interno no qual os guardas foram pagos para matar.

— Em cada caso, precisamos observar a família mais de perto.

— O que você achou de Grant? — perguntou Decker.

— Intenso. Foi ele quem mais falou, inclusive pelo tio.

— O que acha de Mace?

— Não tão intenso. Não conhecíamos Guy Kaffey, mas pelas conversas que ouvi hoje, diria que o irmão mais novo, Mace, cresceu à sombra de Guy.

— Grant também é mais novo e você acabou de descrevê-lo como intenso. — disse Decker.

— Sim, ele é agressivo. Mas talvez o Gil seja ainda mais. Só estou dizendo que se Guy e Mace se enfrentassem, nós dois sabemos quem sairia ganhando. Queria saber se Guy Kaffey se empolgou tanto com o Projeto Greenridge como Mace e Grant.

— Guy estava prestes a acabar com tudo e os dois nova-iorquinos não ficaram felizes com a decisão dele?

— Exatamente — disse Marge. — Mas ainda que seja o caso, isso provocaria ira e hostilidade suficientes em Grant para ele matar seus pais?

— Não sabemos bem como Grant se sente em relação aos pais. Pode ser que muita coisa seja encenação.

— Verdade — disse Mace. — Interessante você não ter perguntado se havia ira e hostilidade suficientes para Mace matar um irmão.

— Caim e Abel — disse Decker. — O primeiro capítulo. Há quatro pessoas no universo e pronto, um irmão atira no outro por causa de ciúmes. O que isso diz sobre a raça humana?

— Não diz muito para nós nem para ninguém — disse Marge. — Qualquer delegado que cuida de uma cidade com índice de homicídios de 25% se ferraria num piscar de olhos.

O homem chamado ao banco das testemunhas era hispânico.

Nada de novo nisso.

A tarde toda fora um desfile de hispânicos no tribunal: um cara grande com tatuagens — para a defesa —, outro cara grande com

tatuagens. Rina podia resumir a variedade de ataques e processos em uma palavra.

Álcool.

Todos os participantes estavam bêbados, tanto as mulheres quanto os rapazes. Normalmente, o entrevista teria sido esquecido no dia seguinte, mas a polícia estava passando, por acaso, quando a briga estava no ápice. Os policiais conseguiram prender quem não fugiu depressa com o restante dos infelizes culpando uns aos outros pelo início da arruaça. As testemunhas de repente vieram com más lembranças causadas pelo medo.

O participante atual no banco das testemunhas não foi exceção.

Pelo menos, o júri finalmente descobriu quem era o Tom Cruise sorridente.

Quando a primeira testemunha foi chamada ao banco — uma mulher hispânica de cinquenta e poucos anos que usava uma minissaia vermelha e tinha maquiagem definitiva nas sobrancelhas, além de longos cabelos pretos — Tom Sorridente, que estava sentado na galeria, pegou um equipamento eletrônico. Caminhando lentamente em direção a seu destino, Tom usava fones de ouvido e segurava um pequeno rádio, ouvindo-o com atenção. Quando chegou ao banco de testemunhas, desligou o rádio e tirou o fone, e enfiou ambos no bolso da frente.

O grupo se entreolhou e deu de ombros.

Ele se sentou logo atrás da testemunha, com a cabeça acima do ombro da mulher desleixada. A testemunha pareceu gostar da presença dele, pois virou-se e abriu ao sr. Óculos de Sol um sorriso de dentes brancos. Pela primeira vez, Tom não retribuiu o sorriso.

O caso prosseguiu e o propósito de Tom se tornou claro.

Ele era tradutor.

Chamá-lo de tradutor era pouco.

O que ele fazia era interpretar o testemunho. Era um artista, o volume de sua voz aumentava e diminuía, dando a cada frase a emoção

exigida na medida. Se houvesse Oscar para tradutores, Tom dos Óculos Escuros o teria ganhado, com facilidade. Conforme a tarde foi passando, as lembranças das testemunhas se tornaram fracas e confusas, e Arturo Gutierrez, que agora estava sendo massacrado sem dó por um advogado linha-dura de terno vinho, era mais do mesmo. Apesar de se lembrar de socos trocados, não conseguia se lembrar com quem havia trocado socos. Talvez isso funcionasse com a defesa, talvez não. As testemunhas estavam inquietas no banco, e o único que parecia estar se divertindo era Tom.

Quando a acusação descansou e a defesa voltou, era hora de voltar para casa. Depois de receber ordens para não falar nem conversar sobre o caso com ninguém, o júri diminuiu o falatório e silenciosamente saiu da sala enquanto o oficial de justiça olhava para eles, um a um. Rina se lembrou da metáfora usada no feriado de Rosh Hashanah, o Ano Novo judeu. Deus julga todo o seu povo conforme eles passam por ele, um a um, como se estivesse contando seu rebanho de cordeiros.

No corredor, o grupo parou nos elevadores.

Joy se virou para Rina.

— Vamos sair para beber. Quer ir?

— Minha filha tem apresentação do coral.

— Quando? — perguntou Kate.

— Umas sete e meia.

— Vamos ficar cerca de uma hora lá.

— Talvez amanhã — disse Rina. — Vou demorar um pouco para chegar em casa, e quero preparar o jantar para o meu marido. Vou encontrá-lo no recital.

— Puxa, que esposa bacana! — disse Joy.

— Às vezes, quando está cuidando de casos importantes de homicídio e fica um dia inteiro sem dormir, ele se esquece de comer.

Ninguém disse mais nada, e as portas do elevador se abriram e o grupo saiu.

— O que você acha que o Tom Sorridente estava fazendo com um rádio? — perguntou Ally.

— Pensei nisso também — disse Rina. — Talvez repassando os testemunhos antes de traduzi-los. Independentemente do que estivesse ouvindo, tinha que ser algo permitido pela justiça. Ninguém teria a cara de pau de entrar no tribunal ouvindo música.

— Bem pensado — comentou Ryan.

— Ele me parece bem cara de pau — disse Joy.

— Sim, ele é bem teatral. — Rina abriu as portas duplas de vidro e saiu. — Estou a fim de almoçar amanhã.

— Ótimo — disse Kate. — Então, até amanhã. Desejo boa sorte a seu marido.

— Sim, procure conseguir alguns detalhes cabeludos — disse Joy.

— Ele é bem discreto, mas verei o que posso fazer.

Joy ficou contente com a resposta de Rina e acrescentou:

— E já que vai levar comida para ele, traga para mim. O que você comeu hoje à tarde me pareceu muito melhor do que a lavagem que comi.

* * *

Apesar de Rina ter chegado cedo, Peter chegou ainda mais cedo. Enquanto todos os outros pais estavam reunidos na parte da frente, Peter escolhera um assento em uma das fileiras vazias de trás. Sentou-se ereto com a cabeça inclinada para trás, olhos fechados e lábios levemente entreabertos. Ela se inclinou sobre os assentos dobrados e tocou seu ombro. Ele roncou ao mesmo tempo em que abriu os olhos.

— O quê?

Rina pegou um sanduíche.

— Aqui está.

Decker esfregou os olhos e se espreguiçou.

— Oi, querida. — Ele se inclinou para a frente e beijou o rosto dela.
— Tem alguma coisa para eu beber? Estou com a garganta seca.

— Com cafeína ou sem?

— Tanto faz. Não vou ter dificuldade para dormir hoje.

Ela entregou a ele uma lata de Coca Zero.

— É peru e pastrami na baguete.

— Estou morto de fome. — Decker deu uma mordida. — Está delicioso, obrigado.

— Você não comeu?

— Não. — Ele abriu a lata de Coca e bebeu o líquido todo, e imediatamente, Rina deu a ele uma Coca Diet sem cafeína. — Acho que estou desidratado.

— Também tenho água, se quiser.

— Depois, obrigado. — Ele bebeu metade da lata.

— Como foi seu dia no tribunal?

— Bem. Como foi o seu?

— Péssimo.

— Os assassinatos estão sendo noticiados em todos os meios.

— Eu soube.

— Alguns guardas também foram mortos? — perguntou Rina.

Decker assentiu e terminou a Coca.

— Devo agradecer a Hannah por ter me tirado de lá. Saí com pressa. As coisas estão uma zona.

— Você vai voltar?

— Provavelmente. Gostaria de terminar um pouco da papelada e criar estratégias.

Rina sabia, por experiência própria, que assassinatos múltiplos significavam muitos e muitos suspeitos.

— Está desperto o suficiente para dirigir, Pete?

— Estou bem. — Ele sorriu para reforçar o que dizia. — Sério, estou bem. Fiquei apagado por vinte minutos, mas me sinto renovado.

— Uma de minhas colegas quer saber todos os detalhes cabeludos dos homicídios envolvendo os Kaffey.

— Diga a ela para ler os jornais.

— Vou fazer isso mesmo. — Rina pegou a mão de Peter. — Que bom que você conseguiu vir ao concerto. Hannah fez questão de perguntar se você viria.

— Só Deus sabe o porquê. Ela se esconde o máximo que consegue na fileira de trás. Eu não a veria se ela não fosse alta. Nunca faz solos. A professora tem alguma coisa contra ela?

— A professora Kent é a maior fã de Hannah.

— Então, por que ela nunca faz um solo?

— Acho que ela não quer fazer. Gosta de ver o pai na plateia. Faz com que ela sinta que você se importa.

Decker deu de ombros.

— Fico pensando quanto tempo terei que passar me esforçando ao máximo só para provar que amo as crianças. Incluindo a Cindy, que tem trinta e poucos anos.

— Ah, não sei... — Rina deu de ombros. — Provavelmente até o fim da vida.

Decker morreu para o mundo de meia-noite às seis e meia da manhã seguinte quando o alarme tocou. A cama estava vazia, mas ele ouviu barulhos vindos da cozinha. Tomou um banho, fez a barba, se vestiu e então foi tomar o café da manhã às sete, e tudo já estava sendo preparado.

— Bom dia — disse Rina. — Como está se sentindo?

— Não muito mal. — Ele encheu a xícara de café da máquina e tomou um gole. — Nossa, que bom. Quer que eu acorde a princesa?

— Já fiz isso. Ela está de bom humor.

— Por qual motivo?

— Você. Ela me disse, e repito com as palavras dela: “Foi muito bom o Abba ter ido. Sei que ele deve estar atolado com o trabalho.”

— Que ótimo. — Uma pausa. — Quanto tempo você acha que a gratidão dela vai durar?

— A curto prazo, não vai durar muito. Mas na realidade, vai durar a vida toda. — Rina beijou o rosto dele. — Vou levá-la para a escola quando sair para ir ao tribunal.

— Ótimo. — Ele conferiu o relógio. — Preciso ir. Vou espiar dentro da cova do leão para me despedir.

— Hoje, você provavelmente vai encontrar um carneiro, não um leão.

— O que eu encontrar está bom. — Ele deixou a caneca de lado. — Ela é uma boa garota. É minha filhinha e eu a amo do fundo do

coração. Se eu sou um alvo seguro para a frustração dela, que seja. Se Deus a mantiver em segurança, enfrentarei as pedras e flechas.

* * *

Oliver bateu à porta e, sem esperar resposta, entrou na sala de Decker. Segurava uma caneca de café numa mão e uma folha de papel na outra. O homem parecia esgotado.

— Conseguiu dormir ontem à noite, Oliver?

— Algumas horas, mas ficarei bem. — Ele entregou a Decker um papel com uma imagem que lembrava a de uma árvore genealógica. — Delineei o básico da segurança dos Kaffey. Se você olhar no topo, verá Neptune Brady na posição principal porque ele é o chefe. Depois vou destrinchando.

— Muito bem — disse Decker.

— Nada mal para um zumbi. — Oliver sorriu. — Dividi em duas categorias: guardas do rancho e seguranças particulares. Seguranças particulares, que abreviei como SP, são ou eram usados principalmente quando Guy e Gilliam saíam em público e iam a restaurantes, eventos beneficentes, reuniões de negócios, festas. Pelo menos um SP estava sempre com eles.

— E quando eles saíam separados?

— Não sei quanto a Gilliam, mas sempre havia um que acompanhava Guy. Quando ninguém estava em casa, os seguranças, ou S, cuidavam das propriedades. Até agora, consegui catorze nomes, mas você pode ver que há repetições. Rondo Martin, Joe Pine, Francisco Cortez, Terry Wexford, Martin Cruces, Denny Orlando, Javier Beltran e Piet Kotsky trabalhavam como seguranças particulares e guardas do rancho.

Decker olhou para o papel.

— Você riscou Alfonso Lanz e Evan Teasdale. São os guardas que morreram, certo?

— Isso.

— E esses nomes circulados — Rondo Martin e Denny Orlando — são os guardas desaparecidos?

— Isso mesmo. Não consegui localizá-los ainda, mas estamos buscando. Quando fomos ao apartamento de Denny Orlando, a família dele estava toda lá, esperando Denny chegar em casa. Marge e eu conversamos com a esposa por um tempo. Ela descreveu Denny como bom marido, bom pai... Eles têm dois filhos. E disse que não é do feitio de Denny desaparecer.

— Isso não quer dizer nada.

— Concordo. Ele ainda precisa ser investigado, mas sempre temos a primeira impressão em relação a alguém. Às vezes erramos, mas na maior parte das vezes, acertamos. Não encontramos nada que indique que Denny foi o atirador. Quando perguntamos sobre ele a Brady, ele pareceu surpreso. Denny sempre impressionou Brady por sua capacidade de atirar. Ele é diácono na igreja que frequenta.

— Assim como o assassino BTK.

— Sim, eu sei, mas acho que todos concordamos que esse ocorrido não foi obra de um assassino em série.

— E o outro, Rondo Martin?

— Brady também ficou chocado, mas claro, não poderia ser diferente. Não pode admitir a nós que contratou um psicopata.

— Você acha que ele é psicopata?

— É ex-delegado de Ponceville, uma comunidade rural pequena na região central da Califórnia. Brady não sabia ao certo como Rondo soube da vaga dos Kaffey, mas telefonou para Brady e disse que se interessava em trabalhar como segurança particular. O salário era melhor e ele estava à procura de algo diferente. Passou por entrevista, por um período de experiência e então, foi contratado para cumprir período integral. Mudou-se para Los Angeles sem laços com ninguém.

— Humm...

— Exatamente. Ele vive em um apartamento em North Valley. Quando fomos à casa dele não havia ninguém, mas conseguimos a chave com o dono da casa. O local, apesar de não ser muito limpo, estava bem vazio. O carro também não estava lá — um Corolla 2002, azul-metálico. Pedimos a localização dele.

— E o carro de Orlando?

— A esposa dele o levava ao trabalho. Martin o levaria de volta para casa.

— Então, o que está pensando?

Scott estalou os dedos.

— Orlando e Martin estavam envolvidos. Martin estava envolvido e atirou em Orlando. Orlando estava envolvido e atirou em Martin. Nenhum dos dois estava envolvido e os dois fugiram por medo.

— E as digitais? Vocês coletaram várias amostras.

— Estamos conferindo.

— Vocês têm as impressões digitais de Martin e Orlando?

— As de Orlando, não sei. Em Ponceville, pedimos as impressões digitais de Martin. Ele deve tê-las cedido para trabalhar com segurança.

— E os outros guardas? — perguntou Decker.

— Estamos avaliando um por um. Fizemos contato por telefone com Terry Wexford, Martin Cruces e Javier Beltran, então estamos eliminando-os. Deixe-me recapitular como o sistema funciona.

Decker bebericou café à mesa.

— Pode falar.

— Sempre há quatro seguranças trabalhando no rancho quando Gilliam e Guy estão presentes, dois na guarita e dois dentro da casa. Os homens cumprem turnos de 24 horas e trocam de turno no dia seguinte com um novo par de guardas. Às vezes, os homens do outro grupo podem chegar um pouco mais cedo. Então, teoricamente, é possível ter oito guardas na propriedade em qualquer momento.

— Certo. — Decker fez alguns cálculos rápidos. — Isso quer dizer que, em média, um segurança trabalha a cada três dias.

— Mais ou menos isso. — Oliver terminou de beber o café morno.
— Os guardas não moram nas propriedades, mas há alguns bangalôs para funcionários com camas vazias se um deles estiver muito cansado para ir para casa ou se tiver que trabalhar cedo no dia seguinte.

— Quantos bangalôs?

— Dois para cada com quatro camas e uma TV para os funcionários, além de um bangalô separado para Neptune Brady. Kotsky e Brady me disseram que não é incomum que alguns homens descansem enquanto esperam o turno começar.

— Os guardas têm chave para entrar na propriedade?

— Chave dos portões, mas não da casa. Brady instalou um sistema de acesso com cartão.

— Como funciona?

— Cada segurança que entra tem que pegar o cartão de um segurança que sai. Há uma folha de entrada e outra de saída que inclui o horário e a data. A folha da noite do assassinato sumiu, mas isso não quer dizer muita coisa. Brady tinha a escala de quem deveria estar trabalhando. Sabemos quem foi morto e quem está desaparecido.

— Não é exatamente um sistema, uma folha de registro.

— Falou e disse. Fácil de burlar, mas funcionou bem por alguns anos. Brady me disse que sempre foi muito atento na contagem dos cartões, e que eles são quase impossíveis de copiar. Não há nenhum desaparecido do cofre, mas é claro que dois não estão lá, provavelmente levados pelos dois guardas desaparecidos.

— Que vida! — disse Decker. — Privativa, com certeza, mas com um preço a pagar.

— É, verdade — disse Oliver. — O Rancho Coyote é como uma versão californiana de Versalhes. E todos sabemos o que aconteceu com Maria Antonieta.

O segundo dia de interrogatórios seguiu normalmente. Mais pessoas de memória fraca com Tom Óculos de Sol fazendo um baita trabalho

de interpretação na tradução. Enquanto o advogado de acusação ostentava o look profissional — terno risca de giz azul-marinho, camisa branca, sapatos bonitos — o advogado de defesa continuava desleixado: ombros curvados e cabelos grisalhos arrepiados e despenteados. As mangas do terno eram curtas demais, mas grandes demais em seu corpo ossudo. O cerne da questão em seu caso era que os policiais não tinham visto quem havia cometido as agressões e, assim, seu cliente deveria ser exonerado.

O advogado de defesa chamou o jovem policial para falar, e apesar de o uniforme não ser o mais decente, ele passava uma boa impressão. O policial vira o acusado bater no acusador. Fácil assim. Para Rina, o julgamento não foi uma perda total do tempo dos jurados, mas o tempo não estava sendo usado da melhor maneira possível. Ninguém reclamou quando a sessão foi interrompida para o almoço.

Ryan encontraria um amigo para almoçar, então, naquela tarde, seriam só as meninas. Na esperança de não falar sobre os assassinatos na família Kaffey, Rina havia feito mais sanduíches com pão *challah* caseiro e estava passando a maior parte do tempo dando a receita às mulheres. — Pensei que o challah precisasse ser trançado — disse Joy.

— Obviamente, não, já que estamos comendo fatias quadradas — disse Kate. — Nossa, que gostoso. Adoro azeitonas e tomate seco. Fica muito bom com o salame.

— Obrigada — disse Rina. — Respondendo a sua pergunta, Joy, não, não precisa ser trançado, mas a trança é tradicional na noite de sexta. No ano novo judeu até o feriado de Sukkoth, ele é redondo. Também há outro tipo de *challah* redondo.

— Como é? — Kate estava fazendo anotações.

— Você faz bolas individuais de massa do tamanho de um limão e as coloca unidas numa forma redonda.

— Mesma receita?

— Mesma receita. Quando ela assar, toda a massa vira um pão redondo, mas ainda dá para ver as partes separadas. As pessoas fazem

assim porque quando rezamos com o pão, puxamos as partes para os convidados e fica bonito de servir.

— Alguém me disse, certa vez, que queimamos parte da massa, algo assim. Ou entendi mal? — perguntou Joy.

— Não entendeu mal, não. Nós queimamos uma parte pequena da massa, sim. É a parte chamada *challah*, na verdade. Fazemos isso para comemorar uma época diferente na qual os judeus tinham o templo e queimavam sacrifícios a Deus. Mas você só pode fazer isso se usou uma determinada quantidade de farinha. Não faz o *challah* num único pão, a menos que seja gigantesco. Às vezes, quando estou com vontade, faço uma fornada bem grande e congelo parte da massa entre o primeiro e o segundo descanso para poder fazer o *challah*, mas isso vai ficar para outro dia.

— Você também assa pães? — perguntou Ally.

— Sim, considero isso uma boa terapia.

Joy disse:

— Você deve ter muito tempo livre, já que seu marido vive ocupado desvendando assassinatos.

— Menos do que você pensa — disse Rina. — Peter cuida mais de papelada, na maior parte do tempo.

— Mas não sempre, como agora. — Joy quase lambeu os lábios. — E aí, como está o caso dos Kaffey?

— Sei tanto quanto você — disse Rina. — Peter não fala sobre os casos em que está trabalhando. Desculpa, mas não tenho informações quentes.

— Acho que você está sendo modesta. — Joy se recostou na cadeira e cruzou os braços.

— Não estou sendo modesta. Só não sei nada além do que leio.

— Quanto tempo você acha que vai demorar para resolver esse caso? — perguntou Ally.

— Não consigo nem chutar — disse Rina. — Peter trabalhou em casos que foram resolvidos em 24 horas, mas houve outros que estão

rolando há anos.

— Alguma coisa boa? — perguntou Joy.

— Como assim? — indagou Kate. — Com certeza são todos muito trágicos.

Rina sorriu.

— Sabe, Joy. Quando me casei com Peter, tentava tirar coisas dele porque sentia tanta curiosidade quanto você. Agora, para mim, o trabalho dele é só um trabalho. Paga as contas e às vezes atrapalha nossos planos. Você é casada. Sobre o que você e seu marido conversam?

— Meu marido é contador — disse Joy. — Sobre o que conversaremos? Dedução de impostos?

Rina fez uma pausa, mas seus olhos brilhavam.

— Olha, acabei de herdar alguns quadros que podem ter certo valor. Devo declará-los no imposto de renda ou apenas se vendê-los?

— Sou pneumologista. Como vou saber?

— Pois é, Joy — disse Kate. — Ela é professora. Como pode saber sobre um assassinato?

— Tá, mas tem uma baita diferença — retrucou Joy. — Quando o Albert começa a falar sobre números, sinto sono.

Rina disse:

— Eu sinto o oposto. Quando Peter começa a falar sobre as maldades do mundo, eu não consigo dormir.

Recostado na parede, ele desembrulhou uma barra de amendoim devagar, seu cérebro absorvendo a cacofonia dos ruídos. Aproximava-se o fim das sessões e isso significava que ouviria barulhos vindos de todas as direções. À sua frente, duas mulheres falavam sobre receitas de pão. Uma era da região de Michigan. Era mais velha, na casa dos sessenta anos, a julgar pelo ritmo e entonação de suas palavras. A segunda era uma jovem de Valley com sotaque caipira, fazendo com que ele se lembrasse de que a Califórnia já tinha sido o Faroeste.

O barulho aumentou conforme as pessoas foram chegando.

À direita, estava uma mulher que participara do julgamento de Fernandez. Ele havia ouvido a voz dela quando os jurados saíram da sala, apesar de ela estar sussurrando. Quando ele a ouviu falando ao celular, percebeu logo que ela conversava com o marido ou com um namorado. Apesar de falar de modo claro, o tom era sedutor. O modo como ria e respondia. Ele a imaginava como um mapa de curvas sensuais. Parecia ter nascido e crescido em Los Angeles.

Ele deu uma mordida na barrinha e esperou o tribunal recomeçar, e o nível do barulho foi aumentando exponencialmente enquanto as pessoas se reuniam no corredor do tribunal, ondas de som ecoando das superfícies duras do lado de dentro.

No espaço aberto, o chão era de cimento e as paredes tinham revestimento de madeira, e não havia carpetes nem mobília para ajudar a distribuir o som. Os únicos lugares onde se sentar eram banquinhos capengas. Ele não queria se sentar. Já passava muito tempo sentado.

Se prestasse atenção, conseguiria ouvir bem.

À esquerda, havia dois hispânicos: um do México e outro de El Salvador. Eles falavam com o que pensavam ser voz baixa, mas o ouvido dele era tão treinado à mudança de tom que era como se eles estivessem usando um megafone.

Conversavam num espanhol a toda velocidade a respeito das notícias, principalmente os assassinatos horrorosos em West Valley. Ele havia ouvido diversas versões sobre a história do empresário bilionário, de sua esposa e de seu filho mortos a tiros no rancho gigantesco.

Não era irônico para caramba? Todo aquele dinheiro e o coitado não conseguiu nem sequer contratar seguranças leais. Mas é esse o problema com dinheiro. Atraía todos os tipos de desajustados e cretinos, mas normalmente, figuras sem proeminência não matavam. Em sua experiência limitada, os homicídios de gente importante eram cometidos por outras pessoas importantes, pessoas respeitáveis atoladas em alguma merda, com algo valioso a perder.

Ele continuou a ouvir a conversa em espanhol e riu sozinho. Os dois palhaços não paravam de chamar Guy Kaffey, o bilionário assassinado, de Señor Café, em vez de Kaffey. Como se o cara fosse um eletrodoméstico. Enquanto os homens continuavam conversando, passaram a falar mais baixo. Para ele, era estranho ver que os dois tentavam ter uma conversa em particular, mas estava claro que precisavam conversar. Ele notava a urgência em suas vozes. E eles provavelmente tinham que estar naqueles corredores vazios — como testemunhas, acusados ou acusadores. As pessoas não ficavam ali pela comida da lanchonete.

Havia leis severas para jurados que ouvissem conversas sobre casos atuais. Esse tipo de escuta poderia influenciar o resultado. Mas ele achava que não havia nada de errado em ouvir uma conversa casual.

A mulher a sua direita tinha desligado o celular. Parecia que agora estava procurando algo na bolsa. O farfalhar que causava quase abafava

a conversa em espanhol, que se tornava tão inaudível que ele teve que se esforçar para ouvir o que era dito. Não que o falatório deles fosse importante para ele, mas agora era questão de honra.

Eles ainda falavam sobre o assassinato dos Kaffey, e alguma coisa na intensidade da conversa chamou sua atenção. Então virou a cabeça lentamente na direção do som para absorver mais alguns decibéis. Ele prestou atenção quando ficou claro que os homens falavam sobre as mortes por conhecimento próprio.

O mexicano falava sobre um homem chamado José Pinon que estava desaparecido, e *el patrón*, o chefe, o procurava no México.

— Porque ele fodeu o filho — disse o salvadorenho.

— *¿Qué pasa?* — perguntou o salvadorenho. O que aconteceu?

A voz do mexicano era tomada de desdém.

— Ele ficou sem balas.

— *¡Ay... estúpido!* — disse o salvadorenho. — Então, por que outra pessoa não acabou com ele?

— Porque José é um retardado. Ele disse que pediu a Martin para fazer isso, mas sabe o que acho? Não acredito nisso. Acho que ele está encobertando suas idiotices e que pode se despedir. Martin está muito bravo.

O salvadorenho disse:

— *Martin es malo.*

Martin é mau.

— *Muy malo* — disse o mexicano —, *pero no tan malo como el patrón.*

Mas não tanto quanto o chefe.

O salvadorenho concordou com aquilo e disse:

— *José es un hombre muerto.*

José é um homem morto.

— *Realmente, absolutamente muerto* — acrescentou o mexicano. — *Hora para que él diga sus rezos.*

Muito morto. Deve começar a rezar.

Ele ouviu um oficial de justiça chamar o júri, e os homens pararam de falar. A mulher de voz rouca fechou a bolsa e estava se afastando dele. Imediatamente, ele ligou o rádio e começou a segui-la quando ela foi para o outro lado do corredor. Depois de alguns momentos, que ele sentiu que eles já estavam longe o suficiente dos dois hispânicos, deu um passo grande à frente e um tapinha no ombro dela.

De repente, Rina se virou e se viu frente a frente com Tom dos Óculos de Sol.

— Sim?

— Com licença — disse ele. — Meu nome é Brett Harriman e eu trabalho para o tribunal como tradutor. Acredito que você está na sala de um de meus casos. — Ela não respondeu e ele continuou: — Quero enfatizar que o que estou prestes a perguntar não tem nada a ver com aquele caso.

Rina ficou olhando para ele e esperou que continuasse.

— Hum... isso é esquisito. — Ele fez uma pausa. — Sei que vai parecer muito estranho, mas pode me fazer um favor?

Finalmente, ela disse:

— Depende do que seja. — Rina olhou o homem de cima a baixo. Brett Harriman, ou Tom Sorridente, parecia nervoso. Ela não conseguia ver os olhos dele atrás dos óculos, mas ele parecia intranquilo.

Ele passou a sussurrar, mas ainda parecia um ator.

— Por favor, por favor. Disfarce quando eu pedir para você olhar para um lugar. E sussurre, está bem?

Rina parou.

— O que diabos está acontecendo?

— Vou chegar nessa parte. O lugar onde você estava falando há poucos instantes enquanto falava ao celular. A alguns metros dali, há dois hispânicos conversando... não olhe fixamente para eles.

— Não vou...

— Sem olhar fixamente para eles e do modo mais casual que conseguir, pode descrevê-los a mim?

Involuntariamente, Rina olhou para os homens, e então, desviou o olhar. Quando olhou para a frente, os dois conversavam e não pareciam notá-la. Ela olhou mais algumas vezes, discretamente, e voltou a olhar para Tom/Brett, que não reagia a sua perplexidade.

E quando finalmente se deu conta *por que* ele estava agindo de modo tão firme, quase deu um tapa na própria testa por não ter percebido antes. Os óculos dentro do tribunal deveriam ter feito com que ela notasse, mas ele sempre se movera sem problema e sem ajuda.

Tom Cruise/Brett Harriman era cego.

Ela queria falar sobre isso, mas seria grosseiro. Então, sussurrou:

— Por que você quer saber sobre eles?

Ele respondeu:

— Descreva-os, por favor.

Rina olhou depressa de novo. Os homens pareciam ter vinte e poucos anos, de estatura mediana, e o da direita era levemente maior do que o da esquerda. O maior usava uma camisa polo preta. O menor, que falava mais, vestia uma camisa do Lakers. Os dois tinham as cabeças raspadas e tatuagens nos braços, mas os desenhos não tinham sido feitos por profissionais. A tinta caseira marcada na pele deles parecia mais descoloração do que arte real — uma cobra, uma cabeça de tigre, uma B12 — alguém era louco por vitamina.

Rina disse baixinho:

— Percebi que você tem problemas de visão, mas por que quer saber como aqueles dois homens são?

— Prefiro não dizer.

— Desculpa, mas se quer minha ajuda, precisa me dizer o que está procurando.

— É pessoal... — Harriman ouviu o oficial de justiça chamar o grupo 23. — Esqueça! É a minha sessão. Preciso ir. — E disse mais baixo: — Provavelmente é bobagem, de qualquer modo.

Ele ligou o rádio que segurava, colocou um dos fones no ouvido e se afastou, deixando Rina confusa e curiosa. Ela conseguiu olhar para os homens disfarçadamente mais uma vez. Os braços não eram muito musculosos, mas eles tinham mãos grandes. Usavam calça jeans e sapato com solado de borracha. Se ela tivesse que adivinhar, diria que eles provavelmente trabalhavam na construção civil.

Quando anunciaram a sessão, Rina foi para a fila com o restante do grupo, na frente da sala, e eles começaram a contagem para identificar quem estava presente. O jurado sete não estava presente, muito atrasado, e os jurados resmungaram. Ally, Joy e Kate se aproximaram de Rina.

Joy disse:

— O que você estava falando com o Tom Sorridente?

— Nada de mais — A mentira de Rina pareceu convencer a todos.

— Acho que ele gostou de você — disse Ally.

— Por que não? — perguntou Kate. — Olhe para ela.

— Ele é cego. — As três mulheres olharam para ela, e Rina continuou: — Ou tem problemas de visão. Ele usa aquele radiozinho como aparelho de orientação, meio como uma bengala eletrônica.

— Ah... — disse Kate. — Faz sentido. Sabia que alguma coisa estava estranha.

— Ele simplesmente se aproximou de você e disse que era cego? — perguntou Ally.

— Não, mas de perto é possível perceber.

— Como? — perguntou Joy.

— O modo como mexe a cabeça quando conversa com as pessoas... o modo como se mexe para um lado e para outro. — Na verdade, ele não fazia nada disso, mas pareciam coisas que um cego pudesse fazer. — Conversei com ele por uns trinta segundos.

— Por que falou com ele? — Joy quis saber.

— Ele perguntou que horas eram. Quando respondi, ele perguntou se era a minha primeira vez trabalhando com o sistema de justiça

criminal. Disse a ele que meu marido era policial. Então, ele se lembrou de mim e minha voz do *voir dire*, e que eu era a pessoa cujo marido é detetive. Então, a sessão dele começou e ele precisou ir. E foi isso.

Rina abriu um sorriso forçado para o grupo.

— Estava prestes a dar a ele a receita do *challah*, mas não consegui.

Ninguém riu.

O jurado sete apareceu sem fôlego e se desculpou muito pelo atraso. Com a presença dele, o oficial abriu a porta e o grupo começou a entrar. Suas novas amigas olhavam para ela, desconfiadas e se divertindo com a situação.

Talvez ela não tivesse mentido tão bem quanto pensou.

Decker entregou a Neptune Brady uma cópia da lista dos guardas de Oliver. Não só Scott havia incluído as tarefas de cada guarda, mas também conseguiu descobrir quem tinha antecedente criminal; um número surpreendente tinha. A maioria dos problemas eram conduta inadequada, mas havia meia dúzia de crimes graves entre os 22 nomes: outros oito entraram na lista de catorze.

Decker olhou para rosto de Brady. Estava claro que o chefe do grupo de segurança dos Kaffey não dormia havia muito tempo. Ele passou a mão pelos cachos escuros.

— Dê uma olhada e veja se tem algo a acrescentar.

Os olhos azuis de Brady analisaram a folha de cima a baixo.

— Me parece muito boa.

— Como conseguiu empregar tantos homens com passagem pela polícia?

— Não fui eu, tenente. — Brady suspirou. — Kaffey tinha coração mole com os desajustados.

— Sim, Grant Kaffey me disse algo sobre Guy contratar delinquentes, mas não consigo acreditar que você tenha concordado com isso. — Decker apontou um nome. — Essa prisão não foi por que

ele pichou muros. Este cara, Ernesto Sanchez, tem duas passagens por agressão...

— Veja as datas. As passagens foram há anos. Ele passou pela reabilitação anos atrás e retomou a vida. Não existe nada que cause mais pena do que um bêbado regenerado. Guy se envolvia em todos os tipos de programas para pessoas com problemas sociais. Era uma bosta, mas quando o Guy começava com isso, eu só concordava e fazia o que ele mandava.

Os olhos azuis de Brady estavam muito vermelhos. Ele havia trocado de roupas e vestido uma camisa de botões azul e um jeans de marca. Ele não parava de brincar com a gola da camisa.

— A consciência social fazia parte. A outra parte era que Kaffey era mão de vaca e eu tinha um orçamento limitado. Esses caras trabalhavam por pouco dinheiro.

— Está me dizendo que um cara rico como Guy Kaffey contratava caras porque eles cobravam pouco?

— *¡Exactamente, mi amigo!* — Ele suspirou de novo e passou as mãos no rosto. — O rancho é grande e se estende até algumas áreas públicas. Esse tipo de isolamento tem um preço. Apesar de todas as cercas, arame farpado e dos alarmes, o lugar tem dezenas de entradas e dezenas de saídas. É preciso um exército para cuidar de todos esses acessos, e o Kaffey não estava disposto a pagar por isso. Ele me dava nomes e números de telefone e eu dizia: “Claro, chefe!”

— Há 22 nomes nessa lista. É muita coisa.

— Eles não trabalhavam todos de uma vez — explicou Brady. — E a rotatividade era alta. Eu precisava de uma lista só para saber o que estava rolando. Kaffey me dizia que não precisávamos de gênios, só de corpos. Normalmente, só há quatro guardas por turno. Guy ficava feliz com isso, na maior parte do tempo.

— Quando ele não ficava feliz?

Brady fez uma pausa.

— Às vezes, ele se sentia vulnerável. Quando ficava assim, eu colocava dezenas de homens protegendo a propriedade.

— E na noite dos assassinatos?

— Quatro guardas foram contratados para trabalhar. Se Kaffey tinha pedido mais guardas, não ligou para que eu os providenciasse.

— Talvez ele soubesse que você estava ocupado cuidando de seu pai enfermo e não quis perturbá-lo.

A risada de Brady foi amarga.

— Você acha que o Kaffey tinha esse tipo de consideração com seus funcionários?

— Ele deixou você ir a Oakland para cuidar de seu pai até que ele melhorasse.

— Naquela época, meu pai estava à beira da morte. Ele não teve escolha. Eu iria mesmo que isso custasse meu emprego.

— Mas ele deixou você ficar em Oakland uma semana a mais.

— Não foi Guy Kaffey quem deixou, foi Gil Kaffey. Não que Gil não seja difícil, mas ele sabe ser humano. Guy gritava, era grosseiro e exigente. E então, do nada — e neste momento, ele estalou os dedos —, passava a ser o cara mais bacana e generoso do mundo. Eu nunca sabia qual Guy apareceria. O humor dele era imprevisível.

— Peguei algumas das matérias mais recentes feitas sobre Gil. Há nove meses, ele não era casado. Ainda está na mesma situação?

— Gil é gay.

— Certo. — Decker folheou algumas das matérias e leu o texto por cima. — Não há menção nenhuma a esse fato em nada do que li.

— De onde pegou essas reportagens?

— *Wall Street Journal... Newsweek... U.S. News & World Report.*

— Por que elas mencionariam que Gil era gay? Ele é um homem de negócios muito discreto, não é um líder do movimento LGBT.

— Ele tem um companheiro? — perguntou Decker.

— Não. Tinha um namorado há cerca de cinco anos, mas eles se separaram há uns seis meses.

— Nome?

— Antoine Resseur. Ele morava em West Hollywood. Não sei o que está fazendo agora.

— Por que eles terminaram?

— Não sei. Não era da minha conta.

— Vamos voltar a seus assuntos. Você fazia a segurança de Gil e também de Guy?

— Não, porque o Gil não queria que eu fizesse isso. Ele tem uma casa de seiscentos e cinquenta metros quadrados antiga em Trousdale e havia instalado nela um sistema de segurança de última geração. Às vezes, eu o via com um guarda-costas, mas na maior parte do tempo, ele sai sozinho.

— Guy e Gilliam Kaffey eram seus únicos empregadores?

— Sim, é um emprego em período integral e um pouco mais. Pelo pouco tempo que eu tinha para dormir, mais parecia um médico.

Brady esfregou a testa e balançou a cabeça.

— Eu sempre pedia mais dinheiro a Guy, não para mim, mas para poder contratar caras de nível melhor. Devo ter dito a Kaffey umas mil vezes que um pouco mais de dinheiro pode fazer maravilhas. Todos aqueles milhões... para que mais serve o dinheiro?

— Talvez ele tivesse perdido dinheiro no mercado.

— O índice de desemprego aumentou muito. Ele poderia ter escolhido entre seguranças de verdade. Por que escolheria fracassados de propósito?

— Difícil de entender — disse Decker.

— Impossível de entender, mas assim era o Guy. Num minuto, ele não se preocupava nem um pouco com sua segurança, e então, de repente, ficava paranoico. Eu entendia a paranoia. O que eu não entendia era a atitude relaxada. Você é um alvo. Por que relaxar com a própria segurança?

Um pensamento ocorreu a Decker:

— Ele usava medicamentos psiquiátricos?

— Converse com o médico dele — disse Brady.
— Era maníaco-depressivo?
— Chama-se distúrbio bipolar. — Brady bateu os pés no chão. —
Isso pode me custar meu emprego... — E riu. — Como se eu já não
estivesse atolado em merda.

Decker esperou.

Brady diz:

— É assim: quando Guy estava de... humor expansivo, falava de seu
problema com quem estivesse por perto. Dizia que a esposa queria que
ele tomasse lítio, mas que ele não queria fazer isso.

— Por que não?

— Guy dizia que quando tomava lítio, ficava estabilizado. Ele saía
do fundo do poço. O problema era que isso também controlava os
ápices. Ele dizia que não podia ficar sem eles. Com o humor
totalmente elevado, ele se arriscava. A ousadia desses momentos fez
com que ele se tornasse um bilionário.

A coletiva de imprensa tinha sido boa, apesar de Strapp ter tido pouco tempo para falar e aproveitar a atenção. Ele entrou na sala de Decker sem bater e fechou a porta com mais força do que o necessário. Decker olhou para a frente enquanto Strapp puxou uma cadeira e se sentou.

— O pessoal de cima decidiu que isso é grande demais para uma única Divisão de Homicídios.

— Concordo.

Strapp estreitou os olhos.

— Você *concorda*?

— Precisamos de uma força-tarefa. — Decker olhou para Strapp com seu terno azul-marinho, camisa azul-claro e gravata vermelha. O rosto do homem estava todo tenso, a linguagem corporal era de pressão, uma rolha esperando para explodir. — Qual o problema? Eles querem chutar isso para o centro da cidade para que um de seus homens cuide disso?

— Era essa a ideia. Eu lutei por você. Pensei que você quisesse que fosse assim.

O que significava que *Strapp* queria assim. A delegacia recebera muita atenção alguns meses antes, quando Decker e seus detetives da Homicídios resolveram um caso reaberto pela promessa de dinheiro de um bilionário. Strapp sentia cheiro de dinheiro de novo vindo dos Kaffey restantes se sua Divisão de Homicídios desvendasse o crime.

— Agradeço, capitão, e ficaria feliz em liderar uma equipe em tempo integral.

— Qual é a quantidade mínima de pessoas com as quais você consegue trabalhar e ainda manter o departamento funcionando?

— Com algo desse tamanho, eu diria oito. Uma equipe grande o bastante para cuidar de tudo, mas não grande demais para ser controlada.

— Comece com seis. Se precisar de mais, fale comigo.

Strapp tamborilou os dedos em cima da mesa de Decker.

— O comandante concordou que o caso fosse tratado a partir de West Valley. Mas você terá que me dar um relatório diário para eu poder responder ao comandante. Quantos detetives temos na Homicídios?

— Sete detetives em tempo integral, incluindo Marge Dunn e Scott Oliver, que já estão envolvidos. Se pudesse ficar com Marge, Oliver e Lee Wang em tempo integral, seria um bom começo.

— Lee para o trabalho de informática?

— Para isso e para as finanças. Ele é o único paciente o bastante para repassar colunas de números. Assim, sobrarão quatro detetives para a comunidade. — Decker analisou sua lista de detetives. — Da CCP, gostaria de pegar Brubeck, Messing... e Pratt. Todos eles já trabalharam na Homicídios. São os meus seis.

— São sete, contando com você.

— Ademais, se você me quiser nisso quase em tempo integral, alguém precisa me ajudar com minha papelada e com as novas questões que aparecerão e precisarão ser agendadas.

— Podemos conseguir uma secretária para isso.

— Não é só papelada, é psicologia. Preciso de alguém familiarizado com o pessoal. Que tal Wanda Bontemps? Ela já trabalhou comigo, entende de computador e pode cuidar das reuniões da força-tarefa.

— São oito.

— Foram os que eu disse que precisava — respondeu Decker com um sorriso.

Strapp se levantou.

— Oito por enquanto, Decker. Vamos ver mais para a frente. Quero uma lista de todos os escolhidos e suas atribuições. Também quero um resumo das decisões tomadas em três cópias: uma para você, para mim e para o comandante. Pode cuidar de sua papelada, mas vou precisar de algo escrito para mandar para o centro da cidade.

— Compreendo, senhor. — Decker sorriu. — Enviarei relatórios atualizados.

Demorou mais do que o esperado para montar a equipe porque Brubeck estava em outro trabalho e Pratt tinha uma consulta de emergência no dentista. Quando Decker finalmente reuniu todos eles, viu sete detetives muito dispostos. Marge havia preparado um resumo do caso, apressando os outros. Enquanto falava, os novos detetives convocados escreviam sem parar à caneta em seus blocos de anotações, menos Lee Wang e Wanda Bontemps, que faziam anotações em seus laptops.

Wynona Pratt parecia estar anotando todas as palavras. Veterana há uma década, ela tinha quarenta e poucos anos, 1,78 m e era magra e esguia. Seu rosto era comprido e os cabelos de tom palha eram mais curtos do que os de Decker. Já havia trabalhado com homicídios na Pacific Division, e o *feedback* sobre ela tinha sido bom.

Ela havia se transferido a West Valley alguns anos antes e acabou em Crimes Contra Pessoas — CCP — enquanto esperava uma vaga ser aberta na Homicídios. Até que isso acontecesse, ela fazia seu trabalho bem e com eficiência.

Com sessenta e poucos anos, Willy Brubeck vinha falando sobre se aposentar nos últimos dez anos. Mas quando chegou o momento de entregar seu distintivo, ele decidiu ficar mais um ano. Decker ficou feliz por tê-lo no grupo. Veterano há 35 anos, Brubeck havia trabalhado na Divisão de Homicídios em South Central por vinte

anos. Quando o último de seus cinco filhos finalmente saiu de casa, Willy e sua esposa, Daisy, decidiram comprar uma casa menor em uma região menos congestionada em San Fernando Valley. Brubeck tinha rosto redondo, olhos vivos e uma pele morena que normalmente era marcada pela barba grisalha por fazer. Ele era risonho, e comer era um de seus passatempos preferidos: 1,80 m e 130 quilos, com pressão alta. Mas Brubeck gostava de filosofar. A vida era para ser vivida, não para fazer dieta.

Andrew Messing havia entrado para a Polícia de Los Angeles cinco anos antes, depois de se mudar de Mississippi, onde trabalhou na Divisão de Homicídios por cinco anos. Drew tinha um rosto pueril com um sorriso travesso. Já havia se divorciado duas vezes, e Decker acreditou que ele seria um bom membro porque não tinha obrigações pessoais. Oliver gostava dele. Ultimamente, os dois andavam frequentando bares e Scott usava Drew como isca. Não era nada mal que Messing tivesse cabelos encaracolados, sorriso largo e um sotaque agradável do sul.

Lee Wang tinha paciência infinita para desvendar enigmas e colunas de números. Ele era um policial de terceira geração e também um americano de terceira geração. Não falava nem uma palavra de chinês, mas falava espanhol com fluência: era útil com a comunidade latina cada vez maior no West Valley.

Decker conhecia Wanda Bontemps da época em que trabalhava nas ruas. Desconfiava de que ela preferiria investigar do que organizar, mas ela estava feliz por ele tê-la escolhido para ajudá-lo, colocando-a em uma posição de autoridade. Decker sabia que ela não abusaria da confiança. Tinha cinquenta e poucos anos, uma mulher negra e atarracada com cabelos loiros e curtos e olhos penetrantes. Assim como Wang, era afeita à informática, e entre suas muitas qualidades, estava sua capacidade de consertar sistemas operacionais.

Depois do resumo de Marge, ficaram muitas perguntas, estendendo o tempo de reunião para mais de duas horas. Decker pediu um

intervalo de dez minutos para o café e quando o grupo voltou a se reunir, ele estava de pé diante do quadro branco no qual escrevera uma lista de tarefas que precisavam ser realizadas. Colocou o copo de café sobre a mesa e disse:

— Item número um. Precisamos interrogar todos os seguranças contratados por Guy Kaffey; antigos e atuais. Descubram o que eles estavam fazendo na noite do assassinato e voltem a checar a ficha deles.

— Decker passou uma lista de papel a todos da sala. — Nesta lista, não estão os dois seguranças que não estavam trabalhando na noite dos assassinatos. Eles serão investigados individualmente. Se, em suas investigações, você encontrarem mais um nome, contem a todos, entenderam?

Todos assentiram.

— Scott Oliver pesquisou os antecedentes. Vocês podem ver que temos bandidos na lista. De acordo com Neptune Brady e Grant Kaffey, Guy Kaffey tinha mania de contratar membros de gangues regenerados.

Foram ouvidas expressões de surpresa ao mesmo tempo, variando de “Não acredito” a “Que loucura”.

— Por isso todos precisam ser interrogados, e seus álibis precisam ser muito fortes. Alguns desses homens são bons candidatos a culpados. Preciso de duas pessoas nisso.

Brubeck foi o primeiro a levantar a mão, seguido por Messing.

— Certo, Drew e Willy, são vocês.

Decker passou mais papéis, e a maior parte estava presa com clipe.

— Este maço tem todas as informações forenses recolhidas na cena até agora. Acredito que o IML já quase terminou de analisar os corpos das vítimas. Uma lista parcial de evidências inclui impressões parciais e latentes, cabelos, saliva, fluidos e células da pele. Drew e Willy, levem um kit de impressões com vocês durante o interrogatório e veja quem cede as impressões. Levem também um kit para identificação do DNA. É mais caro de processar, mas mais fácil de coletar.

Messing levantou a mão.

— Tenho uma pergunta.

— Sim?

— Tive a impressão de que as vítimas tinham sido mortas a tiros — disse Messing. — Que tipo de saliva e fluidos você encontrou que possam ser interessante?

— Encontramos umas bitucas de cigarro e um palito de dente. Estamos tentando puxar o DNA deles.

— Copos de papel descartados são bons para identificar DNA quando as pessoas se recusam a ceder uma amostra — disse Messing.

— Temos dinheiro para o café?

— Desde que não comprem nada de espuma nem de chocolate. — Decker se virou para Wanda. — Você não tem que colocar essa rápida conversa nos registros.

Wanda sorriu.

— Eu já sabia.

— Seguindo em frente... — Decker folheou as páginas. — Parece que encontramos dois tipos de armas: uma Smith e Wesson Night Guard .38, provavelmente modelo 315, e uma Beretta 9 mm. Quero saber quais eram as armas que cada um dos guardas usava rotineiramente. Perguntas?

— Estou tranquilo — disse Brubeck.

— Eu também — concordou Messing.

Decker disse:

— É isso o que temos até agora. Dunn e Oliver ainda estão reunindo provas de outros lugares da propriedade, então pode haver mais. Assim, chegamos ao item número dois.

Ele fez um sinal ao lado dele no quadro branco.

— O local não foi vasculhado. São cerca de 28 hectares. Precisamos de alguém para organizar e liderar uma busca muito meticulosa. Isso deve ser feito e realizado de 24 a 48 horas. Quem está interessado?

— Eu faço. — Wynona se ofereceu.

— É seu — disse Decker. — Vou lhe dar oito uniformes no dia da busca. Vamos marcar para depois de amanhã, seis da manhã. Você vai precisar de todo fóton de luz que puder usar. Estarei lá, mas terei que ir embora às cinco, já que é sexta-feira. Além disso, você provavelmente não vai acabar em um dia. Você tem problema em trabalhar no fim de semana?

— Eu, não. Não sei as pessoas que vão trabalhar comigo.

Decker disse:

— Coordene com o tenente Hammer e diga a ele que precisará de oito homens para trabalhar durante o fim de semana.

— Ligarei para ele assim que terminarmos.

— Faça uma busca primeiro. Depois, preciso de um desenho de toda a propriedade com todos os portões, portas e cercas muito bem marcados. O lugar é protegido, mas com uma área tão grande, deve haver pontos vulneráveis.

Wynona escrevia do jeito mais rápido que conseguia.

— Entendi.

— No domingo de manhã, às seis, encontrarei você na entrada principal e você poderá me mostrar o que tem. Assim, quando a equipe se encontrar de novo na segunda, terei o resultado de seu trabalho para todos.

Ele se virou a Marge e a Oliver.

— Certo, entendi que vocês dois conseguiram permissão para entrar na casa principalmente e nas dependências dos empregados?

Marge disse:

— Recebemos permissão de Grant e de Gil para entrar na casa...

— Conversou com Gil desde ontem?

— Conversei com o advogado dele — disse Oliver. — Apesar de não sabermos de nada específico, ele está se baseando no fato de que os filhos herdarão o rancho.

— Interessante. O que mais descobriram sobre a herança?

— Estamos cuidando disso — disse Marge.

- Quando você acha que poderá falar diretamente com Gil?
- O médico disse que alguém pode ir amanhã e ficar uns minutos.
- Em qual horário?
- Quando ele estiver acordado — respondeu Marge.

Oliver disse:

— Fizemos a casa principal e estamos no quarto de Neptune Brady. Paco Albanez, o jardineiro, e Riley Karns, o tratador dos animais, nos deram permissão para analisar o quarto deles. Há mais lugares pelos quais precisamos passar. Provavelmente, terminaremos tudo este fim de semana e poderemos mostrar o que descobrimos na segunda.

Pratt perguntou:

- Quantas construções há no rancho?

Marge se virou para Oliver.

- Quantas? Oito?

— Nove.

— Mais alguma pergunta? — Ninguém disse nada, então Decker falou: — O próximo item da lista é para você, Lee. Preciso que você consiga todos os dados que puder sobre a família: informações pessoais e dos negócios. Analise cada membro da família, seus cônjuges, seus filhos, seus sócios. Analise também tudo o que puder sobre as indústrias Kaffey e sobre o projeto Greenridge em Nova York, perto do rio Hudson. Também quero que descubra tudo o que conseguir sobre a Cyclone Inc. e seu CEO, Paul Pritchard.

Decker escreveu os nomes no quadro branco e explicou o projeto de um bilhão de dólares atualmente encabeçado por Mace e Grant Kaffey.

— Quero que tudo seja analisado, por mais trivial que pareça: qualquer matéria, qualquer análise, qualquer nota, qualquer carta ao editor, qualquer publicação...

— Qualquer coisa que ajude a entender a família e os negócios — disse Wang.

- Exatamente — respondeu Decker.

— Comecei uma pesquisa pelo Google. Mais de dois milhões de resultados. Seria bom que alguém me ajudasse.

— Voluntários? — perguntou Decker.

Wanda levantou a mão.

— Não sou expert em computação, mas posso procurar matérias.

— Eu também — disse Messing.

— Ótimo. — Decker prosseguiu. — Também tenho uma pista sobre um funcionário possivelmente insatisfeito, um executivo de contas chamado Milfred Connors. — Decker escreveu o nome no quadro. — Connors trabalhava como contador para as indústrias Kaffey e foi pego realizando uma fraude por ninguém menos do que Neptune Brady. É só o que sei sobre o caso. Vou falar com Brady. Quem quer o Connors?

— Eu — disse Brubeck.

— É seu, Willy — disse Decker. — Marge e eu começamos a conversar com Grant e Mace Kaffey. Continuaremos com eles, já que ninguém foi descartado.

Oliver disse:

— Isso é bom. Os ricos só gostam de lidar com os cabeças.

— Nesse caso, eles provavelmente tentarão passar por cima da minha cabeça — disse Decker. — Não importa. Cuido deles. Sou conhecido por ser diplomático.

Todos começaram a rir.

— Epa, epa, epa — Decker gritou. — Não tem tanta graça assim.

Wanda disse:

— Tiro isso do registro também?

— Por favor. — Decker sorriu. — Também entrarei em contato com o ex-namorado de Gil, um homem chamado Antoine Resseur. Lee, se puder descobrir coisas sobre ele antes de eu fazer o interrogatório, seria útil.

— Sem problema. Pode escrever o nome no quadro?

Decker concordou.

— Certo, mais uma informação interessante sobre a família. Pode ser que Guy Kaffey tenha sofrido de depressão maníaca, conhecida agora como distúrbio bipolar. Não sei se é relevante, mas numa fase maníaca, pode ser que ele tenha ameaçado alguém. Lee, quando procurar as matérias, tenha isso em mente. Vou falar com o médico dele. Estão acompanhando? Perguntas?

Ninguém levantou a mão e Decker se virou para Marge e para Oliver.

— Quando terminarem de recolher as evidências nas construções, quero que voltem e interroguem Brady, Kotsky, Riley Karns, Paco Albanez, e a empregada que sobreviveu, Ana Mendez, mais uma vez. Repassem as histórias que eles contarem. Se suspeitarem que eles estão faltando com a verdade, falem comigo. Mais alguma coisa sobre os guardas desaparecidos?

Marge disse:

— Estamos em contato constante com a família de Denny Orlando, por enquanto, nada sobre Rondo Martin. Recebemos alguns telefonemas do delegado de Ponceville. Talvez tenhamos que fazer uma busca...

Brubeck interrompeu.

— Desculpa, mas você acabou de dizer Ponceville?

— Sim — disse Marge. — Por quê? O que está acontecendo, Willy?

— A família de minha esposa tem uma fazenda a cerca de 17 quilômetros a leste do centro da cidade de Ponceville. — Willy sorriu. — Não faça essa cara de surpresa. Os negros cuidam da terra há séculos. A única diferença é que agora recebemos por isso.

Wanda disse:

— Eu sei. Tire isso dos registros.

Decker disse:

— O que você sabe sobre Ponceville, Willy?

— É uma das maiores comunidades agrícolas na Califórnia que não foi comprada pelo agronegócio. Pessoas trabalhadoras... a maioria é

branca, mas há alguns negros e muitos imigrantes mexicanos. Uma cidade inteira deles perto das fazendas. Pessoalmente, nunca ouvi falar de Rondo Martin, mas se ele trabalhou em Ponceville nos últimos vinte anos, posso descobrir algo sobre ele com alguns telefonemas.

— Faça isso.

— É claro que uma viagem seria melhor.

— Provavelmente posso conseguir dinheiro para irmos lá, mas comecemos com os telefonemas.

Decker apontou o item seguinte no quadro.

— Certo, alguém precisa averiguar a empregada assassinada — Alicia Montoya. Parece que os alvos eram os Kaffey e ela acabou se dando mal. Mas não podemos concluir nada. Quando Dunn e eu conversamos com Gil, ele indicou que podeter ouvido alguém falar espanhol durante o ataque. Talvez um namorado ciumento da empregada pensou que ela estivesse tendo um caso e os Kaffey podem ter entrado nisso sem querer.

Ninguém ali acreditava nisso.

— Já me surpreendi antes — disse Decker . — Lee, você fala espanhol. Converse com a família de Alicia.

— Seria bom ter um parceiro para ter certeza de que meu espanhol está bom.

Pratt levantou a mão.

— Não consigo ler Cervantes, mas falo espanhol de rua.

Decker disse:

— Certo, vocês dois ficam com Alicia Montoya. Vamos ao último item no quadro: as informações que receberemos por telefone. Até agora, recebi cerca de vinte telefonemas, mas os números podem subir, principalmente se a família oferecer recompensa.

Oliver resmungou.

— Se fizerem isso, o número vai até a lua.

— Eles estão oferecendo recompensa? — perguntou Marge.

— Não sei. Mas suspeito que oferecerão, porque é de bom tom, se não for por nenhum outro motivo. Independentemente de quantas pistas apareçam, teremos que checar todas.

Oliver perguntou:

— E quem vier pessoalmente? Sempre aparece alguém.

— Eu cuido dessas pessoas — respondeu Decker. — Deixe-me lembrar que somos funcionários públicos. Tratamos a todos com respeito e dignidade. Quando as pessoas falarem, não ajam automaticamente. Ouçam com atenção porque nunca sabemos quem ou o que vai resolver o caso. Mais alguma pergunta?

Ninguém disse nada.

— A reunião está oficialmente finalizada. Vocês têm suas listas, seus papéis e canetas. Mais importante ainda, vocês têm seus olhos, seus ouvidos e suas pernas. Agora, vamos lá resolver homicídios.

Os dois policiais parados na frente da sala da UTI onde Gil Kaffey estava confundiram Decker por um momento porque ele havia aprovado só um, o que estava uniformizado. Quando se aproximou da área, percebeu que o segundo sentinela era um contratado. Ao verem Decker se aproximar, os homens pararam de conversar, se endireitaram, com as pernas abertas e os braços atrás das costas, e o observam com desconfiança. Decker mostrou o distintivo para o que estava de uniforme, policial de Los Angeles, um homem de mais de cinquenta anos com cabelos grisalhos chamado Ray Aldofar, cuja barriga já estava meio protuberante. No crachá do contratado, estava escrito Pepper. Era jovem, em forma, baixo e tinha olhos obstinados.

— Senhores — disse ele.

— Tenente — respondeu Aldofar. Ele fez as apresentações a Pepper e o chamou de Jack.

Foi a vez de Decker ficar atento.

— Quem contratou você para cuidar do quarto, sr. Pepper?

— O sr. Kaffey insistiu que deveria haver alguém de sua equipe particular. — A voz dele era séria.

— Qual sr. Kaffey?

— Grant, Mace e Gil.

Decker olhou pelo vidro da UTI.

Gil estava dormindo e ainda estava ligado a uma série de tubos.

— Gil Kaffey está em condições de contratar seus seguranças?

Aldofar interrompeu.

- Eu estava aqui quando eles trouxeram Jack, tenente.
- Quem são *eles*?
- Grant Kaffey e um cara grande chamado Neptune Brady. Ele é o chefe da segurança dos Kaffey.
- Sei quem é Neptune Brady.

Aldofar não disse nada. Pepper disse:

— O sr. Kaffey e o sr. Brady me contrataram para fazer um trabalho. Eu fui aceito pela segurança do hospital.

— Eu não aceitei você. — Quando Pepper se remexeu, Decker continuou. — Tenho certeza de que você é bom no que faz, mas eu estou investigando um múltiplo homicídio. Preciso saber quem tem acesso a Gil Kaffey e como você não responde a mim, pode deixar passar algo de que preciso.

Pepper permaneceu na defensiva.

- Os Kaffey têm o direito de me contratar.
- Exceto se isso interferir numa investigação de homicídio.

O que quer dizer: como posso saber se Mace ou Grant Kaffey participaram dos assassinatos? Decker disse a Aldofar:

- Preciso ver a lista de visitantes.

O policial pegou seu caderno e virou várias páginas.

- Aqui está... todo mundo que entrou e saiu do quarto, como pediu.

Decker pegou a lista. A maioria dos visitantes tinha sido de funcionários do hospital: o dr. Rain, médicos residentes e enfermeiras. Da família, havia Grant e Mace, que tinham ido quatro vezes juntos. Grant havia visitado mais quatro vezes sozinho. Em duas delas, ele levava Neptune Brady consigo, e Brady visitou duas outras vezes sozinho. Antoine Resseur — ex de Gil —, havia ido duas vezes. Como só pessoas com permissão tinham obtido acesso, não houve outros visitantes. Houvera pelo menos 12 tentativas de entrega de flores ao quarto do hospital e à UTI; os buquês foram enviados à família em Newport.

Decker devolveu o bloco de anotações a Aldofar.

— Fique de olho. Registre minha entrada nessa lista.

Ele olhou para Pepper.

— Sei que você tem um trabalho a fazer, mas eu também. Vamos tentar não pisar no pé um do outro. É melhor para o senhor, porque meus pés são maiores.

* * *

Quando os olhos de Gil se abriram lentamente, seu rosto se contorceu de dor e ele gemeu. Em poucos segundos, uma jovem enfermeira loira, chamada Didi, estava ao lado dele injetando algo no soro.

— Demerol — disse a Decker.

— Isso vai fazer com que ele durma de novo?

— Talvez.

Decker esperou. Gil fechou os olhos e os abriu várias vezes. Depois de cerca de dez minutos, conseguiu olhar para ele com pálpebras meio fechadas.

— Eu conheço você?

— Tenente Peter Decker da polícia de Los Angeles, sr. Kaffey. Estou investigando o que aconteceu no rancho. Como se sente?

— Péssimo.

— Sinto muito.

Quando ele puxou uma cadeira, a enfermeira Didi perguntou:

— Conversou com o dr. Rain?

Gil disse:

— Deixe-o... deixe-o.

— Só alguns minutos — Didi disse a Decker. — O fato de ele conseguir falar não quer dizer que deveria ficar falando.

— Não vou esgotá-lo — disse Decker.

— Você é... o cabeça?

— Estou liderando a investigação, sim. Há muitas pessoas trabalhando nisso, e qualquer coisa que puder contar pode ajudar.

— Eu me sinto... bem... mal. — Ele mexeu a cabeça.

— Mal.

— Dói ser baleado...

Os olhos se abriram e ficaram assim.

— Já...

— Sim, já levei tiro. Dói.

— Arde pra diabo.

— Arde.

Gil mexeu a cabeça.

— Eles disseram *sí, sí*... eu ouvi.

Decker pegou o bloco de anotações.

— Os homens que o atacaram falavam espanhol?

— É... *sí, sí*.

— O senhor fala espanhol?

— Não... somente *sí, sí*.

— Reconheceu mais alguma palavra?

— Aconteceu... depressa.

— Tenho certeza de que estava em choque. Quantas pessoas o atacaram?

Silêncio.

Decker disse:

— Às vezes, ajuda se fechar os olhos e vir a cena como se fosse um filme ou uma foto em sua mente.

Ele fechou os olhos.

— Vejo um... dois... — Ele os contava na mente nebulosa. — Três...

— O rosto, pálido no começo, ficou meio acinzentado. — Luz nos meus olhos... e então, bang... Bang, bang, bang!

Bip, bip, bip foi o barulho do monitor. O coração de Gil se acelerou.

— Tão *alto*! Doeu minha cabeça!

Didi, a enfermeira, disse:

— Você o está perturbando. Vai ter que sair!

Gil ainda estava falando, os olhos se moviam depressa sob as pálpebras fechadas.

— Aconteceu como... — Ele tentou estalar os dedos e seus olhos se abriram. — Meu coração... acelerando. Estou fugindo... Sinto fogo... Caio.

Didi estava prestes a injetar mais Demerol, quando ele disse:

— Pare!

Ela e Decker se assustaram. Gil gritou:

— Pegue... *os malditos!*

— Temos o mesmo objetivo, sr. Kaffey — disse Decker. — E o rosto deles? Consegue descrever algum deles?

Os olhos se fecharam um pouco.

— Um... dois... três deles.

— O senhor se lembra de três pessoas atacando.

— Três pessoas...

— Pode descrevê-las? — perguntou Decker.

Lágrimas se formaram nos olhos de Gil.

— Malditos... o que estava com a arma... eu vi a arma... ele tinha tatuagens.

— Que tipo de tatuagens?

— Beexiiseelele... — Ele piscou, e as lágrimas escorreram por seu rosto.

— Perdão?

— As letras... B... X... L... L.

Decker pensou por um momento.

— Poderia ser B-X-I-I com I maiúsculo?

— Talvez.

A gangue Bodega 12th Street tinha homens bem maus, a maioria deles de El Salvador e México. Ela havia se originado na divisão Ramparts anos antes, mas se espalhou como câncer em todos os Estados da união. Eram cerca de cinquenta mil criminosos mal

organizados. Havia homens no comando, mas a maioria dos desgraçados eram traficantes e criminosos barra-pesada. Era uma das gangues mais violentas do país.

Gil era um cara de sorte.

— Ele tinha as letras B-X-I-I tatuadas no braço — disse Decker. — Sabe em qual braço?

Gil respirava com dificuldade.

— Mão direita. Braço direito.

— Então, o braço dele estava exposto?

Gil não respondeu.

— Usava blusa de manga curta?

— Camiseta preta.

— Certo — disse Decker. — Outras tatuagens?

— Sim... com palavras em espanhol. Algo *negro*.

— *Negro* é preto em espanhol. Consegue fechar os olhos e ver esse braço... e me dizer outra palavra?

Gil fechou os olhos.

— G... A... — Balançou a cabeça.

— Poderia ser G-A-T-O? *Gato* quer dizer gato mesmo. Então, *gato negro* seria gato preto.

Nenhuma resposta. Os olhos de Gil se fecharam, mas continuaram se movimentando sob as pálpebras.

— Consegue ver o rosto do homem, sr. Kaffey?

— Eu... mais tatuagens... — Ele tocou o pescoço. — Uma cobra... B...
1 ou algo assim.

— B12?

Gil abriu os olhos.

— Conhece as tatuagens?

— Conheço algumas tatuagens de gangue. B12 e BXII são duas delas.

— Gangues... por quê?

A resposta mais provável era que alguém contratara homens da Bodega 12th Street. Mas sem suposições.

Ainda não.

— É o que precisamos entender. Seus pais mantinham objetos de valor em casa?

— Havia... guardas.

— Alguns dos guardas desapareceram.

— Quem?

— Rondo Martin e Denny Orlando. Talvez outros também.

— O Denny, não. — Pausa longa. — Meu pai gostava do Rondo.

— Você conhecia os homens?

— Denny é bom... Rondo é frio. — Gil ergueu uma mão ligada a um tubo e a levou ao rosto. — Olhos frios.

— Bom saber. — Decker tentou mantê-lo sob controle. — As tatuagens ajudam muito. Você viu o pescoço... seus olhos podem se voltar um pouco mais ao rosto?

Gil fechou os olhos e ficou quieto por muito tempo, a ponto de Decker achar que ele havia voltado a dormir. Sua voz estava muito baixa.

— Olhos escuros... um trapo na cabeça. — Ele soltou o ar. Tocou o queixo. — Um tufo de pelos embaixo do lábio... — Mais um longo período de silêncio. Lágrimas escorriam por seu rosto. — E então, a luz e meu pai... — Mais lágrimas. — Comecei a correr... estou muito cansado.

Delicadamente, Decker deu um tapinha no braço dele.

— Conversaremos mais quando você estiver se sentindo melhor.

Ele fechou os olhos. Decker esperou até Gil dormir. Só Deus sabia os sonhos que esperavam por ele.

Quando a porta do elevador se abriu, o dr. Rain saiu.

— Tenente.

— Dr. Rain. — Decker saiu do elevador. — Acabei de ter uma conversa breve com Gil Kaffey. Ele estava muito mais coerente do que na primeira vez em que o vi.

— Espero que o senhor não o tenha cansado. Gil precisa conservar sua energia para se curar. — Ele olhou no relógio.

— Procure fazer com que os próximos interrogatórios sejam curtos.

— A enfermeira Didi chamou o senhor?

— Chamou, e fez certo.

— Tomarei mais cuidado — disse Decker. — O senhor sabe quem era o médico que cuidava de Guy Kaffey?

— Para receber informações médicas, o senhor terá que falar com a família. Não tenho liberdade para falar sobre isso.

— Descobri que ele usava medicação para tratar distúrbio bipolar.

— Não sei. Guy Kaffey nunca foi meu paciente, então não posso falar nada sobre isso. — Os dois ouviram quando o médico foi chamado por mensagem. — Preciso ir, mas por favor, tenente, que relevância algo assim tem para solucionar um homicídio?

— Ajuda a sabermos o máximo que pudermos sobre a vítima. — Decker pressionou o botão do elevador para descer. — Dizem que homens mortos não falam, mas se prestar atenção, verá que eles falam, sim.

A pasta tinha resumos de cada membro do clã dos Kaffey. Wang disse:

— Acreditei que uma visão geral ajudaria nós dois e talvez satisfizesse os superiores até que pudesse estudar todas as ocorrências. Se eu imprimisse todas as matérias, desmataríamos um país inteiro da América do Sul.

— Não tem como fazer isso. Não é bom nem eficiente. — Decker olhou para a primeira manchete: Guy Allen Kaffey. Wang havia incluído uma biografia breve sobre Guy, Gil, Grant, Gilliam e Mace.

— Estes são os elementos principais das indústrias Kaffey.

Wang entregou a ele uma pasta à parte.

— Mace tem um filho chamado Sean e ele trabalha em uma das grandes firmas de corretagem. Não sei por que ele não está envolvido com os negócios da família —, talvez ele seja um cara independente —, mas por ser diferente, chamou minha atenção.

— Os diferentes merecem ser analisados de novo. — Decker assentiu. — Obrigado. É um começo. Envie duas cópias a Strapp. O que está fazendo agora?

— Voltei para o computador. — Wang se espreguiçou. — Por mais ergonômico que o ambiente seja, ainda saio com as costas doendo por causa da postura ruim, sinto os punhos ardendo depois de tanto digitar e meus olhos estão cansados de tanto olhar para uma tela de computador. O homem não foi feito para trabalhar sentado.

— E eu não sei? A maior parte de meus últimos anos como tenente, passei com o traseiro grudado a uma cadeira. Mas não estou reclamando.

— Nem eu. Faz muito tempo desde que estive na linha de fogo. Às vezes, acho que sinto falta, mas aposto que não sinto, não.

Decker disse:

— Quando consigo realizar um trabalho de polícia de verdade, é muito bom. Então, levo um tiro e fico curado por um tempo.

— Sim, a última foi por pouco. O que aconteceu com o maluco?

— Ele está na Patton State.

— Ele matou o cara atrás de você, certo?

— Isso. Ele queria acertar o cara atrás de mim. O cara era bem maluco, mas felizmente para mim, sua mira foi boa.

Segurando o copo de café, Decker se sentou à mesa e pegou os resumos de Lee Wang, fazendo anotações nas margens com seu garrancho ilegível.

A data de nascimento de Guy Allen Kaffey indicava que ele tinha sessenta anos. Nasceu em St. Louis, Missouri, de pais imigrantes que

há muito haviam morrido. Um aluno péssimo, Guy havia saído do ensino médio aos 16 sem habilidade para o mercado. Mas como ele contou à *Business Acumen Monthly*, “Eu tinha lábia melhor do que qualquer pessoa no mundo. Isso significava que eu podia ser um DJ ou um vendedor”.

Ele escolheu o mercado imobiliário. Sem dinheiro, começou a vender casas logo depois de deixar o ensino médio e, dentro de um ano, já tinha juntado dinheiro suficiente para dar início a sua própria empresa imobiliária. Como ele contou à revista, “Meu primeiro empregado foi meu irmão de 16 anos, Mace. Assim como eu, ele estava prestes a ser reprovado no ensino médio, mas quando saiu, pelo menos, conseguiu um emprego. Ainda assim, meus pais não conseguiam ver onde tinham errado. Mas, na verdade, eles tinham acertado”.

Cinco anos depois, Guy Kaffey começou no Centro-Oeste e mudou sua empresa para a Terra da Oportunidade, deixando o mercado residencial de imóveis para assumir o comercial. Aos 22 anos, Guy tinha seu primeiro milhão no banco. Três anos depois, ele se tornou multimilionário. A *Forbes* apontou Kaffey como bilionário quando completou a idade avançada de trinta anos.

Aos 31, conheceu sua esposa, Jill Sultie, à mesa de jogo em Vegas depois de pedir à bela mulher ao lado dele para que soprasse seus dados. Naquela noite, ele saiu com cem mil de lucro e perguntou se a bela mulher gostaria de comemorar jantando com ele. Faíscas voaram naquela noite. O caso foi intenso e, quatro meses depois, eles estavam casados.

“Foi o destino”, Kaffey disse ao e-zine *Corporations USA.com*. “Ela havia se divorciado pouco tempo antes e eu entrei na vida dela no momento certo.”

A pedido de Guy, Jill mudou seu nome para Gilliam para que eles pudessem ser G e G, ou como Guy costumava dizer quando apresentado: “Somos dois grandes.”

Nasceram dois filhos: Gil, sete meses depois do casamento, e Grant, dois anos depois. A família era coesa, apesar de Gil e Grant considerarem Guy como o “chefe”.

A estrada financeira para os bilhões nem sempre foi estável. Houve obstáculos e, às vezes, até trincheiras e fossos. O CEO Guy Kaffey quase tinha ido à falência 15 anos antes devido a uma crise no mercado imobiliário, à má administração e acusações de fraude direcionadas ao presidente da empresa e ao segundo no comando, Mace Kaffey.

Decker se endireitou. Ao sublinhar a frase, logo pensou em Milfred Connors, o executivo de contas acusado que foi pego por Neptune Brady em ações ilícitas. Havia uma ligação entre Connors e Mace Kaffey?

Parecia que os irmãos estavam envolvidos em processos que duravam muitos anos, e nem Mace nem Grant achavam importante mencionar. Talvez fosse porque as coisas se resolviam no fim.

Mace continuou nos negócios, mas não mais no quadro de diretores. Recebeu um novo título de vice-presidente da East Coast Operations, que acabou sendo gerenciada pelo filho mais novo de Guy, Grant.

O restante do resumo tratava do Projeto Greenridge, com alguns analistas dando a entender que era a última tentativa de Mace se redimir com a empresa.

Se fosse o caso, Mace parecia estar em apuros. Desde o começo, a Greenridge esteve empestada de problemas. O local exigia diversos relatórios de impacto ambiental que resultaram em muitas mudanças de planos. Por fim, o projeto chegou a um design que foi aprovado, mas os atrasos e os custos adicionais, aliados a uma crise na economia e nos déficits financeiros tinham aumentado em cinco vezes o orçamento original. Havia um trecho do *Journal of News and Business* a respeito do Projeto Greenridge:

Não está na hora de Guy Kaffey fazer o que deveria ter feito anos antes? Tirar da tomada seu irmão peso-morto, Mace? A lealdade

fraternal é um traço admirável, mas uma empresa — ainda que seja uma empresa privada — não pode ser gerenciada na base dos sentimentos.

Se Mace se dedicasse ao Projeto Greenridge, o que faria Grant? Ele também não era parte dele? Se havia problemas, por que Mace seria o bode expiatório, e não Grant?

O último parágrafo da sinopse era: “Um olhar sobre Guy Kaffey”, da *PropertiesInc.com* que tinha mais a ver com Guy, o cara, do que Guy, o homem de negócios. Seus amigos falavam sobre a exuberância de Guy: seus inimigos o descreviam como um esquentadinho.

Era conhecido por seus acessos de raiva, e seu humor podia mudar de uma hora para outra. Guy era descrito como corajoso e ousado, mas também como minucioso e meticuloso.

Decker se perguntou em que medida as explosões dele tinham a ver com um possível distúrbio bipolar. Ele processou o irmão num acesso maníaco ou não? Certamente pareceria que as acusações não eram justificadas se Guy concordasse em contratar Mace de novo.

Decker colocou o resumo sobre Guy na mesa e passou a analisar Mace. Não havia nada muito esclarecedor no resumo. Mace havia abandonado os estudos no ensino médio. Trabalhava com seu irmão. Mudou-se para a ensolarada Califórnia com sua esposa, Carol, para trabalhar com Guy nas indústrias Kaffey. Tinha um filho chamado Sean. Tudo parecia estar tranquilo com Mace até as acusações de fraude serem feitas contra ele.

Dessa vez, Lee Wang foi específico. Mace Kaffey foi acusado de roubar cinco milhões de dólares. Não havia nada que especificasse como a fraude havia acontecido, exceto dizer que Guy havia tomado conhecimento da discrepância durante uma auditoria de rotina, e uma coisa levou a outra até ele ser forçado a confrontar seu irmão.

Mace negou as acusações veementemente e até se ofereceu para contratar um detetive particular para descobrir quem era o verdadeiro

culpado. Mas Guy tinha seus próprios recursos.

A batalha dos irmãos durou muitos anos e durante aquele tempo, as ações da empresa despencaram. As acusações e as contra-acusações pareciam igualmente empatadas até Guy vencer. Um mês depois, o caso foi resolvido. Guy manteve o título de CEO, Gil Kaffey passou a ser presidente, Grant foi cuidar das operações da Costa Leste, e Mace foi mandado para Nova York com um título de vice-presidente.

Decker ficou confuso. Se Mace fosse, de fato, culpado por tamanha fraude, por que Guy o contrataria? Milfred Connors incriminou Mace pelo roubo? Ou igualmente provável, ele levou a culpa pelo roubo de Mace? Talvez os dois tivessem agido juntos. E o que acontecera ao dinheiro? Ele já tinha sido recuperado, pelo menos parcialmente?

Ele fez anotações na margem e passou para a geração seguinte. Gil, 32 anos; Grant, trinta; e Sean, 28. Grant era o único homem casado; sua esposa se chamava Brynn e tinha um filho, um menino pequeno. Gil era gay; Sean ainda não tinha se casado. Os três tinham se formado na Wharton da Universidade da Pensilvânia. Gil e Grant se envolveram imediatamente com as indústrias Kaffey, mas Sean partiu sozinho. Ele havia acabado de se formar em direito na Universidade Harvard e estudava direito processual e empresarial em uma universidade pequena no nordeste.

Definitivamente o esperto, pensou Decker.

A última biografia falava de Gilliam Kaffey, cujo nome de solteira era Jill Sultie. Ela teve a infância pobre. Em algum momento do caminho, deixou de ser uma adolescente magra e se tornou uma bela mulher, e conseguiu emprego como dançarina em Las Vegas quando tinha só 18 anos. Um ano depois, já estava com uma aliança no dedo, dada por seu primeiro marido, Renault Anderson, e comprava à mãe, Erlene, sua primeira casa com estruturas, e não um barraco.

Durante um tempo, parecia que Jill havia encontrado a galinha dos ovos de ouro e vivia recebendo anéis com 24 pedras. E então, a vida piorou, principalmente devido à atitude infiel de Renault. Disseram

que o divórcio tinha sido amigável. Conheceu Guy durante um período ruim de sua família. Eles se entenderam instantaneamente, e como dizem nos filmes, o resto é história.

Esfregando os olhos, Decker olhou para o relógio na parede e percebeu que vinha lendo havia mais de uma hora. Levantou-se e se alongou, e espiou pelas paredes de vidro do escritório. Viu Wang digitando no computador e abriu a porta.

— Lee? — Wang olhou para a frente. — Tem um momento?

— Claro.

Decker pediu para ele entrar e se sentar.

— Terminei de ler os resumos. O histórico familiar mais parece um roteiro de ópera.

— Sim, você conseguiria inventar um nome como Renault Anderson?

— É para se registrar. Tenho algumas perguntas a respeito de Mace Kaffey. Em um momento há alegações de fraude contra ele, e então, de repente, o processo está resolvido.

— Sim. Esquisito, não é?

— Mais do que esquisito. Devia ter uma história por trás. Estou me perguntando se as acusações estão relacionadas às acusações de fraude contra Milfred Connors.

— Sim, também pensei nisso. Talvez seja por isso que o processo tenha sido resolvido. Talvez Connors tenha denunciado Mace e quando ele foi indiciado, Guy retirou o processo.

— Mas por que Mace seria rebaixado se ele era inocente? E se Mace não era inocente, por que Guy manteria seu irmão mentiroso nos negócios, qualquer parte deles?

— Talvez tenha sido parte do acordo.

— Mas conversando com Mace e Grant, Mace está muito envolvido no projeto Greenridge multimilionário. Por que Guy o manteria em algo tão caro, principalmente se acreditasse que Mace estava roubando?

— Talvez fosse Grant quem estivesse roubando, Mace o encobriu e Guy tenha colocado Mace no leste para ficar de olho em Grant.

Decker franziu o cenho.

— Uma história complicada, mas estou pronto para qualquer coisa. O projeto Greenridge mais parece uma obra faraônica. Você descreveu Guy como um tipo de empresário durão. Se alguém estivesse roubando, acho que Guy não hesitaria em acabar com a graça.

— Com a graça de Mace, com certeza, mas talvez não com a de Grant. Talvez o velho fosse fraco em relação aos filhos. Encontrei uma entrevista de um ano atrás com o filho de Mace, Sean, a respeito das indústrias Kaffey. Sean disse muitas coisas, mas uma delas não sai da minha cabeça. Ele disse e eu repito com as mesmas palavras: “Meu tio não é fraco em relação aos filhos. Na verdade, é morto.”

Eram vinte um ao lado do outro, policiais intercalados com voluntários treinados naquele aspecto tedioso do protocolo. Todos eles tinham um apito ao redor do pescoço e seguravam um mapa. Esperavam Wynona Pratt dar o sinal — um apito longo para começar e dois curtos para parar. A detetive havia ido ao rancho várias horas mais cedo para investigar o local. A extensão de terra além das construções e o local onde ficavam os animais eram terrenos tortuosos cheios de tufo de grama, arbustos, flores, sálvias, margaridas, mato e chaparral, a terra estendendo-se até coincidir com o pé da montanha. Ali, a fauna subia e unia forças com pinheiros, eucaliptos e o carvalho californiano, todos fragrantes, esverdeando as encostas e lançando sombra aos caminhos que passavam por eles.

Ajustando o chapéu, Wynona espiou, com os óculos com proteção antirraios UV, o mapa a sua frente. Ela o dividira em cinco partes, e com sorte, eles terminariam naquele dia. Ela havia se vestido com conforto, calça cargo para levar os itens extras, uma camiseta de algodão e tênis. A pele clara exigia que ela usasse protetor solar, e ela esperava que os danos causados pelo sol se limitassem a sardas. Levantou a mão e a abaixou com um estalar de dedos e um apito longo e estridente. A linha seguiu em uma unidade, olhos no chão à frente deles. A lista do que eles procuravam era comprida e variada — pegadas, marcas de pneu, marcas de algo arrastado, trapos de roupa, botões arrancados, manchas de sangue, alimentos e embalagens de

comida — qualquer tipo de evidencia que indicasse contato humano com a natureza.

A manhã estava fria, mas esquentou depressa. O sol estava à vista em um céu claro, refletindo contra a pedra vermelha. O ar era tomado por insetos de primavera que se espalhavam com o calor — mosquitos, moscas, abelhas, vespas. Corvos sobrevoavam com preguiça enquanto um gavião voava alto, procurando seu café da manhã.

A busca no primeiro setor durou um pouco mais de duas horas com poucos resultados — várias fibras e metais incluindo tampas de garrafa e lacres de lata. Mais numerosas eram as marcas de patas e o cocô seco dos cavalos. Um voluntário encontrou uma marca de sapato que estava bem clara. O restante da busca resultou em descobertas escassas. Eles passaram ao setor dois e quando esse espaço foi vasculhado, o grupo estava com calor e cansado e precisava comer. Durante o intervalo de vinte minutos que tiveram para almoçar, Wynona chamou Marge.

— Como estavam as coisas do lado de dentro?

Marge respondeu:

— Muita informação. Para onde olhamos, vemos sangue, tecidos ou uma marca de pé, cabelo ou revestimento de bala.

— Se vocês têm muita informação, estamos sofrendo com poucas descobertas.

— O que já fizeram?

— Estamos prestes a começar o setor três. Chamo você daqui a algumas horas.

O grupo retomou a busca às duas da tarde. Às 16h14, alguém apitou duas vezes depressa e quem trabalhava parou. Quem apitava era um jovem policial de vinte e poucos anos chamado Kyle Groger. Ele chamou Wynona.

— Dê uma olhada naquela área, detetive, a cerca de seis metros daqui. — Ele apontou o local. — Está meio esquisito.

Wynona tirou os óculos e olhou para o chão, os olhos indo além até ver o que havia chamado a atenção de Groger. Ao longe, a área era

indistinguível do local ao redor. Chão da mesma cor, mesmo tipo de folhagem, mesma terra tomada por pedregulhos. Mas, ainda assim, era bem diferente.

Primeiro, a área de 25 metros quadrados havia se afundado, ficando mais baixa do que o terreno ao redor, cerca de três centímetros. Também havia dois grandes penedos em cima. Havia ali grandes rochas, mas duas tão próximas uma da outra era um pouco estranho. Além disso, a folhagem ali não estava uniforme: havia cerca de uma dúzia de sálvias, mato seco e margaridas espalhadas com pétalas soltas. Era possível que aquelas plantas tivessem murchado ao calor, mas a flora ao redor estava viva e bem hidratada.

Ela caminhou até o ponto e puxou uma sálvia. Soltou-se com relativa facilidade, e as raízes estavam macias e secas. Sentou-se num toco de árvore e cutucou o solo com um dedo. Estava compacto, difícil de escavar. Foi então que notou que a terra tinha sido coberta por centenas de pequenas linhas que se espalhavam em todas as direções. Ela as analisou com atenção. Parecia que alguém estava batendo no chão, remexendo-o com uma pá, várias vezes.

Uma cova caseira talvez?

Ela se levantou e procurou marcas de sapato ou de pneu, mas não as encontrou. Telefonou para Marge do celular e perguntou como as coisas estavam indo do lado de dentro.

— Ainda atravessando a lama. O que aconteceu?

— Acho que tem algo aqui que você deveria ver.

Enquanto esperava a chegada de mais pás e baldes, Marge incumbiu um dos técnicos de investigação o papel oficial de fotógrafo da polícia.

— Fotografe essas marquinhos — disse ela.

O dia tinha sido longo e frutífero... em sua maior parte.

As evidências dentro da casa incluíam vários tipos de pegadas, algumas marcas de dedos e mãos ensanguentados, alguns cartuchos de balas, fragmentos de tecido e cabelos, isso sem contar o sangue e os

tecidos corporais. Identificar o que pertencia a quem seria o próximo passo. Marge ficou contente ao sair da casa do horror, e a ligação de Pratt foi uma boa desculpa para um intervalo.

Oliver, por outro lado, provavelmente estava muito mais feliz trabalhando do lado de dentro por causa do ar-condicionado.

Ele disse:

— O verão está chegando.

— Pode entrar. Eu cuido disso.

— Não, vou ficar. — Ele secou a testa.

— Podemos trabalhar aqui dentro a noite toda desde que a central elétrica não corte a energia.

Os dois estavam olhando para o ponto remexido.

Marge disse:

— É um local que foi mexido. Não precisa pensar muito para saber.

— Cova grande para apenas um homem — disse Oliver.

— Então, talvez, seja mais de um homem — disse Marge.

— Acho que já tinha sido escavado com antecedência. Se tivesse sido feito no calor do momento, demoraria muito para cavar.

— A menos que seja raso.

— Há dois guardas desaparecidos. Se eles estiverem aqui dentro, não pode ser tão raso. Além disso, alguém se deu ao trabalho de cobrir o espaço com plantas de novo. Isso foi coisa planejada, Scotty.

— Mas não planejada com muita antecedência. Caso contrário, alguém teria visto um buraco grande no meio da propriedade.

Marge disse:

— É muito distante da casa.

— Não sei... talvez — disse Oliver.

— Saberemos em breve. — Marge fez sombra com a mão acima dos olhos e olhou para a vasta extensão de terra. A equipe de busca de Wynona tinha se espalhado, mas ainda estava em pontos onde podia ouvir os apitos. A maioria dos membros estava sentada nos poucos pontos à sombra disponíveis, assando o traseiro enquanto bebiam água

e se abanavam com as mãos ou os chapéus. Ao olhar no relógio de pulso, viu que eram quase cinco. O pôr do sol aconteceria por volta das sete e meia.

Oliver perguntou:

— Acha que podemos escavar isso em duas horas e meia?

— Depende do que houver aí. Se encontrarmos algo, é uma cena de crime. Depois disso, quem sabe? — Marge pegou o celular. — Acho que vou pedir iluminação, só para garantir.

Wynona caminhou até eles. Ela havia tirado o chapéu, e seus cabelos loiros e curtos estavam suados e grudados na cabeça. Pegou um frasco de protetor solar e começou a passá-lo no rosto. — Quantas pessoas você acha que precisarão ajudar a escavar?

— Talvez oito. Por quê? Do que precisa?

— Ainda tenho um setor e meio para analisar. Provavelmente não vou terminar o último, mas se continuar agora, posso terminar o resto do setor quatro antes do anoitecer.

— Se eu pegar seis de seu grupo, quantos sobram para você?

— Doze, comigo. Consigo me virar com esses, mas gostaria de ter alguns policiais.

— Quantos policiais você tem?

— Oito.

Marge disse:

— Fique com quatro, eu fico com quatro.

— Combinado. — Wynona voltou a guardar o protetor solar no bolso da calça cargo. Depois de atribuir tarefas, disse: — Vou começar. Se você encontrar alguma coisa, é só me chamar. — Tocou o apito e seu grupo se levantou, batendo a poeira do traseiro.

Quando as pás e os baldes chegaram, o celular de Marge tocou. Era o chefe. Ele perguntou o que estava acontecendo e, depois que ela explicou a situação, Decker disse que estava indo.

Ele disse:

— Tire muitas fotos da área antes de começar a escavar.

— Já fiz isso — disse Marge. — Quer que esperemos você chegar para começarmos?

— Não, comecem enquanto têm luz do dia. Tenho que terminar algo na casa e está demorando um pouco. Mas vou aí.

A voz dele parecia tensa. Marge perguntou:

— Steel Strapp está dando trabalho?

— Quem me dera.

— Minha nossa, Peter! Deve ser ruim. O que está acontecendo?

— Conto depois. Não é nada ruim, mas é complicado.

Marge olhou no relógio.

— O dia do Sabbath está se aproximando, Pete. Se não encontrarmos nada, não vale a pena perder o jantar de sexta à noite. Ligo se precisar de você.

— Obrigada por oferecer uma folga, mas esse caso é grande demais para qualquer folga. Talvez Deus tenha podido descansar depois de seis dias, mas nós, meros mortais, não somos tão talentosos.

O telefonema de Marge não podia ter acontecido num momento pior.

Apesar de Decker não gostar de se atrasar para o jantar de sexta-feira, normalmente, quando acontecia, Rina insistia em esperá-lo. Mas naquela noite, Rina havia convidado vários casais, então Decker disse que ela deveria seguir em frente sem ele, sabendo, no fundo do peito, que a situação no Rancho Coyote duraria noite adentro.

Mas a investigação não era a única coisa na qual ele estava pensando. Sua mãe sempre dissera a ele que era falta de educação ficar olhando fixamente para alguém, mas, nesse caso, não fazia diferença. Então, Decker analisou o homem sentado à mesa diante dele, observou sua aparência bem cuidada.

Brett Harriman era bem asseado. Usava uma jaqueta de linho natural por cima de uma camisa azul e calça jeans de marca. Suas sandálias deixavam à mostra unhas dos pés bem-feitas, que

combinavam com as das mãos. Usava óculos escuros que, além de cobrir seus olhos, cobriam a maior parte das sobrancelhas. O único indício de seu problema de visão era um leve balançar da cabeça que ajudava seus ouvidos a captarem o som dos dois lados.

Decker bateu a caneta em cima da mesa.

— Antes de mais nada, sr. Harriman, gostaria de agradecer ao senhor por ter vindo e por dividir suas informações comigo.

— É Brett. E não precisa me agradecer. É minha obrigação. Se as pessoas não dessem depoimentos, eu não teria emprego. — Alguns segundos se passaram. — Bem, não é verdade. Quando se é fluente em muitos idiomas, como eu, sempre há trabalho.

— Quantos idiomas seriam?

— Muitos. Principalmente, os idiomas romanos e os anglo-saxões.

— Como aprendeu todos eles?

Harriman deu de ombros.

— Alguns, eu estudei, outros, aprendi escutando algumas fitas. Finlandês e húngaro, aprendi com aulas de um curso intensivo. Além disso, também viajo muito. A única maneira de aprender um idioma de verdade é ouvi-lo e falá-lo. — Mais uma pausa. — Está fazendo essas perguntas para me analisar, para o seu trabalho ou por estar interessado em mim como pessoa?

— Provavelmente, os três motivos.

— Não sou louco. Trabalho em tribunais há quase cinco anos.

— Como começou a trabalhar nisso?

— Mais uma pergunta pessoal? — Harriman abriu um sorriso de dentes brancos a Decker e inclinou a cabeça para a direita. — Não está tentando desvendar um assassinato?

— Assassinatos, na realidade. Como passou a trabalhar em tribunais?

— Um amigo meu que trabalha no centro da cidade me disse que os tribunais estavam contratando tradutores para as testemunhas.

Principalmente do espanhol, mas também de outros idiomas. Eu me candidatei e foi isso.

— Eles não se incomodaram com sua deficiência visual?

Harriman sorriu.

— Usei óculos escuros. Acho que eles só descobriram depois. Além disso, nunca me demitiriam. Eu os ajudo a cumprir a cota obrigatória de deficientes que eles precisam contratar. Também sou ótimo no que faço!

— Onde trabalhava antes de começar nos tribunais?

— Fui intérprete de pacientes em seis hospitais diferentes. O trabalho estava ficando meio monótono. Toda hora, eu tinha que traduzir “tome dois comprimidos para curar a diarreia”. — A pausa que ele fez foi desconfortável. — Era mais do que isso. Eu tinha que dar notícias ruins dia após dia.

— Que triste.

— Deprimente. Pra minha sorte, nunca precisei olhar nos olhos de um paciente que recebia a notícia. Mas percebia na voz. E não demorei muito a aprender quando o médico estava falando da boca para fora, permitindo que o paciente ou as famílias se agarrassem a falsas esperanças, e também percebi, pelas nuances da voz do médico, que a tia Anabel não tinha mais salvação.

— Há um detetive da polícia na Holanda que é cego. Eles o usam para decifrar sotaques e vozes, como de terroristas. Ele consegue dizer de onde a pessoa que fala é, ainda que ela esteja falando holandês fluentemente e sem sotaque — disse Decker.

— Ninguém fala nada sem sotaque. — Harriman virou a cabeça para o outro lado. — Sempre há evidências, se você prestar atenção.

— Você já enxergou?

— Eu ainda enxergo. Enxergo com o cérebro, não com os olhos. Mas eu já enxerguei. Eu tinha cinco anos quando perdi a visão devido a um rabdomiossarcoma, tumores bilaterais. — Ele bateu o pé no chão. — Está interessado no que eu contei ou ainda acha que não vale a pena?

— Está confundindo o que vale a pena com uma boa dose de desconfiança. Estou muito interessado no que me disse, sr. Harriman. Se não se importa, vamos repassar tudo.

O homem cego suspirou, irritado.

— É Brett, e já contei tudo o que sei. A história não vai mudar.

— Mas talvez, a percepção mude. Por favor?

Ele esperou alguns momentos, e então, disse:

— Eu estava de pé na área de espera das salas, comendo uma barra de cereal. Dois hispânicos conversavam a respeito dos assassinatos no Rancho Coyote. Um deles era do México e o outro, de El Salvador. Eles ficavam chamando a vítima de sr. Café porque Kaffey tem som de café em espanhol. Então, passaram a falar sobre um cara chamado José Pinon, que havia desaparecido e diziam que o chefe estava à procura dele no México. Está anotando isso de novo? Consigo ouvir sua caneta em movimento.

Decker disse:

— Só acertando o que escrevi na primeira vez com as informações dadas agora. Você disse antes que o mexicano era o que mais falava.

— Isso mesmo. O mexicano disse que o chefe estava procurando José. Ele — o chefe —, estava muito irritado com José porque este estragou tudo. E estragou tudo ao ficar sem balas. — Uma pausa. — Isso não quer dizer nada para você?

O pior é que sim. José Pinon é a tradução de Joe Pine. Decker disse:

— Talvez, continue.

— Então, José ficou sem balas — disse Harriman. — O salvadorenho perguntou ao mexicano por que a outra pessoa não terminou o serviço. E o mexicano disse que o motivo era por que José é retardado. Então, disse que Martin estava muito irritado. Os dois concordaram que Martin é um homem muito mau, mas não tão mau quanto o chefe, independentemente de quem seja. Eles também concordaram que José era um homem morto. Nesse momento, eu me senti muito desconfortável por estar ouvindo. O modo como os dois

falavam... parecia autêntico. Quando cheguei em casa naquela noite, procurei os assassinatos no computador... que é ativado por comando de voz, caso esteja confuso.

— Imaginei.

— O filho... Gil Kaffey... ele foi baleado, mas sobreviveu. Posso estar sendo precipitado, mas concluí que eles estavam falando sobre Gil Kaffey e que José não tinha visto se Gil estava morto. — Harriman virou a cabeça na outra direção. — Estou só passando a informação a você. Talvez sirva para alguma coisa.

— Agradeço muito por ter vindo. Você disse o nome de José como José Pinon. E Martin?

— Só Martin.

— Ele disse *Rondo* Martin?

— Só Martin, pelo que me lembro.

— Certo — disse Decker. — Se ouvisse esses homens conversando de novo, acha que conseguiria distingui-los de outros salvadorenhos ou mexicanos?

— Como numa escala vocal?

— Algo assim.

— Já fez algo do tipo antes?

— Não. Pode ser que seja a primeira vez no tribunal. Acha que conseguiria reconhecer as vozes?

— Com certeza. — Harriman parecia ofendido. — Por quê? Vocês têm um suspeito?

— No momento, o que temos são muitas pessoas de interesse.

— Então, ninguém está preso.

— Se tivéssemos alguém preso, seu computador ativado por voz saberia. Gostaria de incluir mais alguma coisa?

Harriman pensou por um momento.

— O salvadorenho tinha voz de fumante. Isso pode diminuir as buscas para um trilhão de pessoas.

— Agradeço pela informação.

— Isso ajuda?

Demais.

— Pode ajudar. — Decker releu parte do depoimento de Harriman.
— Qual é a melhor maneira de entrar em contato se eu precisar falar com você?

Harriman pegou a carteira, pegou um cartão de uma das divisórias e o entregou a Decker.

— Aqui está meu número de celular e de trabalho. E como posso encontrar o senhor se me lembrar de mais alguma coisa?

Decker ditou o número enquanto Harriman o registrava em seu rádio, por comando de voz. Então, Decker disse:

— Obrigado de novo por cumprir seu dever cívico. Pessoas como você tornam nossa vida muito mais fácil. Vou acompanhá-lo até a porta.

— Não precisa. — Harriman ativou seu localizador. — Entrei sozinho, vou sair sozinho.

* * *

A caminho do Rancho Coyote, Decker pensou sobre o que fazer com a informação. Sem descrições físicas, os homens não existiam, mas não queria dizer que ele não tivesse opções. A primeira ideia que teve foi ligar para Willy Brubeck.

— Oi, detetive.

— O que está rolando, Loo?

— Estou indo escavar o Rancho Coyote. — Decker explicou o que estava acontecendo lá. — O que pretendia fazer hoje?

— Cinco entrevistas com seguranças hoje, espero fazer o mesmo número amanhã. Um deles teve que cancelar, mas o resto não cooperou. Nada de novo. Quatro estavam bem assustados com os assassinatos, um deles estava bravo por estar sem emprego. Todos eles ofereceram amostras de DNA.

— Bom trabalho. Você ou Drew encontraram Joe Pine?
— Joe está na minha lista, mas ainda não falei com ele.
— Coloque-o no topo. E o executivo de contas corrupto, Milfred Connors? Fez contato com ele?

— Não conseguimos nos encontrar.
— Marque alguma coisa com ele bem depressa, e eu quero estar lá.
— O que está acontecendo com ele?

Decker explicou a suposta fraude de Mace Kaffey e as acusações feitas por seu irmão.

— Estou pensando que talvez Connors tenha aliviado as coisas para ele.

— Teoria interessante. Vou ligar para ele de novo.

— Bom. E por fim, alguma novidade sobre Rondo Martin com suas fontes em Ponceville?

— Nada ainda.

— Insista com Martin. — Decker contou sobre a conversa com Brett Harriman. — Eu provavelmente vou acabar mandando você para Ponceville, mas antes você precisa fazer todos os telefonemas preparatórios.

— Estamos trabalhando com informações dadas por um cego? — perguntou Brubeck.

— Ele não enxerga, mas ouve muito bem. A lista de seguranças que trabalhavam para os Kaffey não é de conhecimento público, e esse cara mencionou dois seguranças da lista. Isso faz minhas antenas ficarem ligadas. E ainda que essa informação fosse pública, ele usou o nome José Pinon, não Joe Pine. Marge e Oliver estão ocupados com a escavação no rancho. Tire Rondo Martin das mãos deles, e dê Joe Pine a Andrew Messing. A primeira coisa de que precisamos é de um conjunto de impressões digitais.

— Vou pressionar o delegado de Ponceville. O nome dele é Tim England, mas pode chamá-lo de T.

— Não me importa do que o chamam, apenas ligue para ele e consiga as impressões. Peça para Drew perguntar a Neptune Brady se eles têm as impressões de Joe Pine. Depois, investigue os dois com base nos arquivos quando receber as impressões digitais.

— Pode deixar.

— Vocês dois ainda precisarão falar com todos os guardas, mas vamos começar com o que temos. Principalmente com Rondo Martin, porque ele estava trabalhando e, agora, desapareceu.

— Bom trabalho no rancho. Talvez você tenha sorte.

— Obrigado. — Decker desligou o telefone e pensou que sorte significaria que eles escavariam algo que teria um impacto no caso, como uma pessoa morta. Então, sorte talvez não fosse a palavra certa. Talvez ele estivesse torcendo para que a escavação não fosse uma perda total de tempo.

Conforme a luz do dia foi desaparecendo, os raios de sol se alongaram e transformaram o rancho em uma folha de cobre polido. Mesmo à sombra, Decker tinha que semicerrar os olhos. Os homens cavavam o chão cheio de pedras, amontoando-as em pilhas. Depois dos três primeiros centímetros, segundo a explicação de Marge, o solo cedia com facilidade, e todo mundo suspeitava de que havia algo ali embaixo. Ela e Oliver vinham remexendo montes de terra, cuidando para que nada de importante deixasse de ser notado. Até aquele momento, só tinham encontrado tampas de garrafa de cerveja, latas de refrigerante, embalagens de alimentos e bitucas de cigarro.

— Foram recolhidas para servir de evidência — disse Marge. — Se precisarmos, podemos enviar os cigarros para teste de DNA para termos uma ideia de quem andou por aqui.

Oliver acrescentou:

— Encontramos as bitucas dentro da terra, então elas não vieram parar aqui com o vento. Alguém abriu este buraco por um motivo.

— E fede — disse Marge. — Principalmente por causa de esterco de cavalo.

Decker concordou. Para ele, aquele cheiro era um tanto nostálgico: o fazia lembrar de sua época de solteiro, quando tinha um rancho. Não voltaria no tempo, mas a lembrança era boa. Suas narinas também detectaram cheiro de gambá. Olhou para cima e viu um banco de corvos sobrevoando a área. Eles faziam barulho, perturbados com as pessoas que invadem sua área. Havia também várias aves de rapina

voando em círculos, e a posição de suas asas sugeria que elas eram carniceiras, e não aves que comiam carne fresca.

Os corvos também comiam carniça.

Ele ficou pensando. O que as aves sabiam que ele ainda não sabia?

O sol havia descido atrás dos montes, coroando-os com uma luz dourada. O escuro começava a cobrir o restante da iluminação natural. Marge havia montado seis pontos de luz alimentados por geradores. Ela precisaria deles em breve, pois a luz do dia se tornava uma lembrança vaga.

Sem ter nada a fazer além de observar os urubus, Decker decidiu ser útil. Vestiu um par de luvas de borracha, agachou-se e começou a escavar a terra. Apesar de precisar se concentrar, sua mente começou a vagar conforme a monotonia da tarefa aumentou.

Era Sabbath e ele deveria estar em casa com Rina, deliciando-se com boa comida, rindo e na companhia de uma garrafa de vinho. Deveria estar em casa com Hannah, que dali a um ano, iria para a faculdade. Havia pouco tempo para ficar com ela, pois por experiência, ele sabia que quando os filhos partiam, eles voltavam diferentes. O amor ainda existia, mas a relação mudava, não havia como evitar. Eles se tornavam jovens adultos entrando na via expressa da vida.

Cindy já era financeiramente independente havia anos, e desde que se casara, a preocupação de Decker com ela havia diminuído. Ela era responsabilidade de Koby, não dele. Decker acreditava que ele se sentiria da mesma maneira quando seus outros filhos se estabilizassem.

O enteado mais velho, Sammy, estava a caminho da independência. Cursava o segundo ano de medicina, estava noivo de uma de suas colegas de sala, uma jovem adorável chamada Rachel, que ele havia conhecido casualmente em um restaurante cheio. Jacob, o enteado mais novo, estuda neurociência na Johns Hopkins e já pensa na pós-graduação. Ainda estava com sua namorada, Ilana, e os dois namoravam sério há dois anos.

Hannah Rose era a última parada antes que a locomotiva dos filhos parasse abruptamente. Única filha fruto da união de Rina e Decker, Hannah e sua marcha na direção da maturidade não só representava o momento inevitável do sentimento de ninho vazio, mas representava os anos do casamento sólido. Apesar de estar ansioso para ter seu tempo livre, ele sabia que sentiria muita falta dela e se preocuparia sempre que recebesse um telefonema que indicasse que nem tudo estava perfeito na vida da jovem.

Quando as estrelas começaram a brilhar, Wynona Pratt e seu grupo de investigadores voltou da casa. Ela viu Decker e contou as novidades a ele, entregando um mapa das áreas recentemente vasculhadas.

— Vamos nos reunir de novo amanhã às nove para examinar a última parte. Farei as entradas e as saídas da propriedade nesse horário. — Wynona chutou o chão. — Se você não achar ruim, pensei em ficar por aqui para ver o que está acontecendo.

— Pegue um par de luvas e nos ajude a cavar.

Conforme foi escurecendo, Marge acendeu os pontos de luz, iluminando com uma luz branca e quente o local da escavação. A equipe trabalhou de modo constante durante a hora seguinte. À medida que o buraco foi ficando mais fundo, um odor foi subindo.

Os corvos tinham se recolhido para dormir, mas os urubus ainda sobrevoavam.

O fedor, fraco no começo, tornou-se mais forte até todo mundo poder discerni-lo facilmente como o cheiro de podre. Um lixão enterrado? Em áreas rurais como aquela, o lixo local não era recolhido uma vez por semana.

Mais vinte minutos de escavação se passaram até alguém erguer a pá e anunciar ter batido em algo duro. Quando várias pessoas se acumularam ao redor, outro escavador disse que havia encontrado alguma coisa também. A partir daquele momento, o trabalho passou a ser feito com mais cuidado, e as pessoas alternavam a pá com a espátula para não perturbar nem estragar o que estava embaixo da terra. A

posição para o trabalho também tinha deixado de ser de pé, fazendo esforço e passou a ser a de agachado, retirando terra sistematicamente.

O céu estava escuro com luzes brilhantes. Grilos trinavam, sapos coaxavam e uma coruja piava ao longe. Árvores retorcidas se tornaram espectros escuros e congelados.

E, ainda, urubus sobrevoavam a área, banhando-se às luzes artificiais.

Mais uma hora se passou antes de o chão começar a revelar o que escondia. Decker conseguiu ver vários crânios compridos, costelas grandes e arqueadas, além de vários fêmures.

Um relicário de ossos.

Pelo que vi, parecia que eles tinham exumado a cova de um cavalo.

Os animais tinham ficado no solo por tempo suficiente para que a maior parte da carne se deteriorasse, ainda que não completamente. Decker viu um pouco de musculatura, pelos e patas em decomposição. Ainda assim, o fedor estava desproporcionalmente forte com relação à quantidade de tecido restante. E o fedor aumentou quando eles começaram a descobrir mais material.

Decker permitiu que eles continuassem até o cheiro ficar insuportável. Mandou todo mundo parar, dar um passo para trás e respirar um pouco de ar fresco.

Chamou os detetives.

— Está na cara que abrimos uma cova de cavalo. Não é incomum enterrarem um animal morto aqui num lugar de tanta terra, mas tem alguma coisa esquisita. O cheiro é forte demais para o tanto de carne que sobrou. Alguma ideia?

Oliver disse:

— Talvez mais de um cavalo.

— Cerca de três cavalos, pela quantidade de ossos — disse Wynona.

— É estranho — disse Oliver. — Enterrar três cavalos ao mesmo tempo. O que eles fariam? Colocar dois num refrigerador até terem uma quantidade adequada para encher uma cova?

— Sabe o que é estranho de verdade? — perguntou Marge. — Se você enterra um cavalo morto, e o coloca embaixo da terra, quando o desenterra, ele deveria ter a forma do cavalo que você enterrou. Deveria estar na mesma posição de quando foi enterrado. Mas todos esses ossos estão misturados.

Decker disse:

— E se os esqueletos dos cavalos foram perturbados pela interferência humana, principalmente por alguém que queria enterrar algo embaixo dos ossos dos equinos?

Marge disse:

— Como os corpos dos seguranças desaparecidos?

Decker disse:

— Imaginem se um dos assassinos sabia sobre a cova porque a viu sendo aberta. Qual seria o melhor lugar para largar os corpos dos seguranças desaparecidos?

Oliver disse:

— Está com cheiro de morte recente.

Decker disse:

— Vamos vestir luvas e máscaras. Quem tem uma câmera?

— Eu tenho — disse Marge.

— Eu também — acrescentou Wynona.

— Ótimo. Antes de retirarmos qualquer osso de cavalo, quero fotografias do antes e do depois. Então, começaremos a remover material biológico, osso por osso. Cada vez que removermos algo, tirem uma foto. Se o cheiro ficar pior, e eu temo que fique, teremos que parar e ligar para o IML. A partir daí, quem assume são os exumadores profissionais.

— Quem o enterrou fez um favor a vocês.

O legista se chamava Lance Yakamoto. Com trinta e poucos anos, ele media cerca de 1,75 m, setenta quilos, com rosto triste e olhos castanhos que se viravam para cima. Usava um avental azul e uma

jaqueta preta, e as letras amarelas nas costas indicavam que ele era do IML.

— Se o corpo tivesse sido deixado a céu aberto, a decomposição teria sido bem mais rápida. Com todas essas aves carniceiras, não teríamos muito com o que trabalhar.

— Quando eu encontrar e prender o culpado, com certeza vou agradecer a ele por tê-lo enterrado. — disse Decker.

— Só estou afirmando um fato. — retrucou Yakamoto.

— Eu sei — respondeu Decker. — Quer me dizer mais alguma coisa?

— Não há rigor, há uma certa descoloração e muita ação de insetos. Quando subirmos o corpo, colocaremos os insetos em sacos e os entregaremos ao entomologista. Ele provavelmente vai dar uma estimativa mais acertada do tempo em que ele ficou aqui. Pelo que vi, chutaria que ele está aqui há uns dois ou três dias. Coincidiria com os assassinatos que vocês estão investigando, certo?

— Certo. — Decker olhou para a cova muito iluminada. O condado havia mandado quatro técnicos com macacões de proteção contra riscos biológicos. Eles estavam dentro do buraco, pensando em qual seria a melhor maneira de colocar o cadáver dentro de um saco. Como ele já estava apodrecendo há alguns dias, a pele havia começado a se soltar. Havia ainda um certo inchaço devido a gases internos, mas a maior parte já havia desaparecido. Ainda assim, com cuidado, os detetives conseguiram reconhecer os traços distintos apesar de boa parte do rosto estar escura, distorcida e comida por insetos. Tanto Marge quanto Oliver acreditavam que ele se parecia com as fotos que eles tinham de Denny Orlando.

— Temos certeza de que só tem um corpo aí embaixo? — Decker perguntou a Yakamoto.

— Não, não temos certeza — disse o assistente do IML. — Ainda não.

Oliver disse:

— O cheiro de podre parece suficiente para dois corpos.

Decker disse:

— Se Rondo Martin estiver aí dentro, minha suspeita será derrubada.

— Ele contou aos três detetives sobre a reunião com Brett Harriman, tentando se lembrar da história da melhor maneira sem anotações.

Oliver perguntou:

— Você acredita nesse cara? Sei lá, já é bem difícil conseguir algo importante das testemunhas, Loo.

— Só porque ele é cego e não conseguiu vê-los não quer dizer que ele não tenha ouvido a conversa direito — disse Decker. — É o que ele tem treinamento para fazer. Para usar os ouvidos, Scott. Bem, como ele saberia que Rondo Martin está envolvido?

— Ele é um guarda desaparecido — disse Marge. — O nome dele pode ter aparecido no jornal.

Wynona disse:

— Como ele lê o jornal se é cego?

— Tem um computador ativado por voz que lê as notícias — disse Decker. — Acredito que ele tenha lido ou ouvido falar sobre Rondo Martin. Mas Joe Pine? A quem ele não parava de chamar José Pinon. Como ele tirou essa lebre da cartola?

Oliver não soube responder. Marge disse:

— Você o investigou?

— Ele foi à delegacia hoje à tarde quando os tribunais já estavam fechados. Vou começar a ligar para as pessoas na segunda.

— Você tem certeza de que ele é cego? — perguntou Oliver.

Decker sorriu.

— Está me perguntando se eu joguei alguma coisa nele para ver se ele se abaixaria? Não, Scott, não fiz isso.

— Então, eu repito. Como você sabe que ele é cego, de fato? Você sabe quantos malucos apareceram para falar com Wanda Bontemps, principalmente agora que Grant Kaffey ofereceu uma recompensa de vinte mil dólares?

— É só isso? — perguntou Decker.

— Parece que Guy não foi o único sovina.

Decker disse:

— Harriman pode ser maluco, mas no momento, estou acreditando no que ele diz. Willy Brubeck está analisando Rondo Martin com suas fontes em Ponceville. Joe Pine estava na lista de seguranças de Brubeck para ser analisado, mas até agora, ele não apareceu. Drew Messing está tentando localizá-lo. Já chega de falar de Martin. O que está acontecendo dentro da casa?

— Muitas evidências para processar — disse Marge.

— Impressões digitais?

— Muitas manchas, mas o Departamento de Investigação de Cenas de Crimes conseguiu algumas que podem ser úteis — disse Oliver. — Ainda temos que vasculhar os prédios adjacentes. Vai demorar um pouco.

Marge disse:

— Podemos voltar a falar sobre Brett Harriman por um momento? Ele não deu a você nenhum nome para *el patrón*?

— Não — disse Decker. — Um dos homens disse que ele era pior do que Martin, que era um homem muito mau.

Gritos de dentro da cova anunciaram que o cadáver estava totalmente dentro do saco. A cova tinha cerca de 1,20 m de profundidade. Era possível entrar e sair do buraco a pé, mas era muito mais difícil sair puxando um cadáver.

Decker agachou à beira do buraco. Naquele local, o fedor era consideravelmente mais forte.

— Se vocês três puderem erguer o saco acima da cabeça, nossos homens podem pegar o saco e colocá-lo na maca.

Os homens dentro da cova consideraram a sugestão, e a julgaram possível. Foi preciso manejar com cuidado, mas quando finalmente conseguiram, o grupo acima estava pronto. Seis homens pegaram as pontas do saco e o colocaram sobre a maca. Yakamoto abriu o zíper.

— O que você acha?

Marge olhou para o rosto sem cor e desfigurado. Vermes entravam e saíam das aberturas dos olhos, orelhas, narinas e boca. Uma parte da carne havia caído; uma parte dela tinha sido comida.

— É difícil dizer com certeza, mas com um pouco de imaginação, poderia ser Denny Orlando. — Ela olhou para Oliver.

— Acho que é Orlando, mas talvez seja porque estou obcecada por ele.

— Temos o DNA agora. — Yakamoto voltou a fechar o zíper. — Vamos descobrir em breve.

O sol apontava no horizonte assim que os restos de todo o material biológico foram retirados da cova. Um corpo foi desenterrado. Rondo Martin ainda estava desaparecido. Eram 5h26 da madrugada. Se Decker saísse em uma hora, chegaria em casa a tempo de tomar o café da manhã, tomar um banho, se vestir e ir à sinagoga. Ele provavelmente seria o primeiro ali. Ou poderia ir para casa e dormir.

Apesar de seu corpo estar exausto, há dias em que o alimento espiritual se faz mais importante do que o descanso. Aquele era um dia assim.

— Terminamos — disse Marge a ele, finalmente. — Vou embora.

— Se você vai embora, eu também vou — disse Oliver. — Viemos juntos, lembra?

— Não vou embora sem você, Scotty.

— Quer tomar café da manhã? Não tenho nada na geladeira. Estava pensando em ir ao IHOP. Estou a fim de panquecas e colesterol.

— Pode ser. — Marge se virou a Wynona. — Quer nos encontrar?

— Posso comer alguma coisa e tomar café. Tenho que voltar aqui às nove.

Decker acenou a todos para se despedir. Demorou mais vinte minutos para terminar a papelada. Às 6h15, estava no carro e sozinho com seus pensamentos. Deu a partida e enquanto o carro esquentava, ele conferiu as mensagens no celular. Havia três.

A primeira era de Rina, às 7h02. Ela estava prestes a acender as velas e queria desejar a ele um bom Shabbos. Ela o amava e queria vê-lo em breve. Ouvir a voz dela fez com que ele sorrisse no mesmo instante.

A segunda ligação foi às 8h26 da noite passada.

“Oi, tenente Decker, aqui é Brett Harriman. Não sei por que não disse isso antes... talvez eu estivesse muito sobrecarregado com tudo para lembrar direito. Bem, é claro que não pude ver os homens conversando ao meu lado, mas perguntei a uma mulher que estava próxima para que ela os descrevesse discretamente, da melhor maneira que pudesse. Ela me perguntava o motivo, e eu não queria dizer. Eu me senti meio tolo, então pedi para ela esquecer. Então, pode ser que ela os tenha visto e possa fazer uma descrição. O problema é que não sei o nome dela, mas eu reconheci a voz dela do *voir dire* e sei que ela estava no júri de um de meus casos. Não sei se o senhor pode conseguir a lista de jurados daquele caso, mas vale tentar. Tenho certeza de que ela vai se lembrar de mim porque não tivemos uma conversa comum. Podemos falar mais sobre isso se o senhor quiser. Pode me ligar. Tchau.”

Decker salvou a ligação nos arquivos. Harriman parecia querer chamar atenção, entregando as informações pouco a pouco. Ou talvez estivesse atrás da recompensa. Antes de retornar a ligação, Decker conferiria as credenciais de Harriman para ter certeza de que ele não era mentiroso.

A última ligação apareceu às 22h38 da noite anterior.

“É Brett Harriman de novo. A mulher sobre quem comentei. Acabei de me lembrar de que no tribunal, ela disse ao juiz que era casada com um tenente. Talvez estivesse tentando se safar das obrigações, mas ainda assim, eles a chamaram. Acho que ela não falou da polícia de Los Angeles, pode ser de outra cidade, mas quantas esposas de tenentes poderiam ser juradas semana passada? Talvez o senhor até a conheça. É isso. Tchau.”

A ligação foi encerrada.

O tempo passou bem lentamente.

Ela os viu?

Eles *a* viram?

Demorou muito para Decker engatar a primeira e quando engatou, percebeu que suas mãos estavam tremendo.

Ele xingou Brett Harriman durante todo o trajeto de volta para casa.

Não podia ter pedido uma descrição a outra pessoa? Tinha que ser para a minha esposa?

Hipocrisia de sua parte, porque se tivesse sido qualquer outra pessoa, ele estaria fazendo telefonemas, tentando conseguir a maldita lista de jurados.

Ele realmente acreditava que ela poderia estar em perigo? Seja lógico, ele disse a si mesmo.

Primeiro, os homens não podiam estar muito preocupados se falavam do caso Kaffey abertamente. Segundo, talvez Rina não tivesse olhado muito para eles. Terceiro, ainda que eles a tenham notado naquele momento, provavelmente já tinham se esquecido dela.

Merda, Harriman.

Quando dobrou a esquina, viu a esposa pegando os jornais da manhã. Ela vestia um robe e chinelos, e segurava uma caneca de café. Os cabelos estavam soltos e desciam pelas costas, e ele sentiu o coração parar de bater.

Não diga nada.

Ela abriu um sorriso quando ele parou o carro na entrada lateral.

Respire fundo.

Quando saiu do carro, tentou retribuir o sorriso. Temeu que tivesse saído forçado, como um sorriso depois de uma anestesia no dentista.

— Bem-vindo. — Rina entregou a ele a xícara de café. — Coloquei um pouco de creme. Quer que eu pegue outra com café puro?

Decker tomou um gole.

— Não, está ótimo, obrigado. — Ele deu um selinho nela. — Como foi o jantar?

— Todo mundo mandou lembrança. Guardei um pouco de cordeiro para você.

— Eu estava pensando mais em queijo cottage e frutas, mas cordeiro não é tão ruim. O prato está pronto?

— Sim. Quer que eu esquente?

Decker abraçou a esposa enquanto eles caminhavam em direção à porta de entrada.

— Claro. — Com ou sem batata frita?

— O de sempre. — Eles entraram na casa, e Decker seguiu Rina até a cozinha. — Sabe, quando eu e Randy estávamos no ensino médio, minha mãe sempre fazia ovos, batatas e salsicha para o café da manhã. Se eu beber suco de laranja, posso dizer que é uma variação do que eu comia quando era jovem.

— Vamos lá.

— Se não se importa, gostaria de tomar um banho primeiro. Estou com cheiro de cadáveres.

— *Cadáveres...* mais de um?

— Só um.

— Um é o suficiente. — Ela tirou o cordeiro da geladeira e o colocou num prato. — Um é demais. Soube a identidade?

— Acreditamos ser Denny Orlando, um dos dois guardas desaparecidos.

— Ai, meu Deus, que triste. — Ela procurou na geladeira e encontrou batatas entre as tigelas de restos da noite anterior. — E o outro?

— É Rondo Martin. Ele ainda está desaparecido. Procuramos em todos os cantos ali e não encontramos nenhum sinal dele. Vou tomar um banho e trocar de roupa. Vamos tomar café da manhã juntos, e então podemos ir à sinagoga.

Rina se virou para ele, perplexa.

— Você quer ir à sinagoga?

— Preciso de um pouco de paz em minha vida no momento.

— Então, vou com você. Vou acordar a Hannah para ver se ela quer ir conosco. Ainda é bem cedo. Vou dar um pouco mais de tempo para ela.

— Deixe-a dormir. Ela não precisa ir só porque estamos indo.

— Normalmente, ela não iria, acho, mas ela vai almoçar com Aviva. Tem certeza de que não quer dormir, Peter?

— Absoluta. Não temos um rabino convidado esta semana?

— Sim. — Rina ergueu as sobrancelhas escuras. — Fiquei sabendo que ele é meio demorado.

— Quanto mais demorar, melhor. Assim que ele abrir a boca, vou dormir.

A ausência aumenta a saudade... ou a tagarelice, pelo menos. Durante o caminho até a sinagoga, Hannah contou ao pai todos os detalhes de sua vida na última semana. Falou de uma amiga, de outra e, depois de um tempo, a mente de Decker entrou no modo piloto automático concordando sempre que a filha parava para respirar. Apesar de não estar prestando atenção no conteúdo, a voz dela era como música para seus ouvidos. Ele não se importava com o assunto, desde que ela conversasse com ele. Quando chegaram à porta da sinagoga, ela beijou o pai no rosto, e saiu correndo com uma amiga antes que ele conseguisse se despedir direito. Ele observou as duas meninas se abraçarem como se fossem parentes que não se viam há muito tempo. Ficou meio enciumado.

Rina disse:

— É incrível.

— O quê? — perguntou ele.

— Em nenhum momento do falatório, ela percebeu que você dormia de olhos abertos.

— Ouvi tudo o que ela disse.

— Ouviu como ouviu os pássaros piando.

Rina beijou o rosto dele.

— Você é um pai maravilhoso. Não ronque. Até depois.

O sermão durou quase uma hora, permitindo a Decker tirar um ótimo cochilo. Quando Barry Gold o cutucou nas costelas quando o sermão terminou, ele conseguiu se levantar e se concentrar nas orações de Mussaf. Em homenagem ao rabino convidado, houve um *kiddush*. A maioria dos fiéis reclamou da duração do sermão, mas não Decker.

— Foi o melhor sermão no qual dormi — disse ele a Rina enquanto comia um copo pequeno de isopor cheio de *cholent* — o ensopado de carne e feijão foi entregue de graça depois da celebração.

— Sorte, a sua. — Rina enfiou uma uva na boca. — Os Miller acabaram de nos convidar para almoçar. Eu recusei dizendo que você está exausto.

— Verdade. Podemos ir?

— Sim.

Assim que saíram da sinagoga, Decker sentiu o coração acelerar, e seus pensamentos se misturaram com a ansiedade. Os dois caminharam para casa de mãos dadas. Ele sabia que deveria falar amenidades, mas sua mente estava em outro lugar.

Quando falarei sobre isso? Antes ou depois do almoço? Antes de eu dormir ou depois?

Quando chegaram em casa, Decker ainda tinha que decidir o que fazer. Acreditava que a melhor maneira de abordar o assunto era usando a sinceridade.

— Posso ajudá-la a preparar o almoço?

— Está com fome depois de comer todo aquele cordeiro com *cholent*?

— Não, mas pode ser que você esteja.

— Ainda estou com vontade de ficar no café da manhã. Ficaria bem tomando um iogurte e uma xícara de café. — Ela tocou a mão dele. —

Quer se deitar?

Decker se sentou no sofá.

— Preciso conversar com você por uns minutos.

— Ah, não.

— Não é nada ruim. — Ele deu um tapinha na almofada ao lado dele para que ela se sentasse. — Só alguns minutos.

— Claro. — Ela se ajeitou ao lado dele. — O que foi?

Decker respirou fundo e soltou o ar.

— Bem, aqui vai. Ontem, perto das três da tarde, recebi um visitante na delegacia. Ele disse que podia ter informações relevantes a respeito dos assassinatos dos Kaffey. Sempre que recebemos uma pista, temos que levá-la a sério, ainda que seja da tia Edna que recebeu a informação de Marte. Às vezes, a informação certa está na loucura.

— Compreendo. O que quer dizer, querido?

— O homem disse que ouviu uma conversa entre dois homens falando em espanhol. Contou a conversa e ela se tratava de nomes aos quais ninguém de fora do caso deveria conhecer. Então, estou dando muita atenção.

— Certo.

— Então, ele me contou sobre essa conversa entre dois homens hispânicos, mas tem um problema. Quem deu a pista só pode ouvi-los. Não consegue descrever os homens porque é cego.

— Imagino como isso pode ser um problema — disse Rina.

— Mas ele sabe que pode ter ouvido algo importante. Então, pede a uma mulher perto dele para descrever os homens que estão ali perto. Ela pergunta o motivo, mas ele não diz. Ela insiste e ele se sente meio tolo, então deixa o assunto pra lá. Mas depois, ele não consegue se esquecer da conversa, então vai à delegacia.

— Isso me parece meio familiar.

— Meio?

— Mais do que meio.

— Temi isso.

Rina disse:

— Não sei o nome desse homem. Ele trabalha como tradutor nos tribunais. Tem trinta e poucos anos, cabelos encaracolados, rosto triste, veste-se muito bem.

— O nome dele é Brett Harriman.

— Como ele descobriu meu nome?

— Não descobriu. Reconheceu sua voz no *voir dire* e disse que você havia participado de um dos casos dele. Lembrou-se de você dizendo ao juiz que era casada com um tenente. Eu liguei os pontos e torci para estar errado.

— Não está.

Decker se recostou e passou as mãos no rosto.

— Você viu os homens, Rina?

— Olhei para os dois hispânicos a quem pensei que ele se referia.

— Olhou bem?

— Bem. Ele me pediu para ser discreta.

— Pediu?

— Sim, especificamente, pediu para eu não olhar fixamente, então não olhei.

Decker soltou o ar.

— Então, esses dois homens estão envolvidos?

— Parece que eles tinham informações sigilosas. Então, você acha que eles não notaram você?

— Duvido. Foi antes de a sessão da tarde começar e havia muitas pessoas andando pelos corredores. — Rina fez uma pausa. — Quer uma descrição dos homens?

— Não importa.

— *Não importa?*

— Ainda que você pudesse identificá-los nas fotos dos suspeitos, ainda assim eu não teria nada. Ele ouviu a conversa; você não, certo?

— Certo.

— Então... pronto. Você não precisa se envolver.

— Então, por que tocou nesse assunto, para começo de conversa? — perguntou Rina.

— Eu estava tentando entender se esse cara está sendo sincero.

— Ele trabalha como tradutor nos tribunais.

— Você acha que Harriman é confiável?

— Eu? — Rina apontou o próprio peito. — Não sei. O cara parece saber vários idiomas. E é muito dramático. Nós o chamávamos de Tom Sorridente — por causa de Tom Cruise —, porque ele usava óculos escuros e estava sempre sorrindo com seus dentes brancos. Depois de ouvi-lo traduzir, nós decidimos que ele deveria ser ator.

— Então, você acha que ele pode estar exagerando?

— Não sei dizer. Mas ele usa a voz como um instrumento. Alguns solistas são mais sutis do que outros. Na verdade, eu só soube que ele era cego quando conversei comigo. Ele usa uma espécie de localizador eletrônico para se locomover. Caminha como qualquer outra pessoa.

Decker tentou parecer casual.

— Certo. Obrigado por ajudar.

— Só isso?

— Só queria saber o que você achava do cara.

— Peter, eu gostaria de olhar as fotos dos suspeitos.

— Para quê? Ainda que indicasse alguém, eu não teria como incriminá-lo. Como eu disse, Harriman ouviu a conversa, não você.

— Você poderia pedir para que eles depusessem voluntariamente. Se não depusessem, isso indicaria alguma coisa. E quando eles falassem, talvez Harriman pudesse reconhecê-los.

— Harriman disse que conseguiria reconhecer as vozes. Mas não sei se seria assim no tribunal.

— Você disse que Harriman mencionou nomes que só alguém com informação sigilosa conhece. E está me dizendo que não tem interesse em falar com esses caras? — Decker não respondeu, e ela disse. — Deixe-me ver, Peter, pode ser que eu não reconheça ninguém ou pode ser que eles não estejam ali.

Ele continuou calado.

Rina disse:

— Quem fez isso não deveria estar andando livre por aí. Se fosse qualquer outra pessoa além de Cindy, Hannah ou eu, você a estaria caçando.

— Verdade, provavelmente.

— Eu só verias as fotos.

— O que me incomoda não é você ver as fotos. É a parte do reconhecimento que me deixa nervoso.

Ela encostou o rosto no braço dele.

— Não se preocupe. Tenho um homem grande e forte para me proteger. Ele tem uma arma e sabe usá-la.

Ele acordou com o toque do telefone. Quando a porta foi aberta, deixando entrar a luz artificial, disse que estava acordado e se sentou. Rina avisou que Willy Brubeck estava ao telefone e que parecia importante.

Decker disse:

— E aí, Willy?

— Acabei de falar ao telefone com Milfred Connors. Ele está disposto a falar conosco.

— Certo. — Decker acendeu a luminária do criado-mudo.

— Quando?

— Hoje à noite. Eu disse que estaríamos lá assim que ele pudesse. Ele mora em Long Beach, então é melhor nos mexermos. Quer que eu pegue você?

A mente de Decker ainda estava embaçada. Ele olhou para o relógio do criado-mudo. Eram 7h45. Ele havia dormido sete horas. — Hum, claro. Tudo bem.

— Que bom, porque estou em frente à casa.

— Está? — Decker se levantou e se espreguiçou. — Preciso de uns dez minutos para tomar um banho e me vestir. Entre e espere.

— Me parece bom. Diga, rabino, sua esposa ainda cozinha?

Decker riu.

— Temos uns restos de bolo. Acho que é de chocolate. Você pode comer quanto quiser.

— Só uma fatia, se não se importa.

— De jeito nenhum. Vou pedir para ela fazer café. Nós, que trabalhamos sem parar, vivemos à base de cafeína e açúcar.

Diferentemente da maioria das regiões costeiras, Long Beach nunca ultrapassava os preços exorbitantes das imobiliárias, preços comuns em outras comunidades das praias do sul da Califórnia, provavelmente porque o ambiente da cidade era mais industrial do que de diversão. De onde morava, Decker tinha uma vista privilegiada das refinarias que liberavam fumaça e de grandes estacionamentos. Isso não significava que não havia algumas áreas boas: certamente, a área antiga do centro com seus hotéis e o famoso aquário tinha sido reformada para atrair os turistas. Ainda assim, a maioria das áreas residenciais eram formadas de casas modestas em comparação a outros distritos costeiros.

Milfred Connors vivia em um bangalô pequeno ao estilo californiano — exterior de gesso e um telhado de telhas vermelhas iluminado pelos postes da rua. Era um andar sobre um gramado tortuoso quase sem plantas. O caminho rachado levava a uma varanda velha. A luz estava acesa e Decker tocou a campainha. O homem que atendeu tinha os ombros encolhidos e era muito magro. Além de mechas grisalhas e um rosto comprido e sério. Parecia ter cerca de 75 anos, mais ou menos. Usava uma camisa branca, calça e chinelos. Deu um passo para o lado para que os detetives pudessem entrar na casa.

A sala de estar era organizada e arejada, e entre os móveis, havia um sofá florido, uma espreguiçadeira de couro e uma TV de tela plana em cima de um rack de madeira compensada.

Piso de madeira arranhado, mas de carvalho, Decker notou. Eram originais da casa.

— Sentem-se. — Ele ofereceu o sofá. — Gostariam de tomar café ou chá?

— Não quero nada, obrigado — disse Decker.

— Então, dê-me um minuto para eu pegar meu chá. — Ele desapareceu e voltou um minuto depois segurando uma caneca fumegante. Sentou-se na poltrona de couro, mas não se reclinou.

— A visita tem a ver com os assassinatos dos Kaffey?

Decker respondeu:

— Sim, de certo modo.

— Uma situação horrorosa.

— Sim, foi. — Decker fez uma pausa. — Você trabalhou para a empresa por muito tempo.

— Trinta anos.

— Teve a chance de ver Guy interagir com seu irmão ou com seus filhos?

— O tempo todo.

— O que você diria sobre o relacionamento deles?

— Bem... — Connors bebericou o chá. — O Guy sabia ser grosseiro. Mas também conseguia ser muito bacana

— Você se dava bem com ele?

— Eu não estava no mesmo nível que ele. Guy Kaffey estava aqui. — Connors esticou o braço. — Eu ficava aqui embaixo. — O contador abaixou o braço.

— Mas você o via o tempo todo.

— Ele estava sempre checando os livros. Não havia só eu, mas muita gente. Cerca de vinte. — Fez uma longa pausa. — Você quer me interrogar porque fui demitido por fraude.

— Queremos falar com muita gente, e você estava na lista.

— Que sorte, a minha. — Connors tomou um gole de chá. — Não é o que você pensa. Fui demitido, mas não fui acusado de nada.

— Mas você não se opôs à demissão — disse Decker. — Não processou a empresa.

Connors não respondeu, e Brubeck pegou o caderno e uma caneta.

— Conte-nos o que aconteceu.

— É complicado.

— Tenho certeza de que é. — Decker pegou seu bloquinho e um lápis. — O que acha de começar do começo?

Connors tomou mais um gole de chá.

— Trabalhei para o Kaffey por trinta anos. Nunca pedi nada a ele, mas ele me pediu muita coisa. Horas extras não pagas, trabalho o dia todo, todos os dias da semana, principalmente durante a época dos impostos. Eu fazia tudo sem reclamar. Até minha esposa adoecer.

Decker assentiu.

— Éramos apenas eu e minha esposa — disse Connors. — Não tivemos filhos. Lara era uma professora de pré-escola, então acho que ela se satisfazia no trato com as crianças. E eu, sou uma pessoa que gosta de números, não de pessoas. Lara tomava todas as decisões sociais.

— É como costuma acontecer com pessoas casadas — disse Brubeck.

— Bem, assim eram as coisas conosco. — Ele aqueceu as mãos na caneca de chá. — Eu ia trabalhar e voltava para casa. O que Lara planejava, eu aceitava. — Os olhos dele ficaram marejados. — Ela morreu há cinco anos de câncer. Não consigo superar isso.

— Meus sentimentos — disse Brubeck.

— Deve ter sido difícil — disse Decker.

— Foi, tenente. Ela sentia dor o tempo todo. Mesmo dopada, sentia dor. Lara esteve doente por muito tempo. Tínhamos seguro, mas não pagava tudo. Quando os remédios comuns deixaram de fazer efeito, tentamos coisas experimentais que o seguro não cobria. Usávamos meu salário, usamos nossas economias. O próximo passo foi vender a casa. Eu não podia fazer isso com ela, mas não queria desistir do tratamento.

Decker assentiu e pediu para que ele continuasse.

— Engoli meu orgulho e perguntei a Mace Kaffey se ele podia me fazer um empréstimo. Eu conhecia o Mace mais do que o Guy, e todo mundo na empresa sabia que Mace era mais fácil de lidar do que Guy.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou Decker a Connors.

— Talvez seis anos atrás... o começo do fim. — Connors suspirou. — Mace pediu que eu registrasse o empréstimo como despesa de inventário. E pediu que eu fizesse o cheque para trinta mil, que ele pegaria um pouco a mais, para o caso de eu precisar. A empresa faz negócios com centenas de fornecedores, então não foi difícil mascarar a grana de alguma maneira. Eu sabia que era errado, mas fiz mesmo assim. Dois dias depois, eu tinha dinheiro no bolso. Aceitei aquilo dizendo a mim mesmo que estava só seguindo as ordens do chefe. Eu tinha intenção de devolver.

— Como pensava em fazer isso? — perguntou Decker.

— Com trabalho freelance. Eu disse a Mace que devolveria cada centavo, mas ele disse que eu não deveria me preocupar com isso. Que deveria apenas fazer minha esposa melhorar e então, conversaríamos. Parecia bom demais para ser verdade, mas eu não o questionaria. Vinte mil era muito, mas eu sabia que podia levantar essa quantia. O problema era...

Ele colocou a caneca em cima de uma mesa de canto.

— Não foram só vinte mil. Foram vinte mil, depois quarenta, depois sessenta. Quando ela morreu, eu tinha uma dívida de 150 mil. Isso é muito dinheiro para devolver pensando que as economias de minha vida, meu plano de previdência e o plano de previdência de minha esposa tinham sido totalmente usados. Eu não tinha mais nada em meu nome, exceto a casa.

Connors esfregou os olhos.

— Procurei Mace para dizer a ele que venderia a casa para pagar o empréstimo, e ele me pediu para esperar e não fazer nada precipitado. Eu não podia insistir. — Uma longa pausa. — Ele também pediu para eu continuar pegando dinheiro emprestado da empresa por mais um

tempo. Disse que havia mais pessoas em situação ruim. Eu precisava continuar por mais tempo. E pelo meu esforço, ele diminuiria um pouco o valor a ser devolvido.

— E você concordou — disse Decker.

— Eu estava devendo e ele era meu chefe. Se ele me mandasse continuar, eu continuaria. Eu reuni coragem suficiente para perguntar se Guy não se importava.

— O que ele respondeu? — perguntou Brubeck.

— Disse que Guy tirava dinheiro o tempo todo. Ao todo, preenchi cheques falsos no valor de duzentos mil dólares.

— E você não se importou? — perguntou Decker.

Connors olhou para os detetives.

— Eu havia vivido dois anos no inferno e estava atolado em dívida. Então, independentemente do que Mace dizia, eu fazia e não questionava. Bem, a bagunça toda chegou ao ápice quando a empresa passou por auditoria. Ou seja, os livros foram abertos. A fraude foi descoberta, a Receita Federal começou a processar as indústrias Kaffey, e um processo enorme se estabeleceu entre os irmãos. Pensei que eu me afogaria com o navio, mas Mace, graças a Deus, limpou a minha barra.

— Como? — perguntou Brubeck.

— Ele disse a Guy que as discrepâncias tinham a ver com o custo mais alto dos materiais ou algo idiota assim. Guy não acreditou, por isso houve o processo. Mas por pior que a situação parecesse para Mace, ele não me entregou para as autoridades. Eu fiquei muito grato.

Decker disse:

— Sr. Connors, Mace foi acusado de fraudar *cinco milhões* de dólares. Sua parte no esquema não chegou a tanto.

Connors deu de ombros.

— Talvez ele tivesse o mesmo tipo de esquema com alguns outros contadores. Eu fui só um de muitos.

— Você era um executivo de contas — disse Brubeck.

— Como eu disse, há cerca de vinte executivos de conta na empresa. Cada um é responsável por um projeto ou outro.

— Se Mace estava roubando da empresa, por que Guy não tirou o irmão dos negócios?

— Não sei ao certo, mas eu acho que Mace não estava mentindo quando disse que Guy também faturava com isso. Como Guy era o CEO, ele era muito mais vulnerável à cadeia por fraudar a Receita Federal do que Mace. Provavelmente era mais barato para Guy mantê-lo do que processá-lo.

Decker disse:

— Então, os dois irmãos pararam e Mace se mudou para o leste de novo.

— Sim, senhor — respondeu Connors. — E foi isso.

— Mas tem uma coisa — disse Decker. — Você foi pego fraudando mesmo depois de Mace ter partido para a Costa Oeste.

Connors ergueu as mãos.

Decker disse:

— Poderia explicar?

— Não houve nenhuma acusação contra mim.

— Por acaso pediu outro favor para Mace?

— Eu só disse que preferiria me matar a ir para a cadeia.

— E ele o protegeu.

Ele deu de ombros.

Decker perguntou:

— Poderia nos explicar o que aconteceu?

— Simples. Fui pego. — Connors deu de ombros de novo. — Alguns hábitos são difíceis de largar.

Decker trouxe um cappuccino e um croissant e os colocou na frente de Rina. Ele a havia acomodado a sua mesa.

— O croissant é da Coffee Bean. O cappuccino, eu comprei na esquina. Meio descafeinado com leite integral.

— Perfeito. — Rina tomou um gole. — Preciso do jornal de domingo.

— Você costuma ler o jornal de domingo na cama vestindo um roupão.

Rina havia vestido uma blusa macia de flanela e uma camisa jeans larga, e também calçava os tênis.

— Estou muito confortável, e isto é muito mais divertido do que ler o *L.A. Times* e a matéria sobre o assassinato e a confusão.

Decker colocou três pastas de fotos à frente dela.

— Querida, a emoção do assassinato e da confusão termina aqui.

— Sim, mas nesse caso, pelo menos estou fazendo alguma coisa.

Ela bebericou o cappuccino.

— Não se preocupe, ficarei bem.

Decker esfregou as têmporas. Usava uma camisa polo e uma calça. No momento, ele se sentia muito limpo, mas isso não duraria muito. A poeira no rancho era abundante.

— Quando acabar aqui, tenho mais uma dúzia de pastas em uma mesa do lado de fora do escritório. Veja quantas quiser, muitas ou poucas. Quando se cansar, pare. O esforço visual é um inimigo.

— Entendi.

— E não tente adivinhar. Prefiro que você diga “não sei” a dar um tiro no escuro.

— Compreendo. Não quero que ninguém entre numa busca infrutífera. — Rina abriu a primeira página. Havia seis homens de frente e de perfil, e suas informações básicas: altura, peso, cor dos olhos, cor dos cabelos, raça e marcas distintas, por baixo da fotografia. — Humm... os homens que vi tinham tatuagens. Acredito que é o básico hoje em dia.

— Nem todos os homens tatuados são criminosos, mas todos os criminosos têm tatuagens. Mas as tatuagens são quase tão boas quanto uma impressão digital. Não existem duas tatuagens exatamente iguais. Que tipo de tatuagem você viu?

— Uma parecia um tigre, ou podia ser um leopardo; o outro cara... acho que ele tinha uma cobra. Mas também havia letras.

— Letras? Tipo A, B, C?

— Algo como X. E alguns Ls, talvez.

— Poderiam ser números romanos?

— Boa, Peter. Provavelmente eram.

— Você se lembra de ter visto os números romanos XII?

— Talvez. Por quê?

Decker pegou as pastas.

— Vou te dar outras pastas para começar. Pode ser uma maneira de usar seu tempo de um jeito mais eficiente.

— Quais pastas?

— A de membros da gangue Bodega 12th Street. Eles costumam se tatuar com BXII ou só XII.

— Já ouvi falar do Bodega 12th Street. Eles são traficantes. Faria sentido se eles soubessem algo sobre os assassinatos dos Kaffey?

— Se eles cometeram os assassinatos, faria total sentido.

— Por que eles matariam os Kaffey?

— Porque a Bodega 12th Street é repleta de assassinos. Além disso, descobri que Guy Kaffey costumava contratar membros de gangues

reabilitados para serem seus seguranças.

— Ah, não acredito!

— Não estou mentindo. O Brady disse que o Guy os queria por ideologia, mas também porque eles cobravam pouco. Normalmente, pensaria que era mentira, mas Grant confirmou que Guy contratava ex-membros de gangues. Às vezes, as pessoas — principalmente as muito ricas —, não reconhecem sua mortalidade. Espere, já volto. — Ele voltou com outras duas pastas. — Comece com estas. Espero que você não encontre ninguém que pareça familiar. E se não reconhecer um rosto, não conte a ninguém além de mim.

* * *

— Esta é uma lista de todas as balas, cartuchos e estilhaços de bala que encontramos na propriedade. — Wynona Pratt vestia uma camisa de algodão de mangas curtas, além de calça jeans e tênis. — Quase toda a munição estava no setor nordeste, número quatro, perto e em quatro pilhas de feno.

— Parece que é uma área de prática de tiro.

— É o que acho. Também encontramos uma faca enferrujada e algumas outras peças afiadas de metal que podiam ser facas ou canivetes, mas parece que ninguém as usa há muito tempo. Eu as mandei ao Departamento Forense. Vou abrir os sacos de evidências hoje à tarde na delegacia. É mais fresco lá.

— Ótimo. Diga o que entra e o que sai.

— O rancho é cercado por cercas dupla de arame farpado e por dois metros de cerca simples, fechada com cadeado. Nada é eletrificado, então é possível cortar o metal se você tiver uma boa tesoura de metal e se estiver usando luvas de proteção e grossas. Encontrei oito portões dentro e fora da propriedade. — Wynona mexeu na pasta e tirou uma folha de papel. — Até desenhei um mapinha.

Decker observou o diagrama.

Ela disse:

— Os portões são de metal sólido, exceto os dois portões dos fundos, que são feitos de cerca grossa e trancadas com cadeado. Alicates para cortar ferro poderiam ser usados.

— Algum dos cadeados parece quebrado?

— Não.

— E a cerca? Há buracos em algum lugar?

— Nada tão óbvio, mas não olhei cada centímetro do perímetro.

Wynona ajustou o chapéu.

— Tenho um par de joelheiras em casa. Vou organizar algo amanhã cedo, a menos que queira fazer agora.

— Pode ser amanhã. — Decker secou a sobrelha com um lenço. Ele ouvia os cães e os cavalos protestando no calor. — Quem está tratando dos animais?

— Pensei que fosse o tratador, Riley Karns. Ele esteve aqui ontem.

— Ele está aqui hoje?

— Não o vi.

— Quem deixou você entrar na propriedade?

— Piet Kotsky. Ele disse que você comentou com Neptune Brady que não quer nenhuma segurança particular por perto cuja entrada não tenha sido autorizada.

— Pode ser que eu tenha dito isso — disse Decker. — Isso quer dizer que Riley Karns não é considerado um guarda? Porque eu não permiti a entrada dele.

Wynona deu de ombros.

— Alguém precisa tratar dos animais.

— Vou dar uma olhada nos estábulos para ver se ele está lá.

— Leve uma máscara. Tenho certeza de que está fedendo.

— Não me importo com estrume de cavalo. Quando eu era mais novo, eu tive um rancho e estábulos. Eu andava a cavalo o tempo todo.

Ela apoiou o peso do corpo na outra perna e olhou para ele.

— É mesmo?

— Sim. Fico à vontade com cavalos. São as pessoas que me confundem.

Os estábulos tinham oito baias, e seis delas estavam vazias, mas a palha tinha sido trocada recentemente. Os dois cavalos restantes, que pareciam ser da raça Morgan, estavam bem alimentados e bem hidratados. Decker saiu dos estábulos por uma porta que levava a um pasto. Três animais estavam presos a um mecanismo automático que parecia um guarda-sol grande sem a cobertura de lona. Conforme os cavalos caminhavam, a estrutura girava como um carrossel. Riley estava tratando de uma égua bem forte com pelo marrom-escuro e uma faixa branca no focinho, movendo a estrutura a parte de borracha em movimento circular leve para soltar a terra. Ele olhou para a frente quando ouviu Decker entrar na área, mas continuou trabalhando. Karns era um homem pequeno, de corpo magro de jóquei. Tinha cabelos castanhos penteados acima da sobrancelha e traços faciais leves num rosto enrugado coberto por uma camada de suor. Usava uma camiseta preta e botas de trabalho.

Decker disse a Karns:

— Que belo cavalo — disse Decker.

— Não é um cavalo qualquer. O ganhão dela, Big Ben, foi campeão mundial duas vezes. Ganhou um prêmio de mais de meio milhão. — Karns contraiu os lábios. — Eu costumava cavalgar com ele... Big Ben.

— A sra. Kaffey comprou a égua seguindo sua recomendação?

— Eu não faço recomendações — disse Karns. — Só contratei ajuda. Mas quando soube que Big Ben estava à procura de uma égua, dei à senhora o número de contato. Ela se apaixonou por Zepher. Quem não se apaixonaria?

— Ela parece jovem.

— É jovem. Espere até que ganhe peso.

— Tem bons músculos.

— Ótimos músculos.

Decker disse:

— Então, os Morgans vieram primeiro?

— A senhora adorava Morgans. Ela os mostra o tempo todo. — Karns ficou calado. E então, disse: — Exposições de cavalos entediavam o sr. Kaffey. Então, ele decidiu que tentaria a sorte nas corridas. Foi assim que ele comprou Tar Baby... o garanhão preto. Na primeira vez em que cavalguei com ele, sabia que ele não era adequado. Mas guardei minha opinião para mim mesmo.

— Esperto.

— Sou só um empregado, senhor. — Karns passou um dedo na crina de Zepher. — Vá em frente. Faça suas perguntas, diretor.

— É tenente Decker.

— O que disser, chefe. Onde aprendeu sobre cavalos?

— Eu costumava tratar de cavalos. Gosto de quartos de milha. São animais versáteis. A caminho daqui, vi galgos afegãos no canil; será que a sra. Kaffey era quem cuidava deles também?

— Sim, a senhora adorava os cães, mas o sr. Kaffey, não. Ele não permitia a entrada deles em casa. Acho que ele era um pouco amargurado.

— Por quê?

— Porque ele testou alguns de seus cães e foi um desastre.

— Deixe-me adivinhar. Galgos.

— Muito bem, chefe. — Karns balançou a cabeça. — O sr. Kaffey acreditava que poderia ganhar dinheiro colocando-os em corridas. Poderia ter feito isso, mas os comprou por pouco dinheiro. Qualquer pessoa conseguia ver que aqueles cães não serviam. O homem não sabia nada sobre animais.

— Ou não queria investir dinheiro para comprar campeões.

— Verdade, diretor.

— Quem ficou com os animais que restaram agora que o sr. e a sra. Kaffey se foram?

— Acho que os rapazes ficarão com eles. São eles que me pagam para mantê-los saudáveis. O mais novo, Grant. Ontem, ele me perguntou como fazer para vendê-los. Eu disse que se era o que ele queria, eu poderia ajudar. Ele disse que queria esperar seu irmão melhorar, mas que se eu conseguisse uns preços, seria bom. Também disse para vender os cães. Não vai ser difícil. Alguns deles são campeões. — Ele olhou para Decker. — Você não está me perguntando isso para comprar um cão.

— Verdade.

— Então, o que quer, chefe?

— Seu prédio não fica muito longe do canil.

— Cerca de cinco minutos.

— Você ouviu os cães latindo na noite do assassinato?

— Quando Ana me acordou, ouvi os cães latindo. Ana provavelmente os acordou com seus gritos.

— No verão, meu perdigueiro costumava dormir com os cães. Sempre que eu dirigia até o rancho, ela vinha ao meu encontro, latindo.

Karns não disse nada, então Decker disse:

— O canil não fica muito longe da casa. Acho que se eles percebessem uma comoção acontecendo começariam a latir sem parar.

— Talvez sim.

— Mas os latidos não despertaram você.

— Eu já disse. A Ana me acordou. — Ele trocou o pente pela escova e tirou uma nuvem de pó do animal. — Quando fui para a casa com ela e com Paco, eu os ouvi latir. Imagino que eles podiam ter latido o tempo todo e que eu não sabia. Tenho sono pesado. — Ele parou por um momento. — Não tenho dificuldade para dormir como a classe alta tem, diretor. Porque trabalho de um jeito honesto e minha consciência é limpa.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Riley. Se os cães ouvissem pessoas passando pelo canil, você acha que eles começariam a latir?

— Provavelmente.

— E acha que os latidos provavelmente o despertariam?

— Talvez. Mas não naquela noite, chefe, não naquela noite.

Ele olhou para o relógio e ajustou o mecanismo de caminhada dos cavalos para um ritmo mais lento.

— Se um intruso entrasse pelo portão dos cavalos, ele provavelmente acordaria os cães. Mas se viesse do outro lado, eu não ouviria nada, nem meus animais. Então, se eu fosse você, meu palpite seria de que um intruso não entrou por aqui.

Decker mudou de assunto.

— Você sabia que encontramos um corpo jogado em uma vala antiga de cavalos?

— Difícil não notar a movimentação de ontem... ou de antes de ontem. Não sei. Os policiais não saem mais daqui.

— Alguém teve que abrir a vala com antecedência para colocar o corpo tão fundo no buraco. Você não ouviu nenhum barulho disso também?

— A vala fica do outro lado do rancho, chefe.

— Sabia que havia uma vala de cavalos na propriedade?

— Claro — disse Karns. — Eu a abri. As pessoas que têm ranchos grandes fazem isso o tempo todo.

— Enterrou três cavalos de uma vez?

— Não de uma vez. A primeira vala que abri foi para o Netherworld, e a segunda, para Buttercream. Abri a vala dela ao lado da dele. Mas quando Potpie morreu, não senti vontade de abrir um novo buraco. Dá muito trabalho. Então, abri o espaço entre Netherworld e Buttercream e fiz um buraco grande e a coloquei ali.

— Há quanto tempo os cavalos morreram?

— Netherworld e Buttercream morreram há cerca de dois anos. Potpie morreu ano passado. O cheiro não estava tão ruim. Os dois primeiros já tinham apodrecido quando enterrei o terceiro.

— Mais alguém sabe sobre a cova dos cavalos?

— A senhora sabia. Ela fazia uma oração sempre que um de seus queridos morria.

— Mais alguém além da sra. Kaffey?

Karns olhou de um lado a outro. Não disse nada.

Decker disse:

— Não é uma pergunta difícil. Quem mais que está vivo sabe sobre as covas?

Por fim, ele disse:

— Paco Albanez cuida da terra aqui. Ele tem uma escavadeira. Perguntei a ele se podia pegá-la emprestada. Ele me disse que estava quebrada e me perguntou por que eu precisava dela. Quando eu disse que tinha que abrir uma cova para os cavalos, ele disse que me ajudaria a abrir o buraco, se eu quisesse.

— Mais alguém lhe ajudou a abrir a cova.

— Só eu e Paco.

— Como decidiram onde abrir a cova?

Decker percebeu que Karns rangia os dentes, e uma protuberância se formou na lateral do rosto.

— Alguém disse onde você deveria cavar?

— Não quero problemas, chefe.

— Não tem problema nenhum. Mas preciso que você me diga quem mandou você abrir o buraco.

— O patrão me mandou abrir a vala. Joe Pine estava trabalhando naquele dia. Ele me disse onde abri-la.

Karns voltou a escovar os cavalos. Decker não foi embora, então ele disse:

— É tudo o que sei.

— O que você sabe é muito, Riley.

Karns soltou o ar fazendo um barulho.

— Por isso eu não queria entrar nisso.

— Riley, meu amigo, você está *dentro* disso, queira ou não. Você foi uma das primeiras pessoas que viram a cena do crime, e agora está me dizendo que abriu a cova de Denny Orlando...

— Porra! — Karns se virou, o rosto vermelho e as mãos tremendo.

— Não abri a cova de Denny. Abri uma cova para os cavalos onde o coitado do Denny foi encontrado.

— Bom, *alguém* abriu aquele buraco para o Denny — respondeu Decker —, e tem que ser *alguém* que sabia que a cova existia.

Karns cuspiu no chão, longe do sapato de Decker.

— Fui honesto com você e agora está torcendo minhas palavras para que os assassinatos sejam culpa minha ou sei lá. Não tenho mais nada a dizer.

Decker decidiu usar a abordagem cooperativa.

— Se estiver sendo sincero, tenho uma proposta a você. Passe pelo detector de mentiras.

— Essas coisas não prestam.

— Não é verdade — disse Decker. — Só vai ajudar você. Não posso usá-lo contra você se passar, mas se passar, direcionarei minha energia

para outro lado.

— Não confio em você, chefe. Provavelmente vai me fazer dizer coisas que não quero dizer.

— Não vou aplicar o teste. — Quando Karns olhou para ele, Decker sorriu. — E quanto a dizer coisas, as respostas são sim ou não. É difícil estragar as coisas com respostas de uma palavra.

Karns não respondeu na hora. Apesar de Decker reservar uma boa parte de sua conclusão até ter os fatos em mãos, sua intuição dizia que Riley não estava sendo evasivo. Mais parecia que Karns desconfiava profundamente de tudo que exigisse o uso da eletricidade.

— E se fizermos assim: se você mudar de ideia, pode me dizer — disse Decker.

— Vou pensar — respondeu Karns. — Agora, gostaria de voltar a fazer minhas coisas em paz, se não se importar.

— Só mais umas perguntas. Os cadáveres dos animais deviam ser pesados. Você teve que contar com ajuda para arrastá-los até a cova.

— Fizemos a cova antes, chefe. Depois, nós colocávamos os bichos para dormir perto do buraco.

— Ah, faz sentido.

— Saberia se tivesse criado cavalos, mesmo.

— Tive cavalos, mas nunca tive que matá-los. Era o veterinário quem fazia isso.

— É, logo pensei que você não sujaria suas mãos.

Decker ignorou o comentário irônico.

— E você tem certeza de que você e Paco fizeram as covas sozinhos? Se está sendo sincero até aqui, não estrague tudo numa pergunta simples.

Karns olhou para baixo.

— Talvez Pine tenha ajudado também. Por que não fala com ele?

— Não conseguimos encontrar Joe. Tem ideia de onde ele possa estar?

— Não, não tenho. — Voltou a olhar nos olhos. — Pergunte ao Brady. Ele está no comando.

Era o próximo passo de Decker.

O chefe da segurança dos Kaffey atendeu no terceiro toque, mas a ligação estava ruim.

— Mal consigo ouvi-lo, tenente. Pode enviar uma mensagem de texto?

Decker odiava enviar mensagens de texto. Seus polegares eram grandes demais para o teclado do telefone. Ele apoiou o telefone no ombro um pouco antes de pegar a saída para o Rancho Coyote.

— Não estou ouvindo.

— E agora? Consegue me ouvir?

— Melhor — disse Decker. — Não se mexa. Onde você está?

— Na residência de Newport Beach. Mace e Grant... (*estática*)... me contrataram... um olho no local e, mais importante, *neles*.

Decker não tinha certeza de que havia ouvido direito. Grant continuava acreditando em Neptune Brady mesmo depois de Gilliam e Guy terem sido mortos embaixo de seu nariz? Ele disse:

— Preciso conversar com você.

— Não posso sair... (*estática*)... prometi... (*estática*)... protegê-los.

— A ligação está falhando, sr. Brady.

— Maldito sinal.

— Ouvi.

— Não posso sair de meu posto, tenente.

— Vou a Newport.

— Vou pedir a Mace e a Grant. Se isso... (*estática*)... não tiver problema comigo. Quando... (*estática*) estará aqui?

— Vou precisar de pelo menos algumas horas.

— ... (*estática*)... os chefes não se importam, o que acha de três?

— Três seriam perfeitas.

Brady deve ter tentado se despedir, mas Decker só ouviu o ruído branco, e depois dele, o silêncio.

Depois de marcar as pastas com Post-its, Rina voltou para a primeira página pré-selecionada.

— Este cara aqui, Fredrico Ortez, poderia ser o cara entre esses dois.

Decker disse:

— Poderia ser ou é, com certeza?

— É ele ou este. — Ela virou outra página. — Este homem aqui... Alejandro Brand, o cara com uma cicatriz. Os dois homens se pareciam — pelo menos nas fotos da polícia.

Eles se pareciam, sim: tinham cabeça raspada, rosto fino, nariz pequeno com grandes narinas, lábios carnudos e olhos profundos. Quanto às características marcantes, os dois tinham tatuagem de animais: Brand tinha uma cobra no braços, e Ortez ostentava um tigre no peito.

Entre outras marcas, estavam os numerais XII ou B12, de Bodega 12th Street.

Rina disse:

— Pensei que eles pudessem ser irmãos, mas com sobrenomes diferentes.

— Você não disse que um dos caras tinha uma tatuagem de cobra?

— Disse. Talvez você devesse analisar Brand com mais atenção.

— Talvez faça isso. E o maior deles?

— Talvez esse cara... — Rina mostrou uma foto a ele. — Ou talvez este ou este. Mas tenho menos certeza em relação a este.

Ela fechou as pastas.

— Para dizer a verdade, depois de um tempo, todo mundo começa a se parecer. Naquele dia, eu conseguia vê-los em minha mente, mas as coisas perdem a força. Só olhei rapidamente. — Ela deu de ombros. — Desculpa.

No fundo, Decker ficou aliviado.

— Você foi muito bem. Vou pesquisar esses nomes para ver se temos motivos para levá-los à delegacia. E ainda que não tenhamos nada contra eles no momento, esses caras são arruaceiros. Se eu os seguir por uma hora, tenho certeza de que poderia flagrá-los fazendo algo ilegal.

— Eu poderia ter sido mais precisa se tivesse olhado com mais atenção, mas ele ficava dizendo para eu não olhar fixamente... o cego... o Harriman.

— Ele foi sensato.

— Não sei se eu poderia reconhecê-los ao vivo.

— Não vai precisar fazer isso. Se eu conseguir levar esses palhaços para a delegacia, vou gravar o interrogatório e enviar as fitas a Harriman com algumas fitas similares. Ele me disse que poderia identificar as vozes. Vamos ver se pode, mesmo. — Decker fechou as pastas e ficou de pé. — Preciso ir a Newport Beach. É uma viagem longa. Quer me fazer companhia?

— O que tem em New... Ah, a casa dos Kaffey. Acho que posso ir para ver as galerias de arte para tentar encontrar quadros de plantas que quero para a nossa coleção.

Decker franziu o cenho.

— Dois terços da coleção estão dentro de armários. E não pagamos ainda. Por que quer mais e pagar por eles?

— Não pago nada, Peter. Eu escolho. Falo o que tenho, e os donos da galeria dizem o que eles têm. Às vezes, eu troco e saio ganhando, e às vezes, troco por menos. É divertido.

— Eu acharia divertido vender a coleção e colocar o dinheiro no banco.

— É uma opção.

— Mas não sua. E é por isso que sou um ignorante e você, uma especialista.

— Você não está sentimentalmente envolvido com os quadros como eu. Vejo um quadro e penso em Cecily Eden e como nos divertíamos

falando de plantas e jardins apesar de eu ainda não saber por que ela deixou seus quadros para mim, e não a seus herdeiros.

— Ela sabia que você os valorizaria, e você os valoriza.

Ele beijou a cabeça dela.

— Vamos. Se eu tiver um tempinho, irei com você a algumas galerias. Adoraria ver você balançar um Martin Heade na frente dos caras de olhos arregalados.

O trajeto de 85 quilômetros foi percorrido depressa, graças à conversa boa e ao céu azul refletido na água que brilhava como diamante. Com os montes tomados por flores selvagens a leste e as praias que marcavam o lado oeste do continente, Newport deveria ser classificado como um dos lugares mais lindos do planeta. De beleza requintada, o local também era bem caro, um daqueles lugares em que se você tem que perguntar o preço, é porque não pode pagar.

A região estava cheia de carros e de turistas. Apesar de a economia estar mais fraca, aquela marina não parecia ter sido afetada. Estava cheia de barcos a vela, a motor, catamarãs, lanchas e iates de todos os tamanhos e formatos. Galerias, lojas e cafés pareciam ser os empreendimentos mais comuns. Decker deixou Rina na frente de uma galeria, e então olhou no mapa e partiu em direção à região residencial.

Os Kaffey tinham dado à mansão o nome de Sinos de Vento, e ela se localizava atrás de portões de ferro forjado dentro dos quais havia uma casa grande repleta de sentinelas, e uma cerca viva comprida que parecia se estender por dois quarteirões. Depois de conversar com um dos guardas, ele e seu carro puderam entrar pelo caminho sinuoso cercado por uma floresta de pinheiros, abetos, plátanos, elmos e eucaliptos. Ele teria parado para olhar, mas havia guardas demais que gesticulavam para que ele avançasse. Quando chegou ao pátio, viu a mansão.

A família de Decker havia feito uma viagem de família a Biltmore, na Carolina do Norte, quando ele era criança e apesar de saber que o

lugar não poderia ser tão grande, ainda assim parecia coisa de outro mundo. Parecia que Guy Kaffey tinha copiado o estilo de regência francesa de Biltmore. Como seu modelo, ela era feita com calcário e tinha telhados de múltiplas peças azuis com muitos espigões e chaminés.

Ele poderia ter notado mais detalhes, mas foi impedido por um sentinela particular. O homem era atarracado, com cara de bravo. Depois de conferir a identificação de Decker, enviou uma mensagem de rádio a alguém por meio de seu walkie-talkie e decidiu que o policial de Los Angeles podia entrar.

— Deixe seu carro aqui. Levaremos você à entrada em um carrinho de golfe. E ficaremos com sua arma.

Decker sorriu.

— Posso deixar o carro aqui. Ir até a casa num carrinho de golfe, OK. Mas ninguém toca em minha arma.

Mais conversas pelo rádio e pelo walkie-talkie.

Por fim, o sentinela disse:

— O que está portando?

— Uma Beretta 9 mm padrão. O sr. Brady está na linha?

O guarda o ignorou, mas deve ter comunicado. Alguns minutos depois, Decker descia o caminho em direção à casa por meio de jardins, samambaias, orquídeas, parreiras e uma horta cheinha de tomates, feijão-da-espanha, manjeriço, abóboras e abobrinhas. O carrinho de golfe parou sob um toldo que combinava com a casa, e todo mundo desceu. O local dava vista a uma piscina enorme que se misturava ao azul do Pacífico.

Vestindo um blazer azul com botões de metal, calça branca de linho e sapatos de sola de borracha, Neptune Brady observava o mar por meio de um telescópio montado. Mascava chiclete, com a mandíbula tensa e relaxando, enquanto virava o equipamento para observar pontos diferentes da água. A casa ficava em uma ribanceira — cerca de 15 metros acima da água. Havia alguns barcos na praia e alguns barcos

comerciais no horizonte. As ondas quebravam devagar, e a espuma lambia a areia. Do alto da ribanceira, o som era de ventos uivantes.

Brady dispensou seus homens com um movimento e depois de alguns minutos, só ficaram os dois. Ele disse:

— Pedi para instalarem isto quando minha família se mudou para cá.

— Ele ainda espiava pelas lentes. — Kaffey recusou que uma cerca fosse instalada ao redor da casa porque dizia que arruinaria a vista.

— Ele tinha razão — disse Decker.

— Sim, mas fica mais fácil para alguém burlar a segurança. — Brady desviou o olhar da lente e olhou para Decker. — Não que isso tenha sido impedimento no rancho.

À luz forte do sol, Brady havia envelhecido em poucos dias: mais rugas e mais cabelos grisalhos. Suas pupilas estavam contraídas, e os olhos pareciam quase incolores.

— Não sei quanto tempo posso lhe dar. Talvez tenha que partir abruptamente.

— Onde estão Grant e Mace Kaffey?

— No hospital, com Gil. Ele está melhor.

— Que bom saber.

— *Graças a Deus*, ele passou por isso. — Um suspiro forte. — Acho que minha ficha está caindo... — Ele esperou um pouco. — Está chegando ao fim, para mim.

— O que está chegando ao fim?

— Tudo. Meu trabalho era cuidar de Guy e de Gilliam, e eu fracassei.

— A família manteve você — disse Decker.

Ele assentiu ao olhar para Decker.

— Que escolha eles tinham?

— Poderiam ter demitido você imediatamente. — *E o fato de não terem feito isso me interessa.* — Decidiram não fazer isso.

— Acho que eles estão assustados demais para fazer mudanças. Quando o Gil se recuperar, vou ser limado.

— O que você acha que deu errado?

— Podem ser mil coisas. Por fora, parece que quando você encontrou o Denny, bem... eu acho que todo mundo está apontando um dedo a Rondo Martin. Mas não acredito... ainda acho que deve ter sido alguém de fora com informações.

Pensando em Joe Pine, Decker perguntou:

— Alguém específico em mente?

Brady se sentou em um banco e olhou para o mar.

— Havia muitas empregadas e pessoas trabalhando no local: aqui em Sinos de Vento e no Rancho Coyote. Pelo menos dez pessoas por dia passando por aí, cortando as plantas ou aguando-as. Como saber quais conspirações acontecem nas minhas costas?

— As mesmas pessoas trabalhavam nos dois lugares?

— A maioria, sim, mas há grande rotatividade. Guy se irritava e demitia as pessoas, e então, vinha um grupo totalmente novo.

— Você vetou todo mundo que trabalhava para os Kaffey?

— Fazia pesquisa de histórico de qualquer um que Guy pedisse. Mas não era o responsável por contratar nem demitir ajuda doméstica.

— E quem era?

— Não sei, mas não era eu.

— Eles nunca pediam sua opinião?

A mandíbula de Brady começou a se contrair mais.

— Eu não disse isso, mas tenho certeza de que alguns dos empregados não tinham *green card*. Como eu disse antes, Guy era sovina. Se precisava de alguém para cortar mato, escolhia quem cobrava menos. Talvez Paco Albanez soubesse mais. Ele é legalizado, por falar nisso. Eu pesquisei seu histórico.

— Quem contratou Paco?

— Guy.

— Quem contratou Riley Karns?

— Gilliam. Ela deu a ele a tarefa de tratar de todos os animais... cães e cavalos.

— Onde ela encontrou Riley Karns?

— Ela o contratou em um dos clubes de cavalos onde costumava expor seus Morgans. Fiz uma pesquisa no histórico dele e não encontrei nada. Ele tinha boa reputação no trato com animais, e já foi um jóquei habilidoso. Montava quartos de milha.

— Voltaremos a falar dele daqui a pouco — disse Decker. — Então, acha que os assassinatos foram cometidos por alguém contratado?

— Alguém de dentro. Não todo mundo... só algumas maçãs podres.

— E Rondo Martin? É uma maçã podre?

— Eu o investiguei. Ele havia trabalhado para a Ponceville por oito anos. O local era uma comunidade rural, então não havia muitos crimes com os quais lidar, mas no comando de Martin, os poucos crimes que aconteciam, diminuíram. Nada nele despertava desconfiança.

— Por quanto tempo ele trabalhou para você?

— Dois anos.

— Por que ele saiu de Ponceville?

— Eu me lembro de que ele queria viver em uma cidade maior, mas posso estar enganado. Veja no arquivo dele, que entreguei a um de seus detetives. Não me lembro do nome dele, mas ele se vestia muito bem.

Diziam que as roupas falavam muito a respeito de um homem, e nesse caso, essa frase era muito verdadeira.

— Seria Scott Oliver. Você conhecia Rondo Martin muito bem?

— Ele aparecia para trabalhar na hora certa. Fazia bem seu trabalho e sem causar problemas.

— Ele falava espanhol?

Demorou um pouco para Brady processar a pergunta.

— Alguns dos guardas eram bilíngues, mas não sei se era o caso de Martin. — Ele olhou nos olhos de Decker. — Não sei o que parece, mas você tinha suspeitas em relação a Denny Orlando. E então, ele apareceu morto.

— Você acha que Martin está morto?

— Não faço ideia.

— E Joe Pine? Ele falava espanhol?

Brady fez uma pausa.

— Sim, fluentemente. Por que está perguntando sobre ele?

— Está desaparecido.

A pausa durou mais do que deveria.

— Está desaparecido? — Decker assentiu e Brady balançou a cabeça, incrédulo. Ele era um dos criminosos reabilitados de Guy. Tenho certeza de que ele tem antecedentes criminais. Nunca gostei dele, mas o Guy era o chefe.

O rádio de Brady tocou.

— Com licença. — O guarda falou com a voz baixa, e então disse: — Agora mesmo. — Ele se virou a Decker: — Grant e Mace voltaram do hospital. Gostariam de conversar com você.

— Tudo bem. Riley Karns me disse que ele foi um dos caras que abriram as covas para os cavalos. Disse que Joe Pine, que estava trabalhando naquele dia, disse a ele onde abri-las.

— Pode ser. Espere. — Brady falou ao telefone. — Preciso da carroça depressa. — Enfiou o telefone no bolso. — Normalmente, eu não tinha nada a ver com os cavalos, mas quando um deles ficou doente... acho que foi Netherworld, o Guy me disse que não queria gastar dinheiro com cremação. Pediu para eu encontrar um ponto afastado da propriedade onde pudesse colocá-lo. Acho que pedi a Pine para encontrar o lugar. — Uma pausa. — Acho que disse a ele que se precisasse de ajuda, deveria pedir a Riley ou a Paco.

— Então, você não escolheu o local?

— Não, mas eu sabia que os cavalos estavam escondidos em algum lugar por ali. — O homem estava suando. Ele secou o rosto com um lenço. — Gostaria de dizer que estava a oitocentos quilômetros daqui quando os crimes ocorreram.

Isso não significava nada. Decker disse:

— Preciso de uma lista com todas as pessoas que sabiam da cova. Até agora, tenho Karns, Paco Albanez, Joe Pine e você. Mais alguém?

— Não sei, pelo amor de Deus. Foi há um ano, pelo menos.

— Você é o responsável — disse Decker com seriedade. — Tem que saber essas coisas.

Brady inspirou fundo e soltou o ar.

— Tem razão. Vou descobrir.

— O que sabe sobre Joe Pine?

— Pouco. Quando Guy disse que deveria contratar alguém, eu contratei. Acho que a família dele era do México. Ele vive em Pacoima.

— Brady viu o carrinho de golfe se aproximar. — Conversaremos mais tarde. Vamos ver os chefes. Talvez eles possam ajudar você.

— Por falar nos chefes, soube que Greenridge estava com problemas.

Brady olhou para o motorista do carrinho de golfe, que se esforçava para mostrar que não estava prestando atenção.

— Não sei de nada disso. E se fosse você, tomaria cuidado com minhas suposições. Como não sabe com o que está lidando, alguém pode entender do jeito errado.

— Parece uma ameaça, apesar de ter certeza de que não tem essa intenção.

— Estou falando apenas para alertar. Guy e Gilliam eram protegidos por uma série de pessoas e veja o que aconteceu. Vamos.

Brady se sentou ao lado do motorista, e Decker, no banco de trás. Então eles retomaram o caminho. Neptune tinha razão a respeito de uma coisa. Investigar crimes era perigoso. Era o trabalho de Decker: abrir portas sem saber o que esperava do outro lado. Na maioria das vezes, eram coisas inofensivas. Mas um passo em falso e você poderia se ver diante do cano de um revólver.

O carrinho de golfe parou antes da entrada da Sinos de Vento. Decker seguiu Brady por diversos corredores até o segurança abrir as portas duplas. Mace e Grant estavam esperando em um conservatório todo de vidro, com as portas francesas escancaradas para deixar o ar fresco entrar, assim como o som hipnótico das ondas do mar. No espaço, havia várias poltronas, cadeiras e mesas de canto, e sobre a maioria delas, podiam ser vistos vasos de orquídeas brancas e falenópsis roxas, cimbídios amarelos, bromélias cor-de-rosa e diversas violetas africanas. As cortinas tinham sido fechadas para impedir a entrada da luz forte do sol da tarde.

Os homens estavam bebendo algo com gelo. Grant vestia uma camisa polo branca, jeans e sandálias. Os cabelos loiro-escuros estavam mais claros e a pele havia escurecido em alguns dias, graças ao sol da Califórnia. A pele escura de Mace estava bronzeada. A barba por fazer marcava seu rosto, exceto sobre o lábio, onde pelos em quantidade suficiente tinham crescido a ponto de serem chamados de bigode. Ele vestia uma camisa azul com as mangas dobradas, expondo os músculos fortes de seus braços. Calças de gabardine cobriam as pernas grossas que mais pareciam troncos de árvore.

Grant estendeu o copo na direção de Decker.

— Limonada. Quer um copo? Ou é do tipo que só bebe cerveja?

Cerveja = falta de requinte.

— Limonada seria ótimo, obrigado.

— E você, Neptune?

— Não quero nada, sr. Kaffey, mas obrigado.

A Decker, Grant disse:

— Quer uma dose de vodca junto?

— Não durante o trabalho.

— Trabalho no domingo? Isso, sim, é dedicação. — Grant chamou uma empregada e pediu mais um copo de limonada. — Vamos torcer para que seja de verdade, não só para impressionar. Sei que você está sob pressão.

Decker ignorou a isca.

— Soube que seu irmão melhorou.

— O médico disse que ele sai em uma semana, ótima notícia. Imagino que você vai perturbá-lo com seu interrogatório.

— Não há dedicação sem perturbação.

— Pegue leve. Ele ainda está em choque. Talvez não físico, mas... entende o que quero dizer.

— Entendo. Onde ele vai ficar?

— Vai para a casa dele. O ex-namorado vai ficar com ele também, além de uma enfermeira em tempo integral.

— O ex de seu irmão é Antoine Resseur?

— Sim, ele é um cara bacana. — Grant olhou para o mar. — O dr. Rain disse que espera uma recuperação completa. Só precisa tomar cuidado até seu fígado sarar. Não pode beber nada alcoólico. Isso é meio chato.

Decker pegou o caderninho de anotações.

— Gil bebe muito?

— Socialmente, como eu. Na verdade... — Grant foi até um armário e acrescentou uma dose de Bombay Sapphire à limonada. — Só se vive uma vez.

Uma empregada uniformizada entrou e entregou a Decker um copo de limonada. Ele agradeceu e disse a Grant:

— Pelos meus registros, Gil mora em Hollywood Hills.

— Oriole Way. Não sei o endereço, mas é uma construção moderna da metade do século, o que não quer dizer nada, já que a maioria das casas foi construída nessa época.

— Vou pegar o endereço.

Os olhos de Grant ficaram marejados.

— Recebi um telefonema do legista. Ele disse que vai precisar de uns dias mais até...

— Essas coisas levam tempo — disse Decker. — Sinto muito.

— A vida continua — disse Grant. — Vamos fazer um velório amanhã, e então, Mace vai voltar para o leste amanhã à noite.

Mace disse:

— Se precisar falar comigo, pode contatar a minha secretária. Estarei viajando para Hudson Valley, e vou levar o telefone. Tenho muito trabalho a fazer. — Ele ergueu as sobrancelhas escuras. — Estou com medo de ver o estado em que vou encontrar minha mesa.

— Problemas? — perguntou Decker.

— Nunca são problemas — insistiu Mace com um sorriso. — Só questões a serem resolvidas. Por mais que meu coração esteja triste, alguém precisa ficar de olho nas nossas operações na Costa Leste.

Grant disse:

— Decidimos que Mace pode lidar com Greenridge enquanto meu irmão e eu pensamos no enterro e nos detalhes de administração da empresa. Vou ficar no controle para acalmar todo mundo.

— As indústrias Kaffey continuarão existindo — disse Mace. — A empresa não é uma operação de um único homem.

— Meu pai era esperto o bastante para delegar muito da administração aos filhos — afirmou Grant. Ao olhar para Mace disse: — Nós três.

Decker assentiu.

— Tem ideia de quanto tempo ficará na Califórnia?

— Preciso que o Gil esteja trabalhando a toda, e isso pode demorar um tempo. — Grant girou os cubos de gelo no copo alto. — Decidi

que a melhor coisa a fazer é levar minha família para lá. Vamos ficar no Sinos de Vento até tudo entrar nos eixos. É por isso que eu queria conversar com você, tenente. — Ele olhou para Decker. — Gostaria de saber quando seu pessoal vai sair do Rancho Coyote.

— Gostaria de poder te responder. Temos muito material para analisar, ainda mais agora que Denny Orlando foi encontrado enterrado na propriedade, as coisas terão de ser repassadas. — Grant se retraiu, e Decker disse: — Isso é problema para você? Que meu pessoal fique ali por um tempo?

— Pode se tornar, em breve. Por enquanto, a propriedade está sendo analisada pelos advogados do papai. Não conheço o conteúdo exato do testamento, mas acho que a maioria das ações dos meus pais será minha e de Gil.

— Você tem certeza disso? — perguntou Decker.

— Praticamente. Não vamos herdar só a fortuna deles, mas também um imposto bem gordo. Nem Gil nem eu queremos o rancho. Gostaríamos de vendê-lo. O dinheiro obtido na venda ajudaria a quitar o imposto.

— Farei o melhor que puder, mas não queremos deixar para trás nada que possa ser crucial na investigação. Tenho certeza de que entende isso.

— Como sabe se algo é crucial ou não?

— É essa a questão, sr. Kaffey. Nunca se sabe. Por isso somos meticulosos.

Houve um silêncio. E então, Grant perguntou:

— E a estimativa de tempo? Uma semana? Um mês? Um ano?

— Não um ano — repetiu Decker. — Provavelmente não passará de um mês.

— Assim que os bens forem avaliados, o rancho será colocado à venda. Já entrei em contato com um corretor — disse Grant.

— Na verdade, você não pode fazer nada com a propriedade antes de terminarmos, mas tentarei ser pontual. Tenho certeza de que podemos

descobrir algo mesmo se ainda estivermos lá.

— Desde que não me atrapalhem, tudo bem. Não é todo mundo que pode comprar uma propriedade daquele tamanho, principalmente na situação econômica atual. Se conseguirmos um comprador, vamos vender. Não quero que nada assuste ninguém.

— Os assassinatos foram divulgados. Qualquer comprador do Rancho Coyote saberia do ocorrido.

— Ainda assim, não faz sentido ser óbvio.

— Vou tentar manter o prazo — Decker reiterou.

Mas Grant pareceu não ter ouvido.

— Por outro lado, os assassinatos podem atrair outros tipos de compradores. Há muitos urubus por aí. Você não acreditaria nos telefonemas que nossas secretárias têm filtrado. Estamos sendo assombrados pela imprensa! Todos eles querem detalhes: a respeito do crime, a respeito do progresso de Gil, a respeito de nossos negócios, a respeito do testamento dos meus pais, pelo amor de Deus! O que há de errado com o mundo?

Decker deu de ombros.

— Estamos vivendo uma era em que tudo é instantâneo, graças à tecnologia. Ela cria comunidades de bebês chorões, que quando não conseguem gratificação imediata, se tornam petulantes e fazem bico.

— Concordo com isso — disse Grant.

O homem não percebeu que os comentários de Decker o incluíam na categoria de petulante e bicudo. E isso provavelmente era bom.

Enquanto dirigia para o norte em direção a Los Angeles, Decker estava feliz por Rina estar falante. Ela estava contando sobre os quadros que viu e gostou, o que poderia querer trocar e quanto acreditava que conseguiria por algumas das principais obras. Até mesmo Decker ergueu uma sobrancelha.

— Talvez pague um ano da faculdade de Hannah.

— Pare de falar de pobreza, tenente, estamos bem. Como foi seu dia?

— Conforme o previsto. Nada diferente, mas não cheguei com expectativas.

— Então, por que foi?

— Para pegar a estrada com você.

— Muito gentil. — Ela se inclinou e beijou Decker. — Eu me diverti. Sinto muito por não ter sido bom.

— Não é isso. — Ele pensou por um momento. — Não falamos com esses caras achando que conseguiremos uma confissão. E eu não consegui isso, com certeza.

Rina olhou para o rosto dele.

— Parece perturbado.

— Preciso entrevistar Mace Kaffey sozinho, mas ele vai para casa amanhã à noite, e ele mora no leste. Preciso ser rápido. Eu deveria ter marcado alguma coisa, mas não quis fazer isso na frente do Grant.

Decker contou sobre a conversa com Milfred Connors na noite anterior. Também explicou todas as acusações de fraude contra Mace, o processo entre os irmãos e como tudo acabou sendo resolvido, mas Mace acabou sendo demitido.

— É um filme estrelado por Mace no papel de Robin Hood — disse Rina. — Roubando dos ricos para dar aos pobres.

— E pegando um pouco para si — disse Decker.

— E foi isso o que originou o processo entre os irmãos?

— Ainda não tenho certeza — disse Decker. — Esse é o problema.

— Connors diz que fez cheques falsos de duzentos mil, e Mace devolveu cerca de cento e vinte mil. Assim, Mace embolsou oitenta mil. É muita grana, mas bem longe de cinco milhões.

— Mas não são oitenta mil, Peter, são duzentos mil.

— Sim, tem razão. Mas ainda que Mace tenha feito a mesma coisa com todos os contadores ali, seriam, no máximo, quatro milhões, não

cinco. E, sinceramente, duvido que ele tenha feito o mesmo esquema com todo mundo da contabilidade.

— Então, o que está pensando?

— Mace estava falando a verdade quando disse que Guy também estava envolvido. Quando a Receita abriu os registros, Guy estava tão vulnerável quanto Mace. — Decker fez uma pausa. — Gostaria de saber se o processo todo foi uma história.

— Como assim?

— Eram os negócios de Guy, para começo de conversa. E se ele estivesse controlando a maior parte e foi pego, devendo uma baita conta à Receita mais as multas e o tempo de pena? Imagino Guy prometendo alguma coisa para Mace se este aguentasse o tranco pela fraude.

— Mas Mace não aguentou o tranco. Você me disse que o caso ficou resolvido entre os irmãos, com a Receita, e então, Mace foi rebaixado.

— Dando a entender que Mace era culpado.

— Ele era culpado — disse Rina.

— Mas talvez, não tão culpado quanto Guy. Pense bem, Rina. Mace é acusado de fraude, mas Guy o mantém e o transfere para a Costa Leste e dá a ele o Greenridge, um dos maiores projetos que as indústrias Kaffey já tiveram. Isso é mesmo rebaixá-lo?

— Grant não cuida do Greenridge?

— Cuidava, mas sem Guy Kaffey, Grant está aqui e Mace está lidando com o Greenridge sozinho.

— Você está dizendo que Mace matou o irmão e a cunhada e tentou matar o sobrinho para poder ficar no controle do Greenridge?

— E se Guy cancelasse o Greenridge? Onde Mace ficaria?

— Mas se Mace aguentasse o tranco por Guy, ficaria implícito que Mace tem informações comprometedoras sobre o irmão. Então, por que Guy irritaria Mace de propósito?

— Não tenho respostas, só perguntas.

Rina riu, e Decker também.

— Muitas perguntas, e nenhuma pista, exceto o que Harriman ouviu. Vou investigar os caras que você identificou. Mas, ainda que um deles tenha participado dos assassinatos, tenho certeza de que foi apenas um contratado.

— Você acha que Mace armou tudo?

— Não sei, Rina. Sempre analiso a família e quem tem a ganhar com tudo isso. Mace pode ter ganhado o Greenridge por ajudar Guy com seus problemas com a Receita, mas, se os pais morrem, são os filhos que ficam com a herança. Grant já está falando sobre vender o rancho para quitar os impostos. Eles continuam no topo da minha lista.

— Mas Gil foi baleado com gravidade. Como pode suspeitar dele?

— Verdade. O tiro fez com que ele perdesse parte do fígado, foi um ferimento grave, mas ele não morreu. Já os outros foram abatidos. Ainda que Harriman tenha dito a verdade, que José ficou sem balas, deveria haver outra pessoa com uma arma extra para atirar na cabeça de Gil. E se Gil combinou um esquema para parecer inocente e quem atirou acertou um órgão vital sem querer?

— Já vi isso em *Forensic Files*. É comum? — perguntou Rina.

— Não é comum, mas já vi antes.

Por que mais eu viria além de querer ficar com você? — pensou por um momento.

— É desse jeito, você nunca relaxa. Não aborrece ninguém, mas sempre marca presença. Um telefonema, uma visita surpresa, um e-mail, uma pergunta a mais. Se fizer isso por tempo suficiente com quem está envolvido, começa a deixar os culpados um pouco inquietos. A pessoa faz um ou dois telefonemas. A pessoa começa a receber um ou dois telefones. As pessoas agem de modo impulsivo e as coisas aparecem. Em casos grandes como este... quase nunca começamos pelo superior, ainda que o superior seja culpado.

— Muitas camadas de proteção.

— Exatamente — disse Decker. — Começamos com os mais inferiores, os que atiraram. É mais fácil incriminá-los porque quase

sempre estão envolvidos em coisas ilegais. Você os prende por tráfico, mas o assassinato surge. Quando você se dá conta, alguém começa a falar e você chega ao topo, devagar. — Fez uma pausa. — Se estiverem envolvidos. Pode ser que sejam inocentes.

— Não vou registrar o que está dizendo — disse Rina. — Não precisa falar assim.

Decker riu.

— É a força do hábito. — Eles dirigiram em silêncio por um tempo. — Sabe, eu sempre disse que os rapazes gostariam de ser herdeiros. No momento, não é uma hipótese que possa ser descartada. O testamento ainda não foi aberto.

— Então, os rapazes não sabem o que têm.

— Isso. Mas Grant parecia certo de que ele e Gil ficarão com quase tudo. Talvez Guy tenha conversado com os filhos há muito tempo e dito que eles herdariam tudo. Ou talvez Grant tenha só pensado... foi o que ele disse. Ele achou que seus pais deixariam para ele e para o irmão quase tudo. Você sabe o que dizem sobre “achar”, certo?

— Sim, achar que somos idiotas para depois ter certeza.

— Exatamente.

— Então, o que acontece se Grant estiver enganado a respeito do testamento?

— Acho que ele ficará muito desapontado.

— Isso seria interessante.

— Isso é bom. Muitas coisas acontecem quando o caso começa a ficar interessante.

Decker levou dois pratos de cookies caseiros. Oliver complementou a festa do açúcar com duas dúzias de donuts. Messing e Brubeck levaram sacolas cheias de pães frescos e cream cheese, e Wynona Pratt alegrou a mesa com um prato de frutas. O vício de Lee Wang era suco de laranja em copos de plástico, e Marge e Wanda ficaram responsáveis pelos artigos descartáveis e pelo café. Quando a mesa estava pronta, parecia que o café da manhã tinha sido preparado para um batalhão.

A ideia do café da manhã fora de Marge, Wynona e Wanda. Elas fizeram todos os preparativos e os telefonemas porque sabiam que nenhum homem organizaria algo tão cheio de firulas. A ideia de participação para eles seria comer. Mas as mulheres eram insistentes.

— Camaradagem — disse Marge a Oliver quando eles colocaram as coisas na mesa coberta pela toalha de papel.

— Precisei desviar dez quarteirões do meu caminho para encontrar uma loja de donuts.

— Tem uma loja de donuts a três quarteirões daqui. Da próxima vez, use a internet.

— Tem alguma coisa errada com meu computador. Não para de travar.

— Não sei dizer o que é. Pergunte ao Lee.

Wang estava ocupado organizando compulsivamente facas, garfos e colheres. Sempre que alguma coisa saía um milímetro de alinhamento, ele voltava para o começo.

Oliver disse:

— Por que meu computador não para de travar?

— Porque provavelmente é uma bosta ou é velho, ou as duas coisas.

Wynona disse:

— A sua compulsão pelo design de seus talheres, Lee, apesar de ser incrível, está tomando espaço demais. — Ela pegou as colheres e as colocou dentro de um copo, repetiu a mesma coisa com os garfos e com as facas.

Wang ficou incomodado.

— Mais alguma coisa não satisfaz seus padrões?

— Não. E não faça essa cara de bravo. Agora, você tem espaço para fazer origamis com os guardanapos.

— Primeiro, isso é japonês e eu sou de Hong Kong. Em segundo lugar, ser compulsivo é uma característica excelente para o cargo que exercemos.

— Se eu ofendi, eu me desculpo. Só estou tentando colocar tudo numa mesinha pequena.

Brubeck colocou os pães em um prato de plástico.

— Caberia perfeitamente se não tivéssemos comprado tanta coisa. Temos o suficiente para um batalhão aqui.

— Era esta a ideia — respondeu Wynona. — Incluir todo mundo.

— Não se pode ser elitista demais — acrescentou Wanda.

Marge levou uma garrafa térmica de café e fez um anúncio para a alegria de todos:

— O café da manhã está na mesa.

Trinta detetives se reuniram ao redor da mesa e começaram a empilhar comida em pratos finos de papel que começaram a entortar com o peso. Às oito e meia, Decker saiu de sua sala, segurando um copo de café. Disse:

— Força-tarefa Kaffey deve se reunir em dez minutos, sala de interrogatório número três. — Ele olhou para Marge e a chamou com o dedo indicador. Naquela manhã, ela usava um suéter azul, uma calça azul-marinho e sapatos de solado de borracha.

— Como estão as coisas, Rabino? — perguntou ela.

— Preciso falar sobre algo pessoal. Tem um minuto?

— Sim, claro. — Quando Decker fechou a porta do escritório, ela disse: — Está tudo bem?

— Está tudo bem. — Ele sorriu para provar. — Você se lembra de Brett Harriman, o cara cego que ouviu dois homens falando sobre os assassinatos dos Kaffey?

— Foi há três dias, Pete. Não estou senil ainda. O que está acontecendo?

— Depois que falei com ele na sexta, ele me ligou à noite para me dizer que se lembrava de algo. — Decker tentou não morder os lábios. — Ele se lembrou de ter conversado com uma mulher que estava ao lado dele, e de que pedira a ela para que descrevesse os homens.

— É mesmo?

— A história fica melhor. A mulher não queria descrevê-los sem saber o motivo. No fim, ele se sentiu um tolo e pediu para que ela se esquecesse do assunto. Perguntei a Harriman o nome da mulher, mas ele disse que não sabia.

— Então, ele não sabe com quem falou?

— Não exatamente. Ele reconheceu a voz da mulher de um *voir dire* em um dos casos em que está trabalhando.

— Ele disse qual?

— Não, mas não precisou. — Decker terminou de beber o café. — Num *voir dire*, uma das perguntas padrão é saber se o jurado em potencial tem alguém da família que trabalha com a justiça, de algum modo. Harriman se lembra de a mulher ter dito que era casada com um tenente.

Marge arregalou os olhos.

— A Rina não estava no tribunal semana passada?

Decker assentiu.

Marge olhou para o teto.

— Você falou com ela?

— Sim. Tentei convencê-la de que não tinha nada a me oferecer, mas ela insistiu em ver as pastas de suspeitos. Como ela disse se lembrar de ter visto um XII ou BXII numa das tatuagens dos homens, dei a ela uma pasta da gangue Bodega 12th Street.

— Ai, meu Deus. Isso é sério. — Marge passou a língua sobre os lábios. — É justamente o que Gil pensou ter visto.

— Eu sei disso. — Decker fez uma careta. — Ela separou alguns indivíduos. Se tiver um tempinho, talvez Oliver e você possam encontrar esses caras e ver se conseguem prendê-los por algum motivo lícito. Então, pedirei a Harriman que venha para ver se a voz deles combina com a dos caras que ele ouviu no tribunal.

Marge esfregou as mãos.

— Podemos prender alguém com base numa identificação por voz?

— Não sei, mas certamente podemos perguntar sobre os crimes. Se vocês os prenderem, por exemplo... por tráfico... talvez possamos usar essas acusações como base para descobrir o que ele sabe sobre o assassinato dos Kaffey.

— Você tem certeza de que Harriman consegue identificar o indivíduo certo só ouvindo novamente a sua voz?

— Não, e é por isso que vou colocá-lo com mais ajudantes. Harriman disse que os sotaques indicavam alguém do México e alguém de El Salvador. Vou chamar alguns caras que tenham vindo do México e de El Salvador. Se Harriman descartar os dois, então saberemos que ele não é confiável como testemunha de vozes. Assim, se você prender algum dos caras que Rina apontar na pasta, teremos um grupo de controle pronto.

— Vou falar com o Oliver. Vamos dar um jeito.

— Também temos que encontrar Joe Pine. Ele mora em Pacoima.

— Eu sei disso. Não conseguimos encontrá-lo.

— A família dele pode ser do México, então pode ser que ele esteja ali. Tente o nome José Pinon. Trabalhe nisso direto, ainda que tenha

que ser em hora extra. Sinto muito, mas esse caso é importante demais para ser abordado só em horário comercial.

— Não se preocupe com isso. Vega não está mais em casa, e Oliver não é o esperto que ele costumava ser. Temos algumas brechas em nosso calendário. Você sabe como é. Às vezes, uma noite de vigília é melhor do que uma noite sozinho em casa com nada além de uma televisão como companhia.

Depois de comer e beber café, o grupo estava pronto. Decker começou a recapitular o interrogatório que ele e Willy Brubeck fizeram com Milfred Connors.

— Antes de chegarmos ao processo entre os irmãos, gostaria de saber sobre o dinheiro. Lee, por que não começa?

Wang folheou suas anotações.

— As indústrias Kaffey têm, atualmente, um patrimônio avaliado em cerca de seiscentos milhões de dólares, chegou a ser avaliada em 1,1 bilhão no ápice da explosão imobiliária. Saiu da lista das Ações de Nova York há cerca de cinco anos, quando a família comprou de volta as ações pendentes.

— Na época do processo dos irmãos — disse Brubeck.

— Faz sentido — disse Wang. — Pela minha leitura, tive a sensação de que Guy não queria ninguém espiando suas contas. Ele fez afirmações em revistas, dizendo que agora estavam fazendo as coisas do modo deles e que não mais se importavam com a opinião dos outros.

— Quem na família tem o quê? — perguntou Marge.

— Guy tem 80% de ações comuns, cada filho tem 9,5%, e Mace tem 1%.

— Então, Guy controlou tudo — disse Oliver.

— Era o bebê dele e ele estava sempre no controle.

Drew Messing interrompeu. O cabelo do rapaz do sul estava levemente despenteado, o terno desajeitado o suficiente apenas para

dar a ele um look despojado de detetive da TV.

— Gostaria de dizer que pela *minha* leitura, esse Guy é um cara peculiar. Seus acessos eram lendários. Ele estourava com qualquer um que ele pensasse que o estava desrespeitando. Encontrei uma matéria na internet dizendo que Guy teve uma discussão com um manobrista de estacionamento que acabou em socos. Houve um processo, mas foi arquivado.

— Você tem cópias disso? — disse Oliver.

— Vou fazer uma cópia.

— E problemas dentro da empresa?

— Não descobri nada que tenha chegado às vias de fato, mas ele gritava muito, isso é certo — disse Messing. — Por outro lado, era o queridinho das instituições de caridade. Doava milhões a todos os tipos de instituições.

— Incluindo aquelas que reabilitavam membros de gangues — disse Decker. — O cara tinha uns gostos estranhos.

— Sou só eu ou mais alguém acha interessante Mace ainda ter 1% das ações? Seria de se pensar que ele não receberia nada se Guy de fato acreditasse que ele fraudava a empresa — disse Wynona.

— É o que eu acho — afirmou Decker. — Tenho certeza de que Mace estava fraudando, mas aposto que Guy também não estava limpo nisso.

Wang checkou suas anotações.

— Quando a empresa virou notícia pela primeira vez, Guy tinha 56% das ações e os outros 20% eram divididos igualmente entre os filhos e Mace, e o resto era vendido em ações comuns. E então, houve o processo. Guy acusou Mace de fraude. Mace respondeu dizendo que Guy tinha feito alguns investimentos ruins e estava tentando esconder as besteiras colocando as contas da empresa nas costas dele.

Lee fez uma pausa.

— Não há nenhuma afirmação de Mace dizendo que Guy fraudou a empresa, mas certamente parece que os dois tinham algo a esconder

porque eles fizeram um acordo e ainda estavam trabalhando juntos.

— Mas Mace foi rebaixado — disse Brubeck.

— Verdade — concordou Wang. — Mace pediu demissão do quadro de diretores e concordou em dar a Guy 5,33% das ações em troca da retirada da queixa. Porém, Mace manteve seu salário atual e recebeu título de vice-presidente executivo. Também recebeu permissão para participar de todas as reuniões de quadro de diretores, apesar de não fazer parte dele.

— Mace perdeu a maior parte, mas não tudo. Talvez Connors estivesse certo. Talvez Guy também estivesse envolvido — disse Decker.

— A empresa está com problemas? — perguntou Oliver.

— Não é uma empresa pública, então é difícil conseguir informações — disse Wang. — Eles possuem muitas propriedades. Nessa queda, isso não é bom. E eu soube que o caixa deles está bem apertado devido ao projeto Greenridge. Mace e Grant queriam um novo fluxo de dinheiro levantando algumas ações municipais, uma agência de desenvolvimento. O problema é que para conseguir um bom crédito, as ações precisam estar apoiadas em algo tangível. Com os valores de terra e propriedade aumentando, há rumores de que as ações deles não bastam para cobrir a dívida. Então, ou eles precisam aumentar a taxa de juros ou diminuir a oferta.

— Isso quer dizer que o projeto Greenridge está em perigo? — perguntou Brubeck.

— Alguns dizem que é melhor terminar o projeto, e outros dizem que é preciso diminuir as perdas e vender a terra. Além disso, eles têm tido que fazer muitas concessões para ganhar os pessimistas. Sempre que isso acontece, é dinheiro tirado do lucro — afirmou Wang.

— Qual é a conclusão? — perguntou Decker.

— É difícil concluir, tenente. Kaffey está indo bem em algumas áreas, mas o Greenridge está levando uma parte dos lucros. Ninguém sabe se será bom ou não.

— E a Cyclone Inc.? — perguntou Marge. — Mace fez questão de contar ao tenente e a mim que o CEO, Paul Pritchard, estava atrás dele.

— Não é nada comparado à Kaffey — disse Wang. — O shopping concorrente deles, Percivil, é velho e desatualizado, com lojas como Bizmart e Dollars e Sense. Fica a cerca de oito quilômetros de Greenridge e, apesar de ser verdade que o Greenridge teria impacto naquele shopping, certamente não estaria na mesma categoria.

— Então, a rivalidade pode ser uma invenção conveniente da parte de Mace — disse Decker.

Wang disse:

— Talvez, mas talvez não. Encontrei uma matéria citando Pritchard, que diz que o projeto Greenridge era arrebatador. Ele disse também que não estava preocupado. Para mim, isso quer dizer que ele está preocupado. Não falei com ele ainda, mas ficarei de olho.

— Ainda estou na parte em que os irmãos processaram um ao outro — disse Brubeck. — Existe alguma maneira de descobrir o que havia nos documentos do tribunal?

— Não oficialmente, mas algumas fontes anônimas costumam vazar informações — disse Wang. — Se estamos procurando alguém que tinha alguma coisa contra Guy, acho que Mace é uma boa opção. Mas Mace ainda está na empresa. Alguma coisa aconteceu nos bastidores.

— Os dois estavam tirando dinheiro — afirmou Oliver.

— Pelo menos, Mace estava devolvendo parte dele aos funcionários — disse Brubeck. — Se pudermos confiar no que Connors diz.

— Mace tinha um lugar especial no coração de Connors — disse Decker. — Apesar de eu ter certeza de que ele gosta de seu dinheiro, aposto que ele também gostava de ser o queridinho dos funcionários.

— Sim, Connors não disse que ele foi até Mace porque tinha uma sensibilidade que Guy não tinha?

— Ou talvez Mace estivesse esperando o momento certo — disse Oliver. — Alimentar um ressentimento pode ser divertido.

— Essa possibilidade sempre existe — concordou Messing.

— E os filhos? — perguntou Wanda Bontemps. — Existe algum sinal de rivalidade entre os filhos e o pai?

— Nada claro — disse Wang. — Pela sua leitura, parece que Mace perderia mais se Guy colocasse um ponto final no Greenridge? — perguntou Marge.

— Eu não diria isso — disse Wang. — Grant está cuidando do projeto. Se ele não der certo, vai ser ruim para ele.

— Como estão as finanças de Mace? — perguntou Wynona.

— Ele tem uma casa em Connecticut, um *pied-à-terre* em Manhattan e um iate grande; e tem dinheiro no banco. A estimativa é de que ele tenha cerca de trinta milhões de dólares, mas isso foi antes de a economia afundar. Ele está bem, mas não é bilionário — respondeu Wang.

— O que nos coloca diante de um ponto interessante. Estamos focando em Mace, mas são os filhos de Guy que provavelmente herdarão. Seiscentos milhões compra muito motivo. Mace é um cara esperto, mas não vamos perder de vista quem realmente se beneficia com a morte de Guy — disse Decker.

— Vou ver o que consigo com os rapazes — falou Wang.

— Boa ideia — afirmou Decker. — O que está acontecendo com nossa lista de seguranças?

— Decker e eu já investigamos metade deles. Em ordem alfabética: Allen, Armstrong, Beltran, Cortez, Cruces, Dabby, Green, Howard, Lanz, Littleman, Mendosa e Nunez. Alfonso Lanz, Evan Teasdale e Denny Orlando eram os três guardas que estavam trabalhando e foram mortos. Rondo Martin ainda está desaparecido — afirmou Brubeck.

— E vocês voltaram a checar todos os álibis?

— Já investigamos uma vez, mas farei de novo — disse Brubeck.

— Rondo Martin é uma incógnita. Liguei para o delegado de Ponceville. Pelo que soube, ele era um bom delegado. Não era muito sociável, mas bebia uma com os caras e o pessoal da região de vez em

quando. Ele era bem duro com os agricultores se não estivesse de bom humor, mas na maior parte do tempo, fazia vista grossa.

— Você diz que fazia vista grossa para coisas ilegais?

— Às vezes.

— Algum indício de ter hostilizado agricultores? — perguntou Decker.

— Não sei. Meu sogro nunca teve problemas com ele, mas não dá para falar essas coisas ao telefone. Conseguiria saber mais se falasse com ele pessoalmente.

— Vou conseguir a grana para você, Willy. Quando pode ir?

Brubeck se retraiu.

— Eu ia tirar uns dias de folga para comemorar meu aniversário de casamento com a patroa. Acho que disse isso quando você me pediu para entrar na força-tarefa.

— Disse, sim — disse Decker. — Eu me esqueci.

— Não me importaria em cancelar, tenente, mas reservei um resort mexicano há cerca de seis meses. Vou perder o sinal.

— Não cancele, Willy, tudo bem. — Decker olhou para Marge. — Você pode ir amanhã?

— Claro. — Marge fez uma pausa. — A menos que queira que eu faça outra coisa.

Isso mesmo. Ele havia pedido a ela para investigar os dois caras apontados por Rina nas pastas. Estava atirando para tantos lados que estava se perdendo.

— Nada que não possa esperar um ou dois dias. — Ele olhou para Oliver. — Você vai com ela.

— Onde fica Ponceville?

Brubeck disse:

— Pegue um avião para Sacramento e fica cerca de duas horas dali — disse Brubeck.

— Não me diga. — Oliver fez uma careta. — Pegue a Southwest.

— Eles ainda dão amendoim grátis — disse Brubeck.

— Vou acertar tudo com meu sogro. Pode ser até que você tire mais dele do que eu tiraria. Ele tem muito respeito pela polícia se eu não estiver envolvido. — E perguntou para Decker: — Tem certeza de que eu posso ir?

— Por acaso, Willy, tenho uma tarefa para você ao sul da fronteira. Dizem que um dos guardas, Joe Pine, ou José Pinon, pode estar se escondendo no México. — Ele atualizou o detetive sobre a conversa com Brett Harriman.

— Não descartamos Joe, então ele pode estar envolvido — disse Messing. — Não tem antecedentes, até onde sei.

— É um rapaz de Pacoima. Ligue para o Centro Juvenil de Foothill e pergunte a alguém se ele já se envolveu em encrenca. Podemos pegar suas impressões. — Decker olhou para Marge e Oliver. — Rondo Martin era delegado. Com certeza, ele poderia conseguir as impressões.

— Liguei para T em Ponceville — disse Brubeck. — Ele não consegue encontrar o cartão de impressões digitais de Martin.

— Você está brincando — disse Decker.

— As coisas são mais lentas lá. Estou começando a achar que T nunca colheu as impressões dele.

Decker ergueu as mãos.

— Peça de novo, Willy. E enquanto estiver no México, tente fazer contato com a justiça da região. Veja se eles sabem alguma coisa sobre José Pinon.

— Desde que alguém aqui me dê suporte. As cadeias do México me dão nervoso.

Decker disse:

— Mantenha contato e vamos acompanhar você. — Virou-se para Marge e Oliver e continuou — Enquanto estiverem no norte, passem por Oakland e consigam informações sobre Neptune Brady. Ele estava em Oakland com o pai quando os assassinatos aconteceram, mas isso não quer dizer que ele não estava envolvido.

— O que ele ganharia matando o chefe? — perguntou Wanda.

— Não sei, mas acho estranho que Mace, e principalmente Grant, esteja mantendo Brady como guarda-costas. Se meus pais tivessem sido mortos sob a vigilância de alguém, essa pessoa seria a última pessoa que eu escolheria para me proteger.

— Qual é a distância de Oakland a partir de Sacramento? — perguntou Oliver.

— Uma hora de carro — disse Brubeck.

— Você pode sair do aeroporto de Oakland, e pegar a estrada para o sudeste. Mudando de assunto, tive uma boa conversa com Riley Karns ontem. — Ele resumiu a conversa. — Ele disse que estava dormindo quando os assassinatos aconteceram. Isso quer dizer que ele também estava dormindo quando a cova do cavalo foi aberta e Denny Orlando foi jogado dentro dela. Não sabemos se ele está sendo sincero ou não. O que sabemos é que ele estava na propriedade na noite dos assassinatos, e ele sabia sobre a cova do cavalo. Dois pontos contra ele. — Ele se virou para Drew Messing. — Enquanto seu parceiro estiver sob o sol de México tentando encontrar José Pinon, você procura Karns. Acho que Gilliam Kaffey o contratou em um daqueles clubes de cavalos, então comece por aí. Além disso, veja se consegue fazer com que ele passe por um detector de mentiras.

— Por que Karns desejaria que Guy e Gilliam morressem? — perguntou Messing.

Decker deu de ombros.

— Talvez alguém tenha comprado o silêncio dele. Descubra o motivo e teremos três pontos contra ele. Quem está investigando Ana Mendez e Paco Albanez?

Marge levantou a mão.

— A história dela bate, assim como os horários. Até onde sei, ela não estava envolvida com nenhum maluco. Paco Albanez, como Riley Karns, diz que estava dormindo quando Ana o acordou. Mas se ele

sabia sobre a cova do cavalo, talvez devesse ser interrogado novamente em espanhol.

— Vou fazer isso — disse Decker.

— E o filho sobrevivente? — perguntou Wynona.

— Gil Kaffey está bem e pode até ter alta em alguns dias. O ex-namorado dele, Antoine Resseur, vai ficar na casa dele até que ele se recupere totalmente. Acho que Grant contratou uma enfermeira para cuidar dele também.

Oliver fez uma careta.

— Se eu fosse Gil, eu me mudaria para longe e me cercaria de guarda-costas.

— Pensando bem — disse Decker —, Grant e Mace não falaram sobre guarda-costas.

— Talvez eles pensem em usar Neptune Brady para o trabalho.

Todos ficaram em silêncio. Decker verbalizou o que todos estavam pensando.

Deixar que Brady cuidasse de Gil era o mesmo que deixar uma raposa cuidar de um galinheiro.

O rancho era um contraste entre a natureza e a criação. A área de trás era terra pura com chaparral, sálvia, cacto e outras plantas selvagens, e muita terra e pedregulho. A área à frente tinha sido controlada e manipulada, transformada em gramados com árvores grandes, fontes, flores, ervas e canteiros de flores, com as cores brilhando ao sol do meio-dia.

Enquanto Decker passava pelo caminho, ele viu um homem curvado sobre cravos-de-defunto amarelos e cor de laranja em canteiros quadrados. Ele vestia um uniforme cáqui de mangas compridas e um chapéu grande e de abas largas amarrado embaixo do queixo. Decker estacionou o carro, deixando espaço suficiente para que outros veículos passassem pelo dele. Ele saiu e caminhou por um jardim. A área estava ensolarada, e o calor da tarde não dava trégua.

Paco Albanez virou-se quando ouviu sapatos pisarem nas pedras soltas e, quando ele viu Decker, lentamente subiu o caminho, com a mão enluvada no quadril enquanto ele arqueava as costas para trás. Seu rosto estava bronzeado e marcado. Ele abaixou as mãos ao lado do corpo quando Decker se aproximou e assentiu.

— *Buenas tardes* — disse Decker. — *Está caliente hoy.*

— *El verano es caliente.*

— *Verdad.*

Quando Decker disse a ele que as flores estavam muito bonitas, Albanez sorriu. Além disso, seu rosto não revelou nada.

— Se tiver um momento, gostaria de conversar sobre os acontecimentos daquela noite — disse Decker em espanhol.

Albanez secou a testa úmida com as costas da luva, deixando uma marca de terra. Olhos escuros olharam para seus sapatos.

— Não tenho nada novo a dizer.

Decker pegou seu caderno.

— Só preciso de mais alguns detalhes.

O olhar de Albanez se voltou para o ombro de Decker.

— Estou tentando me esquecer dos detalhes. — Ele se inclinou e pegou uma erva. — Terrível de lembrar.

— Poderia apenas... — Decker afastou uma mosca de seu rosto — repassar o que aconteceu naquela noite mais uma vez? — Paco fez silêncio, e Decker disse: — Talvez seja a hora de fazer uma pausa. Podemos ir a um lugar com sombra?

Com relutância, Albanez saiu de onde estava e levou Decker para perto de árvores Agonis, onde havia vários bancos de pedra. Decker se sentou de um lado e o caseiro sentou-se do outro. Ele olhou diretamente para a frente, o rosto suando muito.

— Fale de novo sobre aquela noite — insistiu Decker.

Albanez começou a falar de modo mecânico. Señor Riley o acordou. Devia ser cerca de duas da madrugada e Señor Riley estava irritado. Não conseguiu entender o Señor Riley porque este falava rápido demais. Por fim, Paco notou que algo aconteceu ao Señor e à Señora Kaffey. Señor Riley o levou de volta ao bangalô. Ana já estava ali, chorando e tremendo. Ela disse a ele o que aconteceu, que o Señor e a Señora Kaffey estavam mortos. Havia sangue por todos os lados... foi horrível. Os dois esperaram no bangalô do Señor Riley até ele voltar com a polícia. Então, a polícia o levou para a casa principal e os separou.

O cheiro dentro da casa estava péssimo. Várias vezes, ele teve que sair para respirar um pouco de ar fresco. Queria voltar a seu bangalô, mas a polícia disse para ele esperar a chegada do chefe.

— Então, o senhor conversou comigo e finalmente eu voltei para a minha casa.

As lembranças dele combinavam com o relato de Ana. Ainda assim, Decker não conseguia entender por que Ana foi ao bangalô de Riley antes de ver Paco. Apesar de ser verdade que a casa de Riley era mais perto do que a de Paco, Decker tinha visto a disposição de ambos no terreno. Os dois bangalôs não eram tão distantes e, como Ana falava espanhol como primeira língua, Decker pensou que ela tivesse andado mais alguns passos.

Mas a mulher estava em pânico.

O relato de Paco o deixou mais pálido. — Você sabia que Gil Kaffey ainda estava vivo? — perguntou Decker.

— Não. — Albanez lambeu os lábios.

Decker olhou dentro dos olhos dele.

— O que você acha que aconteceu?

— Eu? — Linhas profundas apareceram entre os olhos dele quando ele franziu o cenho. — Não sei. Foi terrível.

— Por que você acha que Gil não foi morto?

— *Suerte*.

Sorte.

— Alguém conversou com você sobre o futuro de seu trabalho? — Paco balançou a cabeça negando e Decker disse: — Você ainda trabalha aqui.

— O jardim continua crescendo.

— Quem está pagando você agora?

Ele estreitou os olhos.

— Señor Gil me paga.

— Como sabe? Ele disse que pagaria?

— Não, mas ele está vivo. — A voz dele estava decidida. — Ele vai pagar para que eu cuide do jardim.

— Como sabe que ele não vai vender o rancho?

Albanez parecia confuso.

— Por que ele faria isso?

— Por dinheiro.

— E os planos dele?

Decker torceu para que seu rosto estivesse inexpressivo e a voz casual.

— Conte-me sobre os planos.

— Cultivar uvas para a vinícola. Foi por isso que o Señor Kaffey comprou a terra. Ele e o Señor Gil estão trabalhando nela há mais de um ano. Eles fazem muitos desenhos. Eu os vi.

Mantenha a voz calma.

— Eles queriam construir uma vinícola?

— Sim. O Señor Gil e o Señor Kaffey falam muito sobre vinho.

Decker pensou em Grant Kaffey, a respeito de como ele estava ansioso para vender o rancho para ajudar a pagar os impostos.

Ele disse:

— Eu soube que o rancho seria colocado à venda.

Albanez olhou para o chão.

— Se for, encontraremos trabalho em outro lugar.

— Acha que agora que o Señor Kaffey morreu, o Señor Gill vai levar seus planos adiante? — Decker só recebeu um erguer de ombros. — O Señor Gil vinha muito aqui?

— Ele vinha aqui, sim. Mas não mora aqui.

— Você acha que ele poderia querer viver aqui agora que o Señor Kaffey faleceu?

— Não sei, Señor. Para ele, aqui tem lembranças ruins.

— Mas acha que ele vai levar os planos adiante?

— Espero que sim. Gosto muito dele. Gosto muito deste trabalho.

— Ele abaixou a cabeça. — Eu gostava muito do Señor Kaffey. Ele tinha uma boca grande, mas também um coração grande.

— Soube que ele sempre elevava a voz. Gritava muito com você?

Ele esboçou um sorriso.

— Sim, ele gritava. “Por que isto está morrendo? Há muitas ervas daninhas. Corte aqui, apare ali. Você é preguiçoso. Você é louco.” — Mais um sorriso. — No minuto seguinte, ele dava dinheiro sem qualquer motivo. Vinte dólares sempre que gritava. Certa vez, ele me deu uma nota de cem dólares. Dizia: “Aqui está, Paco, leve uma garota para jantar num lugar legal.”

— E a Señora Kaffey?

— Conversávamos muito pouco. Quando falava era para dizer “plante zínias, ou plante cosmos ou plante tulipas”. Mas não era uma mulher má. Adorava seus cavalos e cachorros. Eu levava os cães para se exercitarem quando o Señor Riley estava ocupado demais. Ela falava muito com o Señor Riley. E sempre servia limonada e biscoitos às quatro da tarde para todo mundo. Cookies muito bons.

— Quero falar um minuto sobre o Señor Riley.

Ele não recebeu resposta, e disse:

— Sabia que encontramos um dos guardas da propriedade enterrado na cova dos cavalos?

— Sim, soube. Vocês ficaram aqui escavando por muitas horas.

— Señor Riley escavou o buraco para enterrar os cavalos, mas ele disse que teve ajuda. Você o ajudou a abrir a cova?

— Sim.

— Alguém além de você ajudou o Señor Riley?

Mais uma vez, os olhos se semicerraram, mais por concentração do que por desconfiança.

— Acho que um ou dois ajudaram. Talvez Bernardo, talvez José.

— Pode me dizer os sobrenomes, por favor?

— Bernardo... Não sei. José... ele é Joe Pine. Acho que ele nos ajudou.

— Você conhecia Joe Pine muito bem?

— Ele é jovem, eu sou velho. Não o conheço bem.

— Mas ele ajudou você e Karns a abrir a cova para os cavalos.

Albanez só deu de ombros.

— Ele diz escave aqui, cave ali. O uniforme dele é limpo, o meu é sujo.

A mensagem implícita era de que Albanez não gostava dele. Decker seguiu em frente.

— O Señor Gil já conversou com você sobre a vinícola?

— Os dois já falaram comigo sobre a vinícola. Dizem: “Paco, você terá trabalho por muitos anos.” Mas agora você está dizendo que eles vão vender o rancho, então, talvez não. — Albanez se levantou do banco. — Preciso voltar ao meu trabalho.

— Obrigado por falar comigo. Eles disseram o tipo de uvas que queriam cultivar?

— Chardonnay e cabernet. Eles têm homens especiais que vêm ao rancho para falar sobre isso. Como plantar uvas, como cuidar delas, com cultivá-las. Isso antes de fazerem vinho.

— Fazer vinho é complicado.

Albanez deu de ombros e começou a caminhar de volta para os canteiros. Decker disse:

— Obrigado de novo por conversar comigo.

— Tudo bem, mas chega. Não sei quem dos vivos é uma boa pessoa e quem é má pessoa. Se uma pessoa má estiver me observando, não quero que ela saiba que eu conversei com a polícia.

Ele estava certo. Ainda assim, Decker tinha que fazer seu trabalho.

— Tenho mais uma pergunta. Você me disse que o Señor Kaffey comprou o rancho para fazer vinho. Alguém me disse que ele comprou o rancho para os cavalos da Señora Kaffey.

Houve um silêncio. Então, Albanez parou e olhou para a paisagem.

— Acho, Señor, que há espaço suficiente para as duas coisas.

* * *

Marge o abordou assim que ele entrou no escritório. Ela fez a gentileza de levar um copo de café e o colocou sobre a mesa. A mulher

sabia que o caminho para o coração do tenente era uma boa xícara de café puro. Ela então fechou a porta.

— Investiguei um dos suspeitos apontados por Rina. Frederico Ortez, conhecido como Rico.

— Que rápida.

— Os computadores são coisas maravilhosas. Infelizmente, ele está na cadeia e já faz três meses.

— Tire-o da lista. E o outro? Alejandro Brand?

— Conferi também. Não tem registro como adulto. Ele tem 19 anos e vive em Pacoima.

— Então, o que ele estava fazendo na pasta?

— Provavelmente foi parar lá numa varredura de gangues.

— Joe Pine não é de Pacoima?

— É, sim. Pine é mais velho do que Brand, mas não muito. Vou investigá-lo também.

— Sabe qual é a nacionalidade de Brand?

— Não faço ideia.

— Vamos ver o que conseguimos a respeito de Brand. Chame-o e peça para Harriman ouvir a voz dele. Talvez alguma coisa apareça. Antes de partir para Ponceville, encontre Oscar Vitalez. Vamos marcar uma entrevista falsa com Oscar e traremos Harriman para cá para ver como ele reage à voz de Vitalez.

— Farei isso hoje.

— Está pronta para a excursão de amanhã?

— Sim. Willy já resolveu tudo. Minha única reserva é voar com Oliver e ouvi-lo falar o tempo todo. O que está fazendo, Pete?

— Acabei de voltar do Rancho Coyote. — Ele repassou a conversa com Paco Albanez. — Queria ver se ele admitia saber sobre a cova de cavalos, e saí sabendo que Guy e Gil estavam planejando construir uma vinícola.

— Pensei que você tinha dito que Grant estava planejando vender o rancho.

— Foi o que Grant me disse. Talvez Grant não soubesse dos planos de Gil.

— Ou ele sabe e Gil não quer mais isso depois do que aconteceu — conjecturou Marge.

— Ou sabe que Grant está falando por Gil. — Decker fez uma pausa. — Oliver disse algo interessante na reunião hoje cedo. Disse que se fosse Gil, se mudaria e ficaria cercado de guarda-costas. O fato de ele não estar fazendo isso me deixa surpreso.

— Por quê?

— Gil não deveria se preocupar mais com sua segurança?

— Ou talvez ele esteja muito fora de órbita para tomar decisões adequadas. Ele ainda está no hospital, Pete. Talvez quando ele sair, perceba que precisa mais do que uma enfermeira e um ex-namorado. Por falar nisso, não deveríamos conversar com o ex?

— Já fiz isso. O nome dele é Antoine Resseur e vamos nos encontrar hoje às oito horas da noite, no apartamento dele em West Hollywood.

— Por que não se encontram no Abby? Soube que a comida é demais.

— Como eu só posso comer alimentos kosher, eu não saberia aproveitar, de qualquer modo. A propósito, eu me ofereci para falar com ele em um lugar público de sua escolha, mas desconfio de que ele não queira que o vejam conversando com a polícia.

— Ou talvez você não faça o tipo dele.

Decker sorriu.

— Ele ainda não me viu. Como ele saberia?

— Existe um estereótipo de policial. Pode ser que você seja macho demais para ele.

— Ele estaria sendo preconceituoso — disse Decker. — E seria muito ruim para ele, porque nunca conheceria meu lado sensível.

Rina reconheceu os óculos primeiro: chiques, escuros, caros. Usando uma jaqueta azul, calça cáqui e uma gravata vermelha, Harriman se recostou na parede, comendo uma barrinha de cereal, o corpo relaxado, apesar de sua mandíbula sugerir tensão, músculos crescendo a cada mastigação. Rina sabia o motivo. Ele estava ouvindo os dois *cholos*. Agora que ela sabia o que estava acontecendo, as ações dele pareciam heroicas e descuidadas ao mesmo tempo.

Ela precisou de muita força de vontade para não encará-los.

Não, isso não seria muito esperto.

Então, ela se misturou às pessoas que estavam próximas. A apenas cinco minutos da abertura do tribunal depois do almoço, ela tentou formular um plano, analisando as opções. O rosto de Harriman estava inclinado levemente na direção dos homens, e um deles olhou para ele. Ela pensou em se aproximar e levá-lo embora, mas isso poderia atrair mais atenção a ele do que se ela o deixasse em paz.

Um dos oficiais de justiça já estava formando a lista de jurados no tribunal ao lado dela. Ela sabia que ainda tinha alguns minutos. Sem saber o que fazer com relação a Harriman, ela passou o tempo tentando memorizar os homens — o tamanho deles, seus traços, as características que os distinguiam. As tatuagens deles eram suas melhores amigas: uma serpente, um tigre, um tubarão, o B12 e o BXII e XII em numerais romanos. O homem menor, que falava mais, parecia ter uma cicatriz perto da orelha esquerda. De repente, ele virou a cabeça, olhou para a frente e encarou Harriman.

Então, disse algo a ele.

O rosto de Harriman ficou sério. Ele disse algumas palavras, e então se afastou sem demonstrar nervosismo. O homem menor com a cicatriz não parava de olhar para ele, observando Harriman entrar no banheiro masculino.

O coração de Rina começou a acelerar quando o homem menor se levantou e caminhou na mesma direção.

Mas então, alguém disse o nome Alex e o homem parou.

Rina pensou consigo mesma: *Alejandro Brand — o cara da cicatriz.*

Alex, também conhecido como homem pequeno com tatuagem de serpente e tigre, virou-se e caminhou em direção a um homem com terno amassado e cabelos penteados para trás, provavelmente um advogado. Os dois, juntamente com o homem maior com quem Alex estivera conversando, entraram em uma das salas do tribunal. Ela interceptou Harriman quando ouviu seu grupo ser chamado pelo oficial de justiça. Ela sussurrou ao cego: — Você deve tomar cuidado. Ele estava olhando fixamente quando você entrou no banheiro.

Harriman deu um passo para trás. Sem hesitar, disse:

— Qual deles?

— O mais baixo.

— Isso não me ajuda. O mexicano ou o salvadorenho?

— Não faço ideia. Não falo espanhol. Acho que é um homem chamado Alex.

— Então, você sabe mais sobre a identidade dele do que eu. Deveria conversar com a polícia.

— Faço isso todos os dias. Preciso ir. Meu júri está à minha espera.

— Então, Decker é seu marido? — perguntou Harriman.

— Você não deveria estar fazendo perguntas pessoais. Mas sei que o tenente Decker fala espanhol fluentemente. Talvez ele possa ajudá-lo.

— Precisamos conversar.

— Não precisamos, não. Se você for necessário, o tenente Decker entrará em contato.

Rina se apressou para entrar na fila. Não foi a última a aparecer, então teoricamente, não atrapalhou ninguém, mas estava bem atrasada e ofegante o suficiente para Joy fazer uma piada.

— Você parece abalada. — Abaixou os olhos e olhou para Rina. — O que fez durante o almoço?

Moça enxerida.

— Quem me dera. — Rina esperava estar sendo casual. O caso provavelmente seria encerrado naquela tarde e ela nunca mais veria nenhum deles. Torceu para que a conversa terminasse ali, mas Ally tinha sido mais observadora.

— Ela estava conversando com Tom Sorridente — comentou.

— Sério? — Joy arqueou as sobrancelhas. — Sobre o que você e Tom Sorridente conversaram... de novo?

— Como ele não enxerga, perguntou as horas. — Rina revirou os olhos e tentou agir como se estivesse irritada. — Ah, Kent Muito Atrasado chegou. Acho que podemos ir para a sala.

— Você o conhece? — perguntou Ally.

— Quem? — indagou Rina.

— O Sr. Sorridente.

— Não, não o conheço. — Virou-se para Ally. — Por que o conheceria?

— Acho que não, mesmo — disse Ally. — Que pena. Pensei que talvez você pudesse me apresentar a ele.

— O quê? — perguntou Rina.

Ally corou.

— É difícil conhecer pessoas hoje em dia. E eu acho ele bonitinho.

Quando Decker viu o número do celular da esposa aparecer na tela do celular, atendeu imediatamente.

— Acabou?

— Acabou.

— Graças a Deus. Acabou com o cara?

— Como sabe que era um cara?

— Cinquenta por cento de chance de acertar. A maioria dos réus é homem. Não me importo com o caso, mas me importo com quem anda pelos corredores da justiça. Você o viu de novo?

— Sim, vi.

— Merda! Desculpa. Diga que eles não perceberam você.

— Dessa vez fui muito discreta. Estava bem escondida.

— Obrigado, Rina, por dizer isso.

— Mas tem mais. Harriman estava ouvindo de novo. Dessa vez, um dos *cholos* percebeu e os dois trocaram palavras. Harriman foi ao banheiro masculino e o *cholo* começou a ir na direção dele, mas alguém o chamou antes que alguma coisa pudesse acontecer. Peter, estou um pouco preocupada.

Decker sentiu um gosto amargo na boca.

— Vou ligar para ele.

Rina respirou fundo.

— O *cholo* tinha uma cicatriz e uma tatuagem de serpente. Alguém o chamou de Alex.

De Alejandro Brand.

— Obrigado.

— Olhei melhor dessa vez. Gostaria de rever as pastas.

O gosto amargo ficou azedo. Que escolha ele tinha?

— Certo. Vou conseguir isso para você. Quando acha que vai chegar em casa?

— Se não se importar, vamos sair para jantar. Hannah está na casa de Aviva estudando para as provas finais, ela não vai estar em casa. Vamos aproveitar.

— Ótimo. O que acha de você ir visitar seus pais enquanto eu vou para a cidade? Tenho que me encontrar com alguém às oito horas da noite, de qualquer modo.

— Ótima ideia. Aonde devemos ir?

— Se eu conseguir comer um bife, fico feliz.

— Posso cuidar disso.
— Você pode até convidar seus pais. Já faz um tempo.
— Legal da sua parte.
— Gosto de seus pais. — E gostava, mesmo. Depois de todos aqueles anos, ele sentia que existia respeito mútuo. — E diga a seu pai que eu insisto em pagar dessa vez.

Rina riu.

— Você sabe que ele não vai deixar você fazer isso.
— Ah, minha nossa, então — disse Decker. — Se ele ficar contente, deixo ele pagar a conta. E, para ficar ainda mais, ele pode até deixar gorjeta.

* * *

O apartamento ficava no limite entre Hollywood e West Hollywood em um prédio em estilo regência francesa de cor bege com calhas mansard azuis. O corredor era cheio de espelhos e de mármore decorado com mobília de veludo marrom e mesas de cantos pretas. O porteiro uniformizado direcionou Decker a duas portas de elevador em latão em art déco e disse que ele deveria subir ao sétimo andar.

Antoine Resseur tinha uma vista espetacular de Los Angeles das duas janelas enormes na sala de estar. Sofás de couro vermelho complementavam o cenário de mesas de bordo e estantes. O piso preto de granito se misturava a uma lareira. A luz estava clara e suave, e tocava música clássica no rádio.

Vestindo calça jeans, uma camisa azul de botões e mocassins, Resseur segurava uma taça de vinho tinto. Ele era baixo e magro, com traços fortes, cabelos escuros e olhos castanhos que mais se pareciam bolinhas de gude.

— Posso lhe oferecer alguma coisa, tenente?
— Não, estou bem, obrigado. Agradeço por falar comigo.

A voz de Resseur era baixa e suave. Ele se sentou e indicou que Decker deveria fazer a mesma coisa.

— Isso tem sido um pesadelo.

— Ainda é próximo de Gil?

— Somos melhores amigos. — Ele tomou um gole de vinho.

— Foi muito gentil de sua parte se oferecer para cuidar dele.

Resseur olhou para baixo.

— Sou a única pessoa em quem Gil confia no momento.

— Não o irmão dele?

— Grant não levou um tiro, certo? — Resseur sussurrou. — Isso soa horrível. Gil está sendo meio paranoico, eu acho.

— Quando você leva um tiro, não existe mais paranoia. Foi o que Gil disse? Ele não confia em Grant?

— Ele me disse que não confia em ninguém, só em mim.

Decker pegou uma caneta e um bloco de anotações. No fundo, ele nunca confiou no herói da história e era assim que Resseur estava se mostrando.

— Por quanto tempo você e Gil ficaram juntos?

— Aproximadamente seis anos.

— Muito tempo. O que fez com que terminassem?

Resseur mexeu o vinho em sua taça.

— Gil era um homem muito ocupado. O pai dele cuidava para que fosse. Não tinha muito tempo para relações pessoais.

Decker assentiu.

— Sempre muito, muito ocupado. — Mexeu o vinho de novo, e então, Resseur tomou um gole. — Mas as coisas ficaram malucas quando Guy e Mace começaram a processar um ao outro. Pensei que as coisas se acalmariam quando o processo fosse resolvido, mas só ficaram mais loucas.

— Como assim?

— Mace foi mandado para o leste, e um caminhão de coisas ficou nas costas de Gil. Foi péssimo para ele.

— Podemos falar um pouco sobre isso? Como, por exemplo, por que Mace ficou na empresa quando foi pego fraudando?

Resseur rolou a língua dentro da boca.

— Como devo dizer isso? Não há nada sobre as indústrias Kaffey de que Guy não soubesse.

— Guy *sabia* que Mace estava fraudando a empresa?

— Não é fraude se o chefe sabe do esquema, certo? — Ele deu de ombros. — É o que as pessoas fazem por um troco... se enfiam em dinheiro sujo e tudo. É o dinheiro delas.

— Certo — disse Decker. — Então, por que o processo?

— Kaffey teve problema com a Receita Federal. Mace levou o pior do problema. Aparentemente, parecia que Mace estava sendo punido, mas foi recompensado pelo Greenridge. — Resseur bebeu o vinho. — Falo demais quando bebo.

Decker garantiu a ele que a informação não seria usada contra ele, mas passou a pensar em outra direção. Apesar de ainda estar no topo da lista de suspeitos, Mace deixou a primeira posição.

— Como era a relação entre Mace e Guy?

Resseur esfregou o queixo.

— Era extremamente boa. Guy não era muito paciente. E Grant não fica muito atrás nesse departamento.

— Você já foi alvo da impaciência de Grant?

— Não diretamente, mas já vi. Gil é muito mais calmo, como Mace. Por isso foi difícil para ele depois que Mace partiu. Eram só Gil e seu pai sem um intermediário.

— Soube que os dois eram muito próximos.

— Se você chama trabalhar com alguém o dia todo, todos os dias, de ser próximo de alguém, então os dois eram muito próximos.

— Eles não estavam planejando transformar o Rancho Coyote em uma vinícola?

— Estavam? — Resseur pareceu verdadeiramente surpreso. — Essa é nova, mas saí disso. Mas é uma boa ideia. Gil tinha um paladar incrível

para o vinho. Certamente é um bom uso para aquele lugar enorme.

— Enorme?

— Não é uma casa. É um parque nacional.

— Parece que você conhece bem a família. — Decker pousou seu caderno. — O que acha que aconteceu, sr. Resseur?

— Eu? — Ele apontou para o próprio peito. — Não sei.

— Mas já pensou nisso.

— Claro. — Ele se aproximou da janela e observou a vista. Então, ele se virou e encarou Decker. — Nada profundo demais. Para passar por toda aquela segurança, deve ter sido coisa de gente bem informada. Um dos guardas não está desaparecido?

— Sim. Mas você acha que só uma pessoa está agindo sozinha?

— Não, mas não foi assim que aconteceu. Alguém contratou capangas para cometer os crimes. Gil se lembra de ter visto pessoas de tatuagens antes de apagar.

— Há candidatos à posição de cabeça ao lado de Rondo Martin?

— Eu investigaria o chefe de segurança: Neptune... alguma coisa.

— Neptune Brady. Por que suspeita dele?

— Ele deveria proteger Guy e Gilliam. E agora, eles estão mortos.

— Grant ainda mantém Brady como segurança. Por que acha que está fazendo isso?

— Isso mostra a estupidez de Grant ou a paranoia de Gil em relação a Grant.

— Ele acha mesmo que o irmão dele participou dos assassinatos?

— Gil disse muitas coisas. Mas está delirante e dopado. Seu cérebro está confuso agora.

— Você já pensou em contratar seguranças quando Gil sair do hospital?

Resseur deu um tapinha numa mesa de canto próxima.

— Toquei no assunto. Gil não quer falar sobre isso. Ele fica falando que quer ter alta porque acha que os médicos estão tentando envenená-lo. Por isso não posso levar muito a sério o que ele fala sobre Grant.

— Para que saiba, Grant me disse que considera você uma boa pessoa.

— Ele disse isso? — Resseur terminou o vinho. — É bom saber. Sempre houve... tensão quando que me aproximava da família de Gil. Sempre que uma festa grande acontecia, eu pedia para que minha irmã muito atraente me acompanhasse. Não enganávamos ninguém. A mãe de Gil era cordial comigo, mas o pai dele era... vamos dizer apenas que ele se sentia desconfortável.

— Guy já comentou alguma coisa com você sobre o seu relacionamento com Gil?

— Não. — Resseur se levantou e se serviu de mais uma taça de vinho. — Gil sempre foi muito protetor. Cuidava de mim, e eu gostava de concordar com o que ele quisesse.

— Não se sentia ressentido?

Uma risada forçada.

— Ressentido? Nem um pouco. — Ele bebeu de novo. — De que me importa se passarmos as férias em Mônaco ou na Riviera Espanhola?

Decker sorriu.

— Compreendo o que quer dizer.

— Era assim que as coisas funcionavam. Gil me dizia para onde iríamos para que eu pudesse colocar o terno ou os tênis na mala. Eu não via motivo para questionar, principalmente porque meu tempo com Gil era muito limitado. — Ele olhou para dentro da taça como se lesse folhas de chá. — Agora, parece que teremos muito tempo para colocar as novidades em dia.

— Você parece gostar disso.

Os olhos de Resseur ficaram marejados.

— Amo o Gil. Sempre amei. Aceito todo o tempo que ele puder me dar.

— **É ele.** — Rina apontou a foto de Alejandro Brand. — Este com certeza é o mais baixo dos dois, chamado Alex. Reconheci o rosto, mas também as tatuagens — a serpente e o tigre — e a cicatriz. Definitivamente, é o homem que abordou Harriman hoje à tarde.

— Certo. — Decker checkou seu relógio. Eram quase onze da noite e ele estava cansado. Mas seguiu em frente, inspirado pelo entusiasmo de Rina. — Vamos ver com o que estamos lidando. — Ele digitou o nome no computador, mas a máquina travou. — O computador está buscando. Vai ficar assim até amanhã. Vamos para casa.

— Quer que eu procure o maior? Se me der um pouco de tempo, posso encontrá-lo.

— Vamos encerrar o trabalho por hoje.

Rina olhou para a estação de trabalho vazia e para o rosto do marido. Apesar de ter sido um dia comprido para ela, tinha sido um dia ainda mais longo para Peter. Ela estava presa na animação da descoberta.

— Você tem razão. Eu provavelmente trabalharia melhor se eu descansasse.

Decker fechou a pasta e ajudou-a a vestir o suéter. Os dois saíram da sala, e saíram do estacionamento da polícia no Porsche de Decker.

— Quando terminar de tentar localizar o homem número 2, seu envolvimento no caso terá terminado.

— Não se preocupe. Vou ficar feliz em poder sair. Não terei mais nada a acrescentar.

— Depois de dizer isso... — Ele tamborilou os dedos no volante. — Serei totalmente hipócrita e farei outra pergunta.

— Você não está sendo hipócrita. Só está dividido entre querer saber *versus* pensar na minha segurança. Pare de se preocupar. Eles não me viram. Eu tive muito cuidado. Os homens já tinham ido ao tribunal quando falei com Harriman.

— E se eles tinham espiões?

— Não tinham *espiões*, Peter. — Rina falou mais baixo. — Sei que a gangue de rua Bodega 12th Street está cheia de *bad boys*, mas eles não são a CIA. O que você queria me perguntar?

Decker havia se distraído.

— Ah, sim. Você tem certeza de que Harriman não disse *nada* a você sobre as palavras trocadas com Alex.

— Ele não disse *nada* sobre a conversa. Disse que precisávamos conversar.

— Isso não vai acontecer. Além de você não ter o que falar com ele, se vocês dois se encontrassem, um advogado inteligente poderia dizer que estavam de conluio contra o cliente.

— Verdade, conselheiro; sua formação em direito não foi à toa. — Rina se recostou no assento. — Conteí a ele que não tinha nada a dizer. Eu disse que se você precisasse conversar com ele, ligaria.

— Boa resposta. Ele não tem seu número de telefone, certo?

— Não.

— Ótimo. O homem está me deixando de antenas em pé.

— Harriman? Por quê? Você não pode achar que ele está inventando.

— Não, ele está aprontando alguma, mas por que está se arriscando ouvindo a conversa de caras perigosos?

Rina pensou por um momento.

— Às vezes, as pessoas se enfiam em situações sem perceber as consequências. Harriman trabalhou para o sistema judiciário por um tempo, então, provavelmente, tem falado com muitas pessoas estranhas sem problemas. Além disso, ele é cego, por isso não consegue perceber

sinais não verbais. E você sabe que a fama ilude. Talvez esta seja a única chance de Harriman ser uma testemunha importante, e não um tradutor.

Por fazer viagens frequentes de Los Angeles a Santa Barbara, Marge sempre passava pela zona rural em Oxnard e Ventura, campos sem fim com legumes de todos os tipos, de alcachofra a pepino. Pelas estradas, havia barracas de frutas e vegetais divulgando alimentos orgânicos recém-colhidos e flores cultivadas na região. Muitas vezes, Marge chegava à casa do namorado com sacos de tomates, cenouras, beterrabas, cebolas e outros legumes.

Mas depois de dirigir o carro alugado por alguns minutos, do estacionamento do aeroporto até a cidade, Marge percebeu que Ponceville não crescia para a clientela das “feiras”. Aquele local era um agronegócio com hectares e hectares de plantações comerciais cercada com placas que diziam “Proibida a entrada”. Não havia barracas bonitinhas de beira de estrada ali. Ela e Oliver passaram por campos e plantações. Havia pés de abacate lançando sombra a cítricos verdes, as folhas verde-prateadas das oliveiras, fileiras de pés de frutas: damascos, pêssegos, cerejas e nectarinas. A área tinha plantações de legumes, e a cada uma pela qual passava, uma sensação diferente tomava seu nariz: coentro, jalapeños, cebolas, pimentões verdes.

Placas de rua eram quase impossíveis de encontrar, e não havia marcações distintas além de um celeiro aqui e um arado acolá. Ela e Oliver passaram por ruas de asfalto de duas pistas cercadas por casas simples dos Estados Unidos, tentando seguir as direções de Willy Brubeck até a fazenda de seu sogro. O carro alugado estava com o GPS quebrado e depois de meia hora, ficou claro que eles estavam perdidos.

— Poderíamos parar e pedir ajuda — Marge sugeriu.

— Poderíamos — respondeu Oliver —, mas não faço ideia de onde estamos.

Marge parou ao meio-fio.

— Ligue para ele e diga que estamos na esquina de melões e *habañeros*.

Oliver sorriu.

— Diga o número.

Marge disse o número e Oliver ligou.

— Se a esposa dele atender, o nome dela é Gladys.

— Entendi.... Sim, alô, sou o detetive Scott Oliver, da polícia de Los Angeles e estou ligando à procura de Marcus Merry... Sim, exatamente. Como está, senhora? Seu marido fez a gentileza de nos receber hoje e... Sim, estamos perdidos. Estamos na esquina de dois campos. Um tem melões e o outro tem *habañeros*, se isso ajudar.... Ah, sim... Ele não precisa fazer isso.... Sim, provavelmente ajudaria muito. Sim, obrigado. Tchau. — Ele se virou a Marge. — O senhor está vindo nos buscar. Ela vai nos dar algo para comer quando chegarmos lá.

— Isso provavelmente significa um banquete, em língua de agricultor. Eu nem tomei café da manhã.

— Sim, a companhia aérea foi muito mesquinha com a comida e a bebida.

— Que comida e bebida? Quando o carrinho de bebidas se aproximou de nós, eles só tinham água e amendoins. Eu me senti um passarinho comendo alpiste. Cara, até a *prisão* alimenta melhor os detentos.

— Se gostar de amido e açúcar.

— O pessoal da penitenciária não é idiota. Todo aquele amido e açúcar leva as pessoas a entrarem em coma diabético. Eles, diferentemente das companhias aéreas, sabem manter as massas felizes.

Eles se sentaram na sala de estar em cadeiras cobertas por chita, com paredes pintadas com tinta erva-doce. Os pisos eram de pinheiro, e nas paredes havia dúzias de fotos de família — em preto e branco e também coloridas — com uma lona grande de arte abstrata que parecia meio deslocada.

Para comer, havia presunto, queijo, frutas frescas, pepino fatiado, tomates, cebolas, abacates e vários pães, de preto a integral. Havia mostarda em um prato amarelo.

Primeiro, Oliver tentou ser educado, mas quando Marcus Merry preparou um sanduíche, Scott deixou seu estômago falar. O sogro de Willy Brubeck poderia ter entre setenta e noventa e poucos anos. Era atarracado com cabelos brancos e pele morena. Usava apenas uma camisa jeans, macacão e botas de sola de borracha. As mãos e as unhas estavam limpas.

Gladys parecia animada com o apetite de todos.

— Tenho um pouco de bolo.

A esposa de Marcus era pequena, com cabelos grisalhos despenteados cortados bem curtos. Tinha olhos castanhos arredondados e um rosto redondo. Do tipo *mignon*, poderia se passar por uma versão mais velha de Audrey Hepburn. Vestia uma camisa branca por dentro da calça jeans e tênis brancos, e usava brincos pequenos de diamante.

Marge disse:

— Sinceramente, sra. Merry, isto está incrível.

— Então, o bolo vai deixar ainda melhor. Vocês dois vão à frente e conversem com Marcus. Levarei o bolo.

— Não preciso de bolo — Marcus reclamou. — Já estou bem gordo.

— Então, não coma.

Discussão encerrada.

Marge perguntou:

— Você sempre foi agricultor, sr. Merry?

— Pode me chamar de Marcus, e a resposta é sim. Meus parentes há muito, muito tempo, eram agricultores. — Falou com uma combinação de sotaque do sul e o dialeto crioulo. — O nome Merry vem do dono de meu bisavô. Depois que ele foi emancipado, o coronel Merry deu a ele cinquenta dólares e seu nome. — Merry deu mais uma

mordida no sanduíche. — Acredito que o coronel era meu tataravô. Para você ver como nós somos.

Marge assentiu.

— Vem dos dois lados. Minha filha... a esposa de Willy... todo mundo queria se casar com ela. Ela era muito linda... como minha esposa. Caramba, sinto saudade dela. Willy também não é muito ruim. Não diga a ele que eu disse isso.

Ele riu.

— Foi meu a avô quem assumiu as rédeas e decidiu sair da Geórgia e vir para a Califórnia. Naquela época, a propriedade era tomada por todos os tipos de pessoas: mexicanos, chineses, japoneses, indianos... alguns homens negros que não perturbavam ninguém. Mais tarde, quando o dr. King começou a falar sobre um sonho... foi quando a tensão começou.

— Ainda existe tensão aqui? — perguntou Oliver.

— Não, senhor. Fazemos nosso trabalho e cuidamos das nossas coisas. Agora, temos até um negro na Casa Branca. — Ele balançou a mão. — Por que estou dizendo isso? Você vê tensão o tempo todo. — Uma pausa. — Willy me disse que na área dele não há muitos crimes.

— Não é tão ruim — disse Marge.

— Bem, então isso é bom. — Merry deu mais uma mordida. — Não há motivo para colocar meu menino em perigo. Mas não diga a ele que disse isso.

— Seu segredo ficará seguro comigo — disse Marge.

— Como sua filha conheceu Willy?

— Na igreja.

— Willy não é daqui — disse Oliver.

— Não, mas ele serviu no Vietnã com um rapaz que cresceu a três fazendas ao norte daqui. Willy veio fazer uma visita e fiquei impressionado por ele ter se dado ao trabalho de ir à igreja. — Ele balançou a cabeça consternado.

— O que aconteceu com o amigo de Willy que cresceu na fazenda?
— perguntou Oliver.

— Ah, ele voltou à suas raízes. Cultiva milho e está ganhando dinheiro com biocombustível. Eu não cultivo para os carros. Cultivo para as pessoas. — Mais uma mordida. — O bolo está vindo? — ele gritou.

— Controlem-se! — Quando Gladys entrou com o bolo, todo mundo comemorou. Era de chocolate com cobertura de chocolate e tinha várias camadas de frutas frescas entre elas. Quando ela entregou uma fatia a Oliver, notou que estava salivando muito.

— Muito obrigado.

— De nada. E darei uma fatia a vocês dois para levarem para casa. Com certeza, ele não precisa de tudo.

— Se não quer que eu coma, por que o fez? — Marcus perguntou à esposa.

— Faça como um projeto artístico — disse Gladys.

— Então, doe para um museu. — Ele terminou a fatia em quatro mordidas. — Sei que você veio aqui para conversar com o delegado. Só o encontraremos daqui a meia hora. Enquanto isso, pode nos ver brigar.

— Ah, você é muito bobo. — Ela deu um tapinha no ombro dele. — Café?

— Vou tomar um pouco — disse Marcus.

— Estou preparando café fresco. — Ela voltou para a cozinha.

Marge perguntou:

— Você conhecia Rondo Martin bem?

— Ou pelo menos um pouco? — acrescentou Oliver.

— Sabia quem ele era. Não posso dizer que o conhecia bem. Quer saber se eu já fiz negócios com ele?

— Qualquer coisa que você possa nos contar — disse Marge ao pegar seu caderno. — Sabe por que estamos interessados nele, não?

— Sim, sei. Ele era o segurança na noite daqueles assassinatos e agora está desaparecido.

Oliver disse:

— O que pode nos contar sobre ele?

— Pouco. Não conversávamos, apenas nos cumprimentávamos de vez em quando. Senti que ele pode ter mantido distância devido à cor da minha pele, mas, apesar de conversar com outros ali, ele não era o tipo muito social. Não há caras muito sociáveis. A maioria das fazendas aqui são gerenciadas por grandes negócios.

Marge assentiu.

— Ainda há muitos independentes como eu. Fui abordado algumas vezes sobre a venda da minha fazenda. É a herança de meus filhos. Bem, você não quer falar sobre política, você quer falar sobre Rondo Martin. — Marcus pigarreou. — Parei algumas vezes no Watering Hole para tomar uma cerveja, e ele estava lá bebendo uísque, conversando com Matt ou Trevor ou com quem estivesse trabalhando no bar. Nós, agricultores, trabalhamos do nascer do sol ao pôr do sol quando os dias são compridos e o clima está bom. No inverno, faz muito frio. É quando o bar fica cheio.

— Ocorrem muitos crimes por aqui? — perguntou Oliver.

— O delegado deve saber mais do que eu — disse Marcus. — Lendo o jornal todo dia, acho que a maioria dos crimes ocorre por causa dos imigrantes que se embebedam no fim de semana e brigam uns com os outros. Não há muito o que se fazer por aqui. Temos uma loja de departamentos, uma igreja, um cinema, uma biblioteca, alguns restaurantes de família e uma rua de bares. É isso.

— Os imigrantes frequentam a mesma igreja que você frequenta?

— Não, somos todos batistas. Eles costumam ser católicos ou pentecostais. Não temos igrejas católicas nem pentecostais. Eles devem ter uma própria.

— Onde eles vivem? — perguntou Marge.

— Nas áreas marginais. Nós as chamamos de *ciudades*, que quer dizer cidades em espanhol. Ponceville é construída como uma praça. No meio está a cidade, e então, as fazendas, e no perímetro é onde os imigrantes vivem. Suas casas, providenciadas pelas grandes empresas que os contratam, são muito primitivas. Têm água encanada e eletricidade, mas ainda são muito básicas. Mas por mais básicas que sejam, eles não param de chegar. E continuarão chegando enquanto as condições nos países deles forem piores do que as daqui.

— Eles são legalizados? — perguntou Oliver.

— As empresas conseguem *green cards* para eles. Todos os meus funcionários têm *green cards*. Não dá para ser de outro jeito. Caso contrário, nossas portas são fechadas pelo governo. Não estamos falando muito sobre Martin.

— Meu parceiro e eu estamos só tentando entender o clima da cidade — disse Marge. — Talvez, isso nos ajude a entender Rondo Martin melhor. Você sabe se ele falava espanhol?

— Todo mundo que passa um tempo aqui fala espanhol.

Marge assentiu.

— Então... você e Rondo Martin... voltando à pergunta original.

Marcus sorriu.

— Nunca conversei muito com ele, sinceramente. De vez em quando, ele aparecia na igreja. Eu canto no coral. Minha esposa também. Ele apareceu, certa vez, quando eu fiz um solo, e me disse que eu tinha uma voz boa. Foi a conversa mais pessoal que tivemos. — Ele olhou para o relógio e se ajeitou na cadeira. — Bem, é melhor irmos se quisermos chegar a tempo.

Naquele momento, Gladys entrou com o café. Marcus olhou para a bandeja de canecas.

— Acho que podemos atrasar uns minutos.

— Podem, com certeza. — Ela sorriu. — Temos um... conceito fluido de tempo aqui.

O marido passou as xícaras de café. Gladys disse que eles podiam se servir à vontade de leite e açúcar. Os detetives agradeceram muito a ela.

Marge disse:

— Gosto de suas fotos, sra. Merry.

Gladys sorriu.

— É para isso que servem as paredes.

— Também gosto da arte.

— É mesmo? — perguntou Gladys. — Não ligo muito para ela. O artista entregou as obras a meus sogros. O pai dele era um agricultor em Chino e eu acho que ele era amigo da família... Acertei, Marcus?

— Alguma coisa assim. Paul era esquisito. Minha mãe só ficou com elas porque não queria ferir os sentimentos dele. — Marcus riu. — E ele acabou ficando bem famoso.

— Paul Pollock — disse Gladys. — Já ouviu falar dele?

— Não — disse Marge —, mas ele pinta como Jackson Pollock. Eles são parentes?

— É ele — disse Gladys. — Jackson Pollock. Paul era o primeiro nome dele.

— Ah, ele é bem conhecido — disse Oliver. — O pai dele era agricultor?

— Sim, detetive, ele era.

— O quadro é muito valioso, sra. Merry — disse Marge.

— Sim, é. E por favor, me chame de Gladys.

— E você não se preocupa com roubos? — perguntou Marge.

Gladys balançou a cabeça.

— As pessoas daqui o veem e acham que ele foi feito por um de meus netos. — Ela olhou para o quadro. — E eu não me dou o trabalho de corrigi-las.

O último endereço conhecido de Alejandro Brand era em Pacoima, parte do antigo local de trabalho de Decker, em Foothill. O lugar tinha cerca de cem mil pessoas. O maior motivo para fama — além de um acidente terrível de avião em 1957, que matou crianças dentro de uma escola — era uma escola de ensino médio onde Ritchie Valens, um artista popular em ascensão nos anos 1950, estudou. A carreira do jovem teve um fim repentino quando ele, com Buddy Holly e J. P. Richardson, também conhecido como Big Popper, morreram em um acidente envolvendo uma aeronave de pequeno porte em Iowa, em 1959.

A escola Pacoima Junior High teve seu nome trocado para Pacoima Middle School, mas era praticamente a única coisa na cidade que havia mudado. Continuava sendo um bairro hispânico de classe trabalhadora destacado pela violência.

A área tinha muitas indústrias e armazéns de empresas, mas havia algum comércio local: lojas de roupa com desconto, lojas de bebida, mercados de conveniência, redes de fast-food, lavanderias, pátios de carros usados e alguns bares. Ali, o dinheiro era curto, a menos que fosse sexta à noite. Nas sextas, os bares faturavam. Enquanto passava pelas ruas amplas, Decker diminuiu a velocidade para observar os *bad boys* que enchiam as calçadas ou os terrenos cheios de mato. Eles olharam para ele com cara de desconfiados e agressivos.

O endereço de Brand era um prédio residencial construído nos anos 1950, todo de gesso com uma placa azul-claro que mostrava o nome The Caribbean. O prédio era antigo e havia roupas penduradas em suas

sacadas. Decker encontrou uma vaga de estacionamento sem dificuldade e caminhou até um portão trancado. Era baixo o suficiente para que Decker esticasse o braço por cima e alcançasse a maçaneta do outro lado. O quintal tinha uma pequena piscina limpa que estava sendo usada por várias crianças que deviam estar no ensino fundamental. Havia várias mulheres de maiô deitadas em cadeiras dobráveis de plástico, conversando enquanto cuidavam do bronzado. As moças olharam receosas para Decker.

Ele escolheu uma mulher aleatoriamente, uma latina de aproximadamente trinta anos com cabelos pretos e curtos, olhos escuros e um corpo voluptuoso que transbordava do biquíni. Ele disse a ela em espanhol que era da polícia — e mostrou a insígnia —, e que procurava Alejandro Brand.

A mulher respondeu contraindo os lábios.

— Ele não é boa coisa.

A amiga dela, ao ouvir a conversa, interrompeu. Ela era mais velha e mais pesada, usava apenas um top e shorts cortados.

— Coisa nada boa — concluiu.

— Raul, pare de pegar tão pesado com sua irmã. Deixe a menina em paz! — E voltou a falar com Decker. — Ele vendia drogas lá em cima, no apartamento da mãe dele.

— Depois que a sra. Cruz morreu, ficou muito pior. Chamamos a polícia, mas eles sempre dizem que não podem fazer nada, a menos que alguém queira entrar com um processo. Por fim, o apartamento pegou fogo. O prédio todo quase virou cinzas. Mas os bombeiros foram rápidos, *gracias a Dios*. — Ela então fez o sinal da cruz.

Decker pensou em um laboratório de metanfetamina e em todos seus componentes inflamáveis.

— Sentiu algum cheiro estranho vindo do apartamento? Quem chegava perto dali? E o lixo? Vocês encontravam muitas embalagens de anticongelantes, Drano, soda cáustica, iodo, talvez?

— Não mexo no lixo dos outros — disse a segunda mulher. — Não sei o que ele estava fazendo e não me importa agora. Só sei que temos mais paz.

— Apesar de acontecerem coisas estranhas no apartamento K — disse a primeira mulher.

— Não tão estranhas quanto na época de Alejandro. Muitos homens ruins entram naquele apartamento. Eu tinha que cuidar de minhas filhas como uma galinha protetora. Ele tinha muito dinheiro e um rosto bonito, uma combinação ruim para meninas adolescentes.

— Têm ideia de onde ele mora agora?

— Não e não quero saber.

— *Gracias a Dios* — disse a primeira mulher.

— Que ele seja problema de outra pessoa.

Decker perguntou:

— Alguém mais além da mãe dele vive aqui? — perguntou Decker.

— Quem sabe? — perguntou a segunda mulher. — Muitas pessoas entram e saem... Raul, da próxima vez que você bater nela, vai parar de brincar!

— Brand tinha irmãs e irmãos?

A primeira mulher disse:

— Acho que Alejandro era filho único. A sra. Cruz era muito velha.

— Era a avó dele — disse a segunda mulher. — Ela costumava chamá-lo de *mi hijo*.

— Ele a chamou de *abuela*, certa vez. Ela era a avó, talvez até bisavó. Era muito velha.

— Então, não têm ideia de onde Alejandro está?

— Está em algum lugar do bairro — disse a primeira mulher. — Eu o vejo no mercado de vez em quando. Finjo que não o percebo.

— Boa ideia — disse Decker. — Que mercado?

— A mercearia do Anderson. Fica a cerca de três quarteirões daqui.

Decker anotou.

— Quantos meses vocês diriam que se passaram entre a morte da senhora e o incêndio no apartamento?

— Três, talvez.

A segunda mulher concordou.

— Finalmente ele foi embora. Agora, temos paz e segurança. Nós nos reunimos e colocamos o portão de ferro. — De repente, ela estreitou os olhos e olhou para Decker. — Como vocês entraram ali?

— Estendi o braço e abri o portão por dentro.

— Hum. Isso é um problema. Colocamos o portão por proteção. Se entrou com facilidade, talvez precisemos pensar em outras coisas.

— Qual é sua altura? — perguntou a primeira mulher.

— Meço 1,90 m.

— Quantos homens você conhece que medem 1,90 m? — a primeira mulher perguntou à segunda.

— Nenhum.

— Eu também não. Não é um problema. — Ela olhou para Decker.

— Tranque o portão quando sair. Da próxima vez, use a campainha. É para isso que ela serve.

— Harriman acabou de sair. — Era Wanda Bontemps ao telefone.

— O que ele queria? — Decker tentou manter a voz calma.

— Pedimos para que ele entrasse, Loo.

Encurvado sobre o volante, demorou um pouco para Decker processar as palavras. Estava tão focado na segurança de Rina que se esqueceu que Harriman estava servindo um propósito.

— Sim, isso. A entrevista falsa com Oscar Vitalez. Como foi?

— Harriman disse que não era ele. Tentamos convencê-lo de que ele era o cara que Rina identificou, mas não mordeu a isca. Disse enfaticamente que não era o cara. Então, tenho mais alguns homens prontos para ele ouvir. Marcamos outra reunião para as cinco da tarde de hoje.

— Bom trabalho, Wanda, obrigado. Alejandro Brand, o cara que Rina identificou, não vive nesse endereço, mas continua no bairro. Vou dar uma olhada. Conseguiu localizar Joe Pine?

— Não tenho notícias de Messing. Quer que eu ligue para ele?

— Sim, faça isso. Estão me ligando, Wanda, pode esperar?

— Atenda. Não tenho mais nada a dizer. Conversamos mais tarde. Decker adorava a eficiência de Wanda. A ligação era de Rina.

— Tenho um tempo hoje à tarde se você quiser olhar umas pastas. Decker sabia que não havia como detê-la.

— Claro. O que acha de nos reunirmos às... três da tarde?

— Ótimo. Você precisa de alguma coisa?

— Não, querida, tudo bem. Estou em Pacoima agora. Conversamos mais tarde.

— O que está fazendo em Pacoima?

— Procurando Alejandro Brand.

— Quando encontrá-lo, me avise.

— Por que eu faria isso?

— Para eu poder identificá-lo pessoalmente.

— Sua identificação não quer dizer nada porque você não o ouviu falar sobre os assassinatos dos Kaffey. Harriman precisa identificá-lo, não você.

— Por que não os dois?

— Porque ele ouviu algo suspeito. Você, não.

— Posso dizer se ele é o cara que Harriman estava ouvindo.

— Tenho certeza de que Harriman ouve a conversa de muitas pessoas. Foi o que causou problemas para ele da primeira vez. Olhe nas pastas, mas só. Por favor, leve em conta os sentimentos de seu marido cansado e não se envolva mais do que o necessário, está bem?

— Pare de se preocupar, Peter. Só estou tentando ajudar.

— Eu sei, querida. Nós nos vemos às três da tarde.

— Temos um encontro. Vou levar bolo para o escritório. Se você se comportar, pode pegar uma fatia.

- E se eu não me comportar?
- Você não vai ganhar fatia e pode usar isso para começar sua dieta pela milésima vez. De qualquer modo, é uma situação em que todos ganham.

Marcus Merry os levou em seu Ford Bronco Ranger 1978 com 172 mil quilômetros rodados, e os três estavam apertados dentro de uma cabine feita para dois. Ele anunciou que faria uma parada primeiro e os levou por campos abertos até parar na frente de um celeiro no meio do nada. Ele desligou o motor.

- Só preciso tirar umas coisas.
- Precisa de ajuda? — perguntou Marge.
- Tenho seis caixas de produtos no porta-malas. Se quiser levar uma para dentro, não vou me opor.

Oliver sussurrou para ela:

- Você tinha que perguntar!
- Isso fará com que cheguemos ao delegado mais depressa. — Ela saiu do carro e deslizou uma caixa de cebolas pela porta traseira.
- Onde estamos, Marcus?
- A cooperativa local de alimentos. Apesar de tudo ser cultivado aqui, nenhum agricultor cultiva tudo. Assim, trocamos pelo que precisamos. — Marcus se movimentava depressa, apesar da idade. Em cinco minutos, seis caixas de cebola e alho tinham sido descarregadas e Marcus recebeu o crédito por seus produtos. — Eu tinha poucos pontos. Agora, Gladys pode fazer compras.

Quando todo mundo entrou de novo no táxi, Marcus os levou para a “cidade”. A Rua Principal era duas pistas com lojas: roupas em geral, rações, um mercado, uma loja de tecidos, um banco, um estacionamento de carros usados e de tratores e uma loja de peças automotivas com uma placa grande onde se lia PEÇAS DE TRATOR. Havia também lojas de ferragens, um cinema, alguns restaurantes e vários

bares. O tribunal e a cadeia eram a última parada na rua. Era uma construção em estilo federalista em gesso branco, não muito grande para os padrões de um tribunal, mas bem menor em comparação com os outros da rua.

O escritório do delegado ficava no terceiro andar e a vista dava para campos planos. A recepcionista era uma mulher idosa de cabelos brancos azulados parcialmente cobertos por uma boina vermelha. O vermelho se repetia no vestido da mulher e em seu esmalte. Ela olhou para a frente e estendeu uma mão comprida e cheia de manchas.

— Edna Wellers. Vocês devem ser os amigos detetives de Willy.

Marge sorriu. O modo com que Edna dissera “amigos detetives” dava a impressão de que eles tinham ido a Ponceville para passear com Brubeck.

— Sim, somos. Prazer em conhecê-la.

Edna olhou para Oliver.

— Bem, você é um jovem bonito. É casado? Tenho uma filha. Divorciada, mas os filhos dela são adultos.

Oliver disse:

— Obrigado, mas estou saindo com alguém.

Ela olhou para ele de cima a baixo.

— Você tem cara de que consegue ficar com mais de uma por vez. Não é, Marcus? Me apoie nessa.

— Edna, chega. Eles têm assuntos a tratar. Então, tire o delegado T daqui para que eles possam pegar o voo.

— Quando vai embora, bonitão?

— Hoje à noite — respondeu Oliver.

Edna ficou desanimada.

— Ah, que pena!

— Onde está T, Edna?

— Ele ainda não voltou. — A Oliver, ela disse: — Não pode ficar um dia a mais?

— Não no momento.

— Então, você vai voltar.

Marcus disse:

— Ele não vai voltar, Edna. Estão cuidando de um caso de assassinato muito importante no sul.

— Aquelas pessoas ricas, não é? Aquelas para quem Rondo trabalhou. Você deveria falar comigo. Estou aqui há mais tempo do que todo mundo. Me apoie nessa, Marcus.

— Eu apoio você.

— O que pode nos dizer sobre Rondo Martin?

Oliver pegou seu bloco de anotações.

— Ele não era tão lindo quanto você, gatão.

— Poucos são.

Edna sorriu.

— Ele namorou minha filha, Shareen, durante alguns meses. Não deu certo. Shareen fala demais. Rondo não falava muito, nenhum homem fala, mas também não era muito de ouvir. Acho que os dois só queriam... bem, você sabe. Não preciso ser específica.

— Consigo imaginar — disse Marge. — Era só algo casual ou Shareen tinha esperança de algo mais?

— Que nada, só casual. — Uma pausa. — Rondo era solitário, não conversava muito com ninguém. Me apoie nessa, Marcus.

— Eu mal conhecia o cara.

— É o que estou dizendo. Ele fazia seu trabalho, mas não era simpático. Mesmo quando ficava meio alegriinho, mantinha a boca fechada.

Marge perguntou:

— Ele abria exceções?

— Certa vez, ele falou sobre a família.

— Sim, eu estava lá — disse Marcus. — Foi perto do Natal. Caramba, estava frio e seco e de congelar os ossos. Os bares trabalharam à toda.

— Não foi muito bom o que ele disse sobre os pais — disse Edna.

Marcus disse:

— Sim, ele começou a reclamar do pai... que cara ruim, ele era. O velho costumava bater nele, até o dia em que ele revidou. Eu me lembro porque foi algo esquisito de se comentar no Natal.

— Sim, ele tinha umas lembranças ruins — disse Edna.

— Mais alguma coisa? — perguntou Oliver.

Os dois balançaram a cabeça. A touca de Edna escorregou para o lado.

— De onde era Martin? — indagou Marge.

— Do Missouri, acho — disse Edna. — Me apoie, Marcus.

Merry disse:

— Pensei que ele fosse de Iowa.

Naquele momento, T, o delegado, chegou. Tinha cerca de 1,74 m, 70 quilos, com um rosto marcado e olhos muito azuis. Seus lábios eram tão finos que sumiam em seu rosto. Ele deu um aperto de mão surpreendentemente forte — não exatamente de quebrar ossos, mas forte o suficiente para mostrar a Oliver que ele sabia cuidar de si. Usava um uniforme cáqui e um boné do Urso Smokey, que ele tirou, mostrando cabelos curtos e orelhas protuberantes.

— Tim England. Desculpe pela demora. Tivemos um probleminha nas *ciudades*... algo sobre um dinheiro roubado. Parece que o rapaz não se lembra onde escondeu seu dinheiro. Provavelmente estava bêbado quando o escondeu.

— É onde todos os imigrantes vivem — disse Edna. — Chamamos de *ciudades*. Quer dizer cidades em espanhol. — Ela se virou para o delegado. — Ei, T, talvez você possa resolver o mistério para nós. De onde era Rondo Martin? Do Missouri ou de Iowa?

— Primeiro, ele me disse Kansas, mas mais tarde, ele disse que era de Nova York. Disse que acreditava que se encaixaria melhor se fosse do Centro-Oeste. Disse que seu pai era agricultor no interior.

— Isso era verdade? — perguntou Marge.

— Vai saber... — T deu de ombros. — Sempre achei que o homem estava escondendo alguma coisa, mas nunca descobri. Ele não tinha nenhum antecedente criminal. Ele tinha um bom histórico de trabalho.

Marge perguntou:

— Onde ele fez o treinamento?

— Eu não sei dizer. Ele veio a nós porque trabalhava na delegacia de Bakersfield... ficou por lá alguns anos. Seu histórico era limpo, não tinha problemas com faltas, nem de abuso de poder nem de brutalidade, não havia investigações. O comandante dizia que ele sempre chegava na hora certa, fazia anotações, mas não falava muito. Um policial bom e limpo, pelo que ele disse.

— Por que ele foi embora da delegacia? — perguntou Oliver.

T pensou por um momento.

— Ele disse algo sobre querer uma cidade pequena. Estava cansado da cidade grande.

— Bakersfield é uma cidade grande?

— Não é Los Angeles, mas tem cerca de quatrocentos mil habitantes. É muita gente. Ele certamente passou a ter menos o que fazer em Ponceville.

Marge perguntou:

— Então, por que ele deixou Ponceville para ser segurança particular em Los Angeles?

— Não sei, senhora. Acho que Rondo era meio sossegado. Não é todo mundo que consegue morar aqui sem ser agricultor. Não se tem muitas opções: são os bares ou as igrejas. Rondo não conseguia se decidir. Às vezes, ele aparecia na igreja, às vezes, aparecia no bar. Não se encaixava em lugar nenhum.

— Me apoie nessa, T. Eu me lembro de Shareen dizendo que ele passava um tempo nas *ciudades*. — Ela passou a falar mais baixo, sussurrando. — É onde as prostitutas ficam.

— Corta essa, Edna. — T revirou os olhos. — Mas ela tem razão. Se você se sente solitário e não tem vontade de rezar, ir a certos lugares é

uma alternativa.

— Onde ficam as *ciudades*? — perguntou Oliver.

— Elas cercam as fazendas — disse T. — Há quatro delas: norte, sul, leste e oeste.

— Shareen saberia quem Martin visitava nas *ciudades*? — indagou Marge.

— Talvez — disse Edna.

— Pode ligar para a sua filha e perguntar?

— Agora?

— Sim, agora, Edna — disse T. — Eles têm trabalho a fazer.

— OK, tudo bem. — Ela ligou para a filha e cinco minutos depois, desligou o telefone. — Shareen acha que ele passou muito tempo no distrito norte. Quem mora lá, T? Muitos Gonzales, não? E os Ricardos e os Mendez, Alvarez e Luzon. Acho que todos são parentes.

— São. — T olhou para os detetives. — Nunca pergunto a meus homens o que eles fazem em suas folgas. Não é da minha conta. Algum de vocês fala espanhol?

Marge e Oliver balançaram a cabeça, negando.

— Então, não tem motivo para ir lá. Não vão entender nada do que eles disserem. — O celular de T começou a tocar. — Com licença.

Ele atendeu o telefone e quando desligou, disse:

— Outro problema nas *ciudades*. Distrito sul. Querem ver as coisas com as quais eu tenho que lidar? Podem me seguir em seu carro.

— Eu os trouxe para cá — disse Marcus. — Preciso voltar ao trabalho.

— Podemos ir com você? — perguntou Oliver.

— Claro, mas vai demorar uma hora. A que horas seu avião parte?

— Temos tempo — disse Marge.

— Claro — disse Edna. — Tempo suficiente para ver prostitutas, mas não para ver minha filha.

— Pare com isso, Edna. Isso não é um serviço de namoro. Deixe que façam o que têm que fazer. — T pegou seu chapéu. — Caramba, são

quatro telefonemas em quatro horas. É o que acontece quando as coisas ficam quentes. Os nativos se tornam incansáveis.

Houvera uma boa reforma desde que Decker trabalhou na delegacia de Foothill, cerca de 15 anos antes, mas o cheiro e os sons ainda eram familiares. A detetive Mallory Quince — uma morena pequena de cerca de trinta anos — brincava com o teclado até o rosto de Alejandro aparecer na tela do computador.

— Ah, ele, o cara que faz metanfetamina. Ele também incendiou um prédio residencial. Foi por pouco.

— Fiquei sabendo.

— Por quem?

— Pelos comandantes. Conversei com eles hoje cedo. Pensei no laboratório de metanfetamina, mas os tenentes não sabiam nada sobre isso. O incêndio foi muito grave?

— A unidade dele foi totalmente incendiada. As duas unidades dos dois lados ficaram péssimas também, mas os bombeiros salvaram o prédio. Pegamos o idiota alguns dias depois. Ele disse que não teve nada a ver com o incêndio e que não estivera ali desde a morte de sua mãe. Um monte de mentiras, mas ninguém o contradisse. Acho que todos temiam uma vingança.

— As mulheres disseram que ligaram muitas vezes para a polícia para reclamar dele. Há registro dessas ligações?

— Vou conferir, mas provavelmente é mentira. — Mallory revirou os olhos. — Investigaríamos laboratórios de crack e de metanfetamina, você sabe disso.

Decker sabia disso.

- Então, não tem nada sobre Alejandro Brand?
- Não.
- Tem as impressões digitais?
- Vamos ver se tem um cartão. — Ela apertou alguns botões. — Desculpa. Nós não o prendemos. — Ela imprimiu uma foto no computador e entregou o papel a Decker.
- Vou ficar de olho nele. Passe a notícia.
- Eu agradeceria. — Ele apertou a mão da mulher. — Obrigada pelo tempo dedicado.
- Você sente saudade daqui?
- Não é muito diferente de onde vim, geograficamente, mas meu distrito é mais afluyente. Ocorrem menos crimes violentos.
- Então, não sente saudade da ação?
- Às vezes, sinto saudade de estar em campo, mas estou feliz onde estou. É bom ter um escritório com uma porta que se fecha.

Aquele não era o lado ensolarado do México habitando por expatriados norte-americanos bebendo margarita e deitados em areias brancas ao lado do mar de ondas tranquilas. Ali era a Baja California das lembranças de infância de Oliver: uma terra tomada pela pobreza e pelos necessitados com seus casebres, barracos e casas de telhado de latão. Tijuana ficava perto da fronteira, mas parecia estar a anos-luz de distância. Quando ficou mais velho, ele e alguns amigos do exército sempre visitavam os pontos obscuros para conseguir bebida barata e prostitutas velhas — um rito de passagem. As *ciudades* ali eram fileiras e mais fileiras de casas improvisadas montadas no meio do nada.

Assim como Tijuana, os moradores da *ciudad* de Ponceville tentaram manter o bairro pintando, as paredes de fora sempre com cores vivas: verde-água, amarelo-limão, verde-vivo e lilás forte. Para Oliver, essas cores chamativas eram muito exóticas aos 18 anos. Agora, elas o deixavam triste.

Havia poucos pontos de referência, mas o delegado T sabia andar por ali. O veículo oficial era um Suburban de trinta anos e enquanto T manobrava o tanque nas ruas de terra, os três pulavam nos assentos pouco forrados. T parou no meio da pista na frente de um barraco laranja de um andar. Os três saíram. T caminhou até a porta e bateu com força. Uma menina adolescente de não mais de 13 anos atendeu, com um bebê gordinho no colo e uma criança pequena e muito magra agarrada a sua saia. Ela era bonita: cabelos pretos, pele cor de café, olhos grandes e maçãs do rosto altas. Abriu a porta e Marge, Oliver e T entraram.

Um menino de quatro anos estava sentado em um sofá velho, assistindo a desenhos em uma TV antiga, apoiada em caixas. Ao lado da TV e do sofá, a mobília incluía um jogo de mesa e cadeiras, duas cadeiras dobráveis e um cercadinho com brinquedos. Um tapete gasto cobria um chão não terminado que parecia ter sido construído com caixotes antigos. Havia uma estante com alguns livros, DVDs e uma bandeira americana enfiada em uma lata vazia de café.

Era simples, mas limpo, com o aroma doce de algo no forno. O calor também acrescentava vinte graus ao dia já abafado. Marge imediatamente sentiu o rosto suar. Pegou um lenço e entregou um a Oliver.

A menina colocou o bebê e a criança pequena dentro de um cercadinho e entregou um biscoito a cada um. Os dois se sentaram em meio a muitos brinquedos velhos, comendo a bolacha sem resmungar, olhando para os pontos coloridos que tomavam a atenção do menininho.

O rosto da adolescente estava sério. Ela secou o suor com as costas da mão e imediatamente começou a falar espanhol, com o tom de voz claramente agitado. Ela mexia a perna e as mãos sem parar enquanto falava. O delegado assentia em intervalos adequados. A conversa deles foi breve, e em poucos minutos, T se levantou e apoiou uma mão no

ombro dela. Nesse momento, seus olhos ficaram marejados quando começou a repetir “*gracias*” sem parar.

Quando eles partiram, T disse:

— Ela mora com os pais, e os dois estão nos campos. Ela é a mais velha de sete filhos. Os outros três estão na escola, mas alguém tem que ficar em casa para cuidar dos pequenos.

Marge perguntou:

— E os estudos dela?

— Pela certidão de nascimento dela, ela tem 16, o que quer dizer que não precisa mais ir à escola.

— Ela parece ter uns 12.

— Provavelmente tem, mas não agradaria à família dela se eu fizesse muitas perguntas.

— Qual foi o problema? — perguntou Oliver.

— Um cara de vinte anos, dos campos, não para de perturbá-la, ele foge do trabalho e tenta entrar na casa para fazer sexo com ela. Ignacias Pepe, seja lá quem for. São muitos para eu acompanhar. Quando começo a entender quem mora onde, um se muda e outro vem pegar o lugar dele. Ela me disse que Ignacias está colhendo morangos na fazenda dos McClellans. Vou conversar com o idiota. Vou mandar ele manter o pinto dentro da cueca, a menos que queira que ele vire picles num jarro.

Os três voltaram para dentro do Suburban.

— Vou passar pela casa de Marcus a caminho da fazenda de Ardes McClellan. Sei que você tem mais coisas para fazer, então posso deixar você lá.

— Seria bom — disse Oliver. — Edna, sua secretária, disse algo sobre Rondo Martin estar na região norte. É diferente de onde estávamos?

— Mesma coisa. Gostaria de poder dizer mais sobre o cara, mas você sabe como é. Se ninguém está causando problema, nós não investigamos.

— Obrigada por nos trazer. Não descobrimos muito sobre Rondo Martin, mas certamente tivemos uma boa ideia do clima da cidade — disse Marge.

— Este lugar é muito simples, mas gosto daqui. Campos abertos e um céu muito azul. Posso trabalhar sem os malas me dizendo o que fazer — respondeu T.

Oliver perguntou:

— Como você consegue isso?

— Não que eu não responda a ninguém — disse T. — Tem o prefeito e o conselho da cidade, mas na maior parte do tempo, eles cuidam de suas vidas e me deixam cuidar da lei.

— Bom para eles e bom para você — disse Marge.

— Sim, sempre respondemos a alguém a menos que sejamos Deus. Acho que ele não responde a ninguém, mas nunca o vi, então não posso dizer com certeza.

A mulher era tenaz e poderia ser uma boa detetive. Ela olhou para Decker e disse:

— Não está sendo tão fácil quanto Brand. Nenhum rosto me ocorre.

— Então, talvez ele não esteja lá.

— Ele tinha uma tatuagem BXII no braço.

— Ele é membro da gangue Bodega 12th Street, mas isso não quer dizer que ele esteja na pasta. Não force, Rina. Já passa das cinco. Talvez esteja na hora de parar.

Ela fechou a pasta.

— Desculpa.

— Pelo quê? Com certeza, você fez sua parte.

Decker conferiu o relógio de novo.

— Tenho mais algumas coisas para terminar aqui. Vou para casa em uma hora.

— Certo. — Ela ficou de pé e o beijou. — Até mais.

— Levo você até a porta.

- Não precisa. Conheço o caminho. Vá terminar.
- Obrigado pelo bolo, Rina. Os caras adoraram.
- É um prazer. Depois de todos esses anos cozinhando, é difícil me tirar de perto do forno. Fazer bolos para o batalhão me impede de entrar em crise de abstinência.
- Quando quiser alimentar o pessoal, será bem-vinda.

Rina sorriu. Quando saiu pela porta, viu Harriman caminhando em sua direção.

Ela disse a si mesma para continuar andando e quando ele passou por ela sem nada dizer, ela sentiu um nó na garganta, como se tivesse sido mal-educada.

Não se envolva, ela disse a si mesma. Nem sempre ouvia sua intuição, mas lembrar-se de todo aquele sangue derramado fez com que pensasse melhor.

A passagem pelas *ciudades* atrasou Oliver e Marge. Com a ida de Ponceville a Oakland engolindo mais algumas horas, um jantar de verdade estava fora de cogitação.

Eles comeram os sanduíches de atum no caminho e chegaram à Bay Area um pouco mais de uma hora antes de ligar para Porter Brady e marcar uma entrevista com ele.

Os detetives pensaram que depois da cirurgia de ponte de safena, o homem ficaria perto de casa, por isso não ficaram surpresos quando ele atendeu ao terceiro toque.

— Por que querem falar comigo? — Porter parecia irritado. — Eu já disse à polícia que Neptune estava comigo. Temos registros telefônicos para provar isso.

— Seria bom se pudéssemos conversar pessoalmente — disse Marge.

— Por quê? Nunca tive problema nenhum com o rapaz. — Uma pausa. — Meu filho sabe que vocês virão?

— Não, não sabe. — Marge estava séria.

— Não tenho muito a dizer a você sobre Neptune. Ele é um bom rapaz. — Mais uma pausa. — Acho que eu gostaria de ter companhia.
— Então, até daqui a pouco.

Porter morava em um apartamento não muito distante da Jack London Square — uma atração turística formada por velhos balcões transformados em shoppings. A unidade de Brady tinha dois quartos e dois banheiros, e tinha mobília original dos anos 1950. Não tinha sido cara na época, mas a cor do bordo tinha clareado um pouco, e as linhas claras combinavam bem com o século XXI

O velho os havia recebido de pijama, roupão e chinelos. Ele era muito magro, com um tom de pele meio acinzentado. Tinha um rosto comprido com cabelos brancos e crespos, olhos castanhos e lábios cheios. No momento, sua pele podia ser de qualquer etnia, mas os cabelos indicavam que era negro. O mais surpreendente era sua idade. Neptune tinha trinta e poucos anos, e o velho parecia ter setenta e poucos. O mistério foi desfeito dentro de segundos.

— Sou o avô dele, mas eu o criei. Assim, sou o pai dele.

Marge bebericou de uma xícara cheia de chá doce.

— Está ótimo. Obrigada.

— Eu mesmo preparei.

— Delicioso. — Ela pegou um bloco de anotações. — O senhor é o avô materno de Neptune?

— Paterno — disse Porter. — O pai dele, meu filho, foi assassinado antes de Neptune nascer. Dezoito anos. Ele andava com as pessoas erradas.

— E a mãe de Neptune? — perguntou Oliver.

O senhor se recostou no divã, com o roupão se abrindo e mostrando um peito magro. Ele voltou a fechá-lo.

— Ela é de uma família branca do outro lado da baía. Trabalhava como professora substituta... não, não substituta. — Ele riu. — Como são chamados os ajudantes?

— Auxiliar da professora? — perguntou Marge.

— Isso, uma auxiliar. Isso mesmo — assentiu ele. — Isso. Ela era um ano mais velha do que os alunos. Erstin — meu menino — estava na sala dela. Era um garoto bonito. Alto, interessante e charmoso. Minha esposa morreu quando ele tinha cinco anos. Tentei, mas não consegui ser pai e mãe. Tinha que trabalhar.

— O que o senhor fazia? — indagou Marge.

— Estivador. Passei minha vida carregando e descarregando navios. O salário era bom, mas eu trabalhava demais e o trabalho era exaustivo. Ainda assim, eu pagava todas as minhas contas e nunca devi um centavo a ninguém. — Ele bebericou o chá. — Quer um pouco mais, senhora?

— Não, obrigada.

Porter olhou para Oliver.

— E o senhor?

— Estou bem assim — disse Oliver. — Então, seu filho não tinha sua ética de trabalho?

— Que nada. — Porter balançou a mão no ar. — Erstin tinha ética de trabalho para apenas uma coisa. Ele se tornou pai aos 15 anos, e de novo aos 16. Quando conheceu Wendy, Erstin já era velho profissional.

— São muitos bebês — disse Marge. — O senhor mantém contato com seus netos?

— Um deles está preso. — Porter rolou os olhos. — O outro ama carros desde sempre. Ele se mudou para St. Louis e vende Porsches. É um bom garoto.

Mais um gole de chá.

— Erstin levou um tiro há cerca de dois meses, antes de Neptune nascer. Os pais da menina queriam entregar o bebê para a adoção, claro. Mas quando eu soube, briguei. Queria um menino desde que perdi meu filho... — Seus olhos pareciam pensativos. — Um juiz me ajudou nisso. A menina abriu mão dele.

Oliver perguntou:

— Tem o nome completo dela?

— Wendy Anderson... — Ele ergueu as mãos e as pousou no colo. — Ela me ligou do nada, um dia... como vocês. Queria visitar o menino e eu deixei. Neptune era um menino bonito, alto como o pai, mas parecia com a mãe. E era galanteador como o pai.

Os detetives esperaram.

— No dia seguinte, Wendy e os pais dela apareceram na minha porta, bonzinhos e tranquilos. Um minuto, não queriam saber do menino, mas no minuto seguinte, estavam tentando me dobrar. Wendy... começou a chorar sem parar. Pensei que ela realmente se importasse. Mas os pais, ah! O menino poderia morrer... eles só queriam isso.

Marge assentiu.

— Eles não tinham fundamentação legal para levar o menino de volta. Mas existe a fundamentação moral. Senti pena daquela menina. Perdi meu filho e ela tinha sentimentos por seu garotinho. Eu não desistiria da guarda, de jeito nenhum, mas disse ao juiz que talvez pudéssemos dar um jeito.

Ele terminou de beber o chá e sorriu com os dentes amarelos.

— E demos. Ela acabou ficando com ele a cada dois fins de semana e todas as quartas-feiras à noite. Quando ele começou a ir para a escola e não mais podia dormir na cidade, ela dirigia até aqui, levava o menino para jantar e voltava para casa. Para dizer a verdade, conforme ele foi crescendo, ficou complicado. Não achava essa folga ruim. Quando o menino fez oito anos, ela se casou, tornou-se advogada e teve outros filhos. Mas ainda mantinha contato com Neptune. A cada dois fins de semana e toda quarta, sem falta. Eu era o pai do menino, mas ela se tornou uma mãe muito boa.

— Onde ela mora agora? — perguntou Oliver.

— Quando Neptune tinha 18, ela e o marido se mudaram para o leste de novo. Recebo um cartão de Natal dela todos os anos. Ela me liga no meu aniversário. É uma mulher muito boa. — Os olhos dele

estavam marejados. — Nunca conhecemos as pessoas. É por isso que existe algo chamado segunda chance.

Marge virou uma página em seu bloco.

— O que Neptune fez depois de se formar no ensino médio?

— Pensei que ele tentaria a faculdade. Mas ele se tornou policial na delegacia de Oakland.

— Isso foi logo depois do ensino médio?

— Sim, foi.

— Sabe como ele conseguiu o emprego com o sr. Kaffey? — perguntou Oliver.

— Não faço ideia. Ele não me disse nada, mas suspeito que ele tenha se mudado para Los Angeles porque queria ser ator. Com certeza, tinha boa aparência para isso.

Marge e Oliver assentiram.

Porter continuou:

— Neptune ficou feliz com a posição. Ganhou dinheiro. Comprou uma casinha e um Porsche novo com seu meio-irmão em St. Louis. — Um sorriso. — Ele está levando uma vida boa. — O velho balançou a cabeça. — Sinto muito por meu garoto. Ele é nervoso, apesar de tentar esconder de mim.

— Ele falou com o senhor sobre os assassinatos? — perguntou Oliver.

— Não muito. Algo sobre alguém do rancho tê-lo perturbado.

Marge tentou esconder a animação.

— Ele mencionou algum nome?

— Martin alguma coisa...

— Rondo Martin? — Porter assentiu e Marge disse: — O que ele disse sobre ele?

— Estou pensando. — Porter ficou calado enquanto bebericava seu chá. — Só que Martin o perturbou e que estava desaparecido. Disse que assim que os policiais o encontrassem, saberiam quem fez isso.

— Quando Neptune contou isso?

— Não sei... talvez logo depois do acontecido.

Porter começou a se levantar do sofá, devagar. Quando ficou claro que ele estava tendo dificuldades, Marge se levantou e estendeu uma mão a ele.

— Em que posso ajudar?

— Bom, já que está perguntando, pode pegar mais chá com um pouco de leite.

— Pode deixar. — Ela encheu outra xícara e a colocou em uma mesa de canto.

— Na noite dos assassinatos, o senhor sabe a que horas recebeu o telefonema com a notícia?

— Eu estava dormindo, senhor. Só sei que Neptune tocou meu ombro e disse que uma emergência havia acontecido e que ele precisava sair naquele momento.

Oliver disse:

— O senhor se importaria se analisássemos seus registros telefônicos?

— Podem pegar uma cópia, mas não vai adiantar. Neptune sempre usava o celular. Ficava com aquilo grudado na orelha mesmo quando estávamos assistindo ao jogo.

— O senhor provavelmente tem razão — disse Marge. — Ele provavelmente não usou seu telefone. Mas meu chefe gosta de ser meticoloso.

— Podem pegar uma cópia assim que eu conseguir uma.

— Podemos ligar para a empresa de telefonia — disse Marge. — Não precisa se preocupar, desde que eu tenha sua permissão e o número da conta.

— Não sei o número, mas acabei de pagar a conta. A nota ainda está no balcão da cozinha, no meio das correspondências.

Oliver se levantou.

— Vou pegar.

— Obrigada. — Marge voltou sua atenção a Porter. — Podemos fazer mais alguma coisa antes de ir embora?

— Sim, encontrem esse tal de Martin. Essa bagunça toda está pesando demais em meu garoto.

— Estamos fazendo o nosso melhor. — Oliver estendeu a mão. — Temos que pegar um voo. Muito obrigado pela atenção.

O senhor pegou a mão e a apertou sem força. Há pouco tempo, provavelmente, ele devia ter mão de ferro. Oliver entregou um cartão a ele.

— Aqui está meu telefone da delegacia e aqui está o número de meu celular.

— O meu também está aqui — disse Marge.

— Para quê?

— Se pensar em algo que quiser nos contar — disse Oliver.

— Ou se quiser apenas conversar — acrescentou Marge.

— Ligar só para conversar? — Porter abriu um sorriso. — Sou um velho e passo muito tempo sozinho. Tome cuidado com o que oferece, senhora. Pode não saber, mas sou falastrão.

Assim que o avião decolou, Oliver reclinou o assento e olhou pela janela. Marge e ele eram os únicos na fileira, por isso tinham um pouco de privacidade. Ainda assim, Marge falou baixo.

— Os registros telefônicos do jovem sr. B estão limpos, certo?

— Sim. E como B não é burro, acho que os registros telefônicos do mais velho não mostrarão nada. Mas é melhor analisarmos tudo, só para garantir.

— Concordo — disse Marge. — E a infância do sr. B? É relevante?

— Um negro que consegue se passar por branco que odeia pessoas ricas e brancas?

— Mas de acordo com o avô, a mãe fez um bom trabalho — disse Marge. — Além disso, por que você pensa que B está tentando se passar por branco? Ele foi direto quando disse que usava o avô negro como álibi. E ele foi para Oakland para cuidar dele.

Oliver assentiu.

— Verdade.

Marge pegou o caderno.

— Acabei de pensar numa coisa.

— Em quê?

— Vou dizer quando encontrar.

Oliver coçou a cabeça.

— Cara, que dia depressivo. Só há lugares feios nestas *ciudades*.

— Você ainda está com a cabeça lá?

— Não consigo não pensar.

Ela observou os rabiscos enquanto falava:

— Ainda assim, devem ser melhores do que o lugar de onde eles vieram. Caso contrário, as pessoas sairiam.

— Às vezes, elas vão.

Marge olhou para a frente.

— Alguém gastando o dinheiro da aposentadoria ou comprando uma segunda casa na praia não conta como alguém indo para outro lado. Da última vez que soube, não havia muitos americanos tentando atravessar a fronteiras.

Oliver disse:

— Duro.

— Coração mole. — Marge deu um tapinha no joelho dele. — Na verdade, acho sua empatia muito tocante.

— Eu não paro de pensar naquela menina... cuidando do irmão e das irmãs pequenas enquanto tenta manter afastado um idiota movido a hormônios. Que tipo de vida ela vai ter?

— Nem comece. — Marge voltou a atenção para suas anotações. — Ela me fez lembrar de cem casos que vi enquanto trabalhava com o rabino na reabilitação de jovens. Todos aqueles rostinhos bonitos dizendo “socorro”, e não havia nada que eu pudesse fazer. A área de homicídios é de amargar, mas lidar com adolescentes todos os dias é de matar.

Uma comissária de bordo chegou com o carrinho de bebidas.

— O que gostariam de beber?

Marge olhou para cima.

— Uma Coca diet, por favor.

— Um dólar.

Marge arregalou os olhos.

— Vocês *cobram* pelos refrigerantes?

Os olhos da mulher ficaram vidrados.

— Água e suco de laranja são de graça.

— Suco de laranja — disse Marge.

— Pretzels ou amendoins?

— São gratuitos?

— Sim, senhora.

— Estou paralisada sem saber o que escolher. Acho que pretzels. E você, Scott?

— Suco de laranja e amendoins. Você acha que o departamento vai me reembolsar se eu colocar um pouco de vodca no suco?

— Provavelmente não — disse Marge.

— Departamento? — perguntou a comissária.

Marge mostrou o distintivo.

— Coisas do trabalho. Recebemos algum brinde?

A comissária não hesitou.

— Não conte a ninguém que fiz isso. — Ela abriu uma lata de Coca diet e a entregou a Marge. — Meu pai era policial. — Ela se virou para Oliver e entregou a ele o suco de laranja com uma garrafinha de Skyy. — É por nossa conta.

— Muito obrigada — disse Marge. Mas a mulher já estava atravessando o corredor. — Acho que é a primeira vez que meu distintivo me rendeu um brinde.

Oliver despejou a vodca dentro do suco.

— Hum, ficou bom. Quer um gole?

— Daqui a pouco... Pronto, achei! — Marge sussurrou. — A filha de Edna disse que o sr. RM costumava ir ao distrito norte das *ciudades* para descansar?

— Acho que transar é o termo mais certo.

— Edna perguntou a T quem vivia ali e eu anotei os nomes: Gonzalos, Ricardos, Mendez, Alvarez, Luzon. Algum desses nomes parece familiar?

Oliver se ajeitou.

— Paco Alvarez?

— É Albanez. Mas e a empregada, Ana Mendez?

Oliver assentiu.

— O álibi dela bateu, mas isso não quer dizer nada. — Fez uma pausa. — Nem o nome dela. Há muitos sobrenomes Mendez no mundo hispânico.

— Sim, com certeza, mas pense bem. RM e Ana se conhecem em Ponceville. Vêm para Los Angeles juntos. Certas ideias começam a brotar. Nós dois sentimos que o crime partiu de quem tinha informações privilegiadas. Por que não esses dois? Alguém conhecia o esquema para agir tão depressa.

— Tenho certeza de que o sr. RM conhecia o esquema.

— O esquema da casa, mas não o esquema das dependências dos funcionários. Parece que não houve arrombamento. Tudo indica que os atiradores entraram por baixo. Ana disse que os empregados eram trancados para fora da cozinha à meia-noite, certo? Era feito assim para que os empregados não pudessem entrar na casa pelas dependências dos funcionários enquanto todo mundo estava dormindo. Mas alguém furou esse esquema.

— Digamos que Ana tenha ido para casa, mas acompanhada. Ela abre as dependências dos empregados para os atiradores, eles matam quem está lá embaixo, e então sobem para a porta da cozinha onde o sr. RM deixa todos entrarem. Ele conta aos caras onde todo mundo está e os atiradores fazem o que têm que fazer. Então, eles saem pelas dependências dos empregados e Ana finge ter voltado para casa naquele momento.

Oliver deu de ombros.

— Mas ela estava na igreja. As pessoas se lembram dela. Mas talvez ela tenha saído mais cedo e ninguém notou.

— Ou, Scott, pode ser que ela tenha dado a RM o código para entrar. Assim, ela teria um álibi e ninguém pensaria que ela estava envolvida.

— Pode ser. — Ele bebericou o suco de laranja com vodca.

— É só uma suposição. Há zilhões de famílias Mendez. Mas não faria mal se alguém fosse às *ciudades* com uma foto de Ana.

— Como faremos isso? Se ela tiver familiares ali, eles vão alertá-la. Não quero que ela vá para o sul. — falou Oliver.

— Nem eu. E não quero envolver o delegado T em algo que pode não passar de especulação.

— Concordo — disse Oliver. — Mandamos outra equipe para as *ciudades* sem contar ao delegado.

— Que tal Brubeck e Decker? — perguntou Marge. — Deck é fluente em espanhol e Brubeck tem as conexões na região.

— Um negro e um judeu. — Oliver terminou sua bebida. — Quem disse que a polícia de Los Angeles não é multicultural?

Quando pousaram, Marge ligou o celular de novo. A tela se iluminou instantaneamente com uma mensagem. A primeira era de Vega desejando a ela uma viagem muito produtiva. Marge sorriu. A filha tinha que fazer um esforço hercúleo para se dar à banalidade do relacionamento humano. A garota era meio intensa.

A segunda era mais assustadora.

Ligue assim que você receber esta mensagem.

— Minha nossa. — Marge ligou para o celular de Decker.

— Loo parece irritado e isso nunca é bom.

Decker atendeu no terceiro toque.

— Você voltou?

— Estamos no aeroporto. Acabamos de pousar.

— Estou no hospital St. Joseph. Temos a cena de um crime. Venha assim que puder.

— O que está acontecendo?

— Gil Kaffey recebeu alta hoje às cinco horas da tarde. Enquanto o empurravam até o carro numa cadeira de rodas, alguém abriu fogo...

— Ai, meu Deus! — Ela levou o telefone à orelha de Oliver para que ele pudesse ouvir. — Quem estava com ele?

— Grant, Neptune Brady, Piet Kotsky, Antoine Resseur e Mace Kaffey, que deveria ter ido embora ontem, mas o velório mudou, por

isso ele ficou mais um dia. Os tiros não acertaram Gil e Grant porque Brady agiu depressa. Ele e um dos guardas caíram em cima dos irmãos. Neptune levou um tiro no ombro, e Mace foi baleado no braço. Estão em cirurgia agora. Poderia ter sido bem pior.

— Brady atirou também?

— Não, não atirou, ainda bem. Havia muitas pessoas ao redor.

— Onde estão Gil e Grant agora? — perguntou Oliver.

— Esse é um grande problema. Eles, juntamente com Resseur, partiram na limusine que esperava. Pode ser que Brady saiba para onde eles foram, mas, no momento, está sendo operado. A polícia de West Hollywood já conferiu o apartamento de Resseur. Não tem ninguém lá e não temos um mandado de busca para entrar, então, por enquanto, é um beco sem saída.

— E os atiradores? — perguntou Marge.

— Brady foi esperto de olhar para o carro na fuga. Ele e Kotsky disseram que era um sedan vermelho, modelo japonês, um Honda ou um Toyota. Cerca de 15 minutos atrás, um policial encontrou um carro abandonado a menos de um quilômetro do hospital: um Honda Accord marrom sem placas. Mandei Messing e Pratt para cuidar da cena do crime. A qual distância vocês estão do hospital?

— Estamos saindo de Burbank. Devemos chegar em 15 minutos.

— Venham para o décimo andar. Não se deem ao trabalho de ligar porque meu celular vai estar desligado. Regras do hospital. Até mais.

— Ele desligou.

Marge abriu a porta do carro.

— Você dirige. — Ela jogou as chaves para Scott. — Mais uma noite comprida.

— Depois de um dia muito comprido — disse Oliver.

— Tem sido assim ultimamente... turnos de 24 horas. Se eu soubesse que iria trabalhar tanto, deveria ter feito medicina para ganhar mais dinheiro.

— Eu estava saindo com uma médica. Ela sempre reclamava dizendo que trabalhava muito e ganhava pouco. Mas assim são as mulheres. Reclamam por tudo.

— Cala a boca, Oliver, você reclama tanto quanto qualquer pessoa.

— Mas é assim que sou: reclamão crônico.

— Como você pode reclamar e eu não?

— Você poderia ser assim, Margie, mas decidiu ser a alegre, otimista e cooperativa. Então, decidi ser o reclamão. Você está arrependida agora, mas é tarde demais. Não me culpe por suas decisões ruins. Isso não vai levar você a lugar algum.

A cena do crime era no estacionamento, mas a ação estava acontecendo no décimo andar. O local estava lotado de homens uniformizados — guardas do hospital com calça cáqui, seguranças pessoais de Kaffey com calça cáqui, e cerca de meia dúzia de policiais de Los Angeles de azul. Decker estava conversando com Piet Kotsky — o homem grande de pele morena —, e quando viu Marge e Oliver, fez um gesto para chamá-los.

— Precisamos de um esquema — disse Decker. — Há pessoas demais em alguns lugares e nenhuma em outros. Coordenem com a segurança do hospital para que nosso pessoal se envolva.

— Conseguiu encontrar Gil e Grant? — perguntou Oliver.

A expressão de Decker estava azeda, e ele olhou para Kotsky.

— Pode ser que haja pessoas que *saibam* onde eles estão, mas não me contaram.

— O que você quer de mim? — Kotsky manteve os braços cruzados sobre o peito. — Não me escondo em lugar algum. Espero por orientações do sr. Brady.

Decker tentava manter a calma.

— Estou falando ao sr. Kotsky que a vida de Gil Kaffey pode estar em perigo.

— Ele está com o irmão dele — disse Kotsky.

— Grant ainda é suspeito, sr. Kotsky. Eu poderia intimá-lo para que revelasse sua localização, mas até conseguir isso, Gil Kaffey pode morrer.

Kotsky balançou a mão na direção dele.

— Não acredito que Grant machucaria seu irmão.

— Fale isso de novo se Gil acabar morrendo. Talvez os atiradores o estejam caçando neste momento.

— Para quê?

— Como assim, “para quê”? — Decker ficou surpreso. — Para apagar Gil e concluir o trabalho. É possível que, dessa vez, o atirador tenha sorte e mate todos os homens.

Kotsky não se deixou abalar.

— Espero Neptune Brady. Ele é o chefe. Saiu da cirurgia. O médico disse que ele poderá falar em meia hora, talvez.

Ele disse “meora”.

— O que aconteceu? — perguntou Marge a Decker.

— Pergunte a ele. — Decker indicou Kotsky com um polegar. — Ele estava lá.

— Alguém fez alguns disparos. O sr. Brady pulou em Gil e em Grant e os jogou no chão, eu empurrei Mace, mas ainda assim, ele levou um tiro no braço. Eu senti o tiro... o vento. — Ele passou a mão no lado direito do rosto. — Ouvi som como se uma abelha passasse pela minha orelha. Tive sorte — disse Kotsky.

— E os atiradores? — perguntou Oliver.

— Não vi muita coisa. Quando olhei para a frente, vi o sedan vermelho. Acho que era um Toyota ou um Honda.

— E Antoine Resseur? — perguntou Marge.

— Ele não se feriu. E foi outro que também sumiu — respondeu Kotsky.

Decker olhou para Kotsky.

— Espere um minuto.

— Claro. Não vou a lugar algum.

Decker levou Oliver e Marge para um canto reservado.

— Rina identificou Alejandro Brand como um dos caras que Brett Harriman ouviu conversando sobre os assassinatos. Liguei para Foothill e pedi para que colocasse dois homens atrás dele. Também pedi para Messing e para Pratt ficarem de olho. Gostaria de saber onde Brand andou nas últimas horas, já que ele parece ser a única pista que temos.

— Quem está procurando os Kaffey e Resseur? — perguntou Marge.

— Coloquei gente atrás deles.

— Talvez seja uma armadilha, Loo, com os três juntos nisso — disse Oliver. — Gil e Grant pegam o dinheiro e Resseur pega Gil. Você nos disse que ele ficou puto por ter terminado com Gil e que culpava os pais.

— São medidas extremas para reatar um namoro.

— Quando a paixão fala mais alto... — disse Oliver. — E por que os homens fugiriam se alguém realmente estivesse atrás deles? Seria de se pensar que eles ficariam com muito mais medo ficando desprotegidos.

— Ter proteção não ajudou em nada para eles — disse Marge. — Talvez eles estejam com muito medo de ficar por perto. Talvez não confiem em mais ninguém, exceto um no outro.

— Certo... então, levando em conta que o tiroteio não foi falso. Quem seria o alvo? — perguntou Oliver.

— Como podemos saber? — respondeu Marge. — O único Kaffey que não foi baleado foi Grant. Vale a pena investigá-lo um pouco mais.

— Ainda estou pensando no tio fraudulento — disse Oliver. — A ferida de Mace foi muito grave?

— Longe de colocar a vida dele em risco, mas ainda assim, foi um tiro no braço. Um dos guardas ainda está desaparecido, gente. O que está acontecendo com Rondo Martin? — perguntou Decker.

— O cara era um mistério até mesmo em Ponceville. Ninguém nem sequer sabe de onde ele saiu — disse Marge.

— Martin não era muito sociável... bebia uma ou outra cerveja. Nas horas livres, costumava andar pelas ruas das comunidades que cercavam as fazendas, as chamadas *ciudades*. A região parece Tijuana num dia ruim — falou Oliver.

— Está mais para favela do que para cidade — disse Marge. — E provavelmente é uma área de prostituição.

— Não temos muito mais a fazer aqui — disse Oliver.

— Rondo Martin costumava frequentar o lado norte das *ciudades*.

— Elas se dividem em quatro áreas? — perguntou Decker.

— Acredito que sim — falou Marge. — O delegado é um cara chamado Tim England, mas todo mundo o chama de T. A secretária dele citou algumas das famílias que moram no lado norte. Um dos sobrenomes era Mendez.

Imediatamente, Decker disse:

— Como Ana Mendez.

— Isso mesmo — disse Marge. — Tivemos que ir embora antes de conferir a informação. Pode ser que não haja nada. Mendez é um sobrenome hispânico comum. A coisa mais simples seria perguntar a Ana sobre isso, mas não queremos assustá-la.

— Pensamos que talvez você e Brubeck desejariam ver as *ciudades* com seus próprios olhos — acrescentou Oliver.

Decker sorriu.

— Você está me dando uma tarefa.

— Brubeck é da região e você fala espanhol — argumentou Marge.

— Eu acho melhor deixar o delegado T sem informações. Acho que talvez ele não goste de ver você no território dele — disse Oliver.

— Vocês não gostaram do delegado T? — perguntou Decker.

— Ele é um cara sem graça. Não revelou nada, mas por que revelaria? — disse Marge.

— Tudo bem — disse Decker. — Parece que será um bom dia de trabalho. E Oakland? Vocês fizeram contato com Oakland? Fizeram contato com o pai de Neptune?

— Na verdade, é o avô dele — disse Oliver. — Porter Brady. O pai de Neptune era negro, mas a mãe dele é branca. Isso explica seu bronzeado de sempre.

— O que a cor da pele dele tem a ver com os assassinos dos Kaffey? — perguntou Decker. — Raiva ou alguma coisa assim?

— De acordo com Porter, Neptune não detestava sua mãe. — Oliver fez um resumo do que eles tinham descoberto. — Isso explica por que Brady tem trinta e poucos anos e o velho, setenta e poucos — afirmou Marge.

— O registro telefônico de Brady indica que ele estava em Oakland quando o tiroteio aconteceu — disse Oliver. — Ainda o considera um suspeito, rabino?

— Ele não foi descartado. Ninguém, incluindo aquele cara.

Decker se referia a Kotsky. O homem não havia se mexido, estava de pé no mesmo ponto com os braços cruzados na frente do peito. Estava firme.

— Acho que teremos que esperar até conversarmos com Neptune. Parece que ele está dando as cartas. — Decker deu de ombros. — Talvez mais cartas do que pensamos.

Como o dr. Rain já conhecia Decker, permitiu que ele entrasse em contato com Brady. Mas só ele podia entrar e por pouco tempo. O rosto de Neptune estava pálido e a pele, com manchas vermelhas. Havia um tubo de oxigênio em seu nariz e um soro no braço. Os lábios estavam rachados, mas os olhos estavam abertos. Lençóis cobriam a parte de baixo de seu corpo. O tronco, envolto em bandagens, estava exposto. Ele estava um pouco inclinado, e quando viu Decker, lançou a ele um olhar confuso.

— Eu conheço você.

— Tenente Decker. Como está se sentindo?

— Voando, cara... não quero cair. Já levou um tiro?

— Algumas vezes.

— É como ser cutucado com um ferro quente. Cara, isso queima.
— Sim, queima.
— Mas agora, está tudo bem.
— Vou fazer algumas perguntas rápidas.
— Rápidas, sim... mas não difíceis.
— Neptune, você sabe onde estão os Kaffey?
— Não! Não faço ideia.
— Eles entraram na limusine e desapareceram?
— Eu disse a eles... saiam de Dodge.
— E Antoine Resseur?
— O que tem ele?
— Ele foi com os Kaffey?
— Foi?
— Não sei — disse Decker. — Estou perguntando.
— Sei lá.
— Aonde acha que eles podem ter ido?
— Para onde nenhum homem foi... — Ele fez o sinal de V do *Jornadas nas Estrelas*. Dedos indicador e médio juntos de um lado e o V com o anelar e o mindinho do outro. Decker sabia que era um gesto comum feito pelos sacerdotes judeus — o Kohanim — ao abençoar a congregação. Tinha dois mil anos.
— Talvez consiga adivinhar dentro de limites terrenos?
— Não faço ideia. — Mais um sorriso tolo. — Eu me redimi. Levei um tiro, mas não os Kaffey.
— Mace levou um tiro.
Brady ficou pensando.
— É... isso é maluco. — Uma pausa. — Demerol é demais. Vou acabar me viciando. Eles tentaram me mandar para a reabilitação, mas eu disse não, não, não.
— Neptune, quem além de Kotsky e você sabe que Gil estava saindo?
— Gil saiu do armário há um tempo... — disse Neptune sorrindo.

— Quem sabia que Gil estava saindo do hospital?

Ele tossiu e fez uma careta ao fazer isso.

— Droga, isso arde.

— Quer que chamemos a enfermeira?

— Preciso de mais drogas.

Decker apertou o botão para chamar a enfermeira. Decidiu simplificar ainda mais.

— Você sabia quando Gil teria alta do hospital, certo?

— Certo.

— Assim como Grant, Mace, Antoine Resseur e Piet Kotsky, certo?

— Certo.

— Mais alguém sabia?

— Sabia do quê?

— Quando Gil sairia do hospital?

Decker tentou de outro jeito.

— Você contratou mais alguém além de Piet Kotsky para cuidar dos Kaffey?

Ele entendeu.

— Acho que não... está meio nebuloso... meu cérebro.

— Até aqui, os únicos que não foram baleados foram Grant e Resseur — disse Decker. — O que você acha disso?

— Fiz meu trabalho. Caso contrário, os miolos dele teriam se espalhado pela minha jaqueta.

— Um homem chamado Alejandro Brand já trabalhou com você?

Ele piscou várias vezes.

— Não me parece familiar. Quem é?

— Você parece estar sentindo dor.

— Eu queria mais uma dose de felicidade.

Decker apertou o botão uma segunda vez. Decidiu tirar uma carta da manga.

— Você sabia que Rondo Martin e Ana Mendez estavam saindo?

Brady perguntou:

— Ana, a empregada?

— Sim, Ana Mendez. Soube que eles estavam namorando.

— Hum... — Brady parecia pensativo. — Certa vez, entrei nos quartos dos guardas. — Ele inspirou e expirou, lenta e constantemente. — Rondo estava ali com suas roupas comuns... estava comendo um prato de comida mexicana. — Ele fechou os olhos. — Tacos e enchiladas, arroz com feijão. Não tem fast food no rancho.

— Logo imaginei. Você perguntou a ele sobre a comida?

— Sim. Ele me disse que sabia cozinhar e me ofereceu um pouco. Agradei, recusando, e ele disse: como quiser. Então, ele se levantou e jogou o prato no lixo. Ele me disse que se vestiria para trabalhar. — Mais um espasmo de dor.

— Ana preparou a refeição para ele?

— Não sei. O prato e o micro-ondas estavam limpos. Ele não aqueceu ali e não tinha cheiro de comida congelada... estou cansado.

— Eu sei. Mas gostaria muito de encontrar Gil e Grant. Estou preocupado com eles.

— Vá pegar estupradores e ladrões... eles vão aparecer.

A enfermeira entrou e consultou o prontuário, e então, o soro.

— Como estamos indo? — Não sei você, mas eu não ando bem — disse Brady.

— Vou colocar um pouco mais de remédio em seu soro — falou a enfermeira.

— Sonolento é bom — disse Brady. — Apenas suma com essa maldita dor.

O quarto de Mace ficava no mesmo corredor que o de Brady. Seu ferimento fez com que ele tivesse que ficar internado por uma noite, mas se tudo desse certo, ele seria liberado na manhã seguinte. Estava sentado na cama, com um braço em uma tipoia, assistindo TV, usando pijamas e um roupão. Os olhos estavam fundos e cercados por olheiras escuras. Os lábios estavam esbranquiçados e secos. Seus cabelos pretos estavam brilhantes e gordurosos.

— Mal posso esperar para sair daqui — disse ele a Decker. — Este lugar é um manicômio.

— Quando você vai embora? — perguntou Decker.

— Assim que eu puder viajar, ainda que tenha que alugar um jatinho.

— Ele desligou a televisão. — O Guy sempre dava um jeito nas coisas. Em qualquer situação.

— Eu li sobre isso — disse Decker. — O processo.

Mace acenou para Decker com a mão boa.

— Um mal-entendido. Eu poderia ter ido atrás, mas só os advogados enriqueceriam. No fim, consegui o que queria e ele também. E não, não quero falar mais sobre isso. — Gostaria de perguntar o que aconteceu no estacionamento. Você viu alguma coisa? — perguntou Decker.

Mace balançou a cabeça.

— Aconteceu muito rápido.

— Brady e Kotsky se lembram de um carro cantando pneus depois dos tiros.

— Que bom para eles. Não posso dizer que me lembro de alguma coisa, só de pensar que acabaria morto. Eu sabia que tinha sido atingido. Havia sangue por todos os lados. Eu estava muito confuso, pensei que tivesse sido no peito. Graças a Deus foi só no braço.

— Poderia repassar a sequência? Você saiu do hospital e então...

— Certo, deixe-me pensar. — Mace fechou os olhos. — Gil estava numa cadeira de rodas. Antoine estava à direita dele, Grant estava à esquerda. Brady estava à nossa frente, o outro cujo nome não lembro estava atrás. — Ele fez uma pausa. — Onde eu estava?

Mais uma pausa.

— Eu estava entre Gil e o cara.

— Kotsky? — perguntou Decker.

— Isso, ele. Eu estava andando na frente de Kotsky, mas atrás de Gil, Grant e Resseur. Ouvi um barulho e Kotsky... ele me empurrou para o chão. O que me lembro em seguida é de ter tremido como gelatina. Meu primeiro pensamento foi: por favor, Deus, não me deixe morrer e não me deixe morrer em Los Angeles.

— Parece que Deus atendeu suas preces.

— Talvez. — Então, baixinho, Mace acrescentou: — Pelo menos por enquanto.

Decker deu a ele um cartão:

— Se precisar de alguma coisa ou se lembrar de alguma coisa...

Mace pegou o cartão e voltou a ligar a TV.

Entrevista encerrada.

— As últimas matérias sobre o Greenridge. — Lee Wang colocou uma pilha de papéis sobre a mesa de Loo. Ele afastou os cabelos pretos do rosto e se sentou sem ser questionado. Sua jaqueta marrom tinha ombreiras, mas tinha as mangas meio curtas. A vendedora de roupas devia estar sob o efeito de drogas.

Deixando de lado um monte de mensagens telefônicas, Decker pegou os papéis e conteve um bocejo. Ontem, ele havia dormido por

quatro horas inquietas, e mesmo com duas xícaras de café pela manhã, precisou se esforçar para se concentrar.

— O que estou lendo, Lee?

— As de cima são matérias recentes sobre Paul Pritchard da Cyclone Inc.

— Nênese do Greenridge. Pode resumi-lo em dez palavras ou menos?

— Pritchard acha que o Greenridge é um erro. O projeto como está sendo proposto não é viável. Eu sei, isso dá uma dúzia de palavras, mas é o melhor que posso fazer.

— Ele poderia ter algum ressentimento?

— Claro, mas leia as matérias, Loo. Pritchard fala que os custos do Greenridge aumentaram a ponto de o projeto estar morto. Ele só está esperando o enterro oficial.

— Como ele sabe tanto sobre as finanças dos Kaffey?

— Não são as Indústrias Kaffey que estão perdidas, mas o projeto Greenridge, especificamente. A análise de custos estava em um prospecto que eles deram aos acionistas para subscrever a dívida municipal. Mas com a recente desestabilização do mercado, o grupo Kaffey levou um golpe. Além disso, o Greeridge tem gerado custos adicionais devido aos atrasos na construção e melhorias necessárias que tinham que ser feitas para conseguir aprovação local. Finalmente, devido a terríveis condições de mercado e custos, a oferta inicial do Greenridge que deveria aparecer numa avaliação A1 passou a ser quase lixo. Isso significa que para as pessoas comprarem as ações do Greenridge, o grupo Kaffey teria que oferecer uma taxa de juros muito alta.

— Mais os custos somados.

— Exatamente — disse Wang. — Vou ousar e dizer que um cara esperto como Guy Kaffey teria interrompido o projeto. Mas agora que Guy se foi, como saber?

— Alguma informação sobre quem vai se responsabilizar pelas indústrias Kaffey?

— A maioria das matérias prevê uma herança quase igual entre os filhos.

— E Mace? Inicialmente, você não me disse que ele tinha uma pequena participação na empresa?

— Acredito que sim.

— Se Gil e Grant tiverem divergências de opinião, o pouco que Mace tem poderia valer muito. Teoricamente, Grant e Mace poderiam se unir contra Gil e manter o Greenridge vivo.

— Se os filhos herdarem uma quantidade igual de ações com Mace mantendo um ou dois por cento, isso seria verdadeiro.

Decker se recostou na cadeira e passou a mão no bigode.

— Lee, o que você acha sobre os assassinatos? Gil deveria ter sido morto com seus pais?

Wang pensou um pouco na pergunta.

— Grant Kaffey é o único membro do grupo Kaffey que não foi baleado.

Decker encostou as pontas dos dedos da mão direita nas pontas dos dedos da mão esquerda.

— No momento, Grant, Gil e Antoine Resseur estão desaparecidos. Será que Grant poderia estar usando essa situação como a oportunidade perfeita para se livrar de seu irmão?

— Pareceria suspeito se Gil de repente aparecesse morto. Além disso, se Resseur estivesse com eles, Grant teria de matá-lo também.

Decker assentiu.

— É apenas uma ideia.

O telefone tocou. Decker atendeu.

— Oi, Willy, bem-vindo de volta... Tudo bem, Will, não esperávamos que você o encontrasse. Era como achar uma agulha no palheiro. Mas tenho outra tarefa para você quando... Não, você não precisa vir hoje. Aproveite suas fé... — Ele sorriu. — Bem, se ela estiver deixando você

maluco, pode dizer a ela que preciso que você venha agora, certo? Claro. Até já.

Wang sorriu.

— A esposa dele?

— Se Willy tiver mais uns dias, ela quer que ele coloque o piso do banheiro. — A mente de Decker ainda estava presa à antiga conversa.

— Vou fazer o papel de advogado do diabo por um momento. Guy Kaffey era um cara requintado. Veja o rancho dele. É do tamanho de uma pequena propriedade europeia. Ele também adorava ganhar e a qualquer custo, corria riscos até mesmo insanos em suas práticas de negócios.

— Tudo verdade, pelo que li — disse Wang.

— Você não acha que ele pode ter permitido que Grant e Mace concluíssem o Greenridge em vez de admitir a derrota?

— Pensaria isso se o Greenridge fosse ideia do *Guy*. Mas Greenridge era projeto do Grant. Grant e Mace. Loo, esse é um projeto que deveria ter sido morto em um mercado exuberante. Em épocas de recessões e cortes, o Greenridge é um dinossauro.

Wang pensou por um momento.

— Talvez Guy construiria o Greenridge num tamanho menor. Mas ainda que fizesse isso, ele precisaria tirar dinheiro de outras partes das indústrias Kaffey.

— Vamos dar um passo adiante — disse Decker. — Se Grant e Mace querem ver o Greenridge completo, Guy e Gil teriam que ir?

— Gil seria um obstáculo, com certeza. Mas quem fez isso não consegue matar ninguém. — Wang se levantou. — Tenho um tempo livre à tarde. Quer que eu procure Grant, Gil e Antoine?

— Tenho pessoas fazendo isso. Por que não pede algumas intimações para eles, exigindo que se apresentem como testemunhas dos tiroteios? É meio malfeito, mas pelo menos teremos todas as peças encaixadas quando nós os localizarmos.

O telefone de Decker tocou de novo.

Wang acenou ao sair da sala.

— Oi, aqui é Mallory Quince. Prendemos Alejandro Brand.

— Uau! — Decker se sentou. — Foi rápido! Ótimo trabalho. Como vocês o pegaram?

— Ele se entregou. Seu laboratório de metanfetamina explodiu.

A câmera de vídeo da sala de interrogatório mostrava um homem de cerca de 19 anos com uma camiseta branca enorme e shorts largos e verdes que desciam até seus joelhos. Usava um boné dos Dodger, e a aba lançava sombra sobre seus olhos e nariz. Decker percebeu uma boca fina e um queixo comprido com um pouquinho de barba, a tal “mosca”. A pele de seus braços e do pescoço era tomada por tatuagens. Havia duas anacondas descendo por seus braços, e um B12 na parte de trás do pescoço.

Mallory Quincy olhou por cima do ombro de Decker, para a tela, enquanto estalava a língua .

— Dizem que o pessoal da Narcóticos não está feliz perdendo tempo com um cego que diz ter ouvido vozes. Só concordaram porque você é um tenente e devido à repercussão do crime relacionado aos Kaffey.

— São dois motivos. E qual será o problema em deixar o cara ouvir a fita? O ouvido do cego é bem aguçado.

Mallory se endireitou e cruzou os braços sobre o peito, erguendo os ombros de sua jaqueta cor de abóbora. Seus cabelos eram curtos, escuros. A voz estava tensa.

— Como você sabe que o cara cego não vai dizer “sim, é o imbecil que ouvi” só para se sentir importante e receber uma recompensa?

— Porque eu disse a ele que a testemunha havia ouvido quatro possíveis suspeitos. Harriman já descartou dois policiais que falam espanhol, mas são mexicanos.

— Talvez ele soubesse que você o estava enrolando.

Decker deu de ombros.

— Diga ao pessoal da Divisão de Narcóticos que não estou oferecendo nada a Brand. Só quero que ele fale espanhol para o reconhecimento da voz.

— Isso vai ter valor no tribunal?

— Não estamos acusando Brand de nada. Estamos só tentando descobrir o que ele sabe sobre os assassinatos. Não deve demorar. Não quero nem expandir o assunto dos assassinatos antes de Harriman identificar a voz dele.

— Então, qual é o plano? — A voz de Mallory estava mais tranquila.

— Digo a ele quais são as acusações contra sua pessoa... faço com que ele fale. O apartamento da avó dele, em Pacoima, foi incendiado. Quero que ele pense que estou tentando colocar mais uma acusação nas costas dele.

— Ele fez isso?

— Provavelmente. Quem sabe? Talvez eu até consiga uma confissão. Vou ficar bem aqui. — No monitor, Decker apontou uma cadeira vazia na frente de Brand. — Assim, a câmera vai pegar meu lado bonito.

Decker se apresentou em espanhol e apertou a mão do rapaz.

Brand coçou uma cicatriz perto do olho e disse:

— Eu sei inglês.

Decker manteve o rosto inexpressivo, apesar de estar morrendo de raiva por dentro. Mudou para o inglês.

— Como preferir, Alejandro.

O cara uniu as mãos e as colocou sobre a mesa. Os pelos de seus braços cheiravam a fumaça de churrasco. Deve ter acontecido quando o laboratório explodiu. Talvez tenha sido assim que ele conseguiu a primeira cicatriz.

— Você sabe por que está aqui? — perguntou Decker.

— Não.

— Seu apartamento explodiu.

— E daí? Eu não tive nada a ver com isso.

— Por que não me diz o que aconteceu?

— Não posso dizer porque não sei. — Ele então começou a falar em espanhol. — *Estallado... Boom! Compreende?*

— *Sí.*

— Acho que foi vazamento de gás. Tinha cheiro de gás, sabe?

Em espanhol, Decker disse:

— Há quanto tempo você morava no apartamento?

— Seis meses, *posible.*

— E quanto tempo passou dentro dele antes da explosão?

— Hmmmm... *posiblemente veinte minutos.*

Ele não falava frases muito compridas, mas pelo menos, eles estavam conversando na língua certa. Decker perguntou:

— E você sentiu o cheiro de gás?

— Sim, senti. — Percebendo uma maneira de escapar, Brand se apressou com a história. — Fedia.

— Então, por que não ligou para a empresa de gás?

— Porque tudo aconteceu muito depressa.

— Você só ficou ali...*usted acaba sentarse alli y... boom?*

— *Sí, si. Exactamente.*

Em espanhol, Decker disse:

— A polícia encontrou containeres de fluidos anticongelantes em seu lixo.

Em espanhol:

— É frio no inverno.

— Faz frio de congelar uma vez a cada seis anos no sul da Califórnia.

— Meu carro não é muito bom.

— Também encontraram embalagens de acetona, tiner, Freon, ácido de pilha... esses materiais são muito explosivos.

— Sim, descobri da pior maneira possível.

— Havia garrafas vazias, tubos, um monte de fósforos e um fogareiro...

— Preciso de um fogareiro porque não tenho fogão. Converse com meu senhorio.

— Vamos, Alex. — Decker se inclinou para a frente. — O que você estava fazendo com tudo isso?

— É crime ter coisas?

— Não é um crime ter tiner se você for pintor. Não é crime ter fluido anticongelante se você vai dirigir até Colorado no inverno. Não é crime ter acetona se tiver um salão de beleza. Mas é suspeito quando você tem todas essas coisas e não pinta, não dirige no inverno e não faz as unhas.

O cara deu de ombros.

— Escute, há algumas acusações pesadas contra você. Pode se ajudar se nos disser o que estava acontecendo. O juiz gosta de sinceridade.

Deu de ombros mais uma vez.

— Se nos contar a verdade, talvez até sejamos um pouco mais bonzinhos com a acusação de incêndio no apartamento de sua avó.

Ele levantou a cabeça.

— Que acusação de incêndio?

— Alex, por favor! — Ficaram em silêncio. — Todo mundo viu você fugindo. Temos dezenas de testemunhas.

— Para mim, são mentirosos, e você também. Você não tem nada.

— Olha, Alex, você está em apuros. Tem coisas em seu apartamento que dão a impressão de que você estava fazendo coisa errada... tipo, não só vendendo, mas produzindo. São vinte anos, no mínimo.

Os olhos do rapaz não paravam de se mexer.

— Não eram coisas minhas.

Desculpa número dois.

— E de quem eram?

— La Boca.

A boca.

— Isso é uma pessoa?

— Sim, sim.

— Conte-me sobre La Boca e como tudo aquilo foi parar no seu apartamento.

Começou devagar. Disse que La Boca tinha amigos que estavam fora dos negócios e que precisavam de um lugar para deixar as coisas. Que ele se ofereceu para guardar as coisas porque é um cara bacana. Quando Brand viu que Decker não estava interrompendo, falou ainda mais. Não importava, eram só mentiras. Mas quando o cara começou a falar, não parou mais.

E era exatamente o que Decker queria: a voz de Brand falando espanhol e gravada na fita.

Ainda que não fosse algo ilegal, aparecer na casa certamente era antiético. Rina observou Brett Harriman pelo olho mágico para ver se havia alguém com ele, mas aparentemente, ele estava sozinho.

Vestia uma camiseta azul e calça jeans.

— O que você quer? — perguntou ela pela porta fechada.

— Posso entrar? Só quero conversar com você por alguns minutos.

— Fez uma pausa. — É estranho falar com essa barreira.

Rina abriu a porta, mas manteve a corrente de segurança presa.

— É estranho você aparecer na minha casa. Não temos mais nada sobre o que conversar.

— Identifiquei a voz do homem que ouvi no tribunal. — Mais uma pausa. — Talvez agora, você possa identificá-lo.

Rina ficou em silêncio. Ressentia-se da intrusão.

Harriman continuou:

— Deveríamos nos sentir bem com o trabalho em equipe. Acredito que a identificação possa ter ajudado seu marido. — Fez outra pausa.

— Minha intenção era boa.

Era bom cumprir o dever cívico, mas não valia a pena cantar vitória. A menos que ele quisesse uma recompensa dos Kaffey. Mas, nesse caso, por que incomodá-la?

Talvez se ela continuasse com o silêncio, ele perceberia.

Como era de se esperar, Harriman desistiu.

— Desculpe incomodá-la.

Rina se sentiu mal. Não costumava ser antipática, mas o homem era esquisito e ela estava sozinha. Ela observou enquanto ele descia os degraus, sentindo as depressões no cimento com a ponta do sapato.

Quando não conseguiu mais vê-lo pelo olho mágico, ela foi à janela e puxou as cortinas a tempo de vê-lo se sentar no banco do passageiro de um modelo preto mais novo de um Honda Accord.

Claro que ele não tinha ido sozinho. Não podia dirigir.

Ela olhou para a rua vazia.

Bem, quase vazia.

Do outro lado da rua, estava o Suburban branco de vinte e cinco anos de Addison Ellerby. A alguns metros do caminhão, havia um Saturn sedã azul-escuro com vidros escuros. Ela não se lembrava de já ter visto aquele carro no bairro, mas não prestava muita atenção nos carros da vizinhança. Automóveis eram coisas de fundo, pontos coloridos que pontuavam a paisagem como uma árvore ou um arbusto.

Assim que o Honda se afastou, o Saturn deu partida e seguiu atrás do primeiro. Rina estava posicionada e conseguiu anotar a placa.

Um esforço inútil. Não havia placas, só um pedaço de papel onde a placa deveria estar, anunciando OUTRO SATURN VENDIDO PELA POPPER MOTORS.

Decker falou com uma calma surpreendente, tornando sua ameaça ainda mais assustadora:

— Vou matá-lo!

Rina desembulhou o sanduíche de rosbife e o entregou a ele. Eles estavam sentados à mesa dele.

Peter já havia dito a ela que como ele tinha um escritório — e não um cubículo — sentia que tinha chegado lá. O espaço não era muito maior do que um *closet*.

— Tenho certeza de que ele não queria fazer mal.

— Não me importa. — Ele deu uma mordida. Com a boca cheia, disse: — O fato de ele ter aparecido não está certo, além de ser esquisito.

— Sim, é verdade. Quer salada de maionese? — Ela passou a caixa antes que ele pudesse responder.

— Não que eu seja Xena, a guerreira, mas até eu consigo enfrentar um cego. — Talvez ele não seja cego. Talvez seja um grande mentiroso.

Rina riu.

— Ele está fingindo que é cego?

— Obviamente, quer chamar atenção. Já viu os olhos dele? Talvez ele enxergue perfeitamente e só queira te pegar.

— Agora você está sendo ridículo.

— Se ele aparecer de novo, me avise imediatamente.

— Isso seria a última coisa que eu faria. Você anda armado.

— E eu sei usar a arma. Agora, conte-me sobre o Saturn.

Ela mordeu o sanduíche de peru.

— Já contei tudo. Era azul-marinho com janelas escuras, talvez dois ou três anos, e não tinha placa.

— Sedã, SUV ou comum?

— Sedã.

— Provavelmente era um Astra ou um Aura. E não tinha placa... só um papel dizendo que era da loja Popper Motors.

— Exatamente. Ele partiu assim que Harriman se foi.

— E você não viu quem estava dentro?

— Nem sabia que tinha alguém dentro até vê-lo sair. As janelas eram bem escuras. O Saturn me deixou mais nervosa do que Harriman.

— Por quê?

— Porque não consegui ver quem estava ao volante. Você deveria ligar para a Popper Motors.

— Marge está fazendo isso agora. Você acha que o carro estava observando a casa ou observando Harriman?

— Não sei. Se tivesse que adivinhar, diria que era Harriman. Ou talvez ninguém.

— O Saturn tinha visão da janela na qual você estava?

— Não sei.

— Então, além de esse idiota aparecer na nossa casa, possivelmente pondo por terra qualquer informação útil que tenha me dado, ele também arrastou você para dentro de algo perigoso. — Decker estava tentando se controlar. — Não quero que você e Hannah fiquem em casa se eu não estiver lá.

— Isso é ridículo.

— Um carro estranho com vidros escuros e papel na placa estava estacionado do outro lado da rua, e eu estou cuidando de um assassinato muito sério. Talvez não tivesse nada a ver com Harriman. Talvez tenha a ver comigo.

— Mas então, por que ele partiu quando Harriman partiu?

— Não sei, Rina. Mas até eu saber, é bom tomar cuidado. Faça-me um favor. Fique na casa dos seus pais quando eu não estiver em casa.

— Meus pais moram a quase uma hora daqui, com trânsito, e a Hannah tem escola.

— Ela pode ficar com amigos até eu chegar em casa. Você fica na casa dos seus pais. Tudo bem?

— Sim, sim, capitão. — Disse dando um amplo sorriso. — Mas você não vai ganhar refeições caseiras por um tempo. E o Shabbos?

— Ligue para amigos e seremos convidados.

Se Peter estava disposto a ser tão sociável, era porque estava falando sério.

— E você não acha que está exagerando?

— Não, não estou exagerando, e mesmo se estivesse, é melhor ser prevenido. — Peter ainda estava bravo. — Não acredito que ele apareceu na nossa casa. Que idiota! Ou talvez só seja louco. Vou matar aquele cretino!

— Por favor, não faça isso, Peter. — Rina pegou a mão dele e sorriu.
— Os policiais não costumam se dar bem atrás das grades.

Mas ele não riu. Rina tentou ser bem-humorada de novo.

— Se eu não confiasse tanto em você, pensaria que está tentando se livrar de nós. Se eu aparecer em casa e encontrar você numa festinha, vou cozinhar seu peru.

— A única festinha que quero agora é com sra. Beretta. Se mexerem com minha esposa, mexem comigo.

O telefonema a Harriman foi breve. Mandou ele ficar longe de sua casa e de sua esposa.

— Não quis fazer nada. — Ele foi contido. — Só queria que ela soubesse...

— *Não é da sua conta, sr. Harriman, é da minha.* Sua parte nessa investigação está terminada! Terminada! Entendeu?

— Tenente, sei que o senhor me acha um esquisito, mas não sou. Trabalho nos tribunais há cinco anos e não tenho muitas oportunidades de fazer coisas novas. Acredito que superestimei o valor de minha participação. Se precisar de mim, ligue.

— Ótimo — disse Decker. — Chegamos a um acordo. Antes de desligar, quero fazer umas perguntas. A começar quem o levou à minha casa.

— Minha namorada, Dana. Quer o telefone dela?

— Quero.

Harriman disse alguns números.

— Ela está no trabalho. Acabei de falar com ela alguns minutos atrás. Tenho certeza de que poderá falar com ela.

— Brett, notou alguma coisa estranha quando saiu da minha casa?

— Se *notei* alguma coisa estranha? — Ele riu baixinho. — Sou cego.

Certo. Ele não caiu nessa.

— Ouviu alguma coisa incomum quando saiu?

— Tipo o quê?

— Qualquer coisa.

— Incomum? — Harriman ficou em silêncio, tentando recriar o momento. — Voltei para o carro... sua esposa fechou a porta da casa...

— Ela me disse que não abriu a porta.

— Sinto muito em contradizê-lo, mas ela abriu a porta sim. Talvez não totalmente, porque a voz dela parecia um pouco abafada. Há uma corrente de segurança na porta da frente? É possível que ela tenha aberto a porta com a corrente ainda presa.

Decker não respondeu.

— Continue. Você ouviu quando ela fechou a porta...

— Hum... Não ouvi passos próximos. Ouvi um cachorro latir. Parecia um golden ou um labrador... um cachorro de médio a grande porte. Ouvi vozes. Havia trânsito longe dali. Partimos... — Ele fez uma pausa comprida. — Acho que havia um carro atrás de nós. Pergunte a Dana.

— Farei isso. Qual é o sobrenome de Dana?

— Cochelli. Preciso voltar ao tribunal. Peço desculpas por ter sido excessivamente zeloso.

— Sem problema. — Decker desligou.

Estava prestes a telefonar para a namorada de Harriman quando Grant Kaffey entrou no escritório. Os olhos estavam arregalados e os cabelos, despenteados, como se tivessem sido penteados por dedos ansiosos. Decker se levantou e tentou direcioná-lo a sua sala, mas o homem estava agitado demais.

— Ele sumiu! — disse Grant.

— Quem?

— Gil! Fui ao mercado comprar algumas coisas e quando voltei, ele havia desaparecido! — Grant agarrou os braços de Decker. — Você precisa encontrá-lo!

— Vamos entrar no escritório e conversar sobre...

— O que temos para conversar!?! — Grant gritou. — Ele sumiu! Encontre-o! Não é o seu trabalho, porra?

Decker manteve a voz calma.

— Se vocês todos não tivessem desaparecido, para começo de conversa, talvez isto não fosse necessário. Se quiser que eu encontre seu irmão, vamos ao meu escritório para que você possa me dizer o que aconteceu. E se eu achar que você está falando a verdade, amigo, vou pensar em procurar. No momento, cara, pelo que estou vendo, você me parece o suspeito número um!

A cor desapareceu do rosto de Grant.

— Você acha que eu o feri? — O rosto dele ficou vermelho. — Acha que eu machucaria meu próprio irmão!

Decker abriu a porta do escritório.

— Pode entrar.

Kaffey analisou as opções, e então entrou no escritório de Decker.

Um ponto para o tenente.

Decker fechou a porta.

— Você ligou para a polícia?

— Liguei para a polícia — disse Grant. — Eles me disseram que o desaparecimento de um adulto por uma hora não era crime. Tentei explicar a situação, mas o cara foi um idiota. — Ele andava no pouco espaço que havia no escritório. — Desliguei e vim aqui.

— Onde vocês estavam?

— Em Hollywood Hills. Um dos amigos de Gil é dono do lugar. Ele me disse que meu irmão poderia ficar lá por um mês.

Decker disse:

— Você veio de Hollywood? — perguntou Decker.

— Eu estava em pânico! Não queria ficar sozinho na casa e não sabia o que fazer. Você é o inimigo que eu conheço, e é melhor do que o inimigo que não conheço.

— Estamos do mesmo lado, sr. Kaffey. Preciso do endereço da casa.

Grant ainda andava de um lado a outro.

— Não sei, mas poderia indicar a casa. Fica perto de uma rua grande com muitos cafés pequenos. Gil e eu jantamos lá ontem à noite.

— Hillhurst?

— Sim, Hillhurst. Isso.

— Estão a leste ou oeste de Hillhurst?

— Oeste... entre Hillhurst e Tower.

— Gower?

— Sim, Gower. Se descermos Hollywood, provavelmente poderia direcionar você.

— Como se virou por lá?

— Com GPS. — Grant parou de se mexer e olhou para Decker. — Precisamos ir agora.

— Onde está Antoine Resseur?

— Antoine? — Grant estava confuso. — No apartamento dele. Por quê? Onde deveria estar?

— Pensei que Gil ficaria com Antoine Resseur. O que fez ele mudar de ideia?

— Resseur sentiu que a casa de Gil e a dele próprio eram alvos. Então, Gil escolheu outro lugar. Por que está falando de Antoine?

— Ele está desaparecido. Eu tive a impressão de que ele saiu com vocês dois.

— Saiu, mas voltou para casa, pensei. — Ele fez uma pausa. — Você acha que Antoine teve algo a ver com isso?

Decker desviou da pergunta. Resseur não ia a seu apartamento havia dois dias. Isso fazia com que ele fosse suspeito ou um medroso.

— Sabe o nome do motorista que levou você para casa? Poderíamos entrar em contato e pegar o endereço.

— Não. — Seu rosto ficou vermelho, irado. — Por que não está ligando para o seu pessoal?

— Para ligar para o meu pessoal, preciso de um endereço. Espere. Deixe-me pensar. — Decker pegou o telefone e ligou para a delegacia de Hollywood, pedindo para falar com o detetive Kutiel. Por sorte, a filha dele estava em sua mesa. — É seu detetive preferido. Grant Kaffey está em meu escritório. Parece que o irmão dele sumiu.

— Não *parece!* — gritou Grant. — Ele *sumiu!* Por que não acredita em mim?

Ao telefone, Cindy disse:

— Eu ouvi isso. Há quanto tempo ele está desaparecido?

— Cerca de uma hora, talvez um pouco mais — respondeu Decker.

— Uma hora? — perguntou Cindy. — Talvez ele tenha ido passear.

— Ele acabou de sair do hospital, então acho que não. Pode ser que alguém tenha ido pegá-lo...

— Impossível! — gritou Grant.

— Pegá-lo para fugir de seu irmão? — perguntou Cindy.

— Foi o que pensei — disse Decker a ela. — Antoine Resseur, o ex-parceiro de Gil, está desaparecido desde o tiroteio no hospital. Pode ser que os dois tenham fugido...

— Ele não fugiu com Antoine! — disse Kaffey. — Alguém o sequestrou, porra!

— Espere! — Decker tampou o bocal com a mão. — Espere enquanto termino de falar. Não estou interrompendo, mas se quer ajuda, temos que armar um plano. — Volta a falar com Cindy — Os Kaffey estavam em nosso território. Em algum lugar entre Gower e Hillhurst, mas não sei o endereço...

— Beachwood! — disse Grant triunfantemente. — Tem uma rua ou praça Beachwood? — Decker assentiu e ele disse: — Estamos em Beachwood.

Decker passou a informação a Cindy.

— Estamos indo. Ele não sabe determinar qual é a casa. Tem tempo agora?

— O que quer que eu faça? Que entre no carro e procure pela rua?

— Seria um começo.

— E o que estou procurando, exatamente?

— Comece com o carro de Antoine Resseur. É um BMW vermelho ano 2006, 328i. — Ele deu a ela a placa. — Se Gil foi pego por alguém, aposto que foi por ele. Pode ser que eles tenham ido jantar...

— Pelo amor de Deus, porra! — Grant gritou. — Gil não estava em condições de sair!

— Por que não? — perguntou Decker. — Vocês dois saíram para jantar ontem.

— E demorei cerca de vinte minutos para ajudá-lo a se sentar e a se levantar da cadeira de rodas. Além disso, se ele tivesse saído, teria me deixado um recado.

Não se ele quisesse se livrar de você. Em voz alta, ele disse:

— A cadeira de rodas ainda está na casa?

Ele não respondeu imediatamente.

— Não me lembro.

Decker voltou ao telefone.

— Se puder fazer um chamado para que os policiais procurem o carro de Resseur, ajudaria.

— Sem problema. Já acabei aqui, de qualquer modo. Não me importo em dirigir pela região. É uma boa maneira de eu relaxar e, além disso, Koby ainda está trabalhando. Ligue para mim quando estiver na cidade, está bem?

— Pode deixar, obrigado, detetive. — Ele desligou. — Sr. Kaffey, pense bem. Aonde seu irmão pode ter ido?

Ele se sentou em uma das cadeiras à frente da mesa de Decker.

— *Não sei!*

— Já ligou para Neptune Brady?

— Não. — Ele hesitou por um momento. — Sinceramente, não confio nele. Pelo menos, você é neutro.

— Como chegou aqui?

— Vim dirigindo. Gil havia deixado um carro alugado na casa.

— Gil deixou?

— Talvez tenha sido Antoine. — Grant saiu da cadeira e começou a andar de um lado a outro. — Não sei! Por isso estou aqui. Porque não sei, porra!

— Onde está seu tio?

— Mace? — Grant fez uma careta. — Não sei. Pensei que ele tivesse saído do hospital.

— Ele estava bem o suficiente?

— Não sei. Não falei com ele. Não sei se confio nele. Não sei em quem confiar. Só quero que meu irmão fique bem.

Lágrimas aparecem nos olhos de Grant. Sua voz estava embargada.

— Podemos ir agora?

Decker pegou as chaves do carro. Tinha mais perguntas a fazer, mas pensou que poderia fazer isso a caminho de casa. Grant poderia estar mais disposto a conversar depois.

Nada melhor do que uma plateia interessada.

A casa que Grant apontou era uma construção moderna dos anos 1960 no topo de uma montanha: de um andar e construída na pedra. O exterior era de vidro, aço e gesso branco, e tinha arbustos grandes de camélia cor-de-rosa. A identificação de Grant foi confirmada quando a chave dele abriu a porta.

A primeira coisa que Decker notou foi uma vista total e vertiginosa da bacia de Los Angeles. Era toda de vidro sem juntas, dando ao espaço um *look* de estufa. Tinha apenas um andar e era ampla de sala à sala: adequada para um cadeirante — desde que a pessoa não fosse de encontro ao vidro. O piso de madeira era de ébano, mas o resto da casa, incluindo os tetos abobadados e as paredes, era cinza-acastanhado.

A mobília também era em estilo anos 1960, mas parecia nova demais para ser original. Havia um sofá cinza de veludo, uma poltrona feita com couro colorido cheio de pontinhos com detalhes tubulares em alumínio, uma cadeira de plástico vermelha com o formato de uma mão, e um tapete psicodélico.

Decker e sua filha se entreolharam. Um olhar rápido mostrou a eles imediatamente que nada parecia fora de lugar. Não havia sinais claros de confronto. Vasos e objetos estavam em mesas e prateleiras. As cadeiras da sala de jantar estavam muito bem organizadas ao redor da mesa, e o balcão da cozinha com todos os eletrodomésticos e equipamentos parecia muito organizado.

Em uma área aberta se encontravam a sala de estar, a de jantar e a cozinha, onde havia dois corredores compridos — um à esquerda e um à direita. Grant já estava sentado no sofá com os olhos fechados. Estava pálido.

— Quando foi a última vez que você comeu? — perguntou Decker.

— Não me lembro.

— Vá comer alguma coisa. Você vai precisar ter força. Onde fica o quarto de Gil?

— À esquerda, no fim do corredor. A casa tem duas suítes master, por isso Gil gostou dela.

Decker se virou para Cindy e disse:

— Vou pela esquerda, você vai pela direita.

— Vocês vão mexer nas minhas coisas? — perguntou Grant a Cindy.

— Brevemente.

— Talvez eu devesse acompanhá-la.

— Vá comer alguma coisa — disse Decker. — Deixe-nos fazer nosso trabalho.

Surpreendentemente, Grant concordou assentindo.

— Venha quando se sentir melhor — falou Cindy.

Apesar de se vestir pensando no conforto, ainda assim conseguia ser estilosa: calça marrom, um suéter dourado e uma jaqueta laranja que combinava com seus cabelos ruivos.

Ela havia prendido os cabelos num rabo de cavalo que balançava conforme ela se movimentava. Brincos de pérola eram seus únicos enfeites. Quando ela e Decker se encontraram na sala de estar, vinte minutos depois, o céu de Los Angeles estava tomado por tons cor-de-rosa e laranja.

Grant estava ao telefone. Logo se desculpou e desligou.

— Alguma coisa?

— Para mim, nada parece fora do lugar — disse Cindy. — Você é muito organizado. Tentei perturbar sua ordem o mínimo possível. — Encontrou a cadeira de rodas? — perguntou Decker.

Cindy balançou a cabeça para negar.

— Nem eu. — Ele se virou para Grant. — Seu irmão não tem muitas roupas. Três camisas, algumas calças, dois pijamas, dois roupões, um par de chinelos e um par de calçados.

— Quantos roupões?

Decker consultou a lista.

— Um roupão branco pendurado no banheiro e um roupão de seda marrom no *closet*.

— Gil tinha muito mais roupões do que isso. Era sua roupa preferida. Roupões de seda por cima de pijamas de seda, menos quando saía.

Decker balançou a cabeça.

— Havia alguns cabides extras. — Ele se sentou ao lado de Grant. — Você não vai querer ouvir isso, sr. Kaffey, mas para mim, parece que seu irmão saiu quando você não estava.

— Ele não estava bem. — Grant pareceu verdadeiramente irritado.

— Por que ele faria isso?

— Você pode me dizer.

— Talvez alguém estivesse apontando uma arma para a cabeça dele.

— É possível. — Decker parou. — Mas tudo no quarto dele parecia bem arrumado. Seria mais provável que se ele estivesse arrumando as coisas com a vida ameaçada, ele jogaria um cabide ou as gavetas estariam mais bagunçadas. — Ele se virou para Cindy. — Encontrou alguma coisa que indique um sequestro, detetive?

— Pelo contrário. Tudo está bem arrumado.

Grant olhou para Cindy com os olhos cheios de lágrimas.

— Mas por que ele sairia assim? Sem me dizer? Sem deixar um bilhete?

Decker ergueu a sobrancelhas.

— Talvez isso não seja o que você queira ouvir, mas pode ser que ele não confie em você.

— Que ridículo — disse Grant. — Não somos só irmãos, somos melhores amigos. Se alguém deveria suspeitar, esse alguém deveria ser eu. Ele me deixou sozinho. É o que se faz quando está tentando armar para alguém.

Decker estendeu as mãos e deu de ombros.

— Até que saibamos o que está acontecendo, é bom sermos cuidadosos. Contrate um segurança. Se não confia em Brady, encontre alguém. E você deveria se mudar. Aonde quer que você vá, conte-me, está bem?

— Você acha que Sinos de Vento em Newport seria um bom lugar?

— Se ficar no Sinos de Vento, vai precisar de um guarda-costas. Se eu fosse você, pensaria em algo menor.

— O que acha de Neptune? Devo confiar nele?

— O que acha de falarmos sobre isso no caminho de volta para a delegacia? Por que não pega algumas coisas para irmos?

— É seguro, para mim, fazer isso?

— Vou com você — disse Cindy. — Para o caso de alguma coisa estar à espreita.

Grant demorou vinte minutos para pegar suas coisas e colocá-las em duas malas. Nesse momento, a vista do lado de fora havia escurecido com a luz da lua acima das luzes piscantes da cidade. Do lado de fora, ouvia-se o barulho de grilos. O acostamento estava quase preto, com postes de rua esparsos.

Grant se esforçou para enfiar a chave na fechadura, e a única iluminação era uma luz amarela na varanda. Por estar muito silencioso, Decker ouvia os estalos, e por estar muito escuro, ele viu os flashes laranjas piscantes.

Sem pensar, ele empurrou Cindy para os arbustos de camélia à direita enquanto caía em cima de Grant Kaffey, e os dois rolaram para um arbusto à esquerda. Deitado sobre Grant, ele conseguiu pegar sua arma enquanto gritava para Cindy para saber se ela estava bem.

— Tudo bem, tudo bem, tudo bem — respondeu ela. — Estou com a minha arma.

— Não atire! — gritou Decker.

E então, a noite ficou mortalmente silenciosa.

Ele passou a sussurrar:

— Consegue me ouvir?

— Em alto e bom tom.

— Não atire. Espere nossos olhos se ajustarem.

— Estou contigo, chefe.

Os olhos dele estavam muito focados, olhando em meio aos arbustos, vendo o que conseguia ver: alguns pontos de luz, mas, em sua maior parte, sombras. Casas... carros estacionados... árvores. Nada com forma humana parecia se mover. Para Grant, ele sussurrou:

— Você está bem?

— Sim. Minha perna está doendo.

Grant estava resmungando. Não era à toa, já que Decker devia pesar cerca de vinte e cinco quilos a mais que ele.

— Muito?

— Acho que eu a arranhei. Estou bem.

Decker passou a prestar atenção aos passos que se distanciavam, mas não conseguia ver nenhuma forma. Um minuto depois, ouviu-se uma partida de motor seguida pelo som de pneus cantando no asfalto.

O barulho ficou mais suave conforme os segundos foram se passando.

— Pode pegar seu telefone?

— Sim... acho que sim...

Decker esperou parado enquanto seus olhos procuravam uma mudança nas sombras.

— Ligue para a polícia e segure o telefone contra minha orelha, está bem? Ainda está aí, Cin?

— Ainda estou aqui com meu amigo metálico na mão.

Os grilos tinham começado de novo. Depois do que pareceu uma eternidade, ele finalmente sentiu o celular contra a orelha, e uma atendente dizendo aquelas palavras bonitas.

— Polícia. Qual é sua emergência?

Num sussurro calmo que combinava com seu coração em ritmo acelerado, Decker explicou que era da polícia de Los Angeles, que tiros tinham sido dados, que uma pessoa poderia estar ferida, e que eles precisavam de reforço imediatamente. Deu o endereço e o nome da rua à atendente e pediu que ela mandasse as viaturas pararem qualquer veículo que vissem subindo a montanha.

— Muito cuidado. O motorista do carro pode estar armado.

Ela repetiu o endereço para que ele confirmasse.

Decker confirmou. Não havia notado que tinha memorizado os números das ruas. Tamanha era a força do hábito depois de mais de trinta anos de trabalho. Ele sempre fez questão de saber onde estava, fizera aquilo inconscientemente.

Cinco minutos depois, Decker pôde ouvir o som das sirenes se aproximando. Usando o celular de Grant, ele deu sua localização aos policiais uniformizados. Demorou um pouco para cercar a área e tirá-los de onde estavam.

Em todos os pontos, havia viaturas com luzes piscando. Vizinhos curiosos estavam atrás da fita amarela de isolamento. Enquanto os três batiam a poeira das roupas, Grant descobriu que sua calça estava rasgada e que estava sangrando na perna. Decker pegou uma lanterna de um policial uniformizado, ajoelhou-se e cuidadosamente rasgou o tecido da calça de Grant.

Podia ser um arranhão ou um ferimento. Com mais luz, ele poderia ter visto se a pele tinha sido queimada ou não. Viu que estava escorrendo — molhado e brilhante —, mas não muito. Passou o braço pela cintura de Grant e pediu para Cindy ajudá-lo a carregar Grant até uma viatura. O melhor a fazer era mantê-lo parado e deixar que os profissionais cuidassem da situação.

Assim que Kaffey estava dentro de uma das viaturas, Decker chamou uma ambulância pelo rádio.

— Estou preso no trabalho. — Decker estava tentando manter a voz num tom natural. — Faça-me um favor e passe a noite com seus pais.

— A que horas vai chegar? — Rina quis saber.

— Não sei. Estou na cena de um crime. Talvez muito tarde.

— Que cena?

— Não posso falar agora. Conversamos depois, está bem? Ligue quando chegar à casa de seus pais.

— Peter, você parece muito tenso. Por que não quer contar para mim?

— Não posso falar disso.

Rina conseguia ouvir vozes no fundo. Uma delas parecia a de sua enteada.

— Cindy está aí?

— Por que está perguntando?

— Claro que ouvi a voz dela. O que você está fazendo em Hollywood?

— Talvez ela esteja em West Valley. Preciso desligar.

— Só depois que me disser o que está acontecendo. Sou esposa de um policial há 17 anos. Não vou derreter. Quero saber agora!

Decker deu uma versão resumida, torcendo para que ela se desse por satisfeita.

— Mas você e Cindy estão bem?

A voz dela parecia abalada.

— Rina, nós dois estamos bem. Meu rosto está um pouco arranhado, mas tirando isso, estou inteiro.

— Baruch Hashem. Vou recitar o Gomel para você.

A oração para sobreviver a uma situação difícil.

— Faça isso por Cindy também.

— Pode deixar. — Agora, ela parecia chorosa. — O que está fazendo no momento?

— Estamos tentando encontrar todas as balas e reconstruindo a trajetória.

— Para poder saber a sorte que vocês tiveram.

Decker sorriu.

— Gostaria de ter visto alguma coisa. Você sabe como os montes são escuros, e eu estava literalmente me escondendo nos arbustos.

— Ouviu alguma coisa?

— Passos se afastando e um carro cantando pneus. Chamei um técnico para ver se podemos tirar uma impressão do pneu pelas marcas. Talvez consigamos um tempo.

Rina não respondeu.

— Ainda está aí? — perguntou Decker.

— Eu estava pensando no Saturn azul que estava estacionado do outro lado da rua.

— Aquele com vidros escurecidos e a placa da Popper Motors. Pedi para a Marge checar. Eles vendem Saturns novos e usados. Marge conversou com um vendedor chamado Dean Reeves. Eles estão conferindo os registros. Se veio deles, eles têm um registro dos pneus do carro.

— Seria interessante se as marcas combinassem com as que você tem.

— Seria mais do que interessante, seria totalmente assustador. Preciso ir. Ligue quando chegar à casa de seus pais.

— Pode deixar. Você não está tão longe deles. Talvez saia mais cedo do que pensa.

— Vou até você assim que puder.

— Que bom saber disso — disse Rina. — Vou deixar a luz acesa e a cama quente.

O casal se parecia com Marge e Oliver. A mulher vestia uma blusa de lã cinza com as mangas enroladas até os cotovelos, calça azul-escura e tênis, mas a roupa do homem era uma pista: uma jaqueta casual azul, calça cáqui e sapatos oxford. Quando se aproximaram, o rosto dos dois ganhou forma.

— O que estão *fazendo* aqui? — perguntou Decker.

— Liguei para a Marge — disse Cindy. — Pensei que ela gostaria de saber. — Para Oliver, ela acenou. — Oi, Scott, como você está?

— Estou bem, Cynthia. Como está a vida de casada?

— Por enquanto, excelente.

— Bom saber que você está bem.

— Obrigada.

— Agora que acabamos com as apresentações, pode nos dizer o que aconteceu? — perguntou Marge. Ela olhou para Cindy. — Qualquer um de vocês.

Ainda que não houvesse motivos para eles terem aparecido, era bom ver rostos conhecidos. Decker disse:

— Enquanto saíamos da casa, alguém começou a atirar. Estamos aqui, inteiros, mas Grant foi para o hospital com um corte na perna.

— Ele foi baleado? — perguntou Oliver.

— Não sei. Estava escuro e eu não vi. Talvez ele tenha cortado a perna quando caí em cima dele.

— Você descarregou sua arma? — perguntou Oliver.

— Não.

— Que bom — disse Marge. — Menos papelada.

— Eles vieram, atiraram, saíram... — disse Cindy.

— Eles?

— Eles, ele, ela... não vi nada — disse Cindy. — A última coisa que Loo queria era atirar em um vizinho sem querer, ou num cachorro que estivesse passando.

— Se Grant foi baleado, quer dizer que todo Kaffey teve um encontro com o aço quente — disse Marge.

Decker esfregou a testa.

— Estava pensando a mesma coisa. Não temos mais suspeitos na família.

— Talvez esse seja o ponto — disse Marge. — Para nos confundir. Porque os três Kaffey estão vivos.

— Talvez os três estivessem na situação juntos — disse Oliver.

— Pode ser — concordou Marge. — Parece que Grant escapou com menos problemas.

— O ferimento de Mace foi pequeno, no que diz respeito a armas de fogo — disse Decker. — E não se esqueçam de que Antoine Resseur continua desaparecido.

— Por que ele atiraria em Grant? — perguntou Oliver.

— Para ficar com Gil só para ele. — Decker levantou as mãos. — Você pediu um motivo, dei a primeira coisa que me ocorreu.

Cindy olhou para o relógio. Eram quase dez horas. Eles estavam na cena havia três horas.

— Ainda bem que eu estava de folga, e não descarreguei minha arma graças às orientações do Papa. Em vez de cuidar de papelada, posso ir para casa.

— Parece uma boa ideia. — Decker beijou a filha no rosto. — Até descobrirmos quem é bonzinho e quem não é, fique atenta.

Cindy apontou para o próprio peito.

— Somos os bonzinhos. — Em seguida, fez um gesto para a bacia de Los Angeles. — Aqueles são os do mal. — Ela beijou Marge e Scott. —

Cuidem do Loo na minha ausência.

Decker observou a filha se sentar no banco do motorista e ficou olhando até as lanternas desaparecerem na distância.

— Estou pronto para fechar as coisas.

— Eu disse que não deveríamos ter nos incomodado — disse Oliver a Marge.

— E eu disse a você que você não tinha que ter vindo comigo — retrucou Marge.

— Já que vocês dois foram legais o bastante para vir até aqui, vamos para Beverly Hills comigo. Podemos discutir umas ideias. — Decker suspirou. — Meu cérebro ainda está à toda, e eu preciso de umas novas informações.

— O que tem em Beverly Hills? — perguntou Oliver.

— Os pais de Rina. Vamos passar a noite lá. — Ele deu a eles o endereço. — Fica a cerca de vinte minutos daqui.

Oliver fez uma careta.

— Você vai dormir voluntariamente na sua *sogra*?

— Vou dormir *na* casa da minha sogra, não *com* a minha sogra — disse Decker. — Gosto da Magda. Ela nos dá serviço de quarto e comida de primeira em qualquer momento. Além disso, as acomodações são espaçosas e baratas.

Oliver pensou.

— Ela precisa de proteção? Talvez queira um belo detetive para protegê-la.

— Ela já tem isso. Chama-se genro.

O banquete de Magda incluía sanduíches pequenos, *crudités* de legumes com molho de cebola, frutas frescas, fatias de bolo de fubá e de chocolate, biscoitos de amêndoa, salgadinhos, castanhas diversas e chocolate com menta.

— Vou fazer café descafeinado, se alguém quiser — disse ela.

A mulher tinha oitenta e poucos anos, muito magra, e nunca aparecia em público sem maquiagem. Os cabelos loiros eram meticulosamente arrumados — e recebiam volume com spray.

Rina sempre dizia que sua mãe era uma pessoa da noite, enquanto o pai, Stephan, acordava com as galinhas. Ele dormia enquanto ela era a anfitriã das festas. Ela usava uma calça preta que cobria seu quadril largo e uma blusa de lã vermelha.

— Se vai fazer, quero um pouco — disse Oliver a ela.

— Vou tomar uma xícara — disse ela. — O que é bolo sem café?

— Eu faço, mãe — falou Rina.

— Não, não — insistiu Magda. — Gosto de fazer café. Sente-se e coma, Ginny. — Ela sorriu para Oliver. — A propósito, minha neta fez o bolo de fubá.

— Claro que Hannah aprendeu com a melhor — disse Marge.

Magda deu um tapinha em Rina. — Não sei se você está falando de mim ou de Ginny, mas nós duas aceitamos o elogio, disse Rina, entrando na cozinha.

Lá, disse para Decker:

— Você a deixou muito feliz quando disse que estava com um pouco de fome.

Decker sorriu.

— Eu conheço bem a minha sogra.

— Isso é muito bom — disse Marge ao morder o sanduíche de salada de maionese. — Acho que deveríamos tomar um belo café colonial.

— Se você tivesse dado mais tempo a ela, tenho certeza de que ela teria providenciado. — Rina se levantou. — Vou fazer companhia para ela. Vocês dois fiquem de olho nele. Fica longe de mim durante umas horinhas e acaba baleado. Não estou muito contente.

Enquanto Rina se afastava, Decker disse:

— Não foi planejado, sabe?

Ela se virou e olhou para trás.

— Diferentemente da última vez?

— Quantas vezes tenho que me desculpar... — Decker estava falando sozinho. — Essa mulher tem um gigabyte de memória, e a maioria delas são infrações que cometi nos últimos 19 anos.

— Isso aí — disse Oliver. — Você existe para que ela possa dizer o que você fez de errado.

— Isso não é justo nem correto — disse Marge. — E Rina certamente não é assim. A situação não foi incomum. — Podemos mudar de assunto agora — falou Decker.

Oliver concordou.

— O que vocês acham a respeito de todos os Kaffey terem ferimentos de guerra? Acham que pode haver alguém por aí que queira aniquilar a família ou é viagem?

Decker enfiou uma castanha na boca.

— Quem desejaria ferir a família?

Oliver pegou uma fatia de bolo de chocolate.

— O que acha do cara lá no leste que está em concorrência com o projeto Greenridge?

— Paul Pritchard da Cyclone Inc. — Decker pegou um pedaço de chocolate. — Lee Wang me deu algumas matérias que citam Pritchard. Diz que não está preocupado com o Greenridge. Acha que o projeto é uma grande besteira. Pode ser fanfarrice. Mas ainda que Pritchard estivesse preocupado, acha que ele se preocuparia o suficiente para matar uma família inteira?

— Difícil, mas não impossível. — Marge pegou outro sanduíche de salada de maionese. — Algum membro da família vai herdar o dinheiro se o resto da família for morto?

Oliver falou com a boca cheia de chocolate.

— Mace não tem um filho?

— Tem — disse Decker. — O nome dele é Sean.

Marge disse:

— Ainda que todos os Kaffey mais importantes morressem, Sean Kaffey não herdaria tudo. Grant tem um filho. E Sean seria idiota o

suficiente para matar todos eles em dez dias?

— Qual seria o problema se eu pesquisasse sobre ele? Parece idiota, mas as pessoas gananciosas agem de modo idiota o tempo todo — falou Oliver.

— Claro, pesquise, mas não se esqueça do trabalho básico da polícia. Precisamos encontrar Gil Kaffey e Antoine Resseur.

Marge pegou seu bloco de anotações.

— Quer que eu faça disso minha missão pessoal?

— Prioridade número um — disse Decker. — Descubra tudo o que puder sobre Resseur. Grant disse que o rompimento entre Gil e Antoine foi amigável, mas talvez não tenha sido.

Marge disse:

— Talvez o rompimento tenha sido encenado para manter Resseur fora de cena enquanto Gil derrubava o resto da família. Ainda acho estranho que quem tenha atacado Guy e Gilliam não tenha se dado ao trabalho de acabar com Gil.

— Concordo. — Decker pegou mais um punhado de castanhas.

— Mas todos sabemos que se Gil contratou alguém, não efetuou os disparos.

Todos concordaram.

— Ah, recebemos boas notícias hoje — disse Decker. — O delegado T, de Ponceville, finalmente nos enviou uma cópia das impressões digitais de Rondo Martin via FedEx. Encontramos uma amostra compatível de sangue na cena. — Depois de receber cumprimentos, Decker disse: — Agora, podemos provar que Rondo Martin estava na cena. Precisamos encontrá-lo.

— Essa será a segunda prioridade — disse Oliver.

Decker sorriu.

— Então, é a terceira. Brett Harriman identificou a voz de Alejandro Brand como uma das vozes que ouviu no tribunal. Infelizmente, não basta para acusar Brand de assassinato.

— Você acha que foi ele? — perguntou Marge.

— Ele sabe de alguma coisa. — Decker colocou castanhas na boca e mastigou. — Foothill tem Brand como acusado de fabricar metanfetamina, então consegui uma cópia de suas impressões digitais. Nada no sistema e nenhum equivalente dos desconhecidos na cena do crime.

— Que droga — falou Oliver.

— Deveria ser bem fácil — disse Decker. — Brand está na cadeia e não vai a lugar nenhum tão cedo. Gostaria de mostrar a isca de uma sentença reduzida para fazer com que ele fale sobre o ataque.

— E você ainda acha que a informação de Harriman é confiável?

— Ele identificou a voz de Alejandro Brand depois de rejeitar duas outras fitas. Além disso, Rina identificou Brand como o cara que ela viu no tribunal. Além disso, se Harriman estava inventando coisas, como saberia sobre Joe Pine? — Decker fez uma pausa. — Por outro lado, ele é um cara esquisito. Foi à minha casa hoje à tarde.

Oliver fez uma careta.

— Para quê?

— Ele só queria conversar com a Rina. Perguntou se eu havia organizado uma sessão para que ela identificasse Brand.

— O detetive teria um dia de investigação com isso.

— Ela o mandou embora — disse Decker. — Mas ao vê-lo se afastar, percebeu um carro seguindo Harriman.

Marge contou a história a Oliver.

— Vou conferir os Saturns com a Popper Motors.

— Veja se as marcas dos pneus da fuga de hoje combinam com as dos pneus de um dos Saturns da loja — disse Decker.

— Mas, primeiro, precisamos encontrar o carro — disse Marge. — Se o cara da Popper Motors puder me dar uns nomes, posso passar pelos endereços para ver se há um Saturn azul-marinho com vidros escuros em algum deles.

Decker olhou para uma fatia de bolo de chocolate e decidiu esperar o café.

— Willy Brubeck e eu vamos a Ponceville para ver se conseguimos mais informações sobre Rondo Martin. Enquanto estiver lá, vamos investigar a família Mendez e uma possível conexão com Ana Mendez. Enquanto eu estiver fora, vocês dois podem investigar Riley Karns e Pablo Albanez. Os dois homens sabiam onde os cavalos foram enterrados, então podem ter jogado Denny Orlando lá.

— Pego o Karns, se você pegar o Albanez — disse Marge a Oliver.

— Beleza. — E por último, precisamos encontrar Joe Pine ou José Pinon — disse Decker.

— Eles são mesmo uma pessoa só?

— Boa pergunta. Comece com José Pinon porque foi ele quem Harriman mencionou.

— Ainda estamos tentando conseguir uma cópia das impressões digitais dele. Brady não as tem no arquivo. Estamos tentando pressionar o pessoal da Vara da Juventude de Foothill para nos dar uma cópia porque ele cometeu alguns delitos na adolescência. Esses registros foram arquivados, infelizmente, mas estamos tentando — disse Marge.

Magda voltou com Rina levando uma bandeja com peças de prata e cinco canecas. Decker se levantou.

— Eu pego isso.

— Obrigada — disse Rina.

— Quem quer café descafeinado? — perguntou Magda.

— Estou dentro. — Decker pegou uma fatia de bolo de chocolate e a comeu em quatro mordidas. — Delicioso. Quem fez este?

— Eu. — Magda sorriu. — Sua esposa fez os biscoitos de amêndoas.

— E estão deliciosos — disse Marge. — Sou um desastre na cozinha, e você tem três mulheres que poderiam abrir uma padaria.

Decker pensou e, então, pegou mais um pedaço.

— É uma conspiração para me manter gordo e feliz. — Ele levou a mão à barriga grande. — Uma dessas duas coisas não é ruim.

Decker tinha esperança de que a cadeia da delegacia deixasse Brand mais a fim de conversar. Mas parecia que ele havia acabado de passar alguns dias num resort. O pouco de barba sob o lábio inferior havia sido retirado, assim como a acne, e sua pele brilhava, fazendo com que ele parecesse mais com um universitário do que um malandro. Quando Decker comentou sobre a aparência dele, Brand disse que ela se devia à “boa vida”.

— Três refeições por dia e luzes apagadas às dez — disse Brand a Decker em inglês. — Usava um avental azul-escuro. — Eu costumava acordar às quatro da tarde. — Uma pausa. — Talvez a luz do sol faça bem.

— Que bom que você acha suas condições de vida tão agradáveis.

— Eu não disse isso. — Uma pausa. — Espero nunca mais passar por lá.

— Não vai ficar em County por muito tempo — disse Decker. — Suas acusações pedem prisão. Sua próxima parada é Folsom.

— Acho que não. Você veio aqui conversar. Isso quer dizer que tenho algo de que você precisa. — Ele se inclinou para a frente, o hálito cheirando a tabaco. — Você veio falar comigo *duas vezes*. Uma vez mais do que aquele advogado de merda que me deram. — Ele se recostou. — Mas não posso lhe dar nada se não souber o que você quer.

Decker pegou um cigarro de um maço e o acendeu.

— Você é esperto.

— É o que minha *abuela* sempre dizia.

— Esperto, mas toma umas decisões ruins.

— Ela também dizia isso. Por que está falando em inglês comigo agora?

Decker entregou o cigarro a Brand, que agradeceu assentindo. Passou a falar espanhol.

— Qualquer um, para mim, está bom.

Brand se recostou e inspirou profundamente.

— Você fala como um cubano.

— Bom ouvido, Alex, sou da Flórida. Conte sobre seus *amigos*.

— Tenho muitos amigos — disse com um sorriso de canto de boca.

— Sou um cara popular.

Decker pegou uma caneta e um bloco de anotações.

— Fale comigo sobre La Boca.

Inicialmente, os olhos de Brand ficaram inexpressivos, mas logo brilharam de novo.

— Sim, você precisa encontrá-lo, cara. Toda essa merda era por causa dele.

— Estamos procurando — mentiu Decker. — Por enquanto, nada. Onde poderíamos encontrá-lo?

— Não sei. Ele fica por aqui.

— O que ele faz?

Nos dez minutos seguintes, Brand falou sobre La Boca ser um traficante importante.

— Ele é peça rara. Cuidado, cara.

— Parece que você conhece um monte de peças raras, Alex. Quer me contar mais alguma coisa sobre La Boca?

— É só, cara. — Brand pisou no cigarro. — Pode me dar outro?

Decker acendeu outro cigarro e inspirou profundamente, soprando uma fumaça fina na cara de Alex.

— Talvez você inale bastante nicotina fumando passivamente.

Os olhos de Brand ficaram sérios.

— Não tenho que falar com você.

— O La Boca é um membro da gangue Bodega 12th Street? — perguntou Decker.

— Não sei.

— Claro que sabe.

— Por que eu lhe diria alguma coisa?

Decker estava conversando com Alex havia meia hora, mas não tinha progredido muito. O cara era frio como gelo.

— Conte-me sobre seus *amigos* na Bodega 12th Street.

— Não é uma gangue, cara. Somos só um bando de caras que são amigos.

— Soube que vocês são bem durões.

— Precisamos nos cuidar.

— Concordo — disse Decker. — Às vezes, isso funciona bem... mas às vezes, as coisas dão errado... as coisas ficam bem fodidas, sabe?

Brand não respondeu.

— Quando seu apartamento explodiu, foi uma merda. Mas não me importo com isso, Alex. Isso é entre você e seu advogado de merda. Não sou detetive da área de narcóticos.

— Não vou dizer mais nada se você não me contar o que pode fazer por mim.

— Não sou da Narcóticos, Alex, sou da Homicídios. Lido com assassinatos.

Brand pareceu assustado.

— Então, o que quer comigo? Eu não mato ninguém.

— Eu disse que você matou? — Decker deu a Brand seu cigarro pelo metade. — Não disse que você matou alguém. Talvez você tenha matado, mas eu não disse isso.

— Não matei ninguém. — Brand puxou a fumaça e parecia relaxar a cada uma delas. Bom. Se ele continuasse com a nicotina, talvez eles chegassem a algum lugar.

— Trabalho em West Valley, estou cuidando de um duplo homicídio bem pesado — disse Decker. — Era para ser triplo, mas uma das

vítimas sobreviveu, então é um homicídio duplo com tentativa de homicídio. Guy e Gilliam Kaffey. Sabe alguma coisa sobre isso?

— Todo mundo sabe sobre esses dois — disse Brand. — Está no noticiário.

— A vítima que sobreviveu... viu algumas coisas. Ele me contou o que viu. Havia mais de um assassino, Alex. Havia muitos homens e eles falavam espanhol. Tinham tatuagens da Bodega 12th Street.

— Não fui eu! Não tenho nada a ver com isso!

— Você foi identificado pela vítima.

— Mentira! Eu não estava lá. Posso provar.

— Onde você estava?

Brand imediatamente falou de um álibi. Falava depressa — o espanhol é uma língua que enrola — e foi enrolando as palavras. Decker teve que prestar atenção para acompanhar. Aquele era o álibi dele.

Passou a noite toda com a namorada. Eles foram ao cinema, e depois saíram para comer um hambúrguer. Depois, voltaram para o apartamento dele e transaram. Em seguida, saíram de novo.

— A que horas foi isso? — perguntou Decker.

— Por volta de uma hora da manhã, talvez um pouco depois. — Ele começou a balançar a perna sem parar. — Encontramos alguns amigos meus na rua.

— Onde?

— Perto do...

— Perto de onde?

— Pacoima. — Ele disse o nome de uma esquina. — Estávamos só curtindo.

— Como assim, curtindo? Seja mais específico.

— Sabe...

— Usando droga?

Silêncio.

— Você já está em apuros por produzir, Alex. Um pouco a mais não vai fazer diferença — falou Decker.

— Nada demais. — A perna voltou a balançar. — Só um pouco de maconha.

— Estavam fumando ou vendendo?

— Por que está fazendo tantas perguntas se não é da Divisão de Narcóticos?

— Estou tentando ter uma ideia da situação. Vocês estavam vendendo ou fumando?

Brand mudou para o inglês como se quisesse enfatizar o que dizia.

— Só um pouco de maconha.

Decker respondeu em inglês.

— Você já disse isso.

— Um milhão de pessoas me viu lá a noite toda.

— Um milhão de pessoas?

— Não um milhão, mas você sabe... Eu estava lá a noite toda. As pessoas me viram. Não matei ninguém.

— Sabe, Alex, não consigo nem lembrar o que jantei há algumas noites. — Decker olhou para ele com intensidade. — Como você se lembra de uma semana atrás tão claramente, com tantos detalhes?

— Os assassinatos foram notícia importante, cara. Soube no dia seguinte.

— Por que não me diz o que aconteceu de verdade e eu vejo o que posso fazer? Porque aposto que você soube o que rolou antes de qualquer pessoa saber o que aconteceu.

— Eu *não estava lá*, cara! Se alguém disse que eu estava, é mentira!

— Acredito em você. Talvez você não estivesse lá, mas alguns de seus amigos da 12th Street estavam.

— Não. — Ele balançou a cabeça para enfatizar.

— Agora você está mentindo.

Voltando ao espanhol.

— Juro que não sei!

— Então por que a vítima identificou você?

— Porque ele provavelmente é um branco idiota e todos os *cholos* são parecidos, na opinião dele. Não sei por que ele me identificaria. Eu não estava *lá*.

Decker insistiu.

— Mas eu sei que você sabe quem estava lá!

— Não sei, não. — Mas o piscar dos olhos era um sinal de que ele estava mentindo.

Eles continuaram nisso por mais vinte minutos. No total, Decker passou quase duas horas com ele. Gotas de suor apareceram no rosto de Brand, e também em seu rosto, peito e braços. A anaconda de sua tatuagem parecia estar nadando em um rio. Decker deu ao rapaz mais um cigarro, torcendo para que ele se acalmasse.

— Uma das vítimas sobreviveu, Alex. Ele viu algumas coisas...

— Mas não me viu.

— Você poderia fazer um favor a si mesmo. Só precisa me contar o que *você* sabe.

— Eu não estava lá!

— Eu não disse que você estava lá. — Ele fez uma pausa. — Disse que você só precisa me contar o que sabe a respeito.

Ele olhou para baixo.

— Não sei de nada.

— Alex, isso não é verdade. Você sabe tudo sobre Rondon Martin e El Patrón. Pessoas ouviram uma conversa sua.

Brand pareceu assustado e confuso.

Contraíu os lábios como se quisesse retirar as palavras.

— Conte-me sobre El Patrón.

Brand deu de ombros, mas não olhou nos olhos do outro. As pernas continuavam em movimento.

— Vamos, Alejandro. Você não quer que El Patrón saiba que você estava falando dele.

Mais silêncio.

— Também há pessoas procurando José no México — Decker mentiu. — O que Pinon vai fazer quando descobrir que você andou falando sobre ele?

— Olha, cara, eu disse a verdade! Não estava lá!

— Acredito em você — disse Decker baixinho. — Acredito que você não estava lá. Mas você sabe quem *estava* lá.

— Não, não sei. — Ele fez uma careta. — Só ouvi algumas coisas. Não sei o que é verdade e o que não é. Por que está me pressionando, cara?

— Conte o que você ouviu.

Nenhuma resposta. Decker esperou. Finalmente, Alex disse:

— Você trabalha para aquele cara de óculos?

Demorou alguns segundos até Decker perceber que ele se referia a Brett Harriman, e isso certamente não era legal. Decker sabia mentir melhor do que Alex.

— De quem você está falando?

— Daquela bicha no tribunal. Vi que ele estava me espionando. Deveria ter cuidado disso quando tive a chance.

— Não sei do que você está falando, Alex. Eu já disse, sou da Divisão de Homicídios.

— Eu sabia que ele era um maldito. Percebi como ele estava olhando para mim.

— Alex, vamos tentar nos manter no assunto. — Decker pensou que deveria entrar em contato com Harriman. — Conte os rumores que ouviu.

— O que ganho se contar?

— Ganha um tenente de homicídios que está ao seu lado juntamente com seu advogado de merda.

— Você diz à Divisão de Narcóticos que a merda não era minha?

— Não, não posso fazer isso. Mas, se cooperar, falo com o juiz que vai dar sua sentença. Se ele se impressionar, poderia diminuir sua pena.

— Quanto?

— Não sei. Mas o que você tem a perder?

— Não quero que as pessoas saibam que conversei com você.

— Então, conte-me o que sabe e eu vejo o que posso fazer.

Brand pensou.

— Só ouvi o que disse. Que José estragou tudo e que El Patrón estava atrás dele.

— Só para ter certeza de que estamos falando sobre a mesma coisa, vamos ver se estamos falando sobre o mesmo El Patrón. Conte mais sobre ele.

— Não sei o nome dele. — Brand desviou os olhos. — Ele faz muitos negócios com a Bodega 12th, se sabe o que quero dizer.

— Drogas?

— Sim, ele pega o lance dos caras grandes. Todo mundo diz que ele encomendava a melhor.

— Faça uma descrição dele para mim.

— Ele é um cara branco que ostenta muito. Nunca o vi. — O sorriso de Brand aumentou conforme os segundos passaram. — Você não sabe quem ele é.

— Como sabe que ele encomendava as drogas?

— Foi o que ouvi meus amigos contando.

— Que amigos?

— Não me lembro... — Brand olhou para Decker. — Verdade, cara. Ouvi por aí.

— Como soube que José Pinon tinha feito merda?

— José é um idiota.

— Como conhece José?

— Ele era da Bodega 12th quando eu era moleque, mas então, começou a frequentar um lugar chamado Gokarts ou coisa assim. É onde caras ricos de terno “reabilitam” membros de gangues. — Ele riu. — Fiquei um tempo sem ver o cara. Quando vi, ele me disse que um cara rico o tinha contratado como guarda. Pensei que fosse piada.

Decker assentiu.

— Que idiota!

— José ou quem o contratou?

— Os dois — disse Brand. — O idiota deu um *uniforme* para ele. Deu uma *arma*. Deu um título. José achou que era fodão... aqui entre nós, sabe o que quer dizer? Espero que El Patrón encontre ele e queime suas bolas com cigarros.

— Descreva El Patrón para mim.

— Já disse, nunca o vi. — Brand amassou o cigarro. — Agora, o que tu manda para mim, cara?

— Bom, Alex, a questão é que você não me disse nada de novo. Eu sabia de José Pinon e de El Patrón. Preciso de um *nome*.

— Não sei o nome dele.

— Então, me dê o nome dos que atiraram.

— Eu disse. José Pinon estava lá.

— Quem mais?

Brand ficou calado.

— É só questão de tempo até a vítima sobrevivente identificar todo mundo que estava lá e sua informação se tornar inútil — disse Decker.

— Então, vamos esperar isso acontecer.

Decker mudou de tática.

— José já falou com você sobre as pessoas com quem ele trabalhava?

— Não falo mais com José. Ele sumiu quando conseguiu o maldito trabalho.

— Então, ele nunca disse nenhum nome a você?

Um longo suspiro.

— Acho que ele me disse que a maioria deles era hispânica. Certa vez, José me disse que eu era esperto, a única coisa esperta que ele já disse, e que se eu me endireitasse, ele provavelmente conseguiria um emprego para mim. Mas ele tinha que conversar com o chefe dele primeiro. Eu disse que não estava interessado.

— Quem é o chefe dele?

— Não sei. Algum cara.

Decker pegou sua lista de guardas. O primeiro nome que leu foi Neptune Brady. Os olhos de Brand brilharam.

— Sim, foi esse idiota que o contratou.

— Você já o viu?

— Não.

— Neptune Brady poderia ser El Patrón?

— Pode ser que ele seja um cara branco com muito dinheiro.

— Vou ler mais alguns nomes. Diga se eles parecem familiares. — Quando Decker chegou a Denny Orlando, Brand levantou a mão.

— Esse cara parece familiar. Trabalha com José.

— Sim, trabalha. Ou trabalhava. Morreu.

— José acabou com ele?

— Alguém acabou.

— Dá para entender. Ele deu as costas para a Bodega 12th Street, então pode dar as costas para qualquer um.

Decker mencionou Rondo Martin e Brand não reagiu.

— Esse nome não é familiar?

Brand pensou por um momento.

— Você deu o nome de um monte de pessoas. Misturei tudo.

— Ele é um branco durão. Poderia ser El Patrón?

Brand não disse muita coisa.

— Não sei qual é o nome de El Patrón, mas não acho que seja um nome idiota como Rondo Martin.

— **Um cara branco que ostenta muito?** — perguntou Marge. — Cara, ele realmente se arrisca.

— Como dizem no mundo virtual: GIGO.

Oliver sorriu.

— Muito tecnológico de sua parte.

— Também conheço LOL e IMHO.¹

— Você não tem “humilde opinião”, Scott. — Não, quer dizer na minha “hábil opinião” — retrucou Oliver.

— Ou na minha “honestas opinião” — Decker soltou o ar emitindo um som. — Nossa, isso é muito mais divertido do que falar besteira com malandros que só me dizem besteiras.

Os três estavam dentro do escritório de Decker, debatendo ideias. Oliver usava um terno preto, Marge vestia um terno cinza, e Decker usava um terno marrom. Estavam adequadamente vestidos para um enterro, um evento que combinaria bem com a falta de ânimo deles.

Gil estava desaparecido, Resseur estava desaparecido, Grant estava cuidando de seus ferimentos na propriedade dos Kaffey em Newport, e Mace estava em algum lugar... não exatamente desaparecido, mas não atendia os telefonemas de Decker.

Neptune Brady e seu pessoal tinham sido limados sem cerimônia. As pistas estavam cada vez mais rareadas, e o caso se tornava cada vez mais estagnado.

Decker passou a mão pelo bigode.

— Estou preocupado com Brett Harriman. Vocês deveriam ter visto o olhar de Alejandro Brand quando falou sobre ele.

— Ele está atrás das grades — disse Oliver. — Tem outras coisas com as quais se preocupar.

— Ele é um membro da Bodega 12th — falou Marge. — Ele conhece pessoas de fora.

— Exatamente — afirmou Decker. — Conversei com alguns dos detentos em County. Eles ficarão atentos. Mas alguém precisa conversar com Harriman, diga para ele ser cuidadoso.

— Ele não pode relaxar — disse Oliver. — Bem, até pode, mas não seria bom para ele.

— Talvez ele tenha uma maneira própria de discernir se há alguém perto dele. Enquanto isso, ele não deveria ficar sozinho por aí, até entendermos Brand melhor.

— Tenho notícias sobre o Saturn, mas não se animem. — Marge virou algumas páginas de seu bloco de anotações. — A pista era falsa. O Saturn era usado e foi vendido a uma loja de aluguel de carros chamada Cheap Deals. Foi alugado para Alyssa Mendel e no dia em que Harriman apareceu na sua casa, Mendel estava visitando sua tia de 85 anos, Gwen. Ela mora do outro lado da rua e a algumas casas de você.

— Bem, isso é bom para mim, mas ruim para o caso. — Decker fez uma pausa. — Rina vai se surpreender quando descobrir que o Saturn não era nada. Comprei todo este equipamento de segurança porque estava muito nervoso. Pode ser que eu o instale. Ainda sou policial, Brand ainda é da Bodega 12th, e eu ainda tenho dois homicídios para desvendar.

— Tenho três travas no meu apartamento — disse Marge. — Se eu tiver um ataque do coração, um dia, os paramédicos não conseguirão entrar.

— O que você está fazendo na casa? — Oliver perguntou para Decker.

— Atualizando o alarme, acrescentando umas buzinas, câmeras de vídeo, sensores de movimento, conserto das travas, conferindo as travas das janelas... coisas básicas que não impediriam um profissional, mas que poderiam deter um amador. — Decker folheou suas anotações. — Ah sim... isso pode ser importante. Quando mencionei o nome Rondo Martin, Brand apareceu como se não fizesse ideia de quem ele era.

— Podia estar mentindo — disse Oliver.

— Na minha opi... — Decker sorriu. — Na minha humilde opinião, Brand não estava mentindo.

— Isso não diz nada sobre o envolvimento de Martin. Talvez o envolvimento de Martin não seja conhecimento de todos, diferente de Joe Pine ou José Pinon — disse Marge.

— Exatamente. Brand admitiu que conhecia Pinon e disse que ele era ex-membro da Bodega 12th que aparentemente passou pela reabilitação em um lugar chamado AMCR. Pedi para Wang procurar centros comunitários para membros de gangues e há um chamado ACR.

— Amparo a Crianças de Rua — falou Marge.

— Quando eu estava procurando Jervis Wenderhole no caso de Bennett Little, encontrei um nome.

— Guy Kaffey fazia parte do quadro de diretores. Pedi para Wang analisar a lista de seguranças pessoais e os seguranças da empresa. Guy contratou alguns ex-membros da Bodega 12th.

— Pode ser que tenha dado uma arma a Pinon. Oh, espere. Ele deu uma arma a Pinon — disse Oliver.

— Brand me disse que Pinon não só estava envolvido como El Patrón ficou puto porque Pinon havia estragado tudo por não ter matado Gil Kaffey — retrucou Decker.

— Então, o que concluímos de Gil Kaffey? — perguntou Oliver. — Suspeito ou vítima?

— Minha primeira ideia era de que ele foi vítima. Mas então, ele desapareceu e atiraram em mim. Pode ter sido uma armadilha da parte de Grant. Ou de Gil. Ou de Resseur. Ou nenhum deles. — Decker bufou. — Quando encontrarmos Gil e Resseur, espero que tenhamos algumas respostas.

— Acabei de pensar em uma coisa — disse Marge. — Brand contou a você que El Patrón vende drogas.

— É preciso traficar drogas se você é El Patrón — disse Oliver.

— Sim, parece mentira, mas ouçam. Rondon Martin policiava uma comunidade agrícola. Aposto que há alguns agricultores espertinhos que podem plantar algumas... plantações marginais.

Decker pensou naquilo.

— Martin desenvolveu contatos com cultivadores de marijuana e levou o negócios a Los Angeles?

— Só uma ideia.

— Você tinha algum indício de que coisas ilegais estavam sendo cultivadas em Ponceville? — perguntou Decker.

— Não, mas não obteremos esse tipo de informação conversando com o delegado. Talvez o pai de Willy Brubeck soubesse de coisas assim.

— É mais provável que alguém nas *ciudades* saiba a respeito dessas coisas — falou Oliver.

— Vamos para Ponceville amanhã às dez — disse Decker a eles. — Não só vou perguntar sobre Rondon Martin, o atirador, mas também farei perguntas sobre Rondo Martin, o traficante.

— Cuidado, Pete — advertiu Marge. — Um traficante bom com uma arma é um inimigo formidável.

Rina olhou para a câmera de vídeo montada sob o telhado da varanda e mirou a porta.

— Está começando a parecer uma fortaleza.

Decker estava de pé numa escada, acrescentando alguns arremates.

— Não é possível vê-la da rua.
— Então, como age como obstáculo se não pode ser visto?
— O objetivo da câmera é dar uma ideia do que está acontecendo ali.
— Para eu não conseguir ver a entrada da casa de meu vizinho?
— O Saturn acabou sendo inofensivo, mas foi um motivo para atualizar nossa segurança. Por que está dificultando as coisas para mim sendo que só quero proteger minha família?

— Você está certo.

Decker parou de martelar.

— O que você disse?

Rina sorriu.

— Você me ouviu. — Ela olhou para o pôr do sol, uma vista incrível de tons dourados e violetas. O dia tinha sido quente, mas a noite estava fresca. Ela estava usando uma blusa branca de mangas curtas e uma saia jeans. Os cabelos pretos estavam cobertos por um lenço de seda que descia por suas costas. — Posso ajudar você a acelerar as coisas?

Ele ajustou o braço da câmera.

— Não, obrigado. Estou bem... quase terminando.

Hannah saiu. Ela estava de pijama e pantufas.

— Quando vamos comer?

— Assim que seu pai terminar.

— Daqui a uns 15 minutos — disse Decker.

Ela bufou e entrou na casa.

— Estamos com fome — disse Rina.

— Quero fazer isso direito. Por que não arruma a mesa? Quando terminar, eu já terei terminado.

— Já arrumei a mesa.

— Então, beba uma taça de vinho ou algo assim.

— O vinho vai me deixar mole, mas não vai ajudar nossa filha.

— Dê um petisco a ela.

— Ela não gosta de comer petiscos antes do jantar.

Decker olhou para a esposa.

— Comecem sem mim. Como depressa, mesmo. Além disso, quanto menos tempo passo com ela, mais ela gosta de mim.

— Ela ama você.

— Você diz isso sempre. Cindy sempre foi boazinha comigo.

— Cindy não morou com você.

Houve um silêncio. Decker continuou martelando por mais alguns minutos, e então desceu a escada.

— Pronto. — Quando os dois entraram na casa, ele disse: — Vou tomar um banho primeiro. Comecem a comer, eu já venho.

Parecia uma boa ideia. Hannah já estava à mesa olhando para o frango como uma predadora. Rina serviu meia taça de Herzog.

— Você pode começar.

— Finalmente. — Ela segurou o pegador, e encheu o prato com brócolis e batata assada. — Por que ele está tão paranoico, de repente? Parece que ele entrou para a polícia agora.

— O caso envolve membros da gangue Bodega 12th Street. Um deles está na cadeia e eu o identifiquei. Seu pai está um pouco nervoso.

— Mas você não colocou aquele cara na prisão.

— Acho que ele nem sabe que eu existo, mas seu pai está sendo cauteloso.

— É muito inconveniente ficar na vó e no vô. Tenho que acordar meia hora mais cedo.

— Será por apenas alguns dias.

— Sim, mas tem que ser um dia antes de meus exames. E não, não quero dormir na casa de um amigo.

Rina estendeu a mão e apertou o braço da filha.

— Você é muito esperta. Vai dar tudo certo.

Hannah espetou um pedaço de brócolis e mastigou vigorosamente. Seus olhos estavam marejados. Decker apareceu um minuto depois, com os cabelos molhados penteados para trás.

— Está parecendo o Drácula — disse Hannah.

Decker começou a rir.

— Acho que isso é um elogio. Ele era um idiota.

Hannah riu.

— Desculpa, estou nervosa.

— Exames — disse Rina.

— Quando vai fazer as provas? — perguntou Decker.

— Amanhã, como eu já tinha dito.

— Estou velho, eu me esqueço das coisas. Tenho certeza de que você vai se dar bem. — Ele fez uma pausa. — Certamente, você vai se dar melhor do que eu. Se não tivessem me dado pontos por ter escrito meu nome certo, minha pontuação teria sido negativa. Não que importasse. Eu não queria fazer faculdade.

Hannah parou de comer e observou o pai.

— Por quê? Você é tão esperto.

— Obrigado — disse Decker com sinceridade. — A educação não era importante para meus pais. Sei que isso parece bem legal para você. — Isso fez com que Hannah sorrisse. — O vovô trabalhava com as mãos. Pensei que faria a mesma coisa.

— Mas escolheu algo que exige muito trabalho intelectual.

— Foi tudo muito na hora certa. Quando eu saí do exército, a academia de polícia procurava pessoas. Gainesville era... é uma cidade universitária, e eu detestava quem protestava porque eles tinham a minha idade e estavam se divertindo muito. A polícia odiava os alunos tanto quanto eu. O inimigo de meu inimigo é meu amigo.

Hannah parecia pensativa.

— Você poderia ter desistido.

— Acabou sendo uma coisa boa. — Ele mastigou enquanto pensava.

— Não acredito que tenho feito isso há quase 35 anos.

— Espero encontrar algo que eu ame fazer. A única coisa que amo além de vocês e dos garotos é ouvir música.

— Então, seja crítica musical — disse Decker.

— Ah sim, você adoraria isso, sei.

— Por que eu me importaria? Desde que você viva honestamente, faça o que quiser.

— Abba, não dá para ganhar a vida assim.

— Docinho, se você trabalhar bastante e fizer o que ama, vai ganhar a vida. Pode ser que não ganhe muito dinheiro. Pode ser que não tenha certas coisas. Mas não tem nada melhor do que fazer o trabalho que amamos. Não gosto de meu trabalho todos os dias, mas não pensaria em mais nada. — Decker encheu uma taça de vinho e brindou com Rina. — Não se pode colocar preço em tudo.

— Você não se importaria mesmo se eu me tornasse crítica musical?

— Não, por quê? É a sua vida.

— Então, devo esquecer da faculdade e ir atrás de meus sonhos.

— Como é? — perguntou Rina.

Decker riu.

— Gostaria que você terminasse a faculdade para continuar tendo opções. Tirando isso, não crio expectativas.

Hannah afastou o prato.

— Preciso arrumar as coisas para ir para a casa da vovó.

— Hannah? — falou Rina. — Se for importante para você, podemos dormir aqui. O Saturn não era nada.

— Por que está dizendo isso para mim?

— Não queria cancelar com meus pais. Eles pareceram animados com a nossa ida. Mas isso seria pensar neles, e não em você. Vou ligar para eles.

— Não, não — disse Hannah. — Tenho meu quarto lá e posso levar o computador. Tudo bem. De verdade, não vou dormir muito, de qualquer modo.

Ela se levantou da mesa e abraçou o pai.

— Obrigada por conversar comigo. Ajudou muito.

Ela foi pulando para seu quarto.

— Bom trabalho, Abba — disse Rina. — Pode ficar contente.

Decker sorria.

— De vez em quando, faço a coisa certa.
— Vamos, Decker, pode se vangloriar. Foi incrivelmente sensível.
— Não estava tentando ser. Eu fui sincero em cada palavra. Não sou um astro. Sou só um funcionário público.
— Você é o meu astro — disse Rina. — Sempre foi meu herói.
Decker olhou para seu frango.
— Obrigado. Você também é minha heroína. — Ele beijou a mão dela e a segurou por um momento antes de pegar a taça de vinho. Depois de tanto tempo, ele ainda tinha dificuldade para se expressar: as palavras de sua filha fizeram com que ele se sentisse muito bem e o comentário de Rina tinha sido adorável. Então, ele brindou com Rina de novo e aproveitou o momento.
Era ótimo se sentir amado.

¹ Nota do editor: sigla usada na internet para a expressão em inglês “in my humble opinion” (na minha humilde opinião).

A paisagem de canais e caminhos trouxe de volta lembranças de sua infância, quando Decker era criança e a família costumava visitar os avós em Iowa. Faziam isso duas vezes por ano — na Páscoa e no Natal —, viajavam da Flórida por milhas de terreno plano, sem fim. A época de Natal era tomada pela neve, mas a Páscoa era uma época de renovação: campos verdejantes brilhavam com o carvalho da manhã e o perfume de árvores em flor. As viagens eram incrivelmente animadas devido à promessa no fim do arco-íris. Reuniões de família e banquetes, luzes, decoração e animação, primos com quem brincar e, claro, presentes. Por maiores ou menores que fossem, era emocionante abrir um pacote. Passando pelos campos, Decker sabia que aquela era uma época muito diferente e estava ali por um motivo muito diferente, mas, mesmo assim, o cenário trazia alegria.

Talvez eles poderiam conseguir uma folga.

Brubeck dirigia como um nativo pelos campos. As estradas de terra eram irregulares, e a topografia tortuosa fazia o carro alugado sofrer. Num buraco, o carro chegou a ficar com as quatro rodas no ar, e, ao voltarem, bateram no chão com toda força.

— Desculpa por isso, chefe. — Brubeck reduziu a velocidade. — Malditas estradas. Pensei que depois de todo esse tempo, a cidade faria algo a respeito dos buracos.

— Não podemos mudar as estradas, mas podemos diminuir a velocidade. Alguns minutos economizados não valem os danos na minha coluna.

— Malditas estradas — Brubeck murmurou de novo. Ele usava uma camisa azul-marinho de mangas curtas e uma calça jeans preta, com a barriga pendendo por cima do cinto. Decker havia optado por uma camisa polo marrom e calça. Tênis completavam o visual.

Decker pegou a lista parcial de famílias do norte. Marcus Merry, o sogro de Brubeck, havia dado a ele em um gesto de gentileza. Havia mais de uma dúzia de sobrenomes.

— Você falou com seu sogro?

— Daisy me mataria se eu não parasse para uma visita. Eu disse a ele que nos encontraríamos para almoçar perto das duas horas da tarde... o que é mais jantar para ele. O homem se deita às oito. — Brubeck fez uma pausa. — Meu sogro não está confortável com o fato de estarmos fazendo trabalho de polícia e T não saber disso. Ele tem que trabalhar aqui, e só Deus sabe que ele já está em desvantagem.

— Pensei nisso — disse Decker. — Apesar do que Oliver disse, liguei para o T e deixei uma mensagem avisando que estávamos indo.

Brubeck virou a cabeça na direção de Decker enquanto dirigia.

— Você fez isso?

— Olho na estrada, Brubeck.

— Estou vendo. Por que o chamou?

— Para que seu sogro não tivesse que aguentar a braveza de T. Além disso, se entrarmos numa fria, vamos precisar da ajuda dele.

O carro passou por um buraco e pousou como um dançarino desajeitado.

— Você acha que T é confiável? — perguntou Brubeck.

— Não sei, mas faz sentido ter a lei da região ao nosso lado.

— Se é que ele está do nosso lado.

— Foi por isso que eu disse a ele que estaríamos aqui à tarde e nos encontraríamos na cidade às quatro. Assim, podemos fazer nossas coisas sem ele.

— E se o encontrarmos nas *ciudades*?

— Direi a ele que conseguimos um voo mais cedo, tentei ligar para ele, mas ele não estava em casa.

— Faz sentido. E se ele aparecer nas *ciudades*, isso nos indicará alguma coisa.

— Exatamente. Já estive lá?

— Só passei. Nunca houve motivos para eu parar.

— Como está seu espanhol?

— Não é excelente, mas consigo acompanhar uma conversa simples — disse Brubeck. — Vou dirigindo, se você for falando.

— Ótimo. Só nos leve até lá inteiros.

Agricultores imigrantes eram uma realidade da vida na Califórnia. Eles têm permissão de trabalho e receberam permissão de morar e trabalhar realizando tarefas muito específicas por um tempo determinado. A condição temporária — juntamente com a pobreza enorme — se refletiu nas condições de vida. Não era uma favela porque havia casas de madeira com paredes de gesso, mas não havia permanência nas áreas. As casas deveriam ser erguidas num dia e destroçadas com uma patada de um lince.

— Às vezes — disse Brubeck a Decker — algum ativista social lança um protesto a respeito dos direitos dos trabalhadores e a área é cercada. Na semana seguinte, tudo começa de novo. Não é como antes, quando a mão de obra vivia nos ranchos. Sem dinheiro para alimentar funcionários e pagar os salários, algo teve que ser descartado.

Decker notou linhas elétricas ligadas às casas para que pelo alguns dos lugares pudessem manter uma ou outra conveniência moderna. A maioria das estruturas compartilhava paredes, fazendo com que elas se parecessem assentamentos. Um pedaço triste e deprimente de nada; a única exuberância era a cor da tinta no exterior: amarelo-ouro, laranja chamativo, roxo, verde, e rosa-avermelhado. Em vez de números nos endereços, as unidades eram identificadas por letras, e no distrito norte, os quartos iam de A a P. As famílias Mendez viviam em H, I e J.

Quando Brubeck se aproximou das casas, Decker notou um Suburban de vinte anos, recém-lavado, estacionado do lado de fora.

— Pare o carro, Willy. — Quando Brubeck brecou, pneus cantaram no chão de cascalho. Decker disse: — Faz ideia de quem é o dono do Suburban?

— Não, mas é um visitante. O carro é velho, mas está limpo demais para ser de um dos moradores.

Decker abriu a porta do carro alugado.

— Vamos dar uma olhada.

Silenciosamente, eles saíram e andaram na ponta dos pés até o Suburban. Dentro dele, havia uma jaqueta de couro, um copo de papel de café, um rádio e um microfone de um policial, e um coldre vazio. Os dois se entreolharam e voltaram com cuidado ao carro.

— Tem um scanner de polícia — disse Brubeck.

— Sim, notei. E também, o coldre está vazio.

— Notei isso também. Vou ligar para meu pai e descobrir quem é o dono. — Ele desligou o telefone um minuto depois. — É o veículo oficial de T.

Nenhum dos dois disse nada por um momento.

— Acho que espiar o delegado não seria algo legal — disse Decker.

— Concordo com isso.

Eles ficaram ali por mais alguns momentos.

— Talvez eu devesse contar a T que chegamos aqui e estamos indo para a cidade.

— De que adiantaria? — perguntou Brubeck.

— Poderíamos esperar que ele fosse embora para depois entrar. — Ele fez uma pausa. — A menos que alguém do lado de dentro tenha armas. E quando ele perceber que o enganamos, vai ficar putu.

Verdade.

— Então, o que acha de observarmos quando ele sair... para ver se está com sua arma?

— E depois? — Brubeck riu. — Você não está dizendo que deveríamos entrar, não é?

Decker deu de ombros.

— Afaste-se e esconda o carro para que ele não fique tão visível. Vou ligar para ele.

Brubeck deu marcha à ré e afastou-se lentamente, escondendo o veículo atrás de um Corolla vermelho — com pintura nova, feita profissionalmente. Os dois homens observaram o carro até Decker esfregar a superfície com a unha. Havia tinta azul-marinho por baixo.

— Martin dirigia um Corolla azul 2002.

— E agora? — perguntou Brubeck.

— Não sei bem. Vou ligar para a justiça da região, e pelo menos ninguém pode dizer que não tentamos.

Edna, a secretária, disse a ele que T não estava.

— Ele não estava esperando você hoje à tarde.

— Pegamos um voo mais cedo.

— Ah... mas a ligação foi feita meia hora atrás.

— Deve ter sido a demora de meu celular. — Não fazia sentido, mas Edna não disse nada. — Faz ideia de onde T está?

— Não, senhor. Só sei que ele está trabalhando.

— Ele tem celular?

— Tem, certamente, mas tenho ordens para não dar o número. Vou ligar para ele por você, se quiser.

— Isso seria ótimo.

— Onde estão agora?

— Vamos pegar nosso carro alugado no aeroporto.

— Vai demorar cerca de meia hora para chegar aqui. Precisa de orientações?

— Não, estou com Willy Brubeck. Ele conhece a região.

— Willy Brubeck? O genro de Marcus Merry?

— Sim, senhora, ele trabalha para mim.

— Pode me chamar de Edna.

— Vejo você em meia hora, Edna. — Decker desligou. Eles estavam a cerca de cem metros da unidade J, mas não havia uma vista clara das portas da frente de onde eles estavam estacionados. — Fique perto do carro, Willy. Vou me aproximar um pouco.

— Está maluco? Estamos vulneráveis.

— Eu não disse que o confrontaria. Só disse que me aproximaria um pouco. Fique com o carro. E se eu levar tiro, não conte a minha esposa como foi.

Antes que Brubeck pudesse protestar, Decker saiu do carro.

Espiando, ele aproximou-se da porta da frente da unidade J.

Cinco minutos depois, T saiu, usando uma camisa xadrez, jeans, botas de couro desgastadas, levando uma arma de calibre doze. Parecia uma Remington 1100 — velha, nada moderna. T era um cara pequeno, mas às vezes isso tornava um homem armado especialmente perigoso.

O delegado olhou ao redor, e então abriu a porta do Suburban e entrou. Não havia visibilidade pelo vidro do carro devido aos raios de sol, mas T cometera o erro tático de não fechar a porta do motorista. Decker espiou até o braço do delegado aparecer. Ele esperou até T prender a arma no coldre, e então, o pegou de surpresa.

— Bom dia, delegado, sou o tenente Decker, da Polícia de Los Angeles.

T virou a cabeça, estendendo a mão intuitivamente até o coldre. Decker, percebendo o movimento, segurou T pelo braço, fazendo as chaves do carro caírem no chão. Ele disse:

— Não faça isso.

O braço de T estava numa posição esquisita. Para se livrar, ele acabaria com uma torsão.

— Está maluco, seu merda?

— Não, só não quero ser baleado.

— Então, não pegue um homem no susto, pelo amor de Deus! Solte meu braço ou vou enfiar você na cadeia.

— Saia do veículo para podermos conversar sobre isso.

— Não posso fazer nada porque você está agarrando meu braço.

Decker o tirou do carro e soltou seu braço. Por ter quase trinta centímetros e cinquenta quilos a mais, estava claro quem tinha a vantagem. Contradizendo o ditado, tamanho importava. Um momento depois, Brubeck estava ao lado dele.

— Está bem, senhor?

— Se *ele* está bem? — T balançava o braço para cima e para baixo. — O idiota quase quebrou meu pulso. Qual é o seu problema?

— Não estou armado — respondeu Decker. — Gosto de um campo calmo.

— Por que eu atiraria em você? — Os olhos de T eram como adagas. Ele ainda balançava o braço. — Eu deveria colocar você na cadeia. — De repente, percebeu Brubeck. — Willy, como permitiu que ele fizesse isso comigo?

— Desculpa, T, mas ele é meu chefe.

— Ele é maluco!

— Não nego, T, mas preciso trabalhar com ele.

Decker pegou sua identidade, mas T a derrubou no chão.

— Por que diabos você me surpreendeu... quase me matou do coração.

— Eu me identifiquei.

— E isso deveria me impressionar?

— Desculpa, delegado — disse Decker.

— Você é um baita idiota.

Decker conteve um sorriso, mas T o notou.

— Terei uma conversinha com seu supervisor.

— Por que está aqui? — perguntou Decker.

— Eu moro aqui, idiota!

— Não estou falando aqui de modo geral, estou me referindo à casa dos Mendez. Você sabia que eu ia interrogar as famílias. É só coincidência ter feito uma visita a eles meia hora depois de eu telefonar?

Pela primeira vez, T não o xingou. Ele voltou a olhar para a casa, e depois, para o rosto de Decker.

— Saia de minha jurisdição antes que eu o acuse de agressão.

— Vai fazer isso antes ou depois de eu acusá-lo de manipular a justiça? Ou será que a acusação deveria ser por você estar abrigando um fugitivo?

— Vá se foder. — De novo, ele olhou para a porta involuntariamente. — Você é louco. Não estou abrigando ninguém.

— Tem um Corolla 2002 que se parece muito com o carro de Rondo Martin. Quanto tempo demorarei para checar a placa? — T não respondeu, então Decker continuou: — Se você está protegendo Rondo Martin porque sente um tipo de lealdade, vou fazer vista grossa. Só quero Rondo Martin, e você precisa me ajudar a fazer com que ele seja levado à justiça.

— Não se perturbe por causa dele, T — disse Brubeck. — Vamos pelo jeito fácil.

O delegado balançou a cabeça.

— Não é o que estão pensando. Não estou escondendo assassino nenhum. — Ele levantou e abaixou o braço. — Merda, aquilo doeu.

— Sinto muito pelo seu braço. Pagarei a conta do médico...

— Não preciso de médico. Não sou um fresquinho.

— Precisamos entrar, delegado.

— Vocês não entendem porra nenhuma.

— Então, me explique.

— Deixei minhas chaves no carro. No chaveiro, está a trava para o coldre da arma. Pegue a arma, se quiser. Acredito que não a usará em mim.

— Peço desculpas por tê-lo pegado de surpresa. — Decker estendeu a mão.

Depois de alguns segundos, T a apertou.

— Preciso de um minuto e já saio. — Ele assentiu a Brubeck. — Ainda assim, ele não deixa de ser um idiota. — E entrou.

Decker bufou.

— Não lidei com isso muito bem.

— Não mesmo — disse Brubeck. — Não queria dizer nada, mas por que diabo fez isso? Por que não permitimos que ele pegasse o carro e se afastasse e depois nós simplesmente entraríamos?

— E deixar Rondo Martin acabar com a gente? Talvez estivéssemos entrando numa armadilha.

— Então, ainda podemos estar entrando numa armadilha.

— Espere no Suburban de T, Willy. Chamarei você quando for seguro.

— Não vou deixar você ir sozinho — disse Brubeck.

— Estou lhe dando uma ordem.

— Você é louco.

— Já estabelecemos isso. Se ouvir tiros, saia daqui. É uma ordem também.

Willy balançou a cabeça.

— Não precisa dizer duas vezes.

Como T dissera, não era o que Decker pensou. Rondon Martin estava deitado num colchão em um piso de madeira sujo, o rosto pálido banhado em suor, o torso envolto em quilômetros de bandagens. O curativo parecia novo, mas alguma coisa por baixo vazava, deixando marcas escuras. A sala tinha um cheiro fétido — infecção misturada com antisséptico. Os olhos de Martin provavelmente eram azuis, mas embaçados devido ao mal-estar, acinzentados e afundados com olheiras escuras que o faziam parecer um guaxinim. O rosto comprido era tomado pela barba rala e grisalha que se tornava mais cheia na ponta. Os cabelos eram escuros e ensebados.

Ana Mendez estava à esquerda dele, limpando o rosto com um pano úmido. Paco Albanez, à direita dele, tentava lhe dar um pouco de sopa. Martin fez uma careta ao contrair os lábios, puxando o líquido quente para dentro da garganta. Ele olhou para as enfermeiras e depois para Decker.

O olhar de Decker foi de Paco a Ana. Como ele não os vira juntos, não havia percebido como eram parecidos. Pai e filha? Tio e sobrinha? Também havia outras duas mulheres na sala que eles não sabiam quem eram.

Frascos de remédios estavam espalhados por toda parte, principalmente de antibióticos e analgésicos. Nos rótulos, lia-se Pet Time. Era muito mais fácil acessar os remédios necessários para o Totó do que tentar conseguir receitas com um médico. Rondo Martin

precisaria de muito mais do que remédios de uso veterinário se tinha alguma esperança em se recuperar.

— Ele precisa ir para o hospital — afirmou Decker.

— Acha que não tentei? — perguntou T.

Martin mexeu as pálpebras.

— Já encontraram Joe Pine?

Ana Mendez disse o nome José Pinon e então, cuspiu no chão.

— Não — disse Decker. — Ainda está desaparecido.

— Então, não vou a lugar nenhum. Ele está me procurando.

Willy Brubeck entrou com o rifle. Observou a sala e, então, olhou para o rosto de Decker.

— Rondo acabou de me contar que Joe Pine está atrás dele — disse Decker para Willy.

— Olhou nos meus olhos e puxou o gatilho — disse Martin.

— Então, você precisa ir para um lugar seguro. Se eu encontrei você, ele também vai — falou Decker.

— É o que estou tentando dizer a ele — disse T.

— Onde estava a polícia quando os Kaffey foram mortos? Onde estava a polícia quando Rondo foi furado como uma peneira? — perguntou Ana, em espanhol.

— Você entendeu isso? — perguntou T.

— Sim. — Decker pegou o celular. — Vou ligar para a polícia.

T colocou a mão em cima do teclado.

— Vai ser mais rápido se nós o levarmos na traseira. Uma ambulância vai demorar uma meia hora para chegar aqui.

— Não vou a lugar algum — disse Martin. — Vou morrer aqui.

— É o que vai acontecer a menos que você cuide desses ferimentos.

— Joe foi a única pessoa que você reconheceu? — perguntou Brubeck.

— A única de que me lembro... — Martin fez uma careta de dor.

— Ele precisa ir para o hospital — disse Decker.

T assentiu, e as mulheres começaram a pegar cobertores para o Suburban. Ana insistiu em ficar ao lado de Martin.

— Quem está com as chaves?

Brubeck as jogou para T, que as deu a uma das mulheres.

— Vamos fazer você melhorar, Rondo.

— Se eu for para o hospital... vou morrer... vi coisa demais.

— O que você viu? — perguntou Decker.

— Pelo menos quatro deles... talvez mais.

— E reconheceu alguém dos outros?

— Não sei... Joe me pegou muito depressa.

— Como escapou?

— Você trabalha numa mansão... com pessoas que têm dinheiro... em algum momento, elas serão atacadas... roubo, quero dizer... fiz um plano.

— Como foi, Rondo? — perguntou Brubeck.

— Ouvi barulho na biblioteca... corri para dentro e vi Joe com a arma. Fui atingido várias vezes. O barulho chamou a atenção de Denny. Alguém atirou nele. Eu saí.

— Para onde você foi? — perguntou Decker.

— Eu me tranquei dentro de um armário. Estava sangrando muito.

— Ele precisou de uns minutos para recuperar o fôlego. — Muitos tiros, e então, silêncio. Esperei... devo ter desmaiado. Ouvi Joe perguntar a alguém se tinha mais munição.

Ele fez uma pausa comprida.

— Não tinha.

— Foi por isso que não mataram Gil Kaffey?

— Não sei por que, mas faz sentido. Não ouvi mais tiros. Por fim, consegui descer a escada... vi o que fizeram com Alicia. Então, desmaiei.

Ninguém disse nada. Lágrimas escorriam pelo rosto de Ana. Paco permaneceu firme, com a colher de sopa nas mãos.

Martin disse:

— Alicia era sobrinha de Paco... prima de Ana.

Decker se virou para o caseiro.

— Sinto muito.

Paco assentiu.

A voz de Ana estava embargada devido à emoção.

— Quando eu o vi, pensei que estivesse morto. Quando vi que não estava, fui chamar Paco.

— Eles me esconderam até o filho de Paco vir de Ponceville e me trazer para cá — disse Martin.

— Onde você se escondeu? — perguntou Brubeck.

— Em um dos trailers de cavalos dos Riley.

— Qual é o parentesco de Ana e Paco? — perguntou Decker.

— *Mi tío también* — disse Ana.

— O sobrenome de Paco é Albanez ou Alvarez? — perguntou Decker.

— Albanez — disse Martin.

— Edna disse aos meus rapazes que o nome nessa região era Alvarez.

T disse:

— É a Edna sendo quem é.

Martin passou a língua pelos lábios rachados.

— Ana é minha mulher. Estamos pensando em nos casar. A imigração não tem ajudado.

As mulheres voltaram, dizendo a T que o carro estava pronto.

— Eu disse que não vou a lugar nenhum — disse Martin.

— Não depende mais de mim, Rondo. — T apontou na direção de Decker. — Ele está cuidando. É melhor você cooperar.

— Quem vai me proteger? — Estarei a seu lado até conseguirmos organizar proteção policial 24 horas — disse Decker.

— Onde vai encontrar os policiais? Esta cidade não é grande.

— Pegarei gente emprestada de minha equipe, se precisar. Quantas vezes você foi baleado, Rondo?

— Não sei... mais de uma. Ainda tenho aço dentro de mim.

— Vamos colocar você dentro do carro agora. Consegue andar? — perguntou T.

— Não sem ajuda.

— Não tem problema — disse Decker.

Havia quatro homens fortes, mas Martin era um cara grande e colocá-lo de pé sem feri-lo era bem complicado. Lentamente, eles o guiaram até que ficasse de pé. A respiração de Rondo estava ofegante e seu corpo tomado pela infecção. Se eles não tivessem interferido, Martin morreria em questão de semanas, talvez dias.

Pouco a pouco, eles o colocaram dentro do Suburban. Quando chegaram à parte de trás, quatro homens — Decker, Brubeck, T e Paco — seguraram os braços e as pernas e o ergueram. Ele gritou de dor quando o colocaram na traseira da van. Quando a tarefa finalmente foi concluída, Ana subiu na parte de trás.

— Você não pode ir, linda — disse Martin a ela. — Vai ser presa e deportada.

Ela respondeu para ele em espanhol que não sairia do lado dele. Os dois discutiram por um minuto, e então Martin disse:

— Moça teimosa. Vamos acabar com isso.

Antes de Decker fechar a trava, perguntou:

— Sabe quem armou para você?

— Não. Só me lembro de Joe.

— Ele deu ordens?

Brubeck controlou a agonia.

— Acho que outra pessoa.

— Quem? — perguntou Decker. — Alguém conhecido?

— Talvez.

— Um dos filhos da família Kaffey, talvez?

— Não posso afirmar nada, com certeza.

Mas Decker notou certa hesitação. O homem estava prestes a morrer. Ele insistiria no assunto quando ele estivesse internado e, mais importante, quando estivesse estável.

Fechou a trava da traseira.

— Quer que eu vá com a arma ou que siga seu carro? — perguntou Decker para T.

— Vá com a arma, de verdade, dessa vez — respondeu T. — Não sabemos quem está por aí.

Quente e úmida, a tarde não era muito propícia para a jardinagem. Até mesmo a estufa parecia tomada pelo ar pesado. Rina decidiu desistir. Ela havia planejado sair por algumas horas, mas estava abafado demais. Se tivesse mantido a programação original, não teria ouvido a batida forte à porta.

Olhou pelo olho mágico e não acreditou no que viu. Conferiu a câmera de vídeo recentemente instalada e o rosto dele estava bem claro. Ela provavelmente deveria tê-lo ignorado, mas ele parecia em pânico.

— O que você quer?

— Seu marido não está no escritório. Ele está aqui?

— Não.

— Preciso falar com ele.

— Ele não está aqui. Vá para a delegacia e peça para alguém entrar em contato com ele.

— Eles acham que sou louco.

Eu também, pensou Rina.

— Por favor, preciso da ajuda dele!

Mais uma vez, Rina abriu a porta, mas manteve a corrente presa.

— O que foi?

— Tenho certeza de que tem alguém me seguindo. Quero saber o que devo fazer. — Ele pensou por um momento. — Sinto muito, devo parecer um doido, mas não sou.

Num segundo, Rina fez um julgamento apressado. Não era o que Peter queria, mas ele não estava ali naquele momento. Abriu a porta.

— Entre.

Ele respirava com dificuldade e suava muito. O sorriso de Tom Cruise não estava mais ali, tinha sido substituído pela tensão e pela ansiedade. Usava uma jaqueta bege por cima de uma camisa branca e calça marrom. Atravessou a porta com dificuldade, e Rina fechou a porta.

— Obrigado... muito obrigado.

— Quer um copo de água?

— Sim, por favor.

— Já volto. — Quando ela voltou, ele não havia saído de perto da porta. — Por que não se senta?

— Está bem.

A expressão dele era difícil de entender sem os olhos, mas ainda parecia tenso. Quando ela tocou o braço dele, ele se sobressaltou, derrubando o copo das mãos dela, com água e gelo escorrendo.

— Estou tentando levá-lo a uma cadeira.

— Sim... claro. Desculpe.

Rina o levou até uma cadeira e o sentou ali. Colocou o copo na mão dele; ele o segurou e o levou aos lábios.

— Por que acha que está sendo seguido?

— Sempre ouço passos atrás de mim... os mesmos passos.

— Consegue diferenciar passos?

Ele assentiu e tirou os óculos para secar o rosto. Olhos de vidro se reviraram nas órbitas — azuis-claros sem luz atrás deles. Como bolinhas de gude rodando no chão. Ele voltou a colocar os óculos.

— Eu estava na rua com minha namorada. Ouvimos sons de tiros. Ela disse que parecia o escapamento de um carro, mas sei como são tiros.

— Acertaram o carro?

— Não, felizmente não.

— Vocês estavam passando por uma área meio barra pesada?

— Estávamos no centro, indo para as rodovias.

— Não são raros tiros em estradas. Você avisou a polícia?

— Não consigo ver nada, o carro não foi afetado, e Dana pensou se tratar do escapamento de um carro. — Ele estava agitado. — Todo mundo no departamento de seu marido acha que sou louco, menos ele, talvez. Preciso conversar com ele.

— Ele não está disponível, mas vou ligar para ele e deixar uma mensagem.

— Quando ele estará disponível?

— Não sei, sr. Harriman.

— Brett. Sinto muito por ter vindo aqui, mas sei quando alguma coisa não está bem, sra. Decker. Consigo ouvir. Mais do que isso, consigo sentir o cheiro! É o mesmo cheiro! Tem alguém atrás de mim!

— Sua namorada está esperando lá fora?

— Não, ela pegou um táxi. Ela também acha que estou meio doido.

Ela não é a única.

— Não sei o que fazer. Por isso vim aqui — disse Harriman.

— Se realmente alguém o está seguindo, você não deveria estar aqui. Deveria estar na delegacia.

Ele suspirou.

— Eles não vão acreditar em mim.

— Pode ser que não, mas não vão largá-lo na rua. — Ela considerou as opções que tinha. — O que acha de eu levá-lo para lá? Assim, eles darão mais crédito.

— É muito gentil de sua parte. Sinto muito por arrastá-la para dentro disso. Só não sei a quem recorrer. Quando me disseram ao telefone que o tenente Decker não estava, pensei que ele estivesse em casa.

— Ele não está aqui.

— Entendo. Com certeza, a senhora me considera louco.

— O medo faz essas coisas.

— Tenho traduzido nos tribunais há anos. Já usaram meus serviços em casos bem complicados de assassinato. Mas nunca ninguém me perturbou antes.

— Vou pegar minhas chaves.

— Sim. Onde devo colocar o copo?

— Eu pego. — Ela foi para a cozinha e voltou com as chaves. Estava prestes a levá-lo até a porta, mas ao olhar para o monitor do vídeo, viu que a parte da frente da casa estava vazia, mas que havia um carro desconhecido do outro lado da rua. O sedan branco parecia ter um amassado considerável na porta de trás. Podia ser outro parente da idosa que morava na mesma rua, mas a paranoia de Harriman era contagiosa. Ela não conseguiu ver a placa e algo lhe disse para não sair.

— Senti o cheiro de algo que não tinha sentido antes. Como tensão ou medo. O que está acontecendo? — perguntou Harriman.

— Talvez eu esteja nervosa porque ficarei sozinha em um carro com você.

— Não é isso. — Ele se levantou. — O que foi?

— Tem um carro do outro lado da rua...

— Que carro?

— Um Toyota ou talvez um Honda. Não sei diferenciá-los. Acalme-se. Vou ligar para alguém e pedir que passe por aqui.

— Tem alguém dentro do carro?

— Não sei. Com licença.

Marge estava trabalhando, mas atendeu o celular. Falando baixinho, Rina explicou a situação.

— Estou com o Oliver. Estamos indo para o carro. Já passaremos aí — disse Marge.

— Provavelmente não é nada...

— Com esse louco na sua casa, é alguma coisa sim.

— Ele é cego.

— Tem certeza disso?

— Vi os olhos dele. Tenho certeza. — Ela fez uma pausa. — Posso ter ficado um pouco nervosa com a presença dele, mas não posso dizer que estou com medo dele.

— Ainda tem sua arma?

— Sim. Vou tirá-la do cofre, ainda que provavelmente eu esteja exagerando.

— Tenho que ser sincera com você. Loo temia que Harriman colocasse você numa situação ruim.

— Abri a porta porque quis. Provavelmente não foi muito inteligente.

— Não foi inteligente, mas foi humano. É como dizem.

— O quê?

— Errar é humano, mas atirar no filho da puta é divino.

Quando Marge se aproximou do Accord branco por trás, o carro deu partida e se afastou do meio-fio. Ela o seguiu por um quarteirão ou dois, antes de o carro entrar na Devonshire, uma das principais ruas de West Valley. Oliver ditou a placa do carro à central e a pesquisa não encontrou nenhuma irregularidade. O veículo estava no nome de Imelda Cruz, 34 anos, moradora de East Valley.

— Talvez a tia Gwen tenha recebido outra visita — disse Oliver.

— Acho que não. — Os olhos de Marge estavam grudados no Accord quando este deu a seta para mudar de faixa.

— Olhando por trás, o motorista parece ser um homem. — Mais uma seta, mais uma mudança de faixa. — Um cidadão do tipo modelo na passarela.

— Estamos numa viatura. Ele sabe que o estamos seguindo.

O celular de Marge tocou. Oliver pegou o telefone da bolsa dela. Era Rina.

— O carro se foi, Scott. Onde vocês estão?

— Atrás do carro.

— Ah, tudo bem — disse Rina. — Nesse caso, vou levar Harriman à delegacia. Nenhum de nós quer ficar aqui neste momento.

— Rina, vou chamar uma viatura para você.

— O que está acontecendo? — perguntou Marge.

— Ela quer levar o Harriman para a delegacia. — Oliver disse ao telefone. — Espere a viatura aparecer para seguir vocês.

— Desde que seja rápido. Estou ficando com medo.

— Entendi. — Oliver desligou e chamou uma viatura. — Parece que ele está indo para a estrada. Se vamos pará-lo, faça isso na rampa.

Marge ligou a sirene. Um momento depois, o Honda deu seta e parou ao meio-fio. Sempre que os policiais paravam, existia o risco de violência.

O duplo assassinato dos Kaffey só os deixou mais cuidadosos.

— Este é um caso para você, companheira. — Oliver orientou o motorista e quaisquer passageiros a sair do carro com as mãos para cima. Os segundos que se passaram foram tomados por tensão, na espera pelo inesperado.

A porta do passageiro se abriu e um garoto magro como um espantalho saiu, usando uma camisa e bermuda larga. Seus braços eram ossudos, as mãos estavam para cima. Sua pele era coberta por tatuagens.

— Apoie as mãos no capô de seu carro — disse Oliver.

O garoto obedeceu e Oliver disse que ele não deveria se mover e os dois desceram depressa, Marge de um lado e Oliver do outro. Estava claro que ele não portava nenhuma arma, então Oliver mandou que ele se virasse. O cara media 1,65 m e tinha o rosto tomado por espinhas. Não parecia nem ter idade para dirigir. Os olhos eram castanhos e inexpressivos. Sua expressão era totalmente inexistente — não demonstrava agressividade nem medo.

— Tem mais alguém no carro?

— Não, senhor.

— Onde está seu RG?

— Dentro do carro.

— Posso entrar no carro para procurar? — perguntou Marge.

— Sim, senhora.

— Qual é seu nome? — perguntou Oliver.

— Esteban.

— Esteban do quê?

— Cruz.

Provavelmente, parente do dono. Oliver perguntou:

— Quantos anos tem?

— Dezesete.

— Onde mora?

— Na Ramona Drive.

— Tem endereço? — O número que ele deu era de East Valley. —

Você está um pouco longe de casa.

— Sim, senhor.

— O que está fazendo aqui?

— Passeando.

— Não deveria estar aqui, passeando. Não me parece algo muito bom.

— Sim, senhor.

— Você deveria estar na escola.

— Larguei a escola.

— Então, o que faz agora se não está mais estudando?

— Ando por aí.

— Não é uma maneira muito boa de viver, Esteban.

— De quem é o carro?

— Minha mãe.

— E ela deixa o carro com você só para que passeie?

— Sim, senhor.

— Então, se eu ligar para ela, ela não ficaria brava por você estar com o carro?

— Não, senhor.

O garoto parecia simples, e nesse caso, isso o tornava esperto. Não perguntou por que foi parado, não estava sendo prepotente e não deu qualquer informação.

— Tem o telefone de sua mãe?

Esteban deu um número a Oliver. Ele discou o número em seu celular e uma mulher atendeu.

— Estou falando com Imelda Cruz?

— *Sí?*

Oliver se identificou e disse a ela que seu filho estava com a polícia, e a mulher respondeu com um “no speak English”. Sabendo que o espanhol de Marge não era muito melhor do que o dele, ele murmurou um “muchas gracias” e desligou.

Observou Esteban.

— Você tem muitos números 12 tatuados em sua pele.

— Sim, senhor.

— Gangue Bodega 12th Street?

— Não, senhor.

— Então, por que tantas tatuagens?

Ele deu de ombros.

— Fica bonito.

— Então, você tem todas essas tatuagens e não é membro da gangue?

— Não, senhor.

— Isso não faz muito sentido — disse Oliver.

O garoto não respondeu. Marge havia terminado sua pesquisa e caminhava em direção aos dois. Balançou a cabeça levemente a Oliver.

Aproximando-se do garoto, ela perguntou:

— O que está fazendo nesta região?

— Passeando, senhora.

— Esteban, o que você estava *fazendo* em seu carro no meio de uma região residencial a cerca de quarenta quilômetros de sua casa?

O garoto cutucou uma das espinhas.

— Posso dormir aqui e não levar um tiro.

Marge e Oliver se entreolharam.

— Você dorme dentro do carro?

— Às vezes. Às vezes, ouço meu iPod. Às vezes, leio.

— Você encontrou coisas para ler dentro do carro? — Oliver perguntou a Marge.

— Duas histórias em quadrinhos e um *graphic novel*. — Ela observou o rosto de Cruz. Quadros em um museu tinham muito mais

vida do que ele. — Você não deveria estar aqui. Parece que você está fazendo coisa errada.

— Sim, senhora.

— Deveria estar na escola.

— Larguei a escola.

— Você gosta de ler — disse Marge. — Por que largou a escola?

Esteban não respondeu na hora. Por fim, deu sua opinião.

— Não é uma escola, é um zoológico. — Em seu rosto, de repente apareceu um pouco de raiva; foi assustador pela intensidade, mas logo tudo voltou ao normal.

— Se gosta de ler, deveria ir à biblioteca — argumentou Marge.

— Não posso dormir na biblioteca — falou Esteban. — Eles me expulsariam.

— Bem, encontre um lugar melhor para ler — disse Marge.

— Sim, senhora.

Ela devolveu a carteira a ele.

— Paramos você porque a sua luz de freio não está funcionando.

Conserte-a.

— Sim, senhora.

Houve um silêncio.

— Pode ir — disse Marge.

— Sim, senhora.

Quando o garoto partiu, Marge olhou para Oliver.

— Percebeu a raiva quando ele falou sobre a escola? Uma faísca numa conversa monótona.

Oliver revirou os olhos.

— Aquilo é uma cria do demônio. Pude vê-lo atirando em você sem hesitar.

— E isso me lembra... — Marge ligou para Rina.

— Onde você está?

— Estamos quase na delegacia. Está tudo bem?

— Está tudo bem. Chegaremos em alguns minutos.

Ela desligou o telefone e olhou para Oliver.

— Não havia armas no carro. Se o garoto foi contratado para pegar Harriman, ele estava identificando o alvo.

Oliver assentiu.

— Isso tornaria o sr. Educação ainda mais assustador.

Decker ficou irado.

— Como assim, você *abriu* a porta? Por que *faria* isso?

— Porque ele estava sozinho do lado de fora e parecia muito vulnerável.

— Você não sabia que ele estava sozinho. Poderia ter entrado com um monte de assassinos.

— Desde que alguém decidiu instalar uma câmera de vídeo, eu tenho uma visão ampla da rua. — Ela respirou fundo e continuou. — Harriman foi à polícia, Peter, e pediu para falar com você. Alguém disse que você seria chamado e que retornaria a ligação. Alguém lhe deu o recado?

Decker não respondeu. Ninguém se deu ao trabalho de entrar em contato porque achavam que Harriman era maluco.

— Sou ocupado, Rina. Tenho coisas melhores a fazer do que ficar atrás de um esquisito.

— Então, você está ignorando os medos dele. Não é à toa que ele se sente marginalizado, principalmente depois de ter ajudado a identificar Alejandro Brand.

— Você não é psicóloga dele, é minha esposa. O idiota colocou você em perigo. — Decker sentiu vontade de socar alguma coisa. — Se o maldito estava sendo seguido, ele levou os caras até nossa porta. Agora, você não tem escolha. Precisa ficar com seus pais até sabermos o que está acontecendo.

— Como sabe que o garoto no Accord estava atrás de Harriman? Você é o detetive do caso Kaffey. Talvez ele esteja atrás de você.

— Se ele está atrás de alguém, é de Harriman. Pare de discutir comigo e me escute, para variar...

— Para variar? Isso não é justo! Fiz tudo que você pediu.

— Você abriu a porta! Por que fez isso?

— Porque Harriman parecia desesperado. Eu não ia jogá-lo aos lobos. Você não é a única pessoa que tem intuição. E eu repito: se Harriman tivesse sentido que alguém na delegacia o estava levando a sério, talvez não *tivesse* que sair à sua procura. E pare de gritar comigo!

Decker respirou fundo.

— Vá para a casa dos seus pais, está bem?

— Tudo bem. — Ela desligou o telefone, com as mãos tremendo devido à adrenalina. O celular tocou de novo. Ela bufou e atendeu. — Sim?

— Você desligou na minha cara!

— Não tenho mais nada a dizer.

Decker disse com a voz controlada.

— Estou nervoso.

— Peter, me desculpe por deixá-lo assim. Vou arrumar minhas coisas e ficar com meus pais. Nós nos vemos quando você chegar em casa. — Ela fez uma pausa. — Quando você vem para casa?

— Pretendia ir esta noite, mas aconteceu uma coisa e eu tenho que ficar em Ponceville. — Ele parou por um instante. — Quer dizer, não tenho que ficar, mas...

— Faça o que precisar fazer. Preciso ir.

— Rina, me desculpe por ter gritado.

— E me desculpe se não agi com bom senso, mas como você não estava por perto para me orientar, fiz o melhor que pude.

— Eu deveria ter colocado alguém para lidar com essa situação antes que chegasse a esse ponto.

Deveria, poderia, iria, ela pensou.

— Tomarei cuidado. Você também precisa ficar atento.

— Falo com você mais tarde.

— Se eu não estiver aqui, não se preocupe. Vou para o campo praticar tiro.

— Boa ideia.

— Não é que eu ache que precisarei atirar. No momento, preciso atacar alguma coisa e por enquanto, até onde sei, um alvo não atira de volta.

Marge bateu à porta de Decker e entrou. O rosto de Rina era uma mistura de raiva, frustração e cansaço. Ela se levantou da cadeira, alisou a saia jeans e ajustou o cachecol que cobria seus cabelos.

— Precisa usar a sala, Marge?

— Quando você estiver pronta.

— Você provavelmente me considera uma idiota. Fui burra de abrir a porta, mas é assim que sou. Procuro o lado bom das pessoas, e o Peter procura o mau.

— Você é uma pessoa muito bondosa, Rina. E tem boa intuição. Nesse caso, deu tudo certo. Mas tome cuidado a partir de agora até conseguirmos umas respostas.

Rina suspirou. Não podia esperar que o marido fosse tão compreensivo quanto Marge, mas dava para sonhar.

— Obrigada por toda a ajuda.

— De nada. — Marge apoiou a mão no ombro dela. — E não se chateie com Loo. Ele está rosnando para todos que se aproximam dele. Está preocupado com você. — O telefone da mesa tocou. — É ele. Quer que eu mande um recado?

— Diga para *ele* se cuidar. — Rina acenou.

Marge se sentou na cadeira desocupada. Era quase três da tarde e ela não havia comido nada durante todo o dia, mas as necessidades básicas teriam que esperar.

— Ei, Rabino. Quero contar o que descobri sobre Esteban Cruz. Está pronto?

— Estou — respondeu Decker. — Não há irregularidades. Só um cara normal que largou a escola. Oliver e eu vamos passar na escola onde ele estudava... para tentar descobrir com quem ele andava. Ninguém tem tantas tatuagens B12 na pele se não tiver uns amigos errados.

— Passou os nomes com Henry Almont ou Crystal McCall no Centro da Juventude, em Foothill?

— Sim. Também mostrei a foto dele. Ninguém o reconheceu. — Ela pensou por um momento. — Ainda que ele não tivesse nada a ver com a história, Oliver e eu concordamos que ele é assustador. Sua calma... como se fosse capaz de atirar em alguém enquanto ouve músicas no iPod.

— Confio em sua intuição. — A voz dele falhou.

— Ainda está aí, Pete?

— Estou aqui. — Decker bateu na própria testa. — Estou tão envolvido na questão de Rina que tenho ignorado o óbvio. O nome do garoto é Esteban *Cruz*?

— Se a identidade não for falsa, é.

— A avó de Alejandro Brand era Cruz.

Marge se endireitou na cadeira.

— Um primo?

— Ele se parece com Brand?

— Não sei. Nunca vi Brand.

— Brand estava falando de Harriman... dizendo que ele é um idiota que queria pegá-lo. E se ele contratou um parente para fazer isso por ele?

— Por que Brand pensaria que Harriman o identificou? O cara é cego.

— Brand não sabe disso, e eu não o corrijo. Pensei que ele se sentiria mais motivado a falar sobre os assassinatos dos Kaffey se pensássemos que temos uma testemunha contra ele.

— Tudo bem. Qual é o próximo passo? — perguntou Marge.

— Boa pergunta. — O cérebro de Decker estava tomado por ideias.
— Primeiro, eu queria alguém na casa de meus sogros em período integral.

— Já está feito.

— Em segundo lugar, deixe alguém de olho em Harriman o dia todo até descobrirmos quem é Esteban Cruz.

— Também já foi providenciado.

— Em terceiro lugar, vamos ver se existe conexão entre Esteban e Alejandro.

— Feito — disse Marge.

— Quero uma atualização a respeito do que está acontecendo aí.

— Gil e Resseur ainda estão desaparecidos. Pratt e Messing estão atrás deles. Oliver investigou Sean Kaffey. Parece ser o mais esperto de todos. É um sócio minoritário em uma empresa de advocacia importante, ganhando muito dinheiro. Não parece um bom candidato a El Patrón. Mas o pai dele é um cara esquisito. Voltou para o leste num jato particular e já está de volta trabalhando no escritório como um camelo, de acordo com a secretária dele. Ela disse que ele ligaria quando pudesse.

— É possível que ele tenha levado Gil e Resseur? — perguntou Decker.

— Posso tentar localizar a empresa de jatos que o levou para casa. Veja se eles permitirão que eu veja o manifesto on-line para saber quem está nele.

— Faça o melhor que puder. Pode também ligar para Cindy para ver se ela está bem?

— Liguei para ela hoje cedo. Ela está bem. — Marge trocou o telefone de orelha. — O que está acontecendo aí com Rondo Martin?

— Estou esperando na frente da UTI. Ele saiu da cirurgia há uma hora. Espero que ele consiga falar um pouco.

— Isso seria ótimo. Quer dizer, como sabemos que Martin está dizendo a verdade?

Decker fez uma pausa.

— Como assim?

— Martin diz ser inocente, assim como Denny Orlando. Mas ele pode ter alguma participação.

— Ele está péssimo. Por que você acha que ele estaria envolvido nos assassinatos?

— Não é o que acho. É o que Harriman disse em depoimento. Estou com o relato na minha frente. Ele menciona Martin algumas vezes... disse que Martin estava muito puto com José por ter ficado sem munição.

Decker trocou o telefone de orelha.

— Bom.

— Talvez Martin estivesse culpando Pine por ter errado. Talvez Pine tenha ficado muito puto e atirado em Martin. Talvez seja por isso que Joe não teve munição suficiente para acabar com Kaffey. O fato de Martin ter sido baleado não quer dizer que ele não estivesse envolvido.

— Verdade — disse Decker, bufando.

A enfermeira espiou pela porta da UTI.

— O sr. Martin acordou. Por favor, seja rápido.

— Muito obrigado — falou Decker. Ao telefone, ele disse: — Martin está consciente. Preciso ir.

— Boa sorte.

— Fique de olho na delegacia para mim. Brubeck e eu ficaremos aqui durante um tempo. Não vamos a lugar nenhum enquanto não tivermos umas respostas.

Embora Martin estivesse com um cheiro bem melhor, parecia bem pior. Tubos o alimentavam, medicavam e forneciam mais oxigênio para seus pulmões. Máquinas monitoravam sua frequência cardíaca e sua respiração. As áreas infectadas tinham sido limpas, mas o tempo passado sem cuidados havia causado danos. Rondo não estava bem ainda, e Decker agiu como se aquela fosse sua única chance.

Martin o reconheceu e assentiu para ele. Era o máximo que conseguia fazer.

— Você é um cara forte, Rondo. Está em boas mãos agora. Vai ficar bem. — Não houve resposta. Mas os olhos ainda estavam abertos. — Vou ficar de olho em você até conseguirmos algo permanente. Brubeck e eu. Vamos nos revezar e cuidar de você pessoalmente.

Mais um movimento de cabeça.

— Você se importa se eu falar um pouco? — perguntou Decker. — Vou contar o que está acontecendo pelo meu ponto de vista. Se eu errar, pode me corrigir. Vou devagar, está bem?

Um meneio de cabeça.

Decker falou pouco. Gil Kaffey havia sobrevivido. Ouviu os assassinos falando espanhol, mas é só o que se lembra. Mais tarde, por pura coincidência, alguém ouviu dois homens conversando sobre o caso. Um deles parecia ter informações mais aprofundadas. Esse homem era Alejandro Brand.

— O nome é familiar? — perguntou Decker.

Martin fechou os olhos e os abriu de novo.

Decker pensou ter detectado uma resposta negativa.

— Isso foi um não?

Ele meneou a cabeça.

— Pode ser também que ele use o nome Alejandro Cruz. E esse nome? É familiar? — perguntou Decker.

— Não... — sussurrou ele.

— Certo, você não conhece Alejandro Brand nem Alejandro Cruz. O cara é um membro da gangue Bodega 12th Street. Joe Pine também era. Você sabia disso?

Ele meneou a cabeça.

— Sabia que Joe era ex-membro de gangue?

Ele assentiu.

— Sabia que Guy Kaffey contratou outros ex-membros de gangues, que estavam supostamente reabilitados, para serem seus seguranças?

Ele afirmou.

— Acho que isso é loucura.

Martin murmurou algo. Decker se inclinou para a frente.

— Poucos...

— Poucos o quê?

A resposta demorou.

— Poucos membros...

Decker juntou as peças.

— Havia poucos membros da gangue no grupo?

Ele assentiu.

— Encontramos vários com acusações. — Decker conferiu as anotações. — Este aqui, Ernesto Sanchez, também foi membro da Bodega 12th. Ele tinha sido preso e cumpriu pena por dois crimes. Você o conhecia?

Ele assentiu.

— Rondo... se você fechar os olhos... e pensar nas outras pessoas que invadiram a casa dos Kaffey... feche os olhos e imagine.

Ele cooperou, fazendo uma careta quando uma visão lhe ocorreu.

— Algum desses homens da cena poderia ser Ernesto Sanchez?

Ele negou. Isso fazia sentido porque Sanchez estava num bar. Messing havia conversado com diversas pessoas que se lembravam de tê-lo visto. Até agora, Martin parecia dizer a verdade.

A mulher de avental entrou. Parou e cruzou os braços. Seu crachá a identificava como Chris Bellows, médica cirurgiã de plantão. Seus olhos eram espertos e pareciam irritados, mas ela sorriu brevemente.

— O senhor precisa encerrar isso. Está na hora de o sr. Martin tomar os remédios. Ele precisa dormir.

— Mais cinco minutos?

— Que tal um? — No rosto dela, ficou claro que ela não negociaria. Olhou para o relógio. — Começando agora.

Decker suspirou.

— Certo. Vou fazer o seguinte, Rondo. Vou ler uma lista dos guardas que trabalhavam para os Kaffey e você me diz, assentindo, se eu deveria investigá-los.

Ele assentiu.

— Há cerca de vinte e dois nomes. Terei que falar meio rápido porque preciso sair logo.

— Trinta segundos — disse a médica.

— Lerei em ordem alfabética — falou Decker.

Ele assentiu.

— Dug Allen.

Nada.

— Curt Armstrong.

Nenhuma resposta.

— Javier Beltran.

Nada de Martin.

— O tempo acabou.

— Por favor. Ele só está assentindo. E Francisco Cortez?

Martin não reagiu.

— Além de estressar o paciente, está estressando a mim. Tchau, detetive.

— Quando posso voltar?

— Amanhã, se ele estiver melhor.

Não havia motivos para impor sua autoridade. Quase tinha levado um tiro com essa abordagem, naquela manhã. Quando Decker começou a guardar suas anotações, ele observou o próximo nome da lista. De repente, seu cérebro agiu.

Decker disse o último nome em voz alta.

Os olhos de Martin se arregalaram. A pressão arterial aumentou e as máquinas começaram a apitar.

A médica olhou para ele.

— Saia agora!

— Estou indo — disse Decker.

Mas estava sorrindo.
Encontrara o elo perdido.

O Distrito Escolar Unificado de Los Angeles era um dinossauro. De um lado, ficavam as regiões mais abastadas — Bel Air, Holmby Hills, Westwood, Encino e Pacific Palisades —, e do outro lado, as escolas menos dotadas de East Los Angeles, South Los Angeles e as partes mais pobres de San Fernando Valley. Pacoima estava do segundo lado.

— O índice de evasão provavelmente é mais alto do que o de graduação — disse a orientadora. Seu nome era Carmen Montenegro, uma mulher de trinta e poucos anos com pele morena, olhos castanhos amendoados e uma boca larga com lábios cobertos por batom vermelho bem forte. Usava uma camisa vermelha por baixo do terninho preto sem meia-calça. — Fazemos o melhor que podemos com o que temos, que não é muito.

Marge e Oliver acompanharam Carmen enquanto ela atravessava um corredor pontuado por armários, batendo os saltos no piso amarelado. As aulas tinham terminado meia hora antes, mas os alunos ainda estavam por ali com mochilas pesadas sobre os ombros curvados. Os adolescentes usavam jeans largos ou blusas de moletom, no caso dos meninos, e jeans, moletom ou saias curtas, no caso das meninas.

Carmen entrou à direita na sala de matrícula, empurrando uma porta que quase acertou Marge. Seu escritório era minúsculo e dava vista para o estacionamento da escola. Um computador estava cercado por pilhas de papéis sobre a mesa dela com mais pilhas pelo chão. Estantes lotadas cobriam duas das paredes.

— Desculpe a bagunça. — A administradora começou a procurar em meio aos anuários. Pegou um deles.

— Este é de dois anos atrás. Ele era do primeiro ano, certo?

— Isso — disse Oliver.

— Esteban Cruz... Esteban Cruz... Esteban... Aqui está. — Ela mostrou a foto a Marge. — Parece a foto que você me mostrou.

— Ele não mudou muito — disse Marge.

— É, ele tem um porte pequeno. Quer uma cópia da foto?

— Sim, ajudaria.

— Espere. — Ela passou por eles e voltou alguns momentos depois com dez cópias. — Aqui está. Mais alguma coisa?

— Você se importaria se eu olhasse o livro para ver se ele se envolvia em alguma atividade? — perguntou Marge.

— Claro, fique à vontade. — Carmen entregou o livro a ela.

— Sente-se a minha mesa. Fica mais fácil folhear. — A administradora olhou para o rosto de Oliver. Ela abriu um breve sorriso. — Provavelmente, ele não se envolvia em muita coisa. Os alunos que abandonam os estudos só vinham aqui para passar o tempo.

Oliver olhou para as mãos delas. Não havia aliança de casamento.

— Tem alguma lembrança dele?

Ela olhou para a foto de novo.

— São muitos alunos entrando e saindo. Não me lembro dele como sendo problemático.

— Ele disse que gosta muito de ler — disse Marge. — Tem um histórico das notas dele, e dos professores?

— Posso conseguir as duas coisas, mas preciso de meu computador.

Marge se levantou segurando o anuário. Ela o mostrou a Oliver, e os dois analisaram as páginas enquanto Carmen pesquisava.

— Esteban Cruz. Aqui está. Ele estava indo. Cs, alguns Bs, até. Tirou um A em inglês. O professor dele era Jake Tibbets. Querem que eu veja se ele ainda está por aqui?

— Seria ótimo — disse Oliver.

Mais uma vez, Carmen sorriu brevemente para ele.

— Não saiam, já volto.

Assim que ela saiu da sala, Marge disse:

— Ela tem muita energia.

— Não há nada de errado nisso.

— E estava de olho em você. — Quando Oliver abriu para ela um sorriso, ela o cutucou nas costelas. — Desde quando você anda sendo discreto?

— Estou tentando ser menos óbvio. Então, faça-me um favor. Peça um cartão com o telefone dela — para o caso de precisarmos falar com ela de novo.

— Se eu pedir o cartão, ela vai achar que você não está interessado.

— Então, você acha que eu devo pedir o cartão?

— Sim... shh... ela está vindo.

Carmen voltou com um sorriso.

— Ele está na sala dos professores e ficará feliz em conversar com vocês sobre Esteban.

— Obrigada — disse Marge. — Sra. Montenegro, também estou curiosa com os outros dois homens: Alejandro Brand, que teria cerca de 19 anos, e José Pinon ou talvez, Joe Pine. Ele tem vinte e poucos. Sabe se eles estudaram aqui?

— Posso conferir para vocês... — Ela apertou alguns botões e tocou no monitor. — Uau! Brand estudou aqui, e era um aluno problemático: andava com os membros da Bodega 12th Street. Recebeu muitas suspensões até ser expulso, quatro anos atrás. O professor Tibbets também deu aula para ele. Não foi uma história de sucesso. Qual era o outro nome?

— José Pinon — disse Marge.

— Uh... Pinon, Pinon.... Tenho uma Maria Pinon que estava na série de Brand. Provavelmente uma irmã, então...

Clique, clique, clique.

— Hum, ele completou o nono ano... na verdade, repetiu o nono ano, e aí, saiu.

— Ele era problemático?

— Hum... não muito. — Ela olhou para a frente. — Um desistente normal.

— Membro de gangue? — perguntou Marge.

— Todos eles são. — Ela ficou de pé. — Vamos para a sala... que não tem nome. É uma sala com mobília usada e cafeteira. Acho que alguém trouxe donuts hoje. Eles provavelmente já estão murchos, mas se vocês precisam de um pouco de açúcar, eles ainda dão conta.

Com sessenta anos ou mais, Jake Tibbets era alto e magro. Os cabelos eram grisalhos, tinha pés de galinha profundos nos cantos dos olhos e uma papada flácida. Os olhos eram escuros e brilhavam. Usava uma blusa amarela de caxemira, calça preta e sapatos ortopédicos. Estava sentado em um futon, bebendo um líquido quente, e as veias de suas mãos eram azuis e densas.

Carmen fez rápidas apresentações.

A voz de Tibbets tinha um timbre moderado e parecia jovem.

— Sentem-se. Querem chá?

Os detetives recusaram. Fazia 32 graus do lado de fora e o ar condicionado da escola não estava funcionando muito bem.

— Então, vocês querem saber sobre Esteban Cruz. — Tibbets bebericou o chá. — O que o garoto fez agora?

— Não sabemos se ele fez alguma coisa — disse Marge. Puxou uma cadeira bamba, deixando Carmen e Oliver no sofá. — Estamos apenas reunindo informação. O senhor se lembra dele?

— Claro. Não porque minha memória é ótima. Estou numa fase em que tenho que escrever tudo. Menos Shakespeare. Sei Shakespeare de cor. É o que ensino. Acredite se quiser, mas quando enquadrámos William na modernidade, os alunos se interessam. Assassinato, inveja, ganância e ambição pura. — A voz dele havia ganhado o tom da de um

orador. — Romeu e Julieta é a maior história de amor que já foi escrita, com referências a gangues. O que poderia ser mais moderno?

Os três assentiram.

— Sim, eu me lembro de Esteban Cruz. Garoto esperto. Dei um A para ele. Um A na Pacoima High não é a mesma coisa que um A na Boston Latin, mas significava que ele fazia as tarefas e testes e entregava a lição de casa na data certa — disse Tibbets.

— Então, ele se saía bem com o conteúdo.

— Razoável. Além disso, damos muito crédito a quem aparece para as aulas.

— Então, por que o senhor se lembra dele como sendo um garoto esperto? — perguntou Marge.

— Tudo é relativo — interrompeu Carmen.

— Verdade — disse Tibbets. — Estamos só tentando manter os alunos matriculados. Convencendo os alunos de que se ficarem mais um ou dois anos e fizerem o mínimo de esforço, podem sair daqui com um diploma que dará a eles mais opções. E para os bem inteligentes, há as faculdades comunitárias. Pensei que seria uma opção para Esteban, mas ele saiu há cerca de um ano. Tentei entrar em contato com ele... deixei meu número com a mãe dele.

— Ele retornou a ligação? — perguntou Oliver.

— Não. Meu espanhol não é perfeito, mas consigo me comunicar. Então, acho que ele não recebeu meu recado ou não se interessou pelo que eu tinha a dizer.

— Ele ganhou um A em sua aula — disse Oliver. — Isso deve ter ficado na lembrança.

— Sim. Por isso eu me lembro dele.

— Esse A deve ter dado certo incentivo a ele — disse Marge.

— Se deu, ele nunca disse nada a respeito. Não falava muito. — Bebericou o chá de novo. — Sempre que eu conversava com ele, ele era educado. Só não era muito de conversar. Alguns alunos... se você dá ouvidos, eles falam sem parar. Esteban não era de falar. Como se

tivesse desistido há muito tempo. É a história desta comunidade, meus amigos.

— Ele tem tatuagens de gangue — disse Oliver.

— A região é tomada por membros da gangue Bodega 12th Street. — Ele se virou para Carmen e ela assentiu. — Os garotos fazem tatuagens mesmo que não sejam membros ativos e barra-pesada.

— Eles pagam uma taxa de associação aos líderes da gangue local para poder usar os símbolos — disse Carmen. — Assim, recebem proteção... não contra outras gangues, mas contra membros da Bodega 12th Street. Se os garotos menores tiverem as tatuagens certas e se pagarem sua associação, os maiores não os perturbam muito.

— Claro que assim que se tem uma arma, o tamanho não importa muito — falou Tibbets.

— Só nesta região, temos três gangues Bodega 12th diferentes, cada uma com suas regras. Isso quer dizer que três líderes respondem a um membro que responde a outro membro. Não sei quem é o chefe. Muda o tempo todo porque os líderes são baleados e mortos, com frequência — argumentou Carmen.

— Assim como os membros comuns — disse Tibbets. — Mas a coisa toda acontece bem porque é muito fácil encontrar drogas. Toda esquina é um ponto.

— O senhor se lembra de algum amigo de Esteban? — perguntou Marge.

— Não... — Ele balançou a cabeça. — Mas ele é um Cruz. É uma família grande.

— Cruz não é um sobrenome hispânico comum? — perguntou Oliver.

— Sim, é — respondeu Carmen —, mas aqui, todos eles parecem ter um grau de parentesco.

— Interessante — disse Marge. — Queremos saber sobre Alejandro Brand. A avó dele tinha o sobrenome Cruz. Os dois são parentes?

— Alejandro Brand. — Tibbets sorriu. — Ele já está preso? Já deveria estar.

— No momento, está atrás das grades — disse Marge.

— Por qual motivo? Drogas? Agressão? Assassinato? Todos os motivos?

— Parece que o senhor teve experiências desagradáveis com Brand.

— Sim, todas negativas. Se ele for suspeito de alguma coisa, provavelmente é culpado.

Oliver sorriu.

— O senhor sabe se Cruz e Brand são parentes?

— Não por temperamento, mas se Brand tem sobrenome Cruz, ele e Esteban compartilham algum ponto em comum de parentesco.

— O senhor se lembra se eles conversavam ou andavam juntos? — perguntou Marge.

— Acho que Alejandro não estudava mais aqui quando Esteban chegou. — O professor franziu o cenho. — Esteban era retraído. Não dava para saber o que ele pensava. Não dava para saber o que sentia. Os olhos dele eram inexpressivos. Um corpo sem alma.

— Seria um zumbi — disse Oliver.

— Não diria que Esteban era um zumbi — disse Tibbets. — Mas se tinha emoções, se tinha esperanças, sonhos ou aspirações, tinha grande habilidade em não demonstrá-los.

Ele não parava de bater a palma da mão direita na testa. Decker sentiu que não havia nada ali dentro que pudesse ser danificado. Não podia usar o celular dentro do hospital, e demoraria duas horas até Brubeck substituí-lo. Levantou-se e foi até a sala das enfermeiras, e a responsável naquele momento era Shari Pettigrew, conforme o nome no crachá. Decker abriu um sorriso jovial à mulher de sessenta e poucos anos.

— Preciso ligar para um de meus detetives.

— Não pode usar o celular dentro do hospital.

— Sei disso. Por isso estou falando com a senhora. Não posso sair da UTI agora. Posso usar seu telefone? Não vou demorar.

Shari pegou o telefone.

— Número?

Decker ditou os números, e ela entregou o aparelho a ele.

— Willy, preciso que você venha aqui agora. Preciso dar uns telefonemas e não posso fazer isso e ficar de olho na UTI ao mesmo tempo... Obrigado. Tchau. — Ele devolveu o telefone. — Muito obrigado.

— Por que está observando a UTI?

Mais uma vez, Decker sorriu.

— A senhora ouve a conversa dos outros?

— Você estava do meu lado. Por que está de olho na UTI? É porque alguém tentou matar o delegado?

— Como soube?

Ela revirou os olhos.

— Percebo que você nunca morou numa cidade pequena.

— Gainesville, Flórida.

— Isso é Nova York comparado a Ponceville. Estamos todos preocupados com um de nossos moradores. — Ela olhou para baixo. — Espero que ele sobreviva.

— A senhora era íntima do delegado?

— Não exatamente, mas bebíamos no mesmo lugar... no Watering Hole. Não há muitos bares por aqui, então acabamos encontrando as mesmas pessoas. Rondo era muito calado, mas parecia ser um bom rapaz. — Ela riu. — Bons... maus, que coisa. Na maior parte do tempo, são pessoas agindo como tal.

Ao telefone, Marge disse:

— Pare de se perturbar. Fizemos a ligação dos Cruz há duas horas.

— Martin Cruces estava bem a nossa frente.

— Faz sentido *agora*, mas só porque encontramos Rondo Martin perto da morte e o colocamos no fim da lista de suspeitos — afirmou Marge. — Martin Cruces foi analisado e dispensado.

— Qual foi o álibi dele?

— Oliver está folheando o arquivo. Converse com Brubeck e Messing. Foram eles que o liberaram. Fizemos uma pesquisa. Ele não tem registros. Tem vinte e poucos anos — mais velho do que Brand e Esteban, não exatamente com a idade para uma gangue. Pode ser que não tenha nada que ver com isso.

— Ele é da Bodega 12th? — perguntou Decker.

— Não sei.

— Veja se Neptune Brady tem as impressões digitais dele. Normalmente, eles fazem algo assim antes de os guardas serem contratados.

— Se não fez isso por Joe Pine, provavelmente não fez por Cruces, mas vou conferir, de qualquer modo. Espere. Scott está ligando.

— Certo — disse Oliver. — A história é esta. Messing e Brubeck o liberaram. Na noite dos assassinatos, ele estava em um bar da região, Ernie's El Matador. Costuma frequentar o local uma ou três vezes por semana, normalmente depois do jantar. O garçom, Julio Davis, confirmou que Cruces entrou perto das nove, bebeu cerveja e conversou com os clientes.

— Até que horas ele ficou?

— Até fechar: duas da madrugada. Isso provavelmente o deixa de fora. Messing também disse que Cruces colaborou com as investigações.

— Eu sei, mas você sabe como é. Você se concentra no óbvio — disse Oliver. — Conversei agora com o pessoal do laboratório. Ainda não há amostras compatíveis, mas nem todo o material biológico voltou. Vamos voltar ao bar e falar com Davis novamente.

— Ótimo. Além disso, traga Cruces de novo. Diga que são perguntas de rotina.

— Entendido. — O que souberam sobre Esteban Cruz? — perguntou Decker.

— Não era de falar muito, mas não causava problemas. Descobrimos que a maioria dos Cruz da área tem algum grau de parentesco, então pode ser que Brand e Esteban sejam parentes. Não sei onde Martin Cruces fica nessa. Talvez a família Cruz seja diferente da família Cruces. Liguei para a orientadora na Pacoima High para saber se algum Cruces estudou lá.

— E?

— Ela está checando. Se houve, foi cerca de sete anos antes de Alejandro Brand. Também pedi para ela analisar mais Joe Pine, que era José Pinon. Ela disse que podia puxar todos os registros escritos, mas que vai demorar um pouco. Vamos nos encontrar mais tarde, e ela vai me entregar o que tiver sobre ele.

— Isso seria resolvido com um telefonema. Por que vai encontrá-la pessoalmente? — Silêncio na linha. — Quantos anos ela tem?

— Não sei... — Oliver sorriu. — Acho que uns 35.

— Hum. Vocês vão jantar?

— Não tenho tido tempo para comer, Loo. E já que Marge e eu vamos ao Ernie's El Matador para falar com o garçom, vou ficar faminto. — Oliver sorriu. — Se fôssemos jantar, seria uma reunião de negócios.

— E isso quer dizer que quem vai pagar a conta é o departamento?

— Você sabe como são as coisas com as fontes. Quando encontramos uma boa, Rabino, nós a tratamos bem.

O primeiro passo era localizar Martin Cruces.

Aparentemente, o ex-guarda se sentiu à vontade o bastante para ficar na cidade — e por que não? O assunto principal passou a ser o desaparecimento “estranho” de Gil Kaffey e Antoine Resseur, logo não havia motivos para ele pensar que a polícia estava perto de uma solução. Decker havia dado a Messing e a Pratt a tarefa de levantar as atividades de Cruces, que incluía passar na casa dele e com os amigos da B12.

Cruces era mais velho do que a maioria do clã Bodega — tinha vinte e poucos anos e parecia ser respeitado. Parecia estar constantemente em alerta, e Messing e Pratt tinham que manter distância suficiente entre os membros da gangue e o carro, para que não fossem descobertos.

O segundo passo era encontrar evidências forenses que colocassem Cruces na cena do crime. Ele havia dado uma amostra de DNA, mas como a prova genética era algo caro e ele havia sido liberado, inicialmente, seu material não tinha sido enviado ao laboratório. Isso foi retificado uma hora antes, mas demoraria semanas para que os resultados saíssem.

As impressões digitais de Cruces não estavam no arquivo quando Messing fez a pesquisa na central. Lee Wang foi a Foothill e perguntou a respeito das atividades dele na adolescência. As delinquências juvenis tinham sido arquivadas, então Wang organizou a papelada para liberar os registros de Martin Cruces e José Pinon. Dezenas de impressões

digitais tinham sido retiradas da central de registros e se Wang conseguisse pelo menos um cartão de impressões digitais, talvez elas tivessem algo que os ligassem à cena do crime. Com evidência e com o relato de testemunha de Rondo Martin, Wang tinha certeza de que a polícia conseguiria encontrar Joe Pine.

O terceiro passo era esclarecer a informação dada por Rondo Martin, que no momento estava em coma induzido. Seus olhos tinham se arregalado ao ouvir o nome de Cruces, mas os detalhes ainda tinham que ser entendidos. Talvez ele pudesse oferecer alguma informação crucial. O último passo era derrubar o álibi de Cruces, o que daria aos policiais uma desculpa para levá-lo a interrogatório de novo.

Às três da tarde, Ernie's El Matador estava aberto. A salsa ressoava dos alto-falantes, e um jogo de futebol acontecia na tela sem som presa à parede acima do relógio neon. Havia cinco clientes e mais dois jogando sinuca. O lugar estava escuro. Marge não conseguia ver bem o bastante para evitar as poças grudentas no chão.

Oliver foi o primeiro a mostrar a identificação, apesar de não ser necessário. Ele e Marge se destacaram assim que entraram. Ninguém mais vestia jaqueta e calça de linho ali. A roupa mais comum era calça jeans, camiseta e tênis. O lugar estava quente, quase desconfortável.

O garçom tinha aproximadamente trinta anos, tinha olhos castanhos, pele morena e cabelos pretos penteados para trás. Tinha um corpo forte com bíceps e mãos grandes. Olhou para a identificação de Oliver, com olhos que tentavam parecer desinteressados.

— Como você vai? — perguntou Oliver.

O musculoso deu de ombros.

— Nada do que reclamar.

— Sou o detetive Scott Oliver e esta é minha parceira, a detetive sargento Marge Dunn. Estamos à procura de Julio Davis.

— Ele não está aqui. — Ele pegou um trapo e começou a limpar o balcão.

— Qual é seu nome? — perguntou Marge.

— *Meu* nome?

— Sim, seu nome. — Marge observou o rosto do homem — marcado por rugas e cicatrizes de um ferimento feito à faca.

— Sam Truillo. — Ele parou de limpar o balcão. Seu inglês não tinha sotaque. — O que querem com Julio?

— Só conversar com ele — disse Oliver.

— Ele trabalha aqui, não é? — perguntou Marge.

Um cliente grisalho no canto pediu algo em espanhol ao atendente. Truillo tirou a tampa de uma cerveja, enfiou um pedaço de limão no gargalo e colocou a garrafa na frente do homem sobre um guardanapo.

— Não vejo o Julio há mais de uma semana.

— Aconteceu alguma coisa com ele?

— Não sei. O chefe me mandou ligar para ele, mas o celular estava fora de área.

— Não me parece promissor — disse Marge. — O que você fez depois disso?

— Nada. Ele não quis trabalhar, então não é da minha conta.

— Há quanto tempo ele trabalha aqui? — perguntou Oliver.

— Quatro... talvez cinco meses.

— Há quanto tempo você trabalha aqui?

— Um ano. — Truillo deu de ombros. — Já acabamos?

— E trabalha aqui em tempo integral? — Marge sorriu de novo. — Você parece frequentar bastante a academia.

Pela primeira vez, o bartender sorriu.

— Aqui paga melhor.

— Então, você trabalha numa academia — disse Marge. — Sou detetive ou o quê?

— Trabalho como personal trainer, mas as coisas estão apertadas agora. Perdi alguns clientes e a academia perdeu matrículas. O chefe pretendia diminuir as horas de trabalho, mas então me disse que eu

poderia trabalhar meio período aqui para compensar meu corte no salário.

Outro cliente falou. Truillo colocou uma dose de tequila na frente dele.

— Estou sempre procurando uma boa academia — disse Marge. — Onde você trabalha?

— Não é o tipo de academia para você — disse Truillo. — Não tem um cheiro muito bom.

Marge sorriu.

— Nem meu trabalho.

— Seu chefe é dono da academia e do bar? — perguntou Oliver.

— Talvez. — Truillo estreitou os olhos. — O que quer com Julio?

— Sabe onde ele mora? — Seu chefe pediu para você encontrá-lo e você não sabe onde ele mora? — perguntou Oliver.

— Meu chefe pediu para eu ligar para ele, não para encontrá-lo. E ele não era meu amigo, então por que saberia onde ele morava? — Sua expressão ficou séria. — Mais alguma coisa?

Marge pegou um cartão e o deslizou sobre o balcão.

— Se ele vier aqui, pode me ligar?

Truillo pegou o cartão e o enfiou no bolso.

— Se eu me lembrar.

— Espero que se lembre. A propósito, quem é o chefe?

Truillo estreitou os olhos.

— Darei a ele seu cartão. Se ele quiser conversar com vocês, vai ligar.

Marge deu de ombros.

— Ei, talvez eu vá na sua academia.

— Não contei onde trabalho.

— Não mesmo, certo? — Ela piscou. — Vai me fazer descobrir ou vai me contar?

— Vamos ver se você é boa detetive.

— Claro. Obrigada por sua ajuda.

— Não ajudei em nada.

— Isso não é totalmente verdade — disse Marge. — Você nunca sabe o que pode ser útil. — Ela se virou a Oliver. — Vamos.

Quando estavam no carro, Oliver disse:

— Você está com aquele olhar, Dunn.

— Você notou que Truillo disse que não sabia onde Julio *morava...* no passado?

— Não notei, não. Você acha que ele está morto?

— Acho que ele não está por aqui. Vamos ao centro. — Ela olhou para o relógio. — Precisamos nos mexer, Scotty.

— Por que tanta pressa?

— Os escritórios fecham às cinco. Que ruim. Eu queria uma dose de cafeína, mas acho que terei que esperar.

— Você não vai encontrar um Starbucks por aqui, de qualquer modo.

— Na verdade, prefiro o café do McDonald's, mas não quero perder tempo.

— E repito: para que tanta pressa?

— Ele não quer me contar quem é o dono do bar. Quero conferir os alvarás de funcionamento.

— Aha. — Oliver olhou no relógio. Quase quatro da tarde. — Isso não pode ser feito on-line?

— Acho que podemos descobrir quem é o dono do lugar pela internet, mas não necessariamente o dono do negócio.

— Dá para pegar o nome de empresários pela internet?

— Não sei. E está ficando tarde. É por isso que acho mais simples irmos ao centro.

— Então, vamos esperar até amanhã.

— Scotty — disse Marge —, Truillo ficou se referindo ao dono do bar como chefe... o que por si só não quer dizer muita coisa... só que... sei lá, talvez eu só esteja divagando, mas El Patrón significa “o chefe” em espanhol, certo?

Oliver não respondeu. Ao entrar na rampa da pista 5, ele colocou a luz magnética em cima do carro e ligou a sirene. Naquele trânsito, era

a única maneira de chegarem antes que o local se fechasse.

Ao telefone, Marge disse:

— Chamar seu chefe de “o chefe” não quer dizer nada, mas como Julio não está por aqui agora, pensei que não seria ruim saber quem é o dono do bar. No mínimo, poderíamos ligar para ele e perguntar sobre Julio Davis.

— Você tem o endereço de Davis?

— Wanda está cuidando disso. Lee ainda está cuidando da papelada para levantar a ficha de Cruces e de Pinon. Se não conseguirmos acesso ao arquivo todo, esperamos que um juiz permita que olhemos e peguemos as impressões. Temos Marvin Oldham para fazer comparações. Se tivermos uma compatibilidade, vamos pegar Cruces na hora.

— E Messing e Pratt ainda estão com eles à vista?

— Sem dúvida.

— E minha esposa?

— Colocamos uma viatura atrás de Rina e outra com Harriman. Estamos de olho em Esteban Cruz. Nenhuma atividade.

— Que bom. Alguma coisa sobre Gil Kaffey ou Antoine Resseur?

— Não. — Marge olhou para o relógio. Eles estavam presos num trânsito horroroso e até mesmo com a sirene, o avanço era lento. — Se descobrirmos algo interessante, ligo para você. Oliver vai encontrar Carmen Montenegro no jantar. Talvez os registros escolares de Pinon nos indiquem alguma coisa. Ela também está conferindo para ver se Martin Cruces estudou na mesma escola. Se o centro não der nada, tenho um pouco de tempo. O que você precisa de mim?

— Nosso foco principal é Cruces. Se tivermos sorte e conseguirmos relacionar as impressões na cena, vamos prendê-lo. Ele terá que ser interrogado. Quer fazer isso?

— Claro.

— Cuide de todos, Marge; Harriman, Martin Cruces, Esteban Cruz e Alejandro Brand, ele é perigoso. Precisa ficar na cadeia.

— Ele não vai a lugar algum.

— Espere um pouco, Marge. — Decker colocou a mão sobre o bocal. A enfermeira do andar, a mesma mulher de sessenta e poucos anos que havia emprestado o telefone a ele, disse que Rondo Martin estava acordado e queria conversar com ele.

— Não o canse muito. Caso contrário, a médica vai fazer um inferno na nossa cabeça.

— Prometo. Obrigado. — A Marge, ele disse: — Preciso ir. Martin acordou. Me conte o que acontecer. — Ele desligou, lavou as mãos e entrou na UTI.

Rondo Martin parecia mais acordado e com muita dor. Levantou uma mão com uma agulha presa a seu pulso e conseguiu apontar para uma cadeira ao lado de sua cama. Decker se sentou e quando o ex-delegado mudou de posição para se aproximar um pouco, seu rosto se contorceu. O suor escorria por sua testa.

— Precisa de remédio para a dor, Rondo? — perguntou Decker.

— O Demerol ajuda... mas me derruba. — Um leve sorriso. — Não morri antes... não vou morrer agora.

— Conte-me sobre Martin Cruces.

— Cruces... — Ele assentiu. — Ele estava lá.

— Tem certeza?

Assentiu de novo. Fechou os olhos. Sob as pálpebras, as órbitas moviam-se depressa.

— Foi Denny... ele disse... Denny disse: “Martin”... pensei que ele estivesse falando de mim. — Ele fez uma pausa, tremendo as pálpebras.

— Eu me virei... ele explodiu... o Denny. — Ele abriu os olhos, cansados e vermelhos. — Foi o Cruces. Tenho certeza.

— Os atiradores não estavam usando máscaras?

— Não... o Joe, não... nem o Cruces. Gostaria que estivessem. Vejo aquelas caras feias sempre que fecho os olhos.

— E você tem certeza de que foi Cruces quem atirou em Denny Orlando?

De novo, ele fechou os olhos.

— Eu... não sei quem atirou... — Uma pausa, e então, ele abriu os olhos. — Mas Cruces estava lá. — Ele se endireitou, mas ainda sentia dor.

— Isso faria sentido — disse Decker. — Alguém ouviu um membro de gangue falar sobre o assassinato. Ele mencionou Joe Pine, chamando-o de José Pinon, e disse que ele ficou sem munição, que não matou Gil Kaffey. Disse que Martin ficou puto. Logicamente, pensei que ele estivesse se referindo a você, já que você estava desaparecido.

— Quem é o cara? — perguntou Martin.

— O cara chamado Alejandro Brand. A avó dele se chama Cruz, então pode ser que ele seja parente de Cruces. Tem certeza de que não o conhece?

Martin balançou a cabeça negando.

— Brand é um membro da Bodega 12th Street. Pine também. Achamos que Cruces também é. Não consigo entender por que Guy contrataria capangas para proteger a ele e sua propriedade.

— Guy... ele queria... retribuir.

— Contratando capangas?

— Ele contratava todos os tipos... como Paco... para retribuir.

— Foi assim que Ana conseguiu o emprego?

Ele assentiu.

— E como você conseguiu o emprego com Kaffey através de Ana?

Ele balançou a cabeça para negar.

— Através de Paco.

— Conheceu Paco antes de Ana?

— Não. Conheci Ana aqui... em Ponceville. Ela me contou sobre... seu tio. Ele trabalhava em Los Angeles e conseguiu para ela um trabalho de empregada. Ela trabalhava nos campos antes... subemprego. Eu disse que ela deveria aceitar. Ele respirou fundo e

quando soltou o ar, fez uma careta. — Difícil conseguir emprego em condição de ilegalidade. — Fez uma careta. — Mais tarde, Paco me colocou em contato com Neptune Brady... para que Ana e eu pudéssemos trabalhar juntos... ninguém sabia sobre nós. Não queria que Brady descobrisse... porque Ana seria deportada.

— Compreendo.

— Guy quis retribuir. E foi pego de jeito.

— Neptune Brady disse que Guy contratava esses caras porque eram baratos.

Ele pensou.

— Talvez por isso também.

— Então, não conhece Alejandro Brand?

— Não.

— E Esteban Cruz?

— Outro Cruz? Como ele é?

Decker tentou se lembrar da descrição de Marge.

— Um moleque magro de uns 17 anos.

Martin pensou.

— Não... não me parece familiar.

— Joe Pine era jovem.

— Vinte e poucos anos... não 17.

— E Cruces?

Martin fez uma careta de dor.

— Vinte e poucos também. Não conheço nenhum adolescente.

A enfermeira entrou e deu um sinal de mais cinco minutos.

— Estou esperando proteção para observar a sala. Brubeck, Tim England e eu estamos nos revezando. England também está procurando uns voluntários na cidade, mas solicitei profissionais de Fresno. Willy e eu não sairemos sem termos um esquema, Rondo — disse Decker.

— Que bom, mas tenho meu esquema. — Ele sorriu ao puxar um revólver de baixo do travesseiro. — Sua proteção é boa, mas uma arma

é melhor ainda.

Depois de chegar ao Halls of Records vazio vinte minutos antes de fechar, Marge e Oliver foram de andar a andar até chegarem ao departamento certo quando a porta estava se fechando. Conversaram com Adrianna Whitcomb, uma loira bonita de quarenta anos.

— Não tenho palavras para agradecer — disse Marge à atendente.

Eles estavam conversando na antessala de um órgão público: três janelas de atendimento com divisórias de vidro, uma mesa institucional com folhetos que nunca ninguém lia, e um piso de lajotas verdes e pretas.

— Vocês me pegaram num momento muito bom. — Ela passou a mãos pelas laterais da calça preta. — Tenho um encontro às seis e não tenho nada para fazer até lá. Bem, não é exatamente um encontro. Qual é o endereço do estabelecimento?

Oliver deu a ela o endereço do Ernie's El Matador.

— Onde vocês costumam comer por aqui?

— Esta noite, vamos ao A Thousand Crabes. Minha amiga e eu. Ela é assistente de advogado. — Ela abriu um sorriso malicioso. — Quer ir conosco, detetive? Vocês dois podem ter muito em comum.

Oliver sorriu.

— Adoraria ir com vocês duas, mas tenho uma reunião em Valley. Se quiser me passar seu número, podemos combinar em um outro momento.

— Pode ser que ela não possa.

— Marcamos outra coisa.

— Bem, veremos. — Uma pausa. — Espere aqui. Vou ver o que consigo encontrar.

Ela saiu e a sala ficou em silêncio.

— Você está num dia de sorte — sussurrou Marge.

Oliver sorriu.

— Olha, quando a gente sai atirando para todos os lados, acaba acertando.

Adrianna voltou alguns minutos depois e entregou uma folha impressa a Marge.

— Gostaria que meu trabalho todo fosse fácil desse jeito. Posso fazer mais alguma coisa?

Oliver pegou um cartão de visita.

— Se sentir uma necessidade repentina de entrar em contato com um detetive.

Adrianna o pegou.

— Nunca se sabe.

— E tem um cartão... para o caso de eu ter que entrar em contato de novo?

— Ligue para o escritório — disse ela.

Oliver tentou esconder a decepção.

— Obrigado.

— Ligue para o escritório se quiser falar com alguém do escritório — disse Adrianna com um sorriso torto. — Mas se quiser me ligar, meu celular está no topo da página.

— Rondo disse que Cruces estava na cena do crime — disse Decker ao telefone. — Pegue-o.

— Se acha que está na hora certa, com certeza — disse Marge.

— Como assim?

— Sabemos mesmo se Rondo Martin é confiável? Pode ser que ele esteja envolvido, Pete. Pode ser uma conspiração entre ele, Ana Mendez, Paco e Riley Karns.

— Por que eles conspirariam para assassinar os Kaffey?

— Pelo mesmo motivo que você acha que Cruces e Pine mataram. Alguém pagou para que eles matassem. Estou vendo como a defesa poderia mudar a história. As marcas de sangue retiradas da cena são compatíveis com Rondo Martin, Ana Mendez e Riley Karns. Claro, eles admitem que estiveram na cena, mas em que situação? Se tivéssemos alguma coisa, qualquer coisa, para apoiar a história de Martin, eu aceitaria. Mas como não sabemos, talvez devêssemos esperar até toda a evidência chegar.

— Não quero perder esse cara. A vigilância não é à prova de erros — disse Decker.

— Com certeza você tem razão nisso. Só estou preocupada porque se o prendermos sem as provas forenses, ele vai entrar em alerta e poderemos perdê-lo. Porque não temos nada para mantê-lo além do que Rondo Martin está dizendo. Isso é forte?

— Lee está perto de conseguir os registros juvenis de Cruces?

— Não sei. Vamos voltar para a delegacia agora.

— Certo. Vamos esperar mais 24 horas para conseguir as impressões. Até lá, estarei em casa. Fique de olho em Cruces. Se parecer que ele está agindo de modo evasivo, pegue-o.

— Entendo. Vou pedir ao Messing para cuidar disso.

— Ótimo. O que está acontecendo no Ernie's El Matador?

— O bar é da Baker Corporation.

— Que diabo é isso? E que tipo de empresa tem um bar decadente? Parece mais uma empresa-laranja. Você conferiu se tem alvará de funcionamento?

— Não tivemos tempo para ver. Aposto que Lee poderia fazer esse tipo de pesquisa.

— Mantenha-me informado. E independentemente de qualquer coisa, não perca Cruces.

— Espero que consigamos as impressões digitais. Só estou tentando fazer com que não tenhamos obstáculos.

— Se Cruces der problema, não serão só obstáculos, Margie. Serão muros.

— A Baker Corporation é uma subsidiária das Indústrias Kaffey — disse Wang.

— Não brinca! — Marge abriu e fechou a boca. — Kaffey é dona da Baker?

— Leia você mesma, mas não se anime muito. Tenho certeza de que a Kaffey tem muitos negócios diferentes.

— E entre os negócios está o bar onde Martin Cruces tem o álibi. — Ela folheou as páginas. — Isso faz sentido para você, Lee? Essa indústria Kaffey — uma grande empresa responsável por shoppings em todo o país — se daria ao trabalho de comprar uma porcaria de bar em Van Nuys?

— Alguém comprou o bar usando o dinheiro da Kaffey, ou dinheiro da Baker Corporation.

Marge perguntou:

— A Baker Corporation tem representantes?

— Se tiver alvará, provavelmente não. Vou procurar mais. Ou poderíamos ligar para Grant Kaffey e perguntar a ele.

— Não vou ligar para o Grant. Ele ainda é um dos principais suspeitos.

— Como ele está?

— Voltou para Newport Beach. Não precisamos checar como ele está porque ele liga a cada duas horas para saber de Gil. Se ele realmente é um irmão preocupado, eu o admiro. Se está fingindo ser preocupado, vou dizer uma coisa: é um ator bem ruim.

Carmen Montenegro estava usando uma roupa preta e sensual sem exageros. Passara um pouco de maquiagem e prendera os cabelos em um coque, deixando os cachos emoldurarem as laterais de seu rosto. Ela era o sonho de todo garoto: uma professora que todos queriam

comer. O único sinal de que o jantar seria de negócios era sua bolsa parecida com uma maleta.

Oliver havia escolhido um blazer azul e calça cáqui. Quando eles se aproximaram da mesa, ele puxou a cadeira para ela.

— Você está encantadora.

— Obrigada. — Ela aproximou a cadeira da mesa e pegou o cardápio oferecido por um garçom que se apresentou como Mike. Perguntou se eles queriam uma bebida e os dois escolheram uma taça de vinho tinto da casa.

— Excelente — disse Mike.

Quando ele saiu, Carmen disse:

— É bom me arrumar de vez em quando. Obrigada por me trazer aqui. Eu não conseguiria pagar, se fosse em outra ocasião. Espero que o departamento esteja bancando.

Oliver sorriu.

— Vou mandar um tipo de nota, mas normalmente, o departamento não aprova lugares como este. Estou trazendo você aqui só porque é você.

— Você sabe encantar uma mulher.

Carmen abriu o cardápio e arregalou os olhos.

— Você conferiu esse lugar com antecedência?

— Peça do menu do lado esquerdo — disse Oliver. — O pato é ótimo, mas vou comer o Black Angus. E muito obrigado por ter nos ajudado hoje.

— De nada. Tenho cópias dos arquivos.

Ela abriu a bolsa e espiou ali dentro.

— Espero que consiga ler, porque fiz cópia dos papéis. Muitas dessas coisas foram materiais repassados pela escola de ensino fundamental.

— Quais arquivos você conseguiu?

— Tenho os de Esteban Cruz, Alejandro Brand, Martin Cruces e José Pinon. Espero não ter me esquecido de ninguém.

— Uau. Completo. Muito obrigado. Eles são parentes?

— Todos estudaram na Pacoima High, e todos largaram os estudos.
— Ela fechou a bolsa. — Não são nossas histórias de sucesso, infelizmente.

— Cruces e Pinon eram problemáticos?

— Não sei exatamente, mas os registros deles não indicam que fossem barra-pesada.

— São membros da gangue Bodega 12th Street.

— Isso não quer dizer nada. A escola está lotada de membros da Bodega 12th.

O garçom voltou com o vinho.

— Estão prontos para fazer o pedido?

O sorriso de Carmen parecia engessado.

— Acho que vou pedir o pato.

— Excelente escolha — disse Mike.

— Black Angus, no ponto.

— Excelente — Mike repetiu. — Vocês querem legumes à parte?

Nosso creme de espinafre é excelente.

— Pode ser — disse Oliver.

— Excelente. — Mike pegou os cardápios e saiu.

— Como ex-professora de inglês — disse Carmen de modo seco —, eu diria para ele procurar outros adjetivos no dicionário.

Oliver começou a rir.

— Verdade. Pelo menos, ele é agradável.

— Sim, odeio garçons enxeridos. Eles me deixam nervosa, como se eu não fosse boa o bastante.

— Isso nunca seria verdade.

Carmen olhou para baixo. Os minutos seguintes se passaram com uma conversa leve sobre o objetivo que tinham no campo profissional.

Quando o momento certo apareceu, ele perguntou:

— Carmen, você ficaria ofendida se eu desse uma olhada nos registros?

— Hum, claro que não.

— Por que hesitou?

Ela abriu um sorriso forçado.

— Não sei se deveria ter copiado e entregado os arquivos para você.

— Ah... Eu espero, sem problema.

Carmen passou a bolsa por baixo da mesa.

— Você está aqui por um motivo. Respeito isso. Dê uma olhada, detetive. — Ela se inclinou para a frente e franziu o nariz. — Mas seja discreto.

— É Scott, e obrigado por ser tão tranquila. Devo um jantar a você no qual não falemos sobre negócios.

— Você não me deve nada.

— Então, gostaria de convidá-la para sair de novo.

— Tem certeza? — Ela sorriu. — A noite ainda não terminou.

— Tenho certeza. — Oliver pensou em Adrianna Whitcomb e decidiu que ela teria que esperar. Na idade dele, não conseguia mais lidar com mais de uma por vez. Pegou um dos arquivos da maleta que estava no chão e o colocou no colo. Esteban Cruz; ele folheou as páginas, mas não conseguiu ver as letras porque a luz estava muito fraca.

E então, ele parou de repente.

Carmen perguntou:

— O que foi?

— Nada... nada. — Ele guardou o arquivo e pegou outro. Era de José Pinon. Mais uma vez, folheou as páginas.

— Parece que você viu um fantasma.

— Desculpe. — Ele olhou para a mulher. — Onde conseguiu uma cópia das impressões digitais de José Pinon?

— Veio com os registros dele da escola de ensino fundamental. Temos um programa no qual sempre pegamos as impressões dos alunos no ensino fundamental. Dizemos que é para o caso de sequestro, mas é muito útil para identificar corpos. Ocorrem muitos

tiroteios entre gangues nos quais os corpos são largados sem identificação e...

— Você tem o cartão original de impressões no arquivo ou só as cópias? — Ele percebeu que sua voz estava alterada.

— Temos os originais.

— Com os nomes... como as cópias?

— Sim, senhor.

— Pode me chamar de Scott. Preciso deles, Carmen. Agora. Você tem uma chave do ensino médio?

— Tenho uma chave da escola, mas não sei se posso dar os cartões a você, detetive... Scott. Pode ser que haja problema com invasão de privacidade.

— Sim, tem razão. Vou conseguir um mandado.

Um atendente apareceu para trazer as entradas. Aparentemente, Mike Excelente tinha coisa mais importante para fazer. Carmen sorriu quando o garçom colocou o pato na frente dela.

— Muito obrigada. — A Oliver, ela disse: — Devemos pedir para que embrulhem para viagem?

— Hum... — Oliver olhou para seu bife. — Não. Só vou ligar para minha parceira e pedir para que ela prepare os papéis.

— Tudo bem. Sou boa em comer depressa e sair.

— Dê-me cinco minutos, Carmen, e serei todo seu. — Ele tentou parecer charmoso. — Por favor. Vai demorar um pouco, mesmo, para conseguir a papelada. Por que desperdiçar o jantar?

— Certo. — Ela assentiu. — Vou esperar. Mas se você não for depressa, vou acabar comendo seu prato. Nem sei por que pedi pato.

— Coma o meu. Eu insisto. — Ele se levantou da mesa e saiu. Marge atendeu um instante depois. — Ganhei na loto. Os arquivos da escola têm cartões de impressões digitais de Martin Cruces, José Pinon e Esteban Cruz.

— Caramba! Que incrível! Vou ligar para Oldham para pedir análise das impressões agora.

— Espere, Margie, tem uma coisa. Carmen Montenegro nos deu os arquivos por baixo dos panos. Ela não acha que pode retirá-los da escola. Precisamos de um mandado de busca para chegar aos arquivos originais. Rondo Martin identificou Cruces e Pinon na cena. Essa deve ser a causa provável.

— Imaginei que sim. Scott, não quero causar problemas à moça. Não acha que um juiz vai desconfiar se pedirmos isso às oito da noite?

— Hum... boa ideia. — Oliver estava andando de um lado a outro.
— Não quero esperar até amanhã.

— E se eu disser que Rondo Martin acabou de identificar Cruces e o suspeito está à nossa vista? Que não queremos que ele fuja como Pine fugiu.

— Muito bom, muito bom, mesmo — disse Oliver.

— Assim que você conseguir o mandado, vou encontrar Carmen na escola.

— Onde você está agora?

— Ainda no restaurante. Vamos terminar, e ela vai nos levar para a escola no carro dela. Vai parecer um pouco menos suspeito.

— Então você ainda está com a mulher adorável?

— Adorável, mesmo. E acabou de ficar mais adorável ainda.

— **C**ara! — exclamou Decker ao telefone. — Isso nos economizou horas de trabalho!

— Você não está brincando — disse Oliver. — Marge acabou de receber o mandado, então vamos para Pacoima High. Estamos torcendo para que os cartões de impressões digitais sejam compatíveis com as impressões desconhecidas.

— Tomara. — O celular de Decker tocou indicando uma chamada em espera. — Você colocou o jantar com Montenegro em seu cartão de crédito pessoal, certo?

— Claro. Não deixaria registros de que Carmen fez algo inadequado.

— Exato. Marge está com você?

— Ela vai encontrar Carmen e eu na escola. Carmen foi com o próprio carro.

O telefone de Decker tocou uma segunda vez para avisar sobre a ligação. Ele olhou para a tela. Número desconhecido. *Se não pode mostrar seu número, pode deixar uma mensagem, palhaço.*

— Ligue para mim quando tiver o cartão com as impressões digitais.

— Pode deixar — disse Oliver. — Onde você está agora?

— Na frente do hospital. Willy Brubeck está observando Rondo Martin, mas reforços estão vindo. Você ou Marge descobriram alguma coisa sobre o dono do Ernie's El Matador e da Baker Corporation?

— Marge enviou uma equipe ao bar, para pressionar Sam Truillo a entregar o nome do El Patrón. Acho que Wanda Bontemps e Lee Wang

foram para lá.

— Truillo está cuidando do bar agora?

— Não sei, mas quem quer que esteja deve saber o nome do chefe.

— Se Wanda encontrar qualquer resistência, diga a ela para arrastar o filho da puta.

— Eu não poderia ter dito algo melhor.

Harriman apertou o botão para desligar seu telefone e o conectou ao fio da bateria para recarregar. Deitado na cama vestindo a calça de algodão do pijama que era pesada demais para o clima, ele sentiu o suor descer por seu pescoço e pelas costas. Os dias estavam ficando mais quentes e o ar-condicionado não parecia estar funcionando muito bem. Ele havia ligado o ventilador no máximo, mas ainda assim sentia calor. Podia ser psicológico. Quem não suava quando estava nervoso?

Nos últimos dez minutos, seus ouvidos tinham se apurado... prestando atenção a cada mudança de som. Sons estranhos. Sons que ele não deveria estar ouvindo às onze horas da noite. Os barulhos duravam cerca de dez minutos, e então pareciam sumir.

Exatamente o motivo pelo qual ele não deixou uma mensagem. Ele se sentiu um tolo.

Tome um calmante. Relaxe e leia um livro. Havia quatro deles sobre o criado-mudo. O que diabo ele estava esperando? Porque os sons provavelmente não passavam de imaginação hiperativa. Se não fosse aquele carro na frente da casa da sra. Decker, ele não se importaria com os sons de arranhões.

Você está seguro.

Ele estava mais do que seguro. Pelo amor de Deus, havia uma viatura na frente de sua casa, vigiando sua porta. O que mais uma pessoa poderia querer em termos de segurança?

Mas os sons não vinham da frente da casa. Era uma casa térrea, e havia porta dos fundos. Foi onde ele ouviu os arranhões. Sim, aquela porta tinha três travas, mas ainda assim...

Não era apenas o som das coisas. Também sentia cheiros, como o odor de suor masculino. Além do episódio do garoto no carro estacionado na frente da casa de Decker. Atualmente, parecia que tudo o deixava nervoso.

Então, por que não se dera ao trabalho de deixar um recado ao tenente?

Era fácil responder essa pergunta. Ele se sentia intranquilo com a ansiedade. Fazia com que se lembrasse de sua infância, do tempo em que se sentia um gatinho medroso. Demorou anos para superar o medo de escuro, e de jeito nenhum permitiria que o medo tomasse conta dele de novo.

Pensando em sua juventude, ele se lembrou de como se sentia apavorado sempre que sua mãe soltava sua mão. Ele era pequeno — cinco, seis ou sete anos —, mas velho demais para chorar. Seu pai castigava suas lágrimas; mas o homem acreditava nele. Psicológica e fisicamente, ele o havia levado a seus limites. Aos 12 anos, conseguia usar uma bengala para andar para qualquer lugar.

Sua mente saltava de assunto a assunto.

Quantas vezes tinha tropeçado e caído quando era mais novo?

Em quantas coisas tinha batido?

Quantas vezes sentiu-se como um imbecil ou incapacitado?

As pessoas o tratavam como se fosse subumano?

Mesmo naquele momento, ainda doía pensar nisso.

Seu pai fora grosseiro, mas só porque conhecia o mundo que seu filho tinha que enfrentar sendo uma pessoa cega. Harriman era grato ao pai, mas sempre sentia a presença de dois primatas em suas costas: o macaco da cegueira e o gorila muito maior de seu pai.

Um dos dias de maior orgulho para ele foi no dia em que se reconciliou com o pai, e os dois se tornaram grandes amigos na fase adulta, até o coração do velho explodir.

Harriman pensou em seu pai enquanto continuava atento à possibilidade de algum intruso aparecer. Às vezes, duvidava da própria

sanidade. Ficou feliz por não ter deixado uma mensagem para Decker. Só Deus sabia o que o tenente realmente pensava sobre ele, mas Harriman deve ter sido crível o suficiente para que o tenente mandasse uma viatura para a frente de sua casa.

Por fim, ele se sentiu suficientemente calmo para ficar confortável na cama. Tirou o pijama e sentiu o ar fresco do ventilador soprar sobre seu corpo. Tinha que trabalhar no dia seguinte — um caso de roubo de carro/assassinato —, então seria melhor dormir, porque precisava estar alerta pela manhã.

Ele ligou o iPod para ouvir a mistura clássica de sinfonias. A natureza grandiosa da música costumava bastar para que ele dormisse. Posicionou-se do lado direito... o lado preferido. E fechou os olhos.

Não precisava apagar a luz.

* * *

A notícia chegou à delegacia assim que o relógio marcou três da madrugada.

Em seguida, todos comemoraram.

Depois de comparar as impressões digitais de Martin Cruces, José Pinon, Alejandro Brand e Esteban Cruz dos cartões dos arquivos na escola com as desconhecidas retiradas da cena do crime, Oldham encontrou várias compatibilidades. Em seguida, veio o processo difícil de avaliar voltas, marcas e linhas e ele foi recompensado, magicamente, quando o dedo indicador de Cruces e o polegar de Pinon foram compatíveis com duas imagens previamente não identificadas de um armário e de uma mesa.

Uma testemunha e, além disso, uma evidência física: Decker estava nas nuvens.

— Quem vai buscar Cruces?

— Temos um grupo das operações especiais a caminho do apartamento de Cruces. Messing e Pratt também estão indo para a

cena. Oliver e eu vamos ficar perto da casa. Assim que eles o atraírem, vamos ao ataque. Vou fazer o interrogatório. Quer discutir a estratégia?

— Claro. Consiga uma confissão.

— Obrigado, chefe, eu não teria pensado nisso.

— Descubra quem o contratou.

— Sabe, Pete, eu já tinha pensado nisso também — disse Marge.

— Descubram quem é Joe Pine.

— Estamos juntos nessas três, Rabino. *Mi estratégia es tu estratégia.*

Decker sorriu.

— Também ajudaria se Cruces envolvesse Alejandro Brand e Esteban Cruz em algo ruim. Adoraria tirar esses doentes das ruas. Como estão minha esposa e minha filha?

— Não soube de problema algum. Mais alguma coisa?

— Sim, tem. Quanto tempo você acha que nós vamos ter até o interrogatório de Cruces?

— Quanto *tempo*?

— Sim... supondo que tudo saia bem e que eles o peguem. Quanto tempo até ele estar pronto para ser interrogado?

— Eles precisam prendê-lo e processá-lo...

Ela fez cálculos mentais.

— Ele deve estar pronto para ser interrogado em cerca de uma hora.

— Então, faça-me um favor, Margie. Da última vez que falei com você, recebi uma ligação, mas não atendi. Era de um número restrito e ninguém deixou mensagem. Pode ter sido de muitas pessoas, mas sei que Harriman tem um número restrito. Pode passar na casa dele?

— Não há uma viatura na frente da casa dele?

— Então passe por lá e converse com os policiais que estão de olho.

— Por que não liga para os policiais? Melhor ainda, por que não liga para Harriman?

— Não tenho o número dele comigo, e além disso, é quase meia-noite.

— Posso passar por lá, não tem problema. — Ela fez uma pausa. — Está preocupado com alguma coisa?

— Não estou preocupado. Só quero ter certeza de que está tudo bem. — Decker mudou o telefone de orelha. — Ainda que prendamos Cruces hoje, não sei onde Joe Pine ou Esteban Cruz estão. Harriman está vulnerável. Só passe por lá, está bem?

Marge ficou de pé e jogou o suéter por cima dos ombros.

— Certo, estou indo. Ligo para você se acontecer alguma coisa. Vou conseguir falar com você?

— Ligue para o hospital porque meu celular não estará funcionando. Enquanto Brubeck fica de babá de Rondo Martin, vou tentar dormir um pouco. Tenho certeza de que há uma cama vazia em algum lugar naqueles corredores. Se não tiver, tem sempre uma gaveta no necrotério.

Como se os policiais na frente da casa já não fossem algo suficientemente ruim, o gringo tinha três travas na porta. Mas era coisa de gente rica. Pensar que um pedaço de metal pudesse impedir um profissional de entrar e roubar o ouro. A verdade é que: qualquer coisa que alguém possa ter algum dia pode ser tomada, se isso valesse a pena.

A primeira barreira era uma merdinha que podia ser arrancada com um movimento de um cartão de crédito. A segunda era uma trava, um pouco mais desafiador, mas nada que não pudesse ser retirado com um bom conjunto de pés de cabra. O último obstáculo era uma corrente — fácil assim que ele tirasse o ferrolho. Ele poderia ter aberto as fechaduras antes, mas a *policia* não tinha nada melhor a fazer além de vasculhar a área atrás da casa, iluminando o quintal com suas lanternas. Era um quintal comum, havia uma churrasqueira e um conjunto de mobília externa — uma mesa e cadeiras dobráveis. Se ele tivesse mais tempo e uma caminhonete maior, teria pegado o conjunto, mas tinha uma tarefa a realizar.

Na primeira vez em que a *policia* havia ido até a parte de trás, ele tinha sido surpreendido. Só ouviu a presença deles quando eles já estavam quase em cima dele. Tivera sorte por estar ajoelhado, procurando as ferramentas dentro das bolsas. Também estava vestido de preto, dificultando que fosse visto. E também teve muita sorte porque haviam acabado de apagar a luz acima da porta. Até os policiais disseram algo a respeito, que a luz havia queimado. Mas os dois cretinos tiveram muita preguiça de investigar. Olharam ao redor por um minuto e então, voltaram à viatura, onde se sentaram, provavelmente enchendo a cara de café e donuts.

Ele precisava agir depressa para o caso de eles voltarem novamente. A única luz vinha de uma caneta-lanterna. Não conseguia ver muito bem, mas tudo bem. A maior parte do trabalho era feita no tato. O raspar das ferramentas parecia fazer mais barulho do que o normal, e ele estava um pouco preocupado com isso porque a vizinhança estava em silêncio. Talvez o rapaz tenha ouvido alguma coisa. Mas agora, o apartamento parecia escuro e silencioso. Tudo estava bem.

Enquanto trabalhava, pensou até onde tinha chegado. Era um *professional* agora, porra, não um avião de merda de algum traficante idiota num degrau acima na escada da vida. Não havia mais aquela merda: *ele* era um dos grandes. E como todos os profissionais, ele havia feito a lição de casa, traçando o layout do lugar e checando tudo. O gringo estava protegido e isso era uma droga, mas ele já tinha feito coisas maiores. Estar mais perto do topo significava que ele tinha que entregar resultados. De jeito nenhum deixaria alguns policiais idiotas detê-lo.

Por enquanto, ele ainda não tinha encontrado nenhuma dificuldade.

Quando teve certeza de que tudo estava limpo, andou na ponta dos pés até seu lugar na porta de trás e puxou a trava: um conjunto de 16 feitas com o aço escovado da mais alta qualidade. Gostava de sentir as pontas e a maçaneta.

Ele prendeu a caneta-lanterna entre o queixo e o peito, tentando direcionar o feixe para o buraco da fechadura. Havia luz suficiente para ver o ponto certo e com um único movimento, ele enfiou duas hastes no buraco. Mexendo-os, ele tentou sentir o clique das travas.

Remexeu-se sem parar. Mas nada aconteceu.

— Huh!

Bem, talvez fosse um pouco mais difícil do que ele pensava.

Deixou as hastes penduradas no buraco da chave e desligou a caneta-lanterna. Então, agiu apenas com seu tato. Era inteligente ficar no escuro. Com o céu escuro sem lua naquela noite, uma lanterna-caneta atuava como um farol. Depois de alguns minutos, ele decidiu que precisava de um conjunto diferente de hastes. Cuidadosamente, escolheu outro conjunto de pontas de aço e colocou os dois primeiros no estojo de couro.

Raspando e raspando dentro do buraco, tentando sentir as travas. Sim, dessa vez, as coisas estavam melhores. Ele ouviu o primeiro clique de uma trava se encaixando, e então a segunda, e finalmente, a terceira. Quando a trava cedeu, ele abriu a porta lentamente.

A corrente estava presa, mas tirar aquilo do lugar não era problema. Insira a ferramenta, mova a porta até estar quase fechada, e então deslize a trava sobre o...

Ele ouviu alguma coisa.

Alguém estava falando... uma mulher com dois homens.

Ele ouviu o bipe de um *walkie-talkie*.

Sim, era uma conversa entre os policiais.

Ele não gostava nada daquilo.

Depressa, depressa.

Pela primeira vez naquela noite, ele começou a suar. Não era para acontecer assim. Ele sempre tinha um plano, e normalmente, tinha tempo.

Suas mãos começaram a tremer.

Concentre-se, idiota, concentre-se!

Deslizando a trava pelo... ouviu a chave cair. Não era o trabalho mais elegante, mas havia terminado. Em segundos, ele entrou.

Recolocou a trava e substituiu a corrente.

Os policiais podiam conversar o quanto quisessem agora. Estava dentro da casa — exatamente onde queria estar.

Aquilo não era um sonho.

Os sons de raspar eram reais. O cheiro era real — suor e medo de um homem.

Harriman sabia que estava em apuros.

Enquanto o suor escorria por seu rosto e pelas costas, ele se sentou com as mãos tremendo quando chegou ao criado-mudo e pegou o celular. No processo, derrubou o controle remoto da TV. Ele caiu no chão com um baque abafado.

Ele ouviu aquilo? Esperava que não. Graças a Deus pelo carpete.

Mais farfalhar até conseguir segurar com as mãos quentes e úmidas, o metal frio e fino. Apertando o botão para ligá-lo. O homem se tornava mais corajoso, caminhando por ali, nem se dando ao trabalho de andar na ponta dos pés, os passos facilmente notados.

Ele ouviu a musiquinha do telefone quando o ligou. Parecia demorar eternamente. Falou no *autodial*.

— Polícia.

Um momento depois, uma voz ao telefone.

— *911, qual é a sua emergência?*

Ele falou do modo mais calmo e claro que conseguiu, mas a voz parecia estranha a seus ouvidos.

— *Alguém invadiu minha casa.*

— *Qual é o endereço, senhor?*

Sua mente ficou branca momentaneamente.

— *Qual era seu endereço?*

Uma respiração, duas respirações... ah, sim.

Ele disse seu endereço à agradável atendente.

— *Alguém já vai atendê-lo.*

— *Depressa, por favor! Sou cego!*

Quando ele desligou, lembrou-se dos policiais na frente de sua casa. Então, como aconteceu? Eles estavam dormindo? Decker mentiu e os tirou dali sem avisá-lo?

Como diabos a invasão havia acontecido?

Faça alguma coisa, seu merda!

Pense, pense!

Ficou segurando o telefone e saiu da cama silenciosamente, abaixando-se no chão e escorregando para debaixo da cama. Estava nu e trêmulo, mas não era de frio. Estava entre o carpete e o colchão, por isso estava aquecido, mas não conseguia afastar o frio do medo de dentro de si. Tentou se concentrar no que estava acontecendo dentro de sua casa, mas sua respiração estava tão ofegante que era como se estivesse ouvindo com as orelhas tampadas por algodão.

Calma, calma.

Concentre-se.

O inimigo estava na cozinha. Harriman conseguia ouvi-lo acendendo e apagando a luz. O idiota não encontraria nada ali. Harriman não se dava ao trabalho de colocar lâmpadas na casa. Para que pagar por eletricidade que nunca seria usada?

Os feixes da lanterna cruzaram o quintal.

— Ainda não consigo entender por que você precisou vir aqui. — Era Bud Rangler falando. — Por que não ligou para nós, simplesmente?

Ele estava irado, e Marge também. O cara estava agindo com uma petulância de que ela não precisava à meia-noite e meia. Rangler era um saco de areia com pernas — barriga grande com membros curtos e musculosos. Com quase trinta anos, ele fazia parte da força havia cinco anos. Parecia ver a aparência de Marge como uma afronta a sua competência.

— Quando o chefe manda, eu vou — acrescentou Marge. — Não é algo ruim a ser lembrado, Oficial.

O segundo oficial, Mark Breslau, era o mais velho dos dois e mais experiente. Era um veterano, e o tempo havia diminuído seu machismo.

— É você quem manda, sargento. Acho que Bud só queria que você soubesse que estamos fazendo nosso trabalho. Estamos checando a parte de trás de duas em duas horas.

— Pode ver, sargento — disse Rangler. — Nada foi mexido.

— Está escuro aqui atrás. — Marge seguiu o raio de luz com os olhos. — Como seria possível ver se alguma coisa foi mexida?

— A luz da varanda acabou de queimar — disse Rangler. — Antes disso, o lugar estava muito bem iluminado.

— Queimou? — Marge se virou e olhou para ele. — Por que você não trocou?

— Não sabia que trocar lâmpadas fazia parte das minhas atribuições — respondeu Rangler.

— Se ajudar a enxergar o que está acontecendo, com certeza precisa ser feito. — Ela se virou a Breslau. — Tem uma lâmpada no carro?

— Não, senhora.

— Tem um lugar que fica aberto 24 horas na esquina. — Ela jogou para ele a chave de seu carro. — Vá buscar uma. Ficarei com o policial Rangler até você voltar.

— Sim, senhora.

Marge ouviu o policial jovem dando risada.

— O que tem de engraçado, Rangler?

— Nada, sargento.

— Pensei que você estivesse rindo. Devo estar imaginando coisas, não?

Rangler ficou em silêncio. Marge caminhou até a porta de trás e mirou a lanterna para a lâmpada.

— Venha aqui, policial.

Rangler se aproximou, parando a trinta centímetros de Marge.

— Dê uma olhada aqui. — Ela mirou o feixe. — Como uma lâmpada pode ter se queimado se não há lâmpada? Quer explicar isso para mim?

Rangler começou a falar, mas parou.

Marge passou a lanterna pelo chão até encontrar a peça de vidro caída na grama. Ela a pegou e a rosqueou, iluminando a parte de trás com luz amarela.

— Chame reforço, todas as viaturas da região. — Dando um passo para o lado, ela bateu na porta de trás e gritou chamando Harriman. Repetiu e sem resposta, enfiou a lanterna no cinto e pegou o revólver.

— Cubra a minha retaguarda, Rangler, vamos entrar.

Não estava acontecendo conforme o planejado.

Nenhuma das lâmpadas se acendia!

Batidas na porta de trás.

Havia dois policiais cuidando da entrada.

Sirenes ao fundo.

Você não é idiota, ele disse a si mesmo. Não comece a ser idiota agora!

Desesperado, ele olhou ao redor para encontrar uma maneira de sair sem ser visto. Mas as duas portas estavam sendo vigiadas.

Ele era um animal encurralado prestes a ser abatido.

Pense, imbecil, pense!

Pegou sua arma e a empunhou. Isso lhe dava uma certa segurança, mas ele estava praticamente vencido. Atirar não era a resposta.

Não havia para onde correr; seria melhor se esconder.

Harriman ouviu as batidas na porta de trás. Seu coração, que já estava acelerado, quase explodiu para fora do peito. Se ele gritasse embaixo da cama, eles conseguiriam ouvi-lo? Seria como se entregar ao invasor?

Esperem até eles se aproximarem.

Paciência, paciência.

Como dizem, o silêncio vale ouro.

Em poucos instantes, Breslau havia voltado e estava ofegante.

— Soube da ligação.

— Que ligação? — Marge bateu na porta de novo.

— Para a polícia, feita deste endereço.

— Meu Deus! — Marge exclamou. — Se o Harriman ligou para a polícia, tem alguém aí dentro. A porta está arrombada. Não quero que ele seja feito refém, mas não quero abrir a porta sem um colete. O cara pode estar armado.

Ela procurou pelo quintal e viu as cadeiras. Uniu as quatro e as levou para perto do peito, usando-as como escudo.

— Isto vai ter que resolver — disse Marge. — Cubra para mim.

— Vou abrir a porta, sargento — disse Rangler. — Peso bem mais do que você.

— Não é Kevlar, Rangler. Uma bala atravessaria isto como um papel.

— Todos estamos nessa. — Rangler ergueu a arma. — Peso mais do que você. Faz quem consegue fazer com mais facilidade, certo?

— Não posso discutir. — Marge se lembraria da boa atitude. Passou as cadeiras para Rangler como se elas fossem uma pilha de cobertores. Dando dois passos para trás, ele se lançou contra a porta.

Uma vez.

Duas vezes.

Na terceira vez, a estrutura se desfez e a porta de trás se abriu. Ao fundo, os três conseguiram ouvir o som de sirenes cada vez mais próximas.

Marge espiou ali dentro: escuro e silencioso.

— Harriman, você está aqui? — Marge não obteve resposta, então puxou a semiautomática. — Rangler, pegue a lanterna e mire o feixe para dentro para eu poder ver. Breslau, você me cobre. Vamos.

Não havia iluminação suficiente para descarregar a arma. Marge se encostou na parede e entrou devagar, à procura do interruptor. Quando seus dedos encontraram um, ela respirou com calma e o ligou.

Nada aconteceu.

Fez várias vezes e então, se lembrou do óbvio.

O cara era cego.

Marge tentou imaginar se havia *alguma* luz na casa. Pensou por alguns instantes. Brett havia dito algo sobre uma namorada que o levara à casa de Rina. Ela devia ir à noite, às vezes. Devia haver iluminação artificial em algum lugar. Observando o ambiente, Marge viu-se na lavanderia, que levava diretamente para a cozinha.

A cozinha!

Talvez houvesse luz acima do fogão. — Jogue um pouco de luz na cozinha com suas lanternas — disse ela.

O local parecia vazio, mas alguém podia estar se escondendo. Lentamente, ela se aproximou do cooktop. Procurou na beirada do armário, encontrou um botão e o apertou.

Voilà!

A iluminação ficou melhor, mas longe do adequado.

Ela viu um interruptor duplo na parede de azulejos.

O primeiro acionava o triturador de lixo, mas o segundo acionava um sistema de iluminação embaixo do armário. Eles conseguiram enxergar o suficiente para ver que não havia ninguém na cozinha e então seguiram adiante.

A casa de Harriman tinha uma planta simples: sala de estar, sala de jantar e cozinha, tudo junto. A boa notícia é que nada parecia ter sido revirado. Não havia mobília aberta nem sinais de luta, mas havia algo de estranho ali.

Silencioso demais? O cheiro?

As sirenes continuaram soando ao fundo. — Rangler, informe nossa posição à central e diga a todas as viaturas que estão vindo para se aproximar com grande cautela — falou Marge.

Ela olhou ao redor, no escuro. Mais à frente, havia um corredor que provavelmente levava aos quartos.

— Fique na retaguarda — disse Marge aos policiais.

Ela se encostou de novo na parede e seguiu em direção à saleta até chegar à primeira porta fechada. Bateu com força na porta, dizendo que era da polícia, mandando que quem estivesse ali dentro saísse com as mãos levantadas. A porta permaneceu fechada, e ela a abriu e apontou a arma para frente.

Nada aconteceu.

Com cuidado, Rangler virou as lanternas para dentro da sala, que parecia estar vazia.

— Polícia! — Marge gritou de novo. — Você está cercado! Saia com as mãos para o alto!

Eles esperaram... um segundo... dois segundos... três segundos.

Eles entraram na sala. O espaço pequeno estava organizado como uma academia, com bicicleta ergométrica, uma esteira e um equipamento de musculação. A lâmpada ali dentro estava funcionando e banhou o espaço com uma luz suave. Marge apontou para uma porta fechada — provavelmente um armário. Pressionando-se contra a parede, ela virou a maçaneta e abriu a porta.

Nada aconteceu, e tinha sido como ela queria.

Enquanto Breslau cuidava da porta e Rangler fornecia a luz, Marge procurou dentro do armário, afastando roupas e pesos para garantir que não havia ninguém escondido.

Ela tomou um susto quando ouviu uma batida na porta da frente. Rangler deixou o reforço policial entrar na sala de estar, acendendo as lâmpadas que encontrava. A situação era tensa. Quando todos entraram, Marge fez uma contagem — havia oito, com ela.

— Quero um na entrada, um na porta dos fundos, um cuidando do primeiro quarto e dois de vocês naquela porta fechada, que provavelmente é um banheiro. — Ela se virou para Breslau e Ranger. — Vamos conferir a última porta fechada, que provavelmente é o quarto de Harriman.

Com o coração acelerado no peito, Marge bateu à porta e gritou:

— Polícia! Saia com as mãos para o alto.

A resposta foi uma voz masculina gritando “Socorro!”.

— Harriman?

— Sim, ajude-me! Estou embaixo da cama.

— Não se mexa. Está sozinho?

— Não faço ideia.

— Está ferido?

— Não.

— Não se mexa! — Marge repetiu. — Vamos entrar e pegar você. — Falando mais alto, ela disse: — Encontramos o morador. Vamos entrar. Preciso de mais dois homens.

Os dois policiais que tinham checado o corredor ajudaram.

— Pode ser uma armadilha. Todo mundo vai escolher uma posição segura, e eu abro a porta quando todos estivermos prontos — disse Marge.

Quando todos assentiram, ela se recostou na parede, girou a maçaneta e abriu a porta.

Lanternas iluminaram o quarto escuro, percorrendo a escuridão como vagalumes enormes em uma noite sem lua.

— Entramos, Brett — disse Marge. — Fique parado. Vamos olhar o quarto. Há luzes que funcionam aqui?

— Tente a lâmpada da luminária no criado-mudo. Acho que é a que minha namorada usa.

Marge caminhou até a luminária do criado-mudo e a acendeu. O espaço tinha um bom tamanho, com uma cama king size e dois criados-mudos. Do outro lado da cama, havia uma cômoda. Em uma parede, havia um closet com portas espelhadas e na frente dele, uma porta fechada, que Marge imaginou que desse no banheiro.

Usando o procedimento padrão, ela abriu a porta do banheiro. Vazio, mas as cortinas do chuveiro estavam fechadas.

— Polícia! — gritou Marge, apontando a arma para o chuveiro. — Saia com as mãos para cima!

Nenhum movimento nas cortinas. Com muito cuidado, ela as afastou e viu a banheira vazia.

— Vazio! — Gritou de volta ao quarto. — E o armário?

— Vazio — disse Rangler.

— Harriman?

— Ainda aqui.

— Pode sair agora.

— Estou nu.

— Alguém pegue um roupão ou algo assim.

Harriman saiu debaixo da cama e ficou de pé com as pernas trêmulas. Tremia inteiro quando deram a ele um roupão felpudo. Ele respirava de maneira muito curta.

— Vocês o encontraram?

— Ainda não.

— Não estou louco! — disse Harriman. — Juro que ouvi alguma coisa.

— Não terminamos de procurar, Brett. O lugar está cercado. Assim que tirarmos você daqui, vamos terminar. — Marge ofereceu o braço a ele. — Vou guiar você para fora.

Quando eles chegaram à porta da frente, Harriman começou a tremer.

— Ele está aqui — sussurrou para Marge. — Sinto o cheiro dele!

— Então, vamos encontrá-lo.

— Por favor, não saiam enquanto não o encontrarem. Sei que ele está aqui!

— O policial Fetterling vai levar você para o carro da polícia. Vai esperar com você até vasculharmos tudo.

Ele agarrou o braço de Marge.

— Obrigado.

— De nada. Somos pagos para isso.

Quando ele se foi, seguro dentro de uma das viaturas, Marge olhou ao redor.

— Olhamos tudo, menos o armário do corredor.

Posicionando-se de lado, ela bateu na porta.

— Polícia! Saia com as mãos para o alto!

Nada. Qual era a probabilidade de que aquela última procura levasse a alguém?

A porta tinha sido trancada por dentro. Será que Harriman estava inventando aquilo? Seria dramático? Mas como a lâmpada da porta de trás havia sido retirada senão por ele?

Ela pensou em todas as possibilidades enquanto se encostava na parede. Então, seu cérebro se concentrou. Com a mão na maçaneta, ela gritou:

— Posicionem-se!

E abriu a porta.

Nada aconteceu.

— Mantenham as posições! — Marge ainda estava encostada na parede, e algo lhe disse para não se mexer. Era o cheiro de suor... o

cheiro de medo.

O ar estava muito silencioso. A respiração dela estava ampliada em seu cérebro, como se escutasse por um estetoscópio. Coração acelerado no peito.

Inspire, expire.

Devagar, Marge.

— Mantenham suas posições! — repetiu.

Ouvindo atentamente, ela conseguiu perceber, por fim; inspirações e expirações que não combinavam com sua respiração.

Havia alguém escondido ali.

— Polícia! Você está cercado! Saia com as mãos para o alto!

Mais uma vez, nenhum movimento.

— Vou contar até três e então vou atirar...

— Não, não faça isso! — alguém pediu.

— Saia, saia, saia — disse ela.

Algo apareceu no canto, e Marge viu o brilho do metal.

— Largue a arma! Solte! Solte! Solte! — Quando ouviu algo pesado cair com um baque, ela disse: — Mãos para cima, mãos para cima!

Assim que a criatura das trevas apareceu, Marge disse para ele se deitar no chão. Assim que ele se deitou, foi dominado por quatro policiais enquanto outros dois vasculhavam o armário. A arma era um .32 Smith and Wesson, uma das armas usadas no assassinato dos Kaffey.

Quais eram as chances de ser a mesma arma? Ela pensou que dependia de quem estivesse dominado no chão. Mirou a luz no rosto para ver se ele era familiar, enquanto Rangler procurava nos bolsos traseiros do homem. Pegou uma carteira e então, uma carteira de motorista e a mostrou à sargento.

Marge sorriu.

— Puxa. Olá, Joe. Bem-vindo de volta aos Estados Unidos.

Caminhar servia para dois propósitos. Manter Decker aquecido e afastar um pouco o nervosismo. Às três da madrugada, o hospital mais parecia um fantasma elétrico, com o telefone grudado na orelha. Ele estava tremendo, mas de ansiedade.

— Você prendeu *Cruces e Pine*?

— Nada mal para um dia de trabalho... um dia muito cheio. Estou acordada há cerca de vinte horas.

— Quem está na delegacia além de você?

— Oliver, Messing e Pratt. Quem deveria interrogar quem?

Decker pensou por um momento.

— Certo. O ideal seria que nem Pine nem Cruces consigam um acordo, mas talvez tenhamos que colocar um de frente para o outro. Com Pine, não temos só impressões digitais, também temos o relato de testemunha de Rondo Martin. Ele mencionou Pine antes que eu pudesse tocar no assunto. Já em relação a Cruces, Rondo Martin lembrou-se dele, mas só depois de eu mencionar seu nome. Sua lembrança com Cruces é menos clara. Faz mais sentido colocar Cruces contra Pine. Então você e Oliver pegam Pine. Se não conseguir chegar a lugar algum, traga outra pessoa para ter uma nova perspectiva.

— Parece bom. Como estão as coisas aí, Rabino?

— Uma equipe da polícia de Herrod, que é a próxima cidade, vai assumir nossas posições no hospital em cerca de meia hora. Tim England — o delegado T — disse que viria de manhã. Martin está em boas mãos.

— Agora que Pine está preso, talvez Martin possa respirar aliviado — disse Marge.

— Talvez um suspiro leve, mas não grande até descobrirmos quem é El Patrón. Alguém voltou para interrogar Truillo, o bartender, no Ernie's El Matador?

— Quando Bontemps e Lee chegaram ao local, já estava fechado. Vou cuidar para que alguém esteja lá quando abrir amanhã. Talvez não seja necessário quando falarmos com Cruces e Pine.

— Conferir de novo sempre é necessário. Willy e eu vamos pegar o primeiro voo para lá amanhã. — Decker olhou para seu relógio. O avião partiria às seis e meia — dali a quatro horas. — Nós nos vemos às oito da manhã.

— Durma um pouco, Pete.

— Estou ansioso demais. Alguma palavra de Gil Kaffey ou Antoine Resseur?

— Não.

— Alguma ideia de onde eles estão?

— Nenhuma, mas se eles se comportam como a maioria das pessoas a essa hora da noite, estão dormindo. — Marge fez uma pausa. — A menos que eles estejam mortos. Nesse caso, nada vai despertá-los.

A primeira coisa que Marge fez foi checar as impressões digitais de Joe Pine comparando-as com o cartão de impressões digitais de José Pinon. Quando ficou confirmado que Joe/José eram a mesma pessoa, Marge e Oliver se prepararam para uma noite longa. Observando pela câmera de vídeo, eles viram Pine passar por uma série de gestos não verbais quase tão significativos quanto o discurso. Deu alguns passos, sentou-se na cadeira com as mãos na cabeça, e então deitou a cabeça na mesa, e caminhou de novo. Passou a mão nos olhos, secando as lágrimas, chorando por ninguém além de si mesmo.

Pine vestia uma jaqueta de náilon leve por cima da calça jeans preta e uma camisa preta, e a touca de sempre. Era atarracado, media cerca de

1,68 m e tinha braços magros. Seu rosto era comprido, e a pele, morena. Os cabelos castanho-escuros eram curtos. Os olhos castanhos e redondos davam a ele uma expressão de menino que contrastava com seu queixo forte e masculino.

Quando Marge e Oliver entraram na sala, Pine estava sentado olhando para os pés. Olhou para a frente e então voltou a olhar para baixo. A sala tinha 2,40 m x 2 m com uma mesa de aço encostada na parede, e três cadeiras. Pine ocupava a cadeira do lado direito, a mais distante da porta.

Marge se sentou mais perto dele e Oliver se sentou na frente dele.

— Sou o detetive Scott Oliver. — Ele colocou um copo de água na frente de Pine. — Como está?

Pine deu de ombros.

— Bem.

Marge se apresentou e colocou a prancheta no colo.

— Estamos um pouco confusos — disse ela a Pine. — O que estava acontecendo aqui, Joe?

— Como assim?

— Estamos dizendo que encontramos você escondido em um armário, com uma arma. — Marge tentou olhar nos olhos dele, mas seu foco estava em outro lugar. — O que foi aquilo?

— Nada demais.

Oliver assentiu.

— Como assim?

— O que eu disse... nada demais.

— Para o morador da casa, foi demais — disse Oliver.

— Conte por que estava ali — pediu Marge.

— No armário?

— No armário numa casa que não é sua.

— Ouvi a batida na porta e sabia que vocês entenderiam errado. Então, eu me escondi.

— Sei — disse Marge, anotando. Ela parou e olhou no rosto dele. — Como entenderíamos errado? De que *jeito* deveríamos entender?

— Não é o que vocês pensam. Foi só uma brincadeira, sabe?

— Uma brincadeira? — repetiu Oliver.

— Explique — disse Marge.

— Sabe... uma brincadeira. — Pine recostou a cabeça na parede até não poder mais se mexer. Gotas de suor se formavam em sua testa.

— Para se envolver com as pessoas certas, é preciso fazer parte do jogo.

— Quais pessoas certas? — perguntou Oliver.

— Meus manos, sabe?

— Que manos?

— Da Bodega 12th. — Pine deu de ombros. — Foi tudo um grande jogo.

— Pensei que você já fosse membro da Bodega 12th — falou Marge.

— Para crescer.

Marge assentiu.

— Como funciona? Crescer?

Pine riu.

— Olha, você está nesse negócio há um tempo, não é? Sabe como funciona.

— Conte mesmo assim.

— É preciso provar que sou capaz. Se não faço isso, muitos outros farão. Então, era o que eu estava fazendo.

— Você invadiu uma casa para chegar a uma posição mais importante na gangue?

— Exatamente.

— O que você tinha que fazer quando entrasse na casa? — perguntou Oliver.

— Tipo... pegar alguma coisa... para provar que estive lá, sabe?

— Então, por que foi armado?

— Para o caso de uma necessidade...

— Que necessidade? — perguntou Marge.

— Para o caso de as coisas ficarem... tipo... complicadas.
— Como isso poderia acontecer?
— E se ele tivesse uma arma? — Ele sorriu e bebericou a água. —
Um cara precisa se proteger.
— Então, você sabia quem morava na casa na qual entrou — afirmou Marge.
— Hum... não. — Pine balançou a cabeça. — Não, não sabia.
— Você disse para o caso de *ele* ter uma arma.
— Ele... ela. Só usei a arma para me proteger.
— Joe, você está confuso em relação a uma coisa — disse Marge. — Se você invade a casa de alguém e ele usa uma arma contra você, é proteção. Se você usa uma arma contra ele, isso se chama invasão e é crime.
— Eu não ia usá-la — disse Pine. — Foi por proteção, cara.
— Ainda assim, você cometeu um crime — disse Oliver. Os dois continuaram a falar da arma até Marge interromper.
— Por que escolheu aquela casa?
— O quê? — perguntou Pine.
— Por que decidiu invadir aquela casa *em especial*?
— Não sei. — Pine olhou para o chão. — Era térrea. Fácil.
— Então para provar que você merece uma... promoção na organização, você escolheu invadir uma casa?
Pine estreitou os olhos com raiva.
— Nunca é fácil... coisas podem acontecer.
— E coisas aconteceram. Você cometeu um crime, e por causa dele, pode ficar preso por um bom tempo — falou Marge.
— Ninguém se feriu.
— Seus dias como segurança estão contados — disse Oliver.
— Por mim, tudo bem. — Pine se recostou e cruzou os braços sobre o peito. — Quem precisa daquela merda?
— Os Kaffey eram ruins com você?

— Não os Kaffey... aquele maldito Brady... me enchia o saco por qualquer atraso de um minuto. Não preciso daquela merda.

Marge notou que ele não havia falado sobre os assassinatos. Falava como se tivesse sido demitido, simplesmente.

— O que mais você não gostava em Neptune Brady?

A pergunta liberou a fúria. Durante a meia hora seguinte, ela e Oliver ouviram uma série de reclamações a respeito daquele “moreno desgraçado, cuzão do Brady”. E apesar de não sentir nada por Neptune, o castigo que Brady havia dado a Pine por suas infrações combinava com o crime.

1. Neptune descontava do pagamento dele a cada atraso.
2. Descontava do pagamento quando o uniforme não estava limpo e asseado.
3. Descontava do pagamento quando ele falava palavrões.
4. Descontava do pagamento quando faltava sem avisar com 24 horas de antecedência.

— Então, por que continua com esse emprego? — perguntou Oliver.

O questionamento o surpreendeu momentaneamente.

— Não sei. Era dinheiro fixo. Não era suficiente, mas sabe o que quero dizer?

— O que você achava dos Kaffey? — perguntou Oliver.

— Não sei.

— Não é uma pergunta difícil — disse Marge. — Você gostava dos Kaffey?

— Não os conhecia o suficiente para gostar deles.

— Mas você os protegia — afirmou Marge.

— Sim, mas isso não quer dizer que éramos amigos. Era coisa do tipo... “sim, senhora, não, senhora”. Ninguém falava comigo. Era como se eu fosse uma peça da mobília. Uma vez, o cara me repreendeu por falar com a esposa.

— O que você estava falando com ela? — perguntou Marge.

— Eu disse que gostei do Vette novo dela ou coisa assim. Ele apoiou a mão em meu ombro e disse: “Não fale sobre coisas pessoais com a senhora.” A partir daquele dia, eu só dava bom dia e mais nada.

— Parece que você não gostava deles.

Pine deu de ombros.

— Eu era uma mobília para eles, mas eles também eram uma mobília para mim.

Tornando-os muito mais fácil de descartar, Marge pensou.

— Soube que Guy Kaffey colocou você na equipe.

— Isso é novidade para mim. — Pine franziu o cenho. — Por que está me fazendo tantas perguntas sobre os Kaffey?

— Isso é meio óbvio, Joe — disse Oliver.

— Não, não, de jeito nenhum. Eu não tive nada a ver com aquilo! — Pine bateu o braço contra o peito. — Andei fora da cidade.

— Sim, eu sei — disse Marge. — Estávamos procurando você.

Pine disse com firmeza.

— Então, estou aqui.

— Você estava fora da cidade quando aconteceu? — perguntou Oliver.

— Eu estava no México — respondeu Pine.

— O que você estava fazendo lá?

— Tenho familiares lá. Se querem me prender por invasão, o que posso fazer? Mas não tive nada a ver com os Kaffey.

— Joe, somos da divisão de Homicídios. — Marge deu uns instantes para ele pensar. — Estamos interrogando todos os guardas que trabalharam para Guy e Gilliam Kaffey nas últimas semanas. Estávamos procurando por você, e você por acaso estava no armário de um cara que os policiais estavam protegendo. Isso nos deixa curiosos.

— Sim, Joe, é isso — disse Oliver. — Por que você entrou numa casa na frente da qual havia policiais?

— Eles estavam na frente. — Pine deu de ombros. — Eu estava atrás.

— Mas você não se incomodou por eles estarem na frente?
— Isso me dá mais moral com os manos, sabe?
— Sabia por que os policiais estavam ali?
— Não faço ideia — disse Pine. — Fiquei fora da cidade por um tempo.

— Como você se sentiu quando descobriu sobre os homicídios? — perguntou Oliver.

Pine deu de ombros.

— Merdas acontecem.

— Quando você foi ao México? — perguntou Marge.

— Não me lembro da data exata, só sei que fui antes de ter acontecido. — Mais uma vez, ele cruzou os braços.

— Como soube dos assassinatos?

— Meu primo me ligou. Pensei, cara, que bagunça. Então, fiquei feliz por não estar no turno. Soube que todos se ferraram.

Ele olhou para eles com ansiedade. Nem Marge nem Oliver reagiram. O joelho de Pine começou a tremer.

— Então, eu pensei, estou sem trabalho. Aí fiquei no México mais um tempo.

— Quem é seu primo? — perguntou Marge.

Pine pareceu confuso.

— Primo?

— O que ligou para você e contou sobre o crime — disse Oliver.

— Por que quer saber?

— Para podermos dar um alibi para você — disse Marge.

— Ah... certo. Ele não é meu primo de verdade, mas somos como irmãos, sabe?

— Qual é o nome dele? — perguntou Oliver.

— Martin Cruces. Ele também trabalhava para os Kaffey.

Marge se forçou a manter o rosto impassível.

— Sim, sabemos. Ele está na nossa lista.

— Sim... foi ele quem me conseguiu o trabalho.

— Martin?

— Sim.

— E ele ligou para você e contou sobre os assassinatos?

— Sim, ele me contou sobre isso. Parecia feio, cara.

— Martin está em apuros, Joe. Ele também disse isso? — perguntou Marge.

O rosto de Pine ficou momentaneamente paralisado.

— Besteira. Acabei de falar com ele, cara. Ele não disse nada sobre isso.

— Sim, você acabou de falar com ele, mas acabamos de *prendê-lo* — disse Marge.

— Ele está logo ao lado, conversando com outro detetive da Homicídios — afirmou Oliver.

— Então, se tiver algo a nos contar, agora é o momento — falou Marge.

— Não tenho nada a contar. — Pine olhou para um lado e para outro.

— Estranho — disse Oliver. — Porque Martin tem muito a nos contar.

Marge disse:

— Encontramos suas impressões digitais no Rancho Coyote, Joe — falou Marge.

— Claro que sim — disse Pine. — Eu trabalhei lá.

— Encontramos marcas de sangue, aquelas que foram deixadas por alguém que estava presente no momento dos assassinatos — explicou Marge.

— Você está bem ferrado — disse Oliver. — Martin está aqui, conversando conosco... pode ser a única chance de você explicar o que aconteceu.

— Não deixe Martin contar a história toda por vocês dois — disse Marge.

— Sim, queremos ouvir o seu lado — falou Oliver.

Pine se recusou a morder a isca.

— Olha, Joe, talvez não fosse para acontecer como aconteceu — disse Marge. — Você levou a arma para se proteger.

— Ou talvez você só quisesse assustá-los — disse Oliver. — Se foi um acidente, podemos fazer algo por você.

— Eu não estava lá — insistiu Pine.

— Suas impressões digitais, Joe — disse Marge. — Impressões digitais não mentem.

— Sim, mas policiais mentem — rebateu ele. — Estão tentando fazer com que eu minta.

— Não, Joe, não é o que queremos. Queremos a verdade, Joe. Só isso.

— Vocês não reconheceriam a verdade nem se fosse esfregada na sua cara — disse Pine. — Aposto que Martin nem está preso.

— Bem, então, um momento. — Marge se levantou. — Vou ver se consigo levar você para a sala de vídeo.

Ela e Oliver saíram e voltaram alguns minutos depois. Marge colocou seis Polaroids de Martin Cruces, com jaqueta e calça jeans, sendo interrogado por Messing e Pratt.

— Veja a data das fotos.

Pine olhou para elas e tentou ignorá-las.

— Vocês podem mexer na data. Vocês têm todos os tipos de artimanhas para me fazer mentir.

— Mas é isso, Joe — disse Oliver. — Não queremos mentiras. Queremos a verdade.

— Martin está nos contando a verdade — falou Marge. — Só queremos saber se essa verdade é a mesma que a sua.

— Eu não estava lá.

— Você estava lá. Temos testemunhas dizendo que você estava lá. O cara cuja casa você invadiu. Ele ouviu as pessoas falando sobre isso — disse Marge. — Ouviu as pessoas falando sobre você. Que Martin ficou puto com você por não ter matado Gil Kaffey.

— Eu *não estava* lá!
— Suas impressões digitais mostram que você estava lá.
— Vocês estão mentindo. Eu não estava lá.
— Não, *você* está mentindo. *Você* estava lá — disse Marge. — Pode continuar mentindo ou pode ajudar a si mesmo contando a verdade.

Algo finalmente atingiu Pine, e ele começou a suar em bicas. Ainda assim, precisou de mais algumas horas, várias xícaras de café e meia dúzia de barrinhas de cereal antes de Marge e Oliver notarem a casca rachando. Eles saíram da sala, deixando Pine sozinho para pensar nas opções. Os dois olharam para Pine na câmera de vídeo durante um ou dois minutos. Então, Marge olhou para o relógio.

— Decker deve voltar em duas horas. Adoraria acabar com isso antes de ele chegar.

— Ele está ruindo — disse Oliver. — Agora é hora de falar de Rondo Martin.

Marge bebeu um gole de água e olhou para Messing e Pratt com Cruces. Aumentou o volume, ouvindo Wynona tentando seduzir Cruces a falar sobre os assassinatos.

Mas temos suas impressões digitais na cena, Martin. Também temos testemunhas que ouviram você falar sobre isso. Além disso, temos Joe Pine na outra sala. Ele ferrou com tudo hoje à noite. Foi pego. Está nos contando coisas. Queremos ouvir seu lado da história.

Marge abaixou o volume.

— Vamos.

Eles voltaram para a sala. Marge disse:

— Acabei de falar com Martin Cruces, Joe. Estou dizendo que esta é sua única chance de contar seu lado da história.

— Eu não estava... — Ele suspirou e se recostou na cadeira. — Preciso dormir, cara. Talvez depois que eu dormir eu consiga falar.

— Temos suas impressões digitais no sangue dos Kaffey, Joe — disse Oliver. — Temos uma testemunha que nos contou tudo. Conte o que aconteceu.

Pine olhou de um lado a outro.

— Que testemunha?

— Joe... — Marge se inclinou e falou baixo. — Você acha que pressionaríamos você se não tivéssemos suas impressões na cena? Acha que pressionaríamos você se não tivéssemos testemunhas que dissessem que você olhou bem e puxou o gatilho? Você acha que prenderíamos você por assassinato se não pudéssemos provar?

— Vocês estão mentindo — respondeu Pine.

Marge se aproximou dele e disse baixinho:

— Não estamos mentindo, Joe. Martin Cruces está falando. Não é certo você assumir toda a merda sendo que foi apenas parte do plano. Agora está na hora de ter coragem. É hora de pensar em si, porque você não pode explicar as impressões e o relato da testemunha.

— Vocês não têm testemunha — insistiu Pine. — Esse idiota pode ter ouvido coisas, mas nunca me viu na vida.

— Que idiota? — perguntou Marge.

— O cara do tribunal.

— O cara do tribunal cuja casa você invadiu?

Pine não respondeu.

— Joe, sabemos que você não escolheu a casa dele à toa. Quem mandou você ir lá?

— Certo... — Pine respirou fundo. — Certo, vou contar isso. Martin me mandou lá para assustá-lo. É a única coisa que vou admitir, está bem?

— Por que Martin Cruces mandou você assustar o cara do tribunal?

— perguntou Marge.

— Porque ele ouviu seu primo falando sobre o crime. — Baixinho, Pine disse: — Idiota da porra!

— Conte sobre isso — disse Oliver.

Pine suspirou.

— Posso comer alguma coisa aqui?

Marge se levantou e voltou com vários doces.

Pine desembalhou uma barra de chocolate e comeu metade com uma mordida.

— Cruces disse que o cara do tribunal ouviu esse idiota falando sobre os assassinatos. Ele me disse para entrar na casa do cara e assustá-lo.

— Então, por que você concordou em assustar o cara do tribunal? — perguntou Oliver. — Por que o primo idiota não o assustou?

— Porque ele é um babaca que não sabe fazer nada direito. Ele foi preso antes de conseguir chegar ao cara.

— Qual é o nome do primo? — perguntou Oliver.

— Alejandro Brand.

Primeira vitória!, Marge pensou com triunfo.

— O cara do tribunal ouviu Brand falar sobre os assassinatos?

— Sim.

— O que o cara do tribunal ouviu Brand dizer?

— Sei lá, mas deixou Cruces nervoso. Então, ele me mandou pegá-lo... e assustá-lo.

Marge partiu para o ataque.

— Martin Cruces não mentiu para você, Joe.

— O cara do tribunal ouviu Brand falando sobre os assassinatos dos Kaffey — disse Oliver. — O cara do tribunal ouviu Brand falando sobre Martin Cruces... e o cara do tribunal ouviu Brand falando sobre *você* — falou Marge.

— Que você estragou tudo por não ter matado Gil Kaffey — afirmou Oliver.

Pine terminou de comer a barrinha.

— Mentira, cara. Eu não estava lá. O cara do tribunal está mentindo.

— Como Brand falou demais, Martin Cruces disse a Brand para acabar com o cara do tribunal? — perguntou Marge.

— Essa é a primeira coisa verdadeira que você disse nas últimas quatro horas. Cruces disse ao *Brand*, não a mim. Ele deu a tarefa a Brand. Mas então, Alejandro estragou tudo e foi preso. Então, Cruces

pediu a seu outro primo, Esteban Cruz, para derrubar o cara do tribunal.

— E quando Cruz estragou as coisas, ele disse para você voltar do México e terminar o trabalho, ou iria ferrar você. É o que está acontecendo agora, Joe. Martin está ferrando você. Cruces mandou você entrar na casa do cara do tribunal para acabar com ele — disse Marge.

— Por que não diz logo se foi ordem de Cruces? — perguntou Oliver.

— Sim, foi ordem de Cruces. — Pine secou o suor de perto dos olhos. — Mas eu só tinha que assustá-lo.

Segunda vitória! Eles agora tinham um conluio: Cruces e Pine atuando juntos contra Brett Harriman.

— Então, temos o relato do cara do tribunal, temos suas impressões digitais... por que não nos conta o que aconteceu? — perguntou Marge.

Oliver disse a Marge:

— Nós nos esquecemos de uma coisa.

— O que esqueci?

— Nossas testemunhas. — Oliver se recostou na cadeira.

— Joe, você nos disse, há algumas horas, que todos os guardas se ferraram. Mas a verdade é que... nem todo mundo morreu.

Pine ficou calado.

— Rondo Martin sobreviveu — falou Marge. — E está falando. — Então, temos Martin Cruces contando o lado dele da história, temos Rondon Martin contando o lado dele da história, temos o cara do tribunal contando seu lado da história — afirmou Oliver.

Marge se inclinou para a frente.

— Por que não nos conta seu lado?

Oliver disse:

— Joe, é bem simples. É só nos contar exatamente o que aconteceu.

Alguns segundos se passaram e, então, Pine começou a falar. Falou, falou, falou e falou.

Apesar de manter o rosto sério, Marge sorria por dentro.
Terceira vitória e acabou!

As transcrições não oficiais tinham dezenas de páginas. Marge entregou-as a Decker e disse:

— Estas foram retiradas da parte do áudio da fita pelo sistema de reconhecimento de voz computadorizado. Então, Lee programou o sistema para colocar quem falava na frente. Há muitos erros, mas acho que dá para ter uma ideia da entrevista.

Decker leu o papel:

— O que está acontecendo com Martin Cruces?

— Messing e Pratt ainda estão com ele.

— Há quanto tempo estão conversando?

— Há cerca de sete horas. Pensamos que enquanto você estiver aqui, talvez o seu título impressione ele.

— Sete horas e ele não pediu um advogado?

— Ainda não — disse Marge. — Estamos torcendo, dando a ele a esperança de que pode escapar das provas forenses. A corda vai apertar no pescoço. Porque no fim das transcrições, Joe deu nomes.

Oliver deu um grande bocejo.

— Vamos pegá-lo.

— Você dormiu?

— Ainda não.

— Quer ir para casa?

— De jeito nenhum — disse Oliver. Marge compreendia seu posicionamento.

Decker conteve um bocejo.

— Certo. Vou revisar isto para me atualizar. Depois, vou cuidar do Cruces.

— Tudo bem — disse Oliver. — Quer um pouco de café? Estamos vivendo de cafeína.

— Seria ótimo.

Alguns minutos depois, com a caneca na mão, Decker entrou no escritório, fechou a porta e concentrou-se em uma pilha de papéis. Havia toneladas de erros de digitação, mas seu cérebro conseguiu corrigir a maioria deles. Os primeiros dois terços do interrogatório eram de Oliver e Marge tentando fazer Pine confessar, usando de tudo, de simpatia a mentiras.

No último quinto do interrogatório, as coisas se tornaram interessantes. Apesar de as palavras impressas não terem emoção, talvez desta forma fosse ainda melhor. Eram apenas os olhos de Decker e o texto.

SCOTT OLIVER: Comece do começo, Joe. Como você se envolveu nos assassinatos?

JOE PINE: Não era para ter acontecido como aconteceu.

MARGE DUNN: Como era para ter acontecido?

JOE PINE: Não era para ninguém se ferir. Era para ser um roubo.

MARGE DUNN: Como você se envolveu no roubo?

JOE PINE: Foi Martin Cruces. O plano era dele

MARGE DUNN: O plano de fazer o quê?

JOE PINE: Pegar o dinheiro. O Martin planejava isso há muito tempo.

SCOTT OLIVER: Há quanto tempo Martin Cruces planejava o roubo?

JOE PINE: Há muito tempo.

SCOTT OLIVER: Semanas? Meses?

JOE PINE: Uns seis meses, talvez.

MARGE DUNN: É muito tempo.

A mesma pessoa falando na sequência deve indicar uma pausa, Decker decidiu.

MARGE DUNN: Você falou em dinheiro. Que ele pretendia pegar dinheiro. Que tipo de dinheiro? Em espécie? Joias? Coisas valiosas?

JOE PINE: Martin disse que o velho guardava um monte de dinheiro no cofre. Eu nunca tinha visto o cofre, mas Martin disse que havia, então por que eu pensaria que ele estava mentindo?

MARGE DUNN: Você encontrou o cofre?

JOE PINE: Não, as coisas mudaram bem depressa.

MARGE DUNN: Vocês levaram alguma coisa da casa?

JOE PINE: Encontramos um pouco de dinheiro, anéis e coisas assim, mas não tivemos tempo. Cruces queria que enterrássemos Denny, então pegamos o que vimos ao redor e saímos.

SCOTT OLIVER: Se era um roubo, por que matar pessoas? E por que se dar ao trabalho de enterrar Denny? Já havia outros corpos. Por que não pegar o cofre e fugir?

JOE PINE: Agora que o velho e a mulher estavam mortos, teríamos problemas. Cruces disse que eles investigariam todos os guardas. Disse que se enterrássemos Denny e ninguém conseguisse encontrá-lo, ia parecer que Denny havia feito tudo e fugido.

SCOTT OLIVER: E Rondo Martin?

JOE PINE: Cruces disse que havia cuidado dele.

SCOTT OLIVER: Joe, parece que o local onde ele seria enterrado foi planejado com antecedência. Para nós, parece que o assassinato foi planejado desde o começo.

JOE PINE: Era para ser um roubo, mas as coisas ficaram esquisitas depressa.

SCOTT OLIVER: Joe, vocês tinham escolhido um lugar, uma cova de cavalos.

JOE PINE: Cruces disse para nos livrarmos do corpo. Eu comecei a cavar, mas a terra mais parecia concreto, cara. Então, pensei nos cavalos mortos. Pensei que seria mais fácil revirar uma cova do que começar do zero.

MARGE DUNN: Mas você enterrou o corpo embaixo dos cavalos. Isso demorou, Joe. Como conseguiu tanto tempo?

JOE PINE: Acho que trabalhei depressa. As coisas ficaram doidas naquela noite.

Decker parou e analisou as palavras. A linha do interrogatório estava excelente. Estava claro que aquilo tinha sido uma execução cuidadosamente planejada pelo uso da cova dos cavalos. Eles estavam tentando fazer Pine admitir. Decker continuou a ler.

MARGE DUNN: Se eu tivesse planejado matar Denny e Rondo, planejava matar todo mundo para eliminar testemunhas, incluindo Guy, Gilliam e Gil Kaffey.

JOE PINE: Sim, bem, assim que Rondo foi eliminado, foi o que Cruces decidiu fazer, matar todo mundo. Mas não era o plano original. Era para ser um roubo e por isso tínhamos as armas. Para assustar o velho e convencê-lo de que estávamos falando sério. É por isso que o filho tinha que estar lá. É por isso que a velha tinha que estar lá. Com armas na cabeça deles, o velho... iria colaborar mais. Ninguém deveria se machucar. Por isso tínhamos muitas pessoas. Para mostrar que estávamos falando sério e para que ninguém se ferisse.

SCOTT OLIVER: Mas ainda assim, pessoas acabaram sendo mortas, mesmo que vocês não quisessem que fosse assim.

JOE PINE: Eu não teria feito se achasse que alguém se machucaria.
Era para ser um roubo.

(Decker sentiu seus olhos se revirando nas órbitas.)

MARGE DUNN: Quantas pessoas estavam envolvidas no plano?

JOE PINE: Acho que eram seis.

JOE PINE: Isso, seis.

SCOTT OLIVER: Por que seis?

JOE PINE: Uma para Denny, outra para Rondo, uma para a esposa,
uma para o filho e duas para o velho.

MARGE DUNN: Precisamos de nomes.

MARGE DUNN: Joe, se quer ajuda, você precisa nos ajudar. A
cooperação é sua melhor amiga agora. A cooperação é sua única
amiga.

*(Mas Pine ainda estava hesitando em entregar os outros. Então,
Scott tentou outra tática.)*

SCOTT OLIVER: Vocês tinham seis pessoas: uma para Denny, uma
para Rondo, uma para a esposa, uma para o filho, e duas para o
velho.

JOE PINE: Sim, senhor.

SCOTT OLIVER: E a empregada?

JOE PINE: Olha, foi aí que as coisas mudaram. Ela não deveria estar
ali. Deveria estar na igreja. Sabíamos como entrar na casa pela
dependência dos empregados porque sabíamos disso. Ou
Martin sabia disso. Não sei. De qualquer modo, tínhamos que
passar pelo quarto da empregada. Mas não sabíamos que havia
outra. Ela começou a gritar e ferrou tudo.

MARGE DUNN: O que aconteceu?

JOE PINE: Gordo tentou derrubá-la, mas não deu, porque a vaca não parava de gritar. Então, Martin atirou nela.

MARGE DUNN: Joe, precisamos dos nomes.

MARGE DUNN: Joe, se não nos ajudar, como poderemos ajudar você?

SCOTT OLIVER: É sobrevivência, cara. Ou você mata ou é morto.

SCOTT OLIVER: Você me parece um cara decente. Sei que não quis ferir ninguém. Por que levar toda a culpa sendo que há outros envolvidos?

MARGE DUNN: Comece só com um nome. Gordo. Gordo do quê?

JOE PINE: Gordo Cruces.

MARGE DUNN: Viu como é fácil? Gordo Cruces. Gordo Cruces é parente de Martin Cruces?

JOE PINE: Acho que é primo. Martin tem um monte de primos.

SCOTT OLIVER: Então, temos Martin, Gordo e você. Diga outro nome.

JOE PINE: Vocês sabem sobre Esteban Cruz. Vocês o prenderam.

Não era verdade, exatamente. A polícia só o parou. Mas por que discutir?

JOE PINE: Cruz tinha duas tarefas simples e não cumpriu nenhuma.

É o que dá quando envolvemos família. Então Martin... ele me ligou e me disse para voltar do México, apesar de ter me mandado para lá.

MARGE DUNN: Por que ele mandou você ir?

JOE PINE: Bem, ele não me mandou, exatamente. Só fui embora.

Mas Martin sabia onde me encontrar. Ele me ligou e disse que se eu não cuidasse daquele gringo louco, ele cuidaria de mim de um jeito nada legal.

JOE PINE: Eu não deveria ter voltado.

MARGE DUNN: Que gringo?

JOE PINE: Sabe de quem estou falando. Do cara do tribunal. Eu não o machuquei.

MARGE DUNN: Certo, agora temos quatro nomes. Faltam mais dois.

JOE PINE: Cruces também conseguiu Miguel Mendoza e Julio Davis da Bodega 12th, sabe?

MARGE DUNN: Julio Davis está desaparecido. Há chance de ele ter ido com você para o México?

JOE PINE: O que ganho se disser onde ele está?

MARGE DUNN: Não sei, preciso conversar com algumas pessoas.

JOE PINE: Bem, quando conversar, fale comigo.

MARGE DUNN: E Alejandro Brand?

JOE PINE: Brand é um idiota... um imbecil filho da puta. Com sua boca grande, ele me fodeu. Quando Brand contou a Cruces que o gringo o ouviu conversando no tribunal, Cruces disse para Esteban cuidar do gringo e de Brand.

MARGE DUNN: Ele mandou Esteban matar o primo dele.

JOE PINE: Sangue é uma coisa complicada, sabe?

SCOTT OLIVER: O que aconteceu?

JOE PINE: Brand foi preso antes de Esteban conseguir matá-lo. E então, antes que conseguisse pegar o gringo, o idiota foi impedido pelos policiais.

SCOTT OLIVER: Que idiota?

JOE PINE: Esteban Cruz.

SCOTT OLIVER: Qual é o parentesco de Martin Cruces com Esteban Cruz e Alejandro Brand?

JOE PINE: Acho que são todos primos.

MARGE DUNN: Quem escolheu as pessoas que participaram dos assassinatos?

JOE PINE: Roubo, não assassinato. E Cruces planejou tudo.

MARGE DUNN: Então, Martin planejou esses assassinatos...

JOE PINE: Roubo.

MARGE DUNN: Então, Martin planejou o roubo. Quanto ele pagou para você cometer o crime?

JOE PINE: Pouco.

SCOTT OLIVER: Quanto você tirou, Joe?

JOE PINE: Dez mil em dinheiro mais o que eu conseguisse levar.

MARGE DUNN: Martin Cruces pagou dez mil a você em dinheiro?

JOE PINE: Muito dinheiro, certo?

SCOTT OLIVER: Muito dinheiro. Ele pagou dez mil aos outros também?

JOE PINE: Não sei. Não perguntei.

SCOTT OLIVER: Quanto você acha que ele pagou aos outros?

JOE PINE: Alguma coisa, mas não tanto. Eu disse a Martin que precisava de muito dinheiro para isso porque a polícia investigaria todos os seguranças que trabalhavam para os Kaffey. Então, se ele quisesse minha ajuda, tinha que desembolsar muito dinheiro.

SCOTT OLIVER: Onde Martin Cruces conseguiu tanto dinheiro?

JOE PINE: Não sei.

SCOTT OLIVER: Você vai ter que se esforçar mais, Joe, se quiser nossa ajuda. Onde Martin Cruces conseguiu dez mil para pagar você?

JOE PINE: Talvez tenha se dado bem com as cartas.

SCOTT OLIVER: Ainda que Cruces não tenha pagado aos outros tanto quanto pagou a você, ele teve que tirar esse dinheiro de algum lugar. De onde um segurança de 25 anos conseguiria tanta grana?

JOE PINE: Não sei. Não perguntei.

MARGE DUNN: Isso é loucura, Joe. Ninguém vai acreditar que Martin Cruces ofereceu a você dez mil dólares para fazer algo ilegal e você não perguntou de onde veio o dinheiro.

JOE PINE: Ele me dá o dinheiro, eu não faço perguntas, senhora.

SCOTT OLIVER: Não acredito nisso, Joe.

(Decker continuou lendo. Eles continuaram insistindo, e demorou para que Pine dissesse alguma coisa.)

JOE PINE: Certo, vocês querem que eu invente. Vou inventar. Cruces disse que tinha um cara pagando tudo. Ele o chamou de El Patrón, mas não disse o nome.

JOE PINE: JURO que ele não disse um nome.

SCOTT OLIVER: De que *patrón* você acha que Cruces falava?

JOE PINE: Não sei.

MARGE DUNN: Vamos, Joe, você pode fazer melhor do que isso.

(Mais páginas de enrolação.)

JOE PINE: JURO que não sei. Provavelmente alguém que tinha muita grana e que detestava o velho. Cruces não disse.

A transcrição terminou. Decker soltou os papéis e terminou a terceira xícara de café. Com um pouco de conhecimento e mais uma xícara, ele estava pronto para enfrentar o fogo.

— Oi, Martin, como você está?

Cruces olhou para a frente. Apesar dos olhos vermelhos e do rosto cansado, ele estava bem. Seus traços eram simétricos com olhos e cabelos escuros, bigode escuro e maçãs altas do rosto, e um queixo quadrado. Ele perguntou:

— Quem é você?

— Tenente Peter Decker. Precisa de alguma coisa?

A voz de Cruces estava arrastada.

— Você é... tipo... “o chefe”?

— Cuido da equipe de detetives.

— Então, diga a seu pessoal para parar de mentir.

— Por que acha que eles estão mentindo? — Decker se sentou à frente de Cruces, dando espaço a ele. Passaria para o assento do meio por intimidação ou intimidade, dependendo de como a conversa acontecesse.

— Eles ficaram dizendo que eu estava envolvido no assassinato dos Kaffey. Eu nem estava perto do Rancho Coyote. Estava num bar, enchendo a cara. Vocês conferiram meu álibi. Eu estava onde eu disse que estava. Por que voltaram a me perturbar?

— Porque achamos suas impressões digitais na cena do crime.

— Mentira.

— As evidências forenses não mentem.

— Mas vocês mentem.

— Eu minto — Decker admitiu. — Mas não estou mentindo agora.

— Por que devo acreditar em você?

— Martin, não me importa se você acredita em mim ou não. Temos suas impressões digitais, e você, meu amigo, está em apuros. Além de termos as evidências forenses, temos uma testemunha que disse que você estava lá. — Decker inclinou-se sobre a mesa. — Encontrei Rondo Martin. Estou interrogando Rondo há 24 horas. Ele está preso e em segurança, e você não pode chegar perto dele. Nenhum de seus primos vai chegar até ele, porque nós prendemos quase todos eles. Rondo está ansioso para testemunhar contra vocês.

— Você não sabe quantos primos eu tenho — disse Cruces. Ele olhou para cima e fechou os olhos.

— Martin... — Decker se sentou na cadeira do meio. — Se alguém conseguisse matar Rondo, ainda assim não bastaria. Temos tudo o que ele nos disse em vídeo, e já estamos fazendo cópias. Ajude a si mesmo e fale conosco.

— Nunca vi fita nenhuma.

Porque não existia. Como Cruces parecia ter um monte de primos, Decker decidiu que dizer que ele tinha uma fita de vídeo seria uma boa

ideia. Deveria fazer uma para o caso de alguma coisa acontecer.

— Por que diabo eu a mostraria a você?

— Quero ver.

— Se você cooperar, talvez eu mostre. É o que temos, Martin. Temos José Pinon contando tudo sobre você e Esteban, Miguel, Gordo e Julio Davis — o cara que era seu álibi. Temos Joe nos contando onde Julio está. Temos impressões digitais, temos uma testemunha que coloca você na cena.

— Eu não estava lá.

— Martin, acabou. Joe Pine nos contou tudo porque ele quer fugir da pena de morte.

— Então José conta mentiras para salvar a pele dele e eu tenho que ficar preocupado? Que besteira!

— Não é só ele, Martin. Há também José e seus outros amigos da Bodega 12th. Temos todos eles... menos Julio, talvez. — Decker gostava de incluir um pouco de verdade. — Mas vamos encontrá-lo. É só uma questão de tempo.

Cruces riu com desdém.

— Você tem problema, cara. José está contando mentira.

— Mas o que ele diz faz sentido — disse Decker. — Claro, ele provavelmente está nos enganando um pouco, mas a história faz sentido e as provas forenses confirmam o que ele diz. Está dizendo que foi você, Martin. Você armou tudo, e você pagou a cada um dos primos dez mil. Acabou, Martin. Ajude a si mesmo ajudando todos nós.

Cruces ficou em silêncio. — Como conseguiu tanto dinheiro, Martin? — perguntou Decker.

— José está dizendo *mentiras*! Quantas vezes tenho que dizer isso?

— Por que devo acreditar em você se tenho suas impressões digitais com sangue, se o testemunho de Rondon Martin vai contra você e se Joe Pine está cantando feito um passarinho?

— Rondo está mentindo. Ele me odeia.

— As impressões digitais não mentem. — Decker inclinou-se para a frente. — Martin, sei que você não criou isso sem ajuda. Desde o começo, sabemos que você foi pago por alguém que queria matar os Kaffey. Alguém que tinha muito dinheiro. Ajude a si mesmo e diga quem pagou você para cometer os assassinatos.

— Não recebi dinheiro de ninguém. Quantas vezes tenho que dizer? Eu não estava lá. Vou continuar dizendo isso até vocês me soltarem.

— Você não vai a lugar nenhum, Martin. Temos provas suficientes para prender você por três relatos de assassinato premeditado, que podem levar à pena de morte. Esse crime foi tão cruel que tenho certeza de que um juiz não teria problema em mandar descer a agulha. É assim que você quer que termine?

— Eu não estava lá!

Decker continuou a conversa por uma hora, mas Martin se recusava a cooperar. Se aquilo estava se estendendo por oito horas antes do interrogatório com Decker, qual era a probabilidade de terminar?

Paciência, paciência.

Decker de repente se lembrou de uma palestra que assistira na polícia cerca de dez anos antes. O ministrante falava sobre um psicólogo que era hipnotizador. Às vezes, em vez de forçar a indução, o médico incorporava a resistência do paciente em parte da indução. Então, por que não entrar nas mentiras de Cruces?

— Certo — disse Decker. — Você não estava lá, certo?

Cruces semicerrou os olhos e olhou para ele.

— Certo.

— Você não estava lá. Rondo Martin estava enganado, Joe Pine estava enganado, as impressões digitais estão erradas, você não estava lá.

— Isso mesmo.

— Certo. — Decker assentiu. — Acredito em você.

Fez-se uma longa pausa.

— Que bom — disse Cruces.

— Sabe por que acredito em você? — perguntou Decker.

— Por quê?

— Porque estamos interrogando você há muito tempo e você repete a mesma frase. *Você não estava lá.* Tenho que perguntar a mim mesmo: por que alguém diria isso quando as evidências contra ele são tão fortes? E a única resposta que me vem é... deve ser verdade.

— Isso mesmo. — Cruces se endireitou na cadeira. — É verdade.

— Certo, você não estava lá — disse Decker. — Mas você conhece algumas das pessoas que estavam lá.

— Não sei quem estava lá porque eu não estava lá.

— Só estou dizendo que você conhece Joe Pine, certo?

— Sim, claro.

— E você conhece Esteban Cruz e Gordo Cruces. Eles são seus primos, certo?

— Sim, são meus primos.

— E conhece Julio Davis. Ele foi seu álibi.

— Sim, conheço Julio. Ele também não estava lá. Eu disse que nós dois estávamos bebendo num bar. Cerca de um milhão de pessoas nos viram.

— E você conhece Miguel Mendoza.

— Eu o vi algumas vezes.

— É o que estou dizendo. Que você conhece os caras que Joe Pine disse que estavam envolvidos nos assassinatos.

— Joe é um mentiroso.

— Provavelmente. Mas vamos voltar a você. Se eu acredito em você e estou disposto a ajudá-lo, você tem que me ajudar.

— Depende no quê.

— Posso ser sincero com você? — Cruces não reclamou, então Decker disse: — Estamos num impasse. Sabemos que as pessoas que atiraram nos Kaffey foram pagos por alguém com muito dinheiro. Porque Joe Pine disse que recebeu dez mil pelos crimes.

— Joe é mentiroso.

Decker se inclinou para a frente.

— Sabemos que os assassinatos dos Kaffey foram coisa de gente de dentro, Martin. Sabemos que não foi planejado por um monte de garotos da Bodega 12th e por alguns guardas. Sabemos que alguém com muito dinheiro começou a coisa toda, entende?

Cruces não disse nada, mas assentiu levemente.

— E quem começou isso... é o vilão. Por que seus primos pagariam o pato por um cara poderoso?

Cruces não respondeu.

— Olha, você não teve nada a ver com isso — disse Decker. — Então, você está limpo nessa. Então, por que não ajuda seus primos? Por que não me conta quem pagou para que eles assassinassem os Kaffey?

— Não sei — disse Cruces. — Eu não estava lá.

— Mas se tivesse que adivinhar quem é El Patrón, quem seria? Você conhece El Patrón, certo? — perguntou Decker.

— Por que eu conheceria?

— Porque você sabe sobre essas pessoas.

Cruces não respondeu.

— Quem é El Patrón?

— Por que eu saberia?

— Só estou pedindo sua opinião.

— Bem... — Cruces se recostou. — Se eu der minha opinião, você vai me soltar?

— Não depende de mim. Mas direi a todos que acredito em você. E direi a todos que você me ajudou dando sua opinião.

— Isso quer dizer que você não vai fazer nada.

— Qual é o problema em me dar sua opinião? Não está admitindo nada.

— Exato. Não estou dizendo nada.

Decker suspirou.

— Eu sei que você poderia me ajudar. É um cara esperto.

- Por que eu ajudaria você?
 - Porque sou a única pessoa que acredita em você.
 - Você é um tenente, mesmo?
 - Sim, senhor, sou. Só quero sua opinião, cara. Nada que você disser será levado ao tribunal. Só quero sua opinião sincera, senhor.
- Cruces hesitou, e então se recostou na cadeira.
- Certo... na minha opinião, se eu fosse você... eu diria... investigue o irmão.
 - Grant ou Gil Kaffey?
 - Não os filhos, cara, o *Hermano*. Mace Kaffey. Cara, ele nunca gostou do Guy.
 - Com certeza, um minuto. — Decker saiu da sala com um sorriso no rosto.
- Às vezes, você só precisa perguntar.

Três semanas depois, Martin Cruces concordou em depor contra Mace Kaffey em troca de relaxação de prisão perpétua com a possibilidade de liberdade condicional. Mas mesmo depois de Decker ter ouvido a história, não foi fácil pegar Mace. O advogado queria mais e mais, e foram necessários meses de investigação tediosa para conseguir poucas evidências contra Mace. Com o depoimento de Cruces, um juiz concordou em emitir mandados que permitiam à polícia estudar os extratos bancários de Mace, as faturas de cartão de crédito, e-mails e registros telefônicos.

Oliver e Marge puderam documentar dois lugares nos quais as conversas ocorreram entre Cruces e Mace. Os dois lados discutiram vociferando a respeito do que foi falado entre eles.

Lee Wang descobriu um rastro de cento e cinquenta mil dólares em dez retiradas das contas de Mace que passaram de uma empresa-laranja a outra até chegarem às mãos de Martin Cruces. Nunca se especificou para que o dinheiro servia, e cada lado deu uma versão. Cruces disse que foram cem mil para ele e dez mil para cada homem no ato. Os advogados de Mace disseram que foi um pagamento de reforço na segurança depois de Guy receber ameaças anônimas contra sua vida. O fato de o dinheiro ir de Mace para Cruces foi assunto de mais especulação do lado da defesa.

Messing e Pratt conseguiram encontrar cerca de meia dúzia de telefonemas de Cruces para Kaffey, todos eles feitos em telefones celulares descartáveis que Cruces nunca descartou. Atenção especial

foi dada a dois telefonemas feitos na noite dos assassinatos — um antes e outro depois.

Willy Brubeck provavelmente era responsável pela evidência mais assustadora: uma arma registrada no nome de Mace Kaffey que combinava com as balas retiradas do corpo de Kaffey e também na jaqueta de Neptune Brady. Por que Mace havia armado para si mesmo usando a própria arma não dava para saber, mas provavelmente tinha mais a ver com medidas desesperadas do que com bom senso.

A evidência total foi suficiente para que a polícia de Los Angeles assumisse o caso.

Imediatamente um mandado de prisão foi emitido para Mace Kaffey.

O homem entrou na delegacia com um monte de advogados, todos eles dizendo que Martin Cruces era um psicopata mentiroso e suas afirmações eram mentirosas. As acusações ficaram em cima de Mace porque a polícia precisava de uma solução rápida. A transferência do dinheiro não aconteceu. As conversas entre eles não aconteceram. E os telefonemas em alguns telefones descartáveis? Quem sabia por que Cruces estava ligando para Mace? E, de repente, Mace havia se lembrado de que Guy havia pedido a ele para pegar sua arma emprestada. Os caras devem ter pegado a arma quando invadiram o Rancho Coyote.

A defesa afirmou que os assassinatos eram um caso de roubo malsucedido, e os tiroteios subsequentes eram os caras tentando se livrar de testemunhas contras eles. Mace precisava de todas as artimanhas e da ajuda que conseguisse. As acusações contra ele incluíam os assassinatos premeditados de Guy Kaffey, Gilliam Kaffey, Denny Orlando, Alfonso Lanz e Evan Teasdale, Alicia Montoya, e as tentativas de assassinato de Gil Kaffey, Grant Kaffey, Neptune Brady, Antoine Resseur, Piet Kotsky, Peter Decker e Cindy Kutiel.

Demorara quase um ano para levar o caso ao tribunal. Com a evidência e uma testemunha, a acusação convenceu um júri de 12 pessoas de que Mace Kaffey era culpado por seis mortes. Também

acabou sendo culpado pela tentativa de homicídio de Gil Kaffey. Mas o júri não chegou a um consenso a respeito das acusações de tentativa de assassinato de Neptune Brady, Grant Kaffey, Antoine Resseur, Piet Kotsky, Peter Decker e Cindy Kutiel.

Era improvável que Mace fosse julgado de novo pelo Estado, já que ele havia sido condenado à pena de morte.

* * *

— Que pena que você não terá seu dia no tribunal — disse Rina a Decker durante o jantar.

— Só se morre uma vez — respondeu Decker.

— Você teve sorte por eu não estar naquele júri. — O veredicto havia sido anunciado uma semana antes, mas ainda era o assunto mais recorrente. — Isso teria me afastado por meses.

Decker olhou para ela por cima de uma taça de cabernet.

— Você teria sido recusada. — Eles estavam no restaurante Tierra Sur, dentro da vinícola Herzog, o lugar preferido de Decker. Os garçons eram simpáticos, a melhor lista de vinhos kosher, um ambiente muito agradável, e um chef incrível que fazia mágica com tudo em que tocava. — Você já sabe o que vai comer?

— Estou de olho no carneiro.

— Ele está retribuindo o olhar?

— Acho que seria exótico demais para o meu gosto — disse Rina. — Que homem mau.

— Ainda está falando de Mace?

— É bem impressionante.

— Ele é mau.

— Porém...

Decker tomou mais um gole de seu vinho.

— Por que você acha que tem um porém?

— Você está com aquele olhar... de que está prestes a dar desculpas.

— Nunca daria desculpas por um homem que matou seis pessoas e tentou me matar porque eu estava envolvido no caso. Eles fazem um carneiro muito bom. Se quiser, posso dividir meu filé com você.

— Ótimo — disse Rina. — Vamos pedir uma porção de batatas fritas.

— Não faça isso. Você pega duas unidades e eu como o resto.

— Então, controle-se.

— Não tenho controle.

— Então, você vai ocupar sua boca com uma conversa para que não se sinta tentado a comer demais.

— E como você vai fazer isso? — perguntou Decker.

— Quero sua opinião sobre Mace Kaffey. Por que ele fez isso?

— Acho que nunca saberemos, e minha opinião não vale de nada.

— Vale um pouco para mim — disse Rina.

Decker olhou no cesto de pães e então o empurrou para longe.

— Por que não me dá sua opinião? Você acompanhou o caso tão de perto quanto eu. E tem ótimas opiniões.

— Obrigada. — Rina tomou um gole de seu pinot noir. — Mas você tem informações restritas.

— Você começa — disse Decker.

Rina pensou no que dizer.

— Você pensa em rivalidade entre irmãos, algo tão velho quanto a Bíblia. Mas os dois não estavam brigando e Mace matou Guy num acesso de ódio, como Caim e Abel. Os assassinatos foram execuções bem planejadas. Ainda assim, não acho que Mace acordou uma manhã e decidiu que sua única solução era matar a família. Acho que foi um processo gradual.

— Concordo.

— Acho que uma confluência de coisas fez com que Mace fizesse o que fez. Primeiro, Mace levou toda a culpa quando a Kaffey estava mal das pernas. Quando o processo foi resolvido, Guy saiu com muito mais do que Mace.

— Mace foi deposto de seu cargo de diretor, suas ações na empresa foram tomadas, e o salário foi cortado pela metade. Mas ele ainda estava ganhando muito dinheiro — falou Decker.

— Não quanto costumava ganhar — disse Rina. — Vimos o que aconteceu no período pesado da recessão. Que as três montadoras foram para Washington num jatinho particular pedindo bilhões de dólares. É difícil se acostumar com um estilo de vida mais modesto.

Decker assentiu.

— Eu acho que Mace se mudou de novo para o leste para provar sua competência com o projeto Greenridge. Mas quando a economia afundou e o projeto ultrapassou o orçamento, Mace viu seus sonhos de redenção descerem por água abaixo. Ficou bem claro que Guy estava se preparando para acabar com a festa — afirmou Rina.

— Grant também se envolveu no Greenridge.

— Eu sei. Mas Guy cuidaria de seu filho. Não havia tais garantias com seu irmão — disse Rina. — Então, lá se vai a renda de Mace e seu momento de glória. Seu mundo estava prestes a ruir, e ele culpou Guy por tudo. Acho que ele estava pronto para pegar Guy. Gilliam, Gil e todo mundo provavelmente foram dano colateral.

— Hum, não tenho tanta certeza em relação a isso — disse Decker.

— Acho que Mace esperou um dia em que Gilliam, Gil e Guy estivessem todos no mesmo lugar. Gilliam, se tivesse sobrevivido, teria herdado uma boa parte das indústrias Kaffey. Sem ela, as ações restantes iriam para os rapazes. Sem Gil, todas as ações iriam para Grant. Não havia como Grant lidar com as indústrias Kaffey da Costa Leste e da Costa Oeste sozinho. Além disso, Mace se entendia bem com Grant.

— Eu acho que Mace esperava que Grant desse a ele a divisão do leste, incluindo o projeto Greenridge, e que Grant assumiria o oeste, onde a maior parte do negócio estava. Além disso, acho que com Grant vivo, haveria menos foco em Mace porque Grant desejaria herdar tudo — falou Rina.

— Pode acreditar — disse Decker. — Não sabíamos em quem nos concentrar primeiro. Se Mace tivesse sido o único homem a ficar vivo, ele seria nosso maior suspeito.

O garçom se aproximou. Seu nome era Vlad e ele media mais de 1,95 m e tinha cabelos pretos, olhos azuis e uma boca muito grande. Depois de anotar o pedido, voltou a encher a taça de Decker.

— Por conta da casa — disse Vlad. — Além disso, estamos no fim da garrafa.

Decker sorriu.

— Fico feliz em tomar o restinho.

— E você? — Vlad perguntou a Rina.

— Estou bem com uma única taça. — Quando o garçom saiu, Rina disse: — Tenho algumas perguntas sobre o caso.

— Se forem só algumas perguntas, você está entendendo mais do que eu.

— Mace arranhou um jeito de levar um tiro?

— Acho que ele arranhou um jeito, sim — disse Decker. — O alvo provavelmente era Gil, para terminar o que os atiradores não terminaram no rancho.

— Então por que alguém atirou em Grant, em você e em Cindy?

— Isso continua sendo um mistério. Para mim, Grant ter sobrevivido era a melhor desculpa para Mace. — Ele pensou um pouco na pergunta. — Digo isso de um ponto de vista profissional. Com todos os Kaffey feridos ou mortos, estaríamos perdidos. Não haveria ninguém para quem pudéssemos apontar o dedo. Começamos mesmo a pensar que talvez fosse um crime cometido por alguém de fora — como um roubo.

— Quem atirou em você?

— Não sei. Nenhum dos caras assumiu.

— Quem *você* acha que atirou?

— Não foi Alejandro Brand: ele já estava na prisão. Joe Pine e Julio Davis provavelmente estavam no México, e Martin Cruces era

provavelmente o tipo a delegar. Assim, restam Gordo Cruz, Esteban Cruz e Miguel Mendoza. Eu diria Esteban porque ele parece ser o mais esperto.

— Esteban Cruz não confessou ter feito nada.

— Sim, ele foi o único membro da gangue que foi esperto o bastante para se proteger. Os outros disseram que ele estava lá, mas não temos provas concretas. Temos algumas fibras, um fio de cabelo compatível com os cabelos dele. Mas não é uma impressão digital nem DNA. Ele vai cumprir um tempo, mas provavelmente não muito. Uma pena. Ele parece esperto... mais esperto... e ninguém quer um esperto do mal solto por aí.

— Mas, de acordo com Joe Pine, Esteban mexeu com Harriman.

— Talvez sim, talvez não.

— E ele errou por não acertar Gil Kaffey na primeira vez.

— Não, foi Joe Pine quem errou. Ele ficou sem balas!

— Que fiasco!

— Talvez nunca entendamos totalmente, mas temos o suficiente para colocar os caras certos atrás das grades.

Rina bebeu o vinho.

— Mace devia estar louco de raiva para matar a família assim. Certamente, ele poderia ter encontrado outro projeto. Talvez não fosse um Greenridge, mas teria encontrado alguma coisa. E estava ganhando um bom dinheiro. Guy não ia chutá-lo dos negócios de vez.

— Não sabemos o que Guy planejava fazer.

— Ninguém ouviu Guy dizer que atiraria em Mace.

— Ninguém ouviu Guy dizer que cancelaria o Greenridge. Mas quase todo mundo da empresa sabia que era um negócio feito, principalmente quando a recessão chegasse.

— Verdade.

O garçom trouxe as entradas.

— Mais vinho?

— Se eu tomar mais, vou cambaleando para casa — disse Decker.

— E isso é ruim porque...
— Eu vim dirigindo.
— Então, dê as chaves para sua mulher.
— Não tenho permissão para dirigir o Porsche dele — disse Rina.
— Isso não é verdade — Decker protestou. — Bom, é um pouco, sim.

Rina sorriu.

— Tudo bem. Eu o vejo como meu belo motorista.

Vlad riu.

— E você? Mais uma taça?

— Claro, sirva mais uma para ela — disse Decker.

— Agora, não vou conseguir dirigir, mesmo.

— É essa a ideia — disse Decker.

Rina deu um tapa nele, brincando.

— Vou tomar mais uma taça.

Depois que Vlad voltou a encher a taça com pinot noir, ele disse:

— Querem mais alguma coisa?

— Nada — disse Rina. — Tudo está incrível.

Vlad saiu e Rina comeu um pouco do carneiro.

— Isto está uma delícia. Quer um pouco?

— Não vou recusar. Quer um pouco de filé?

— Só um pedacinho.

— Viu? É por isso que você ainda está magra e eu estou alargando.

Pego metade do seu carneiro e você pega um pedacinho do meu filé.

— Você tem cinquenta quilos a mais do que eu. Eu não deveria comer tanto quanto você. — Ela pegou uma batata frita. — Quer uma?

— Jezebel. — Mas Decker cedeu e comeu algumas. — Quer saber o que para mim foi o golpe final para Mace?

Rina se inclinou para a frente.

— Pode me dizer.

Decker riu.

— Você é meu melhor público.

— Estou interessada.

— Certo, vou dizer o que acho — disse Decker. — Mace poderia ter enfrentado o fim do Greenridge. Como você disse, era improvável que Mace fosse afastado. Rebaixado, sim, mas provavelmente não seria demitido. E como você disse, ainda assim ganharia bastante dinheiro e poderia se dedicar a outro projeto. Para mim, o que afetou o Mace foi o rancho.

— O Guy tinha aquele rancho há muito tempo.

— Sim, é verdade. Mas era uma mina de ouro. Se Guy tivesse vendido o rancho, mesmo numa época ruim, poderia ter liberado muito dinheiro e uma parte dele poderia ter ido para o projeto Greenridge.

— Não seria o suficiente para cobrir os custos.

— Mas talvez fosse o suficiente para manter o Greenridge numa boa até as coisas mudarem. Acho que Mace poderia ter lidado com o fim do Greenridge. Acho que poderia ter lidado com Guy como dono do rancho. Mas quando Guy e Gil começaram a fazer planos para transformar o rancho numa vinícola, foi quando Mace perdeu a estribeira. Guy não daria a Mace dinheiro para o Greenridge, e Guy gastaria milhões de dólares em um projeto fútil.

— Interessante — disse Rina.

— Acho que o Mace não conseguiu lidar com o fato de o Greenridge ter sido cancelado por falta de dinheiro enquanto milhões de dólares estavam indo para uma proposta furada como uma vinícola.

— Nem todas as vinícolas perdem dinheiro. — Rina abriu os braços.

— Vou me corrigir. Vinícolas pequenas raramente dão dinheiro. Você precisa saber o que está fazendo.

— Verdade. — Rina terminou seu pinot. — Na verdade, gosto dessa teoria.

Decker sorriu.

— Obrigado

Rina ergueu a taça.

— Bem, um brinde a você e a um trabalho bem feito. Você merece uma boa refeição, e eu prometo que não vou dirigir seu Porsche.

— Pode dirigir meu Porsche. Mas não depois de beber umas taças de vinho.

Rina riu.

— Provavelmente é uma boa ideia. Saúde.

Decker sorriu e encostou a taça na dela.

— Saúde.

A transformação foi mágica. A área árida tinha sido coberta por verde até onde alcançava a vista. Havia milhares de fileiras de vinhas organizadas. Substituindo as guaritas e as pastagens havia um novo prédio industrial com centenas de barris de carvalho e aço, vários laboratórios para os enólogos e misturadores de vinho e uma sala de degustação. Quando o lugar estivesse pronto e funcionando, seria muito bom para a área.

O sol tentava atravessar o mar, algo comum nas primaveras de Los Angeles. O céu estava nublado, mas o ar estava limpo. Decker respirou fundo e soltou o ar devagar. O espaço árido se tornou um campo vibrante e verdejante.

O sonho de Guy.

— É incrível. — Decker subiu o zíper de sua jaqueta. — Obrigado pelo convite.

— Demorou para acontecer — disse Gil Kaffey —, mas queria que fosse feito da melhor maneira possível.

Eles caminharam pela área de piso frio entre as fileiras de videiras: Gil Kaffey, Grant Kaffey, Antoine Resseur, Decker e o homem bem-vestido a sua direita, que segurava seu braço. Ele podia comprar boas roupas com uma recompensa de vinte mil dólares em sua conta bancária. Harriman não podia ver nada, mas certamente conseguia sentir o cheiro.

— Uvas cabernet à esquerda e chardonnay à direita — disse a Gil.

Gil sorriu.

— Que nariz. Suas papilas gustativas são tão sensíveis?

— Faça um teste de degustação e então saberemos com certeza.

— Vai demorar muito até eu poder usar minhas uvas. Tenho conversado com algumas pessoas do norte. Acho que pode ser inteligente começar devagar, com uvas premium e então, aos poucos, usar essa experiência em minhas próprias plantações.

— Quanto tempo você acha que vai demorar? — perguntou Harriman.

— Pelo menos, uns dois anos — disse Gil. — Enquanto isso, tenho bastante coisa que me manterá ocupado. As pessoas me perguntam se eu sinto saudade dos negócios... Se me arrependo por ter vendido minha parte a Grant. Como eu digo, do que sentiria falta?

Grant disse:

— Bem, nós sentimos sua falta — disse Grant.

— Mas você nunca saberia disso pelos seus lucros, mano — respondeu Gil.

— Isso porque demitimos mais de quinhentas pessoas e fechamos as operações na Costa Leste. Quando você enxuga as coisas, os lucros aumentam.

— O papai deveria ter enxugado os negócios há muito tempo — falou Gil.

— O papai deveria ter feito isto muito tempo antes. — Grant gesticulou na direção dos campos, como Moisés abrindo o Mar Vermelho.

Gil bufou.

— O homem sabia ser difícil. Ele mantinha o controle em todos os aspectos dos negócios, era um centralizador. Acabava com qualquer um com algumas palavras ou mesmo com uma só. O tio Mace merece apodrecer na cadeira, merece apodrecer no inferno. Mas uma parte bem pequena de minha alma consegue compreendê-lo.

— Eu entendo, mano — disse Grant.

— O papai era intenso. — Gil observou a terra. — Mas também era um visionário.

Resseur deu um tapinha na mão do namorado.

— Devo ver a quantas anda o almoço, Gil? Estou morrendo de fome.

— Vamos voltar — disse Gil.

— Não, não — disse Antoine. — Fiquem aqui e eu chamo quando tudo estiver pronto. Só quero saber como estão os preparativos. — Deu um beijo no rosto de Gil. — Aproveitem.

Os homens caminharam mais um minuto até Decker dizer:

— Quantas pessoas vocês empregam?

— Para os campos, Paco Albanez e a família dele — disse Gil. — Quando as vinhas começarem a amadurecer, trarei os especialistas.

— Parece razoável.

— Mantive Rondo Martin, Ana Mendez e Riley Karns, apesar de ter vendido os cavalos.

Grant sorriu.

— Melhor mantê-los como nossos empregados a lidar com os processos.

Gil riu.

— Paco sabe o que está fazendo. — Ninguém disse nada. — Obrigado por terem vindo.

— Sim, de fato — disse Grant. — Obrigado por tudo.

— Não é preciso agradecer — disse Decker. — Só fiz meu trabalho. Se quiser agradecer a Brett, é outra história.

— Não mesmo — disse Harriman. — Eu não teria emprego se as pessoas não testemunhassem. Ainda assim... — Ele riu. — Se eu soubesse, talvez não tivesse sido um cidadão tão bom.

— Agradecemos pelo que você fez — disse Decker.

— Nós dois agradecemos pelo que vocês dois fizeram — disse Grant. — Meu irmão e eu.

Por um momento, se calaram... ouvia-se apenas os sons de corvos insatisfeitos.

Gil interrompeu o silêncio

— Quando o lugar estiver em funcionamento, por favor, venham de novo. Vou fazer valer a pena dando duas dúzias de caixas a cada um.

— Esse é meu irmão — disse Grant. — Entregando os lucros.

— Se eu puder retribuir, vou ficar feliz. — Gil respirou fundo de novo e soltou o ar. — Ainda que eu não possa me sentir mais feliz do que estou agora, gostaria que o pai e a mãe estivessem aqui para compartilhar deste sonho.

Grant deu um abraço em Gil, e o grupo voltou em direção à casa. Decker com Harriman; Grant com Gil.

Na Bíblia, houve Caim e Abel. Mas também houve Moisés e Aarão — dois irmãos que se respeitavam e se amavam até o dia em que Aarão morreu. Decker pensou que Gil e Grant provavelmente estavam em um ponto entre os extremos. Um ano antes, Gil havia admitido, aos prantos, a Grant, que ele havia fugido com Antoine Resseur no dia em que Grant foi baleado porque não confiava em ninguém da sua família, nem mesmo no próprio irmão. Grant se sentiu chocado e irado, mas os dois acabaram se reconciliando e se tornaram mais próximos do que nunca.

Dois irmãos juntos nem sempre resultam em irmandade, pensou Decker. Mas quando isso acontece é muito bom.

PUBLISHER

Kaíke Nanne

EDITORA DE AQUISIÇÃO

Renata Sturm

EDITORA EXECUTIVA

Carolina Chagas

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Thalita Aragão Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Isis Batista Pinto

COPIDESQUE

Juliana Pitanga

REVISÃO

Marcela Isensee

Thamiris Leiroza

DIAGRAMAÇÃO

Abreu's System

CAPA

Desenho Editorial

PRODUÇÃO DE EBOOK

Mariana Mello e Souza